



PUC
RIO

ANGELA MOREIRA UTCHITEL

**OS DIZERES PSICANALÍTICOS SOBRE A MULHER:
A HISTÉRICA, A MÃE E A MASCARADA**

-OS AVATARES DA FEMINILIDADE E DO FAZER CLÍNICO EM PSICANÁLISE-

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2001.

Vol. I

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 U89d TESE UC

Autor Utchitel, Angela Moreira.

Título Os dizeres psicanalíticos sobre a mulher : a histérica, a 1



V. 1 Ex.1 PUC-Rio - FUCB

00198775

ANGELA MOREIRA UTCHITEL

in tenet

**OS DIZERES PSICANALÍTICOS SOBRE A MULHER:
A HISTÉRICA, A MÃE E A MASCARADA**

-OS AVATARES DA FEMINILIDADE E DO FAZER CLÍNICO EM PSICANÁLISE-

**Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da
PUC-Rio como parte dos requisitos para obtenção
do título de Doutor em Psicologia Clínica.**

Orientadora: Profª Dra. Cláudia Amorim Garcia

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2001.

112673



250
U.89d
TESE UC
V.1

Para Ely, amor de uma vida e companheiro de todas as horas.
Para minhas filhas, Renata e Paula.
Para meus pais, Paulo e Lucy, que me fizeram quem sou.

Meus agradecimentos

À Professora Claudia Amorim Garcia, minha orientadora, não só pela troca teórica propiciada ao longo destes últimos quatro anos, mas também pela confiança carinhosa e pelo incentivo afetuoso com que sempre me brindou.

Ao CNPq que tornou possível esta pesquisa, gerando condições para minha dedicação e cumprimento às exigências acadêmicas.

Às secretárias da Pós-Graduação, Marise Lira de Sousa e Vera Lúcia da Silva – anjos-da-guarda do Departamento de Psicologia – pela atenção zelosa e amável que sempre me dispensaram.

Às professoras Ana Maria Rudge e Silvia Alexim Nunes pelo incentivo, comentários e sugestões que me ofereceram por ocasião do exame de qualificação.

Aos meus colegas e professores do corpo docente do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, pela abertura à interlocução.

Aos professores Octavio Souza e Lidia Levy Alvarenga pela confiança depositada ao me permitirem dividir reflexões com seus alunos do curso de graduação.

A Lucia Helena Cunha, amiga de sempre, pela leitura atenta do material e pelos comentários instigantes e cuidadosos.

A Marcia Infante Vieira, Rita Martins, Rachel Szwarc, Anete Arita e Neda Matos, todo o meu carinho e meu profundo agradecimento, por me acompanharem pacientemente neste trajeto e por compartilharem de meu interesse pela clínica com mulheres, enriquecendo com discussões o espectro de questões que puderam ser levantadas nesta pesquisa.

A Martha Hirsch Gusmão e Carlos Eduardo Estellita Lins, pela generosidade com que colocaram à minha disposição seu acervo bibliográfico.

Aos amigos do Laço Analítico Escola de Psicanálise – Luciano Elia, Nympha Amaral, Maria Silvia Elia Galvão e Kátia Wainstock – pela acolhida generosa em seus cartéis.

Aos amigos Aluisio Menezes, Vera Wrobel, Carlos Augusto Peixoto Junior, Maria Isabel Szpacenkopf e Silvia Zornig, pela fertilidade de idéias emprestadas a nossos encontros de estudo.

A Octavio Souza, em especial, por tudo.

Finalmente, meus agradecimentos às minhas analisandas, mulheres que fizeram nascer este trabalho.

RESUMO

Percorrendo os dizeres sobre a mulher ao longo da história da psicanálise, este trabalho parte das figuras da histérica, da mãe e da mascarada entendendo-as como distintamente representativas tanto das concepções sobre a feminilidade – forjadas, respectivamente, no seio do pensamento freudiano, anglo-saxão e laciano – quanto do fazer clínico derivado destas escolas de pensamento. Focalizando o campo das dissidências e controvérsias que se originaram a partir das primeiras abordagens freudianas acerca da sexualidade e do sofrimento feminino, são isoladas as duas grandes questões ou enigmas que teriam feito trabalhar o meio psicanalítico – o complexo de castração e o desconhecimento da vagina – ensejando discussões sobre o caráter primário ou não da feminilidade. Tomando estas questões como centrais ao desenvolvimento dos diferentes modelos teóricos que vieram a reger as concepções sobre a mulher, e sobre seus impasses no caminho da feminilidade, são examinados seus efeitos na clínica. O entrecruzamento destas duas histórias – a do dizer psicanalítico sobre a mulher e sobre seu sofrimento, e a do fazer clínico em relação a ele – acaba por constituir a maior parte deste trabalho que, em sua conclusão, discute cinco grandes circuitos de reflexões gerados pelas divergências nelas presentes.

RÉSUMÉ

En suivant les dires sur la femme au cours de l'histoire de la psychanalyse, ce travail a pris les figures de l'hystérique, de la mère et de la mascarade comme représentatives des conceptions sur la féminité – chez les freudiens, les anglais-saxons et les lacaniens – et le 'faire clinique' né de ces courants de la pensée dans la psychanalyse. En regardant les divergences et les controverses nées dans les premières conceptions freudiennes sur la sexualité et sur la souffrance féminine, on a pris les deux grandes questions ou énigmes qui auraient fait travailler le milieu psychanalytique: le complexe de castration et la méconnaissance du vagin, et qui ont produit des discussions sur le caractère primaire ou non, de la féminité. Nous allons examiner les effets dans la clinique, en considérant ces questions au centre du développement des différents modèles théoriques, qui sont venus ordonner les différents conceptions sur la femme et sur les obstacles qu'elle rencontre dans son chemin de la féminité. Le carrefour de ces deux histoires – celle du dire psychanalytique sur la femme et sur sa souffrance et du 'faire clinique', par rapport a cette souffrance – vient constituer la 'pièce de résistance' de ce travail, dont la conclusion va travailler les cinq circuits des réflexions originées des divergences présentées le long de ce chemin.

PALAVRAS-CHAVE

**Psicanálise
História da Psicanálise
Clínica Psicanalítica
Mulher
Feminilidade
Histérica
Mascarada
Complexo de Castração
Gozo
Falo**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PREÂMBULO	12
. A Antiguidade e os paradigmas do corpo feminino na tradição ocidental.....	14
. A Idade Média e a contenção da erótica feminina.....	19
. A mãe e a esposa contida da família do século XVIII.....	25
. A histeria como expressão emblemática do sofrimento feminino.....	30
CAPÍTULO 1: A HISTÉRICA – OS IMPASSES RUMO À FEMINILIDADE E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DOS FREUDIANOS.....	37
1.1- Freud e a Histérica: o surgimento do dizer psicanalítico sobre a mulher.....	41
1.2- A grande lição da Histérica: o sexual não é o sexo.....	46
1.3- O primeiro grande enigma: o complexo de castração.....	53
1.4- O complexo de castração e os destinos da sexualidade feminina.....	64
1.5- As conclusões freudianas sobre a histeria e sobre a feminilidade.....	80
1.6- Os impasses da histérica rumo à feminilidade e o fazer clínico do analista: a clínica do Édipo.....	88
1.6.1 - Ophuijsen e a jovem musicista que queria ter sido homem.....	91
1.6.2 - Lampl De Groot e a jovem musicista: um homenzinho às voltas com a mãe.....	100
CAPÍTULO 2: A MÃE – SUA RELAÇÃO COM AS ANGÚSTIAS EDÍPICAS PRECOCES E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DOS ANGLO-SAXÕES.....	109
2.1- O segundo grande enigma: o desconhecimento da vagina.....	113
2.2- A contestação do desconhecimento da vagina.....	119
2.3- O surgimento de novos paradigmas da sexualidade: o medo da afânise e o sadismo infantil.....	131
2.4- Os efeitos do medo da afânise e do sadismo: a feminilidade como máscara.....	139
2.5- O objeto materno e sua relação com as angústias edípicas.....	145
2.6- A Mãe e seus efeitos na clínica dos anglo-saxões: a clínica das angústias precoces.....	155
2.6.1 - Joan Rivière e a conferencista mascarada.....	159
2.6.2 - Masud Khan e a jovem modelo dividida entre corpo e sujeito ou entre menina e menino.....	169
CAPÍTULO 3: A MASCARADA - AS RELAÇÕES DA MULHER COM O FALO E COM O GOZO E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA LACANIANA.....	182
3.1- A noção de falo como significante e seus efeitos na abordagem lacaniana da sexualidade feminina.....	186
3.2- O desejo da mãe: suas relações com o falo e com a dialética desejante do <i>infans</i>	196
3.3- A mascarada e suas relações com a função do falo.....	211
3.4- Os novos paradigmas de Lacan: o real e o gozo.....	227
3.5- A mascarada e o gozo feminino.....	237
3.6- A mulher como mascarada e seus efeitos na clínica lacaniana: a clínica do real.....	250
3.6.1 - Michel Silvestre e a "inconformada".....	252
3.6.2 - Diana Rabinovich e a histérica melancolizada.....	261
CONCLUSÃO	269
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	291

INTRODUÇÃO

Impulsionada por reflexões clínicas geradas por uma prática psicanalítica exercida especialmente com mulheres, me decidi pela pesquisa que tem, neste trabalho, seu resultado. Esta decisão, entretanto, não foi destituída de uma razão mais específica: se os impasses – inevitáveis talvez – em muitas das análises por mim conduzidas tinham como um de seus efeitos fazer com que buscasse, na produção teórica dedicada ao tema, elementos que me permitissem superar os obstáculos presentes na condução de algumas, ou tentar discernir as causas do insucesso de outras, no desenrolar desta busca logo surgiu a constatação de que tão farta produção¹ não deixou o tema livre de embates e controvérsias, nem mesmo na contemporaneidade². Em função disso, investigar a produção psicanalítica em torno do tema – tema que abrange as referências à sexualidade feminina e à feminilidade – configurou-se, então, como compatível com as urgências e demandas daqueles que, como eu, se dedicam à clínica e enfrentam, dia-a-dia, suas dificuldades.

Entretanto, tão logo iniciado o percurso de pesquisa, começou a pesar no acervo das questões que poderiam estar a ela relacionados uma consideração que, especialmente, dá ao tema sua complexidade: é impossível não levar em consideração que a história social da mulher foi profundamente afetada por conquistas e transformações em nosso século. Em função disso, começaram a surgir algumas indagações: seriam os sofrimentos femininos afetados pelas concepções ou representações sociais da feminilidade? Como abordar psicanaliticamente o sofrimento feminino sem levar em conta o deslocamento operado no que foi apreendido socialmente por feminilidade ao longo do século?

Não posso negar que tais questões permearam, durante um bom tempo, o campo das considerações que ia tecendo e levantando em torno do tema. Em contrapartida, a minimizar-lhes o peso, uma constatação – sustentada, de um lado, pelas primeiras leituras e, de outro, pela experiência clínica – parecia vir sempre em meu socorro: a de que algo no sofrimento feminino 'resiste' à passagem do tempo. Assim, ainda que levasse em consideração que aquilo que entendemos hoje por feminilidade se distingue do que foi

¹ Green (1997), por exemplo, comenta que a feminilidade foi o único capítulo da sexualidade cujo interesse não enfraqueceu com a passagem do tempo na literatura psicanalítica (p.53).

² As reflexões tecidas por Soler (1995[1993]) e por Miller (1994[1992]) a respeito das 'verdadeiras' mulheres tornam patente o quadro de tais divergências, mesmo dentro de uma mesma escola de pensamento.

considerado como tal por Freud – afinal, podemos pressupor que a mulher de nossos dias não é a mesma do início de nosso século, até por conta das vias que se abriram para um exercício mais amplo da sua vida erótica e independência social – não escapava da forte impressão de que, nem por isso, se torna mais fácil hoje, para uma menina, transformar-se em mulher.

Dito de outro modo, apesar de perceber a liberdade sexual que em nossos dias pode ser desfrutada, mesmo pelas mulheres muito jovens e independentemente de seu estado civil, apesar de verificar seu direito cada vez maior ao mercado de trabalho, e apesar de acompanhar, enfim, seu franco acesso a canais de comunicação onde a livre expressão de idéias e comportamentos se articula a uma farta rede de informações sobre o sexo e sobre o funcionamento corporal, também percebia que, tudo isto, parecia não ter facilitado muito o trabalho psíquico a elas requisitado: o de se transformarem, de meninas, em mulheres. Seu sofrimento seria o testemunho desta dificuldade.

Foi, então, a consideração de que um certo tipo de sofrimento feminino 'insiste' – resistindo esta passagem de menina à mulher às conquistas sociais alcançadas pelas mulheres – que me fez também 'insistir' em buscar, na própria história da psicanálise, as principais abordagens deste sofrimento. E foi no rastro dessas abordagens que começaram nitidamente a se revelar, a meus olhos, não só diferentes concepções sobre este sofrimento, mas sobre a própria mulher. São exatamente estas últimas – as concepções psicanalíticas sobre a mulher – que, ao longo deste trabalho, estarei chamando de 'dizeres psicanalíticos' sobre ela.

Percorrendo, então, estes dizeres ao longo da história da psicanálise, comecei a me deparar com um certo multifacetamento da questão: a mulher recebeu variadas faces nestes cem anos de história. Pelo menos três foram-lhe principalmente atribuídas: a da histórica, através de Freud; a de mãe, com os anglo-saxões e, finalmente, com Lacan a da mascarada. Mosaico curioso e próximo, de certo modo, de uma imagem caleidoscópica de mulher... Levando particularmente em conta a premissa psicanalítica da necessidade de uma estreita relação entre a escuta clínica e a produção teórica, a dedução mais rápida, face à diversidade de imagens gerada por este mosaico, seria então a de concluir que, se tais faces de mulher foram sendo esculpidas ao longo da teorização psicanalítica, é porque algo na

fala das mulheres devia emprestar relevo e tonalidade a cada uma delas. A questão, entretanto, não se mostraria assim tão simples.

Se esta perspectiva até poderia ser tomada como verdadeira, fazendo crer, à primeira vista, que os termos histórica, mãe e mascarada – na qualidade de atributos conferidos à mulher – poderiam ser emblemáticos das diferentes posições possíveis de serem ocupadas pelas mulheres em diferentes momentos da sua própria história pessoal ou situações da vida, por trás deles, em verdade, algo mais se revelaria. A histórica, a mãe e a mascarada diriam respeito, em verdade, não a atributos, mas a concepções de caráter substantivo sobre a mulher e, conseqüentemente, sobre a feminilidade a ser, por ela, atingida. Em conseqüência, estas três faces de mulher corresponderiam, também, a diferentes maneiras de abordar o sofrimento feminino e, também conseqüentemente, a diferentes modos de situar o horizonte da clínica na referência às mulheres.

Através desta constatação, ia ficando evidente que, se de um lado as mulheres falavam, de outro, o que a psicanálise escutava e teorizava a partir desta escuta ia tomando rumos variados e diversos forjados por alguma razão; entendê-la, tornou-se então nosso passo inicial. Investigando os passos da elaboração teórica psicanalítica acerca da mulher e da feminilidade, pudemos verificar que estes diferentes rumos se esboçaram bem cedo na história teórica de nosso campo, tendo como origem o fato de algumas formulações de Freud, acerca da construção da sexualidade feminina, acabarem se revestindo de um caráter significativamente enigmático, especialmente para aqueles que o acompanhavam. Em função disso, a determinação em elucidar tais 'enigmas' teria vindo a agenciar a produção psicanalítica sobre as mulheres, com vistas a decifrar o que, nelas, insistia como sofrimento.

Isolando dois destes enigmas, demos então a partida em nosso trabalho, um trabalho que, na referência à teoria, nos levou, necessariamente, ao nascimento da psicanálise. Tratou-se para nós, portanto, de um extenso caminho de pesquisa, caminho que compreendeu quase cem anos de história. É, então, especialmente na referência a essa história da clínica psicanalítica com mulheres que se edifica esta tese, que acabou ganhando – face a nosso encaminhamento – o feitio de uma 'leitura' ou de uma 'interpretação' da história da psicanálise à luz dos dizeres psicanalíticos sobre a mulher e sobre a feminilidade. A sustentá-la, a constatação de que, se o universo teórico psicanalítico –

distanciando-se de qualquer perspectiva naturalista – produziu sobre a mulher um dizer que transformou em 'construção' a assunção da feminilidade, foi um dizer que se desdobrou em 'dizeres', uma vez que os elementos considerados como entrando em jogo nesta 'construção' foram múltipla e diversamente considerados. É esta diversidade que aparece em nosso trabalho representada, como adiantamos, pelas três faces em que entendemos ver desdobrada a figura da mulher ao longo da história da teoria e da clínica em nosso campo – a histérica, a mãe e a mascarada – faces que acabam se mostrando também paradigmáticas dos diferentes modelos acerca da sexualidade que foram sendo construídos ao longo desta mesma história. Privilegiando tais faces e mostrando sua relação com tais modelos, fomos conduzidos a esboçar mais um dos inúmeros fios que tecem a história de nosso campo, um fio que faz do dizer psicanalítico sobre as mulheres o ponto de desdobramento e deslizamento não só da teoria, mas também da clínica a elas referida.

Por ter, então, um caráter histórico e, ao mesmo tempo, teórico-clínico, nossa pesquisa precisou se valer de publicações voltadas para a história da psicanálise e de textos clássicos da produção psicanalítica. Em alguns casos, foi possível realizar a pesquisa através de edições da época; em outros, nosso acesso foi facilitado por compilações contemporâneas de qualidade reconhecida, ainda que, nestes casos, os textos tenham sido traduzidos de sua língua original. Entretanto, foi nossa decisão não incluir nesta pesquisa as produções de autores e comentadores contemporâneos que, muito frequentemente, partem destes clássicos apenas para encaminhar suas próprias questões ou tecer críticas a oponentes e antecessores, revelando com isto objetivos muito distantes dos nossos. Nosso propósito era, primordialmente, acompanhar passo a passo a construção dos dizeres sobre a mulher ao longo da história para, desta empreitada, depreender os elementos capazes de melhor iluminar nossos percalços na clínica. Por conta disto, no que diz respeito à construção teórica destes dizeres sobre a mulher, fizeram parte do acervo de nossa pesquisa as produções de Freud e de seus contemporâneos, as nascidas no seio do pensamento anglo-saxão e as de Lacan. Na referência à clínica articulada a esses dizeres, lançamos mão da casuística publicada por psicanalistas alinhados com estas escolas de pensamento, preferindo, neste caso, dar a palavra a contemporâneos ou herdeiros dos pensadores principais.

O resultado a que chegamos nesta pesquisa, e que compõe a maior parte deste trabalho, consiste, então, num olhar sobre duas histórias entrelaçadas: a do dizer psicanalítico sobre o sofrimento das mulheres – considerado sempre como um impasse em relação à feminilidade – e a do fazer clínico em relação a ele. Estaremos tratando, portanto, neste trabalho, do modo como a psicanálise, em seu nascedouro, entendeu o sofrimento feminino e do modo como este mesmo sofrimento foi sendo paulatinamente elaborado pelas principais escolas de pensamento que sucederam a freudiana, nomeadamente a anglo-saxã e a lacaniana. Entrelaçando-se, então, a estes modos de entender o sofrimento, constataremos que se mostraram inevitáveis, também, modos particulares de abordá-lo através da intervenção clínica. Se não há, em relação a este ponto, nenhuma surpresa, pois é sabido que em psicanálise teoria e prática andam juntas, a surpresa surge diante da evidência de que a escuta clínica em jogo, em cada uma destas escolas, nunca foi 'qualquer uma' e, muito menos, desavisada...

Mas, se foi assim – ou seja, se o desdobramento teórico a ser sustentado pela clínica era, em verdade, um desdobramento oriundo de uma escuta, de certo modo, muito pouco neutra ou imparcial, porque amparada e demarcada por uma grade conceitual a ela antecedente – que 'grade' teria servido a Freud que, ao menos no que diz respeito à prática psicanalítica, não teve precursores? Foi esta questão que nos levou, então, a incluir – como um preâmbulo à história teórico-clínica que vamos narrar – uma outra história: a história do dizer sobre o corpo, sobre a erótica e sobre o sofrimento feminino, da Antiguidade Clássica até a entrada em cena do pensamento freudiano no século XIX. De modo abreviado, nosso intuito com este preâmbulo é o de destacar os elementos que teriam conduzido Freud a falar de coisas aparentemente tão enigmáticas a seus contemporâneos, mesmo os mais ilustrados, como complexo de castração e desconhecimento da vagina, enigmas ligados a uma representação de corpo feminino que teria raízes seculares. Através deste preâmbulo, esperamos também destacar porque à mulher foi creditada, por Freud, uma natureza pulsional passiva que encontraria na maternidade a melhor solução para a inveja do pênis; também, através dele, esperamos poder deixar claras as razões do interesse de Freud pela histeria, afecção que tanto ocupava o saber médico de sua época, catalizando grande contingente de indagações.

Daí em diante, ou seja, em sequência a este preâmbulo, nosso trabalho passa a tomar, então, a teoria e a clínica psicanalíticas como seu único alvo, perscrutando e trazendo à tona tanto a teoria enlaçada à história quanto a clínica enlaçada à teoria, sem deixar de lado as heranças e as críticas, e as continuidades e as dissidências que deixaram marcada a história da teoria em nosso campo. Neste caminho, procuramos ainda, sempre que possível, dar destaque às elaborações produzidas por diferentes teóricos a partir das críticas que levantavam em relação ao pensamento de seus pares ou precursores, e às inovações constituídas a partir da proposição de novos paradigmas ou elementos conceituais. Tal procedimento acabou gerando a estruturação do trabalho em três capítulos que se sucedem, tanto cronológica quanto logicamente.

No primeiro, abordamos a primeira escola de pensamento psicanalítico – a freudiana – lançando mão, para isto, da figura da histérica para demonstrar como teoria e clínica se articulam. Partindo das primeiras elaborações de Freud, sustentadas já nas suas primeiras experiências clínicas com pacientes histéricas, acompanharemos de perto a construção do modelo freudiano sobre a sexualidade feminina. Veremos que, nele, a histeria surge como um impasse no caminho para a feminilidade, impasse agenciado pelas dificuldades na superação do complexo de castração. Veremos, ainda, o quanto a determinação de Freud em entender o complexo de castração como algo que diria respeito também à vida psíquica das meninas – e, não só dos meninos, face à ameaça de castração – fez trabalhar o meio psicanalítico, gerando em seus pares, contemporâneos e discípulos a necessidade de ir conferir *in loco*, ou seja, na clínica, a emergência daquilo que Freud adiantava como consequência do que ia ouvindo, e que acabaria por dizer respeito à primeira troca por ele indicada como necessária no caminho da menina rumo à feminilidade: a troca de objeto, da mãe para o pai.

Ainda neste primeiro capítulo, damos destaque às influências que Freud acabou por receber desses mesmos contemporâneos que endossavam suas premissas teóricas, premissas que acabariam, de um lado, transformando o trabalho da análise com mulheres no trabalho de superar os conflitos edípicos e, de outro, transformando a feminilidade num correlato da maternidade, uma vez que, com esta, a inveja do pênis encontraria no filho um substituto simbólico adequado. Mas, se é a figura da histérica que dá a Freud a possibilidade de fazer surgir um dizer psicanalítico sobre a mulher, o que tentamos

demonstrar é que esta figura se manteve presente no discurso freudiano até o final de sua obra, acoplando-se à série feminilidade-maternidade-conjugalidade. A mulher freudiana – como filha do pai-marido-mãe ou como mãe do filho-marido – ao ocupar primordialmente as posições de filha e de mãe, deixa praticamente sem chances a emergência da mulher como *mulher*.

Além disto, se é a figura da histérica – uma histérica sempre enredada nas malhas do complexo edípico – que alinhava o dizer psicanalítico de Freud sobre a mulher, acompanharemos os efeitos que esta perspectiva produziu na clínica. Lançando mão de duas narrativas produzidas num intervalo de dez anos por dois analistas diferentes, mas a respeito da mesma paciente, demonstraremos como eram sempre as elaborações sobre o Édipo que entravam em jogo na direção do tratamento, determinando seu horizonte e a avaliação de seu sucesso ou de seu fracasso. Vale ressaltar, entretanto, que pelo fato de privilegiarmos o complexo de castração como o primeiro grande enigma em relação ao qual os contemporâneos de Freud tiveram que se confrontar, o primeiro destes casos corresponde, justamente, a uma época em que esta questão borbulhava no cenário teórico psicanalítico, sem ter recebido ainda a significação que lhe viria a ser emprestada pela formalização da fase fálica como ordenadora da sexualidade infantil. Observaremos, com isto, que os parâmetros de escuta empregados pelo primeiro analista são restritos – se considerado o avanço teórico posterior de Freud – mesclando-se entre balizá-la a partir da evolução das fases concebidas como fazendo parte do desenvolvimento libidinal infantil e daquilo que os amores edípicos, pela transferência, revelariam. Já a segunda narrativa clínica apóia-se, claramente, nos progressos teóricos freudianos, e é justamente em função deste apoio que o segundo analista dessa mesma paciente pode entender a fase de ligação da menina à mãe não como o resultado de uma libido fixada, como entendia seu antecessor, mas como a evidência de um investimento fálico da menina dirigido exatamente à mãe.

No segundo capítulo, é através da figura da mulher como mãe que empreendemos o mesmo percurso, tomando por eixo a abordagem anglo-saxã da mulher desde seus primórdios, ou seja, desde as primeiras críticas à perspectiva falocêntrica proposta por Freud. Em nossa ótica, estas críticas tiveram sua origem naquilo que viemos a considerar como o segundo grande enigma subjacente às elaborações freudianas – o desconhecimento da vagina – enigma que veio a gerar produções e elaborações mesmo entre aqueles muito

próximos de Freud, e que intimamente se referia à segunda troca por ele vislumbrada como necessária no caminho da menina rumo à feminilidade: a troca de órgão.

Iniciando o segundo capítulo com o exame de tais produções, na sequência, caminhamos no sentido de dar voz àqueles que vieram, justamente, contestar este desconhecimento para acompanharmos seus desdobramentos. Dentre eles, um primeiro, faria da inveja do pênis – entendida por Freud como inerente ao desenvolvimento sexual da menina – uma inveja apenas secundária e determinada por fatores sócio-culturais, uma vez que uma feminilidade primária, testemunhada pela observação da masturbação vaginal precoce nas meninas, passaria a ser concebida como fazendo parte da natureza pulsional feminina.

Enfatizando os rumos tomados por esta perspectiva – a de que haveria uma feminilidade primária a reger o desenvolvimento da sexualidade das mulheres – nos debruçamos, na sequência, sobre a concepção kleiniana do Édipo precoce e nos efeitos por ela produzidos no seio do pensamento anglo-saxão. Através dela é que vemos emergir claramente a figura da mulher como mãe, mãe que teria não só a função de constituir-se como o primeiro objeto de investimento pulsional da criança, mas a de concentrar em si todos os objetos que, pela vida afora, fariam parte de seu acervo fantasístico. Mãe potente e que concentra sobre si o ódio da menina, ao privá-la daquilo que ela mais anseia: o pênis do pai – pênis que ela, a mãe, retém em seu corpo e do qual inexoravelmente a menina quer se apropriar. É justamente este ódio à mãe que transforma o sadismo infantil – sadismo que expressa a destrutividade inerente à pulsão de morte – e a afânise – correspondente ao medo de desaparecimento diante deste todo-poder da mãe – em novos paradigmas da sexualidade feminina e da feminilidade no seio do pensamento anglo-saxão.

Tomando então como eixo estes paradigmas, acompanharemos dois momentos da clínica dos analistas desta escola de pensamento. No primeiro, destacaremos a distância já aí tomada em relação à clínica freudiana, distância que se evidencia pelo tratamento dado à transferência, entendida não mais como um deslocamento do amor-ódio infantil encetado pela triangulação edípica, mas como uma inevitável expressão do mundo interno fantasístico que regeria as relações entabuladas pela vida, especialmente as de caráter sexual. Por esta razão, entendemos que a mãe surge nesta primeira abordagem clínica muito mais como 'fundo' do que 'figura'. Neste momento, damos destaque à noção de feminilidade

como máscara, uma máscara destinada não só a velar o sadismo originalmente dirigido à mãe e, na seqüência, ao pai, mas destinada também a encobrir o objeto fantasisticamente dele roubado: o pênis.

Através, no entanto, do exame de uma segunda narrativa clínica, poderemos ainda acompanhar de que modo o pensamento kleiniano evoluiu, dando margem ao surgimento de uma perspectiva 'restauradora' na análise, e não mais 'reparadora'. Acompanharemos de que modo o *setting* analítico acaba se transformando num ambiente capaz de acolher o sadismo e as angústias mais arcaicas, acolhimento assegurado pelo manejo, por parte do analista, da contra-transferência e que teria por meta permitir à feminilidade primária encontrar suas vias de expressão. Diferentemente do que ocorre na primeira narrativa, a mulher como mãe deixa de atuar como 'fundo' para, através da posição ocupada pelo analista, atuar como 'figura'.

Finalmente no terceiro capítulo, nos servimos da figura de mulher como mascarada para demonstrar as relações entre o dizer psicanalítico e o fazer clínico no campo lacaniano. Partindo das primeiras considerações de Lacan a respeito do tema – considerações que se concentram em torno da noção de falo como significante do desejo – isolamos dois aspectos intrinsicamente ligados à nossa temática e que a grade conceitual lacaniana permite abordar distintamente: o desejo da mãe e a erótica em jogo para a mulher. É então a partir da mascarada – figura de mulher que Lacan introduz bem cedo em seu ensino – que examinamos o que estaria em jogo nas duas estruturas de tipo neurótico mais comuns na clínica com mulheres: a histeria e a neurose obsessiva. O que entra em jogo nos casos de homossexualidade feminina permeia, também, nosso universo de considerações, especialmente quando é abordada a função do falo no percurso edípico da menina.

Acompanhando Lacan em seu deslizamento do simbólico para o real, damos destaque ao que consideramos como novos paradigmas – o real e o gozo – para, com estes, chegarmos finalmente ao conceito de sexuação que inaugura, no seio do pensamento de Lacan, a noção de posição feminina, posição intrinsicamente relacionada à modalidade de gozo que estaria em jogo na vida erótica das mulheres e que seria tributária de uma forma particular de subjetivação da lógica fálica em jogo no percurso edípico.

Lançando mão de duas narrativas clínicas, ilustramos, então, como as questões centrais nestes dois tempos de Lacan (em que o privilégio ao simbólico deu lugar ao

privilégio ao real) – questões que poderiam ser isoladas como dizendo respeito, respectivamente, à lei do pai e à relação com o gozo – funcionam como pivôs na direção do tratamento no campo lacaniano. Num primeiro caso, ilustramos, então, como o analista opera como o Outro interditor, face à particular subjetivação da lei da castração feita por sua analisanda; num segundo, como o analista opera privilegiando o objeto causa de desejo – o objeto *a* da fantasia – objeto que imprime ao gozo sua particularidade, via pela qual a própria fantasia pode ser atravessada, abrindo novas trilhas para a consumação do que é da ordem do desejo. O exame destes dois casos permitirá, também, ilustrar de que maneira, através da figura da mascarada, a feminilidade – no pensamento lacaniano – se desgarrar da maternidade para dizer respeito a uma erótica para além do falo.

Mas, se fizemos aqui um breve resumo de cada capítulo, vale ressaltar que cada um deles se desdobra em seis seções, sendo a última delas reservada à clínica de cada uma destas escolas ou, melhor dizendo, ao fazer clínico derivado das elaborações teóricas sobre a sexualidade feminina e sobre a feminilidade. Como já adiantamos, para cada uma das três escolas – ou, para cada um dos três capítulos – foram selecionados sempre dois casos clínicos, que resumimos e comentamos à luz da grade conceitual que lhes serve de plano de escuta. Seis casos compõem, então, o acervo de nossa pesquisa clínica; mas, a cada capítulo, para ilustrar o fazer clínico de cada escola, lançamos mão da narrativa de um analista homem e de uma analista mulher não por premeditação, mas por acaso – se é que o acaso existe... De todo modo, no só-depois, quando constatamos que casualmente tinha sido assim, vimos esta casualidade com bons olhos e como produtiva para nossos objetivos. Estes, tinham sido estabelecidos, em termos gerais, como referidos à retomada do dizer psicanalítico sobre a mulher, tanto do ponto de vista teórico quanto clínico. A contribuição acadêmica, daí resultante, residiria no fato de trazer para o contexto contemporâneo uma história por vezes esquecida e, por outras, pouco relevada. Mais especificamente, nossos objetivos residiam na possibilidade de demonstrar a estreita articulação entre a concepção de feminilidade vigente em cada uma das três principais escolas de pensamento em psicanálise e o fazer analítico na clínica com mulheres, demonstração que resultaria na possibilidade de claramente mapear a grade conceitual em jogo em cada uma destas práticas clínicas. Em linhas gerais, acreditamos que tais objetivos tenham sido alcançados.

Para além deles, entretanto, o que desta produção se mostrou mais caro e mais precioso foi a possibilidade de poder, não com reverência, mas mantendo uma postura de referência em relação à teoria, descobrir aquilo que é a 'fortuna' ou a 'riqueza' de cada uma destas escolas de pensamento. Esta 'fortuna' é que gostaríamos, agora, de poder compartilhar.

PREÂMBULO

Não nos causa hoje nenhuma estranheza entender o espectro de nossas vidas perpassado pela sexualidade. Sexualidade assentada em nossa identificação como homens ou como mulheres; sexualidade que orienta nossas escolhas amorosas; sexualidade, enfim, que destina nossos prazeres não só na dimensão daqueles obtidos no corpo, mas também na referência àqueles derivados de nossos investimentos, sejam eles laboriosos, intelectuais, artísticos ou meramente contemplativos... Sexualidade que, graças à entrada em cena do saber psicanalítico, é facilmente entendida hoje regendo nossas relações, dando contorno à nossa forma de estar no mundo e, principalmente, agenciando nossa vida psíquica. Deste modo, falar de sexualidade é falar de psicosexualidade.

Mas, se falar de sexualidade hoje ultrapassa as referências à anatomia e ao gênero – que tem sido tradicionalmente pensado na referência aos papéis sociais – nem sempre foi assim... Na verdade, a própria noção de sexualidade é bem recente, se considerada a história das mentalidades na trajetória do homem ocidental. Foucault (1984a), por exemplo, situa a emergência do termo no início do século XIX, chamando a atenção para o fato de que o uso da palavra foi estabelecido levando-se em consideração tanto o desenvolvimento de variados campos de conhecimento – como os relacionados aos mecanismos biológicos de reprodução, de um lado, e aqueles vinculados às variantes individuais e sociais do comportamento, de outro – quanto a instauração de um conjunto de normas e de regras de cunho religioso, judicial, pedagógico e médico. Finalmente, o uso do termo sexualidade conjugou-se também com o modo pelo qual cada indivíduo foi levado a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos e sonhos (p.9).

Se partirmos, então, do primeiro dos elementos apontados pelo autor – o que diz respeito ao desenvolvimento de um conhecimento sobre o funcionamento corporal e sobre os processos de reprodução – prontamente nos damos conta de que, nesta esfera, nossos corpos parecem não abrigar hoje em dia, pelo menos aos olhos da medicina, quase nenhum enigma; entretanto, esta foi uma aquisição do último século e, mais exatamente, de sua segunda metade. Há aí, portanto, uma história. Uma história que ganha em interesse, na medida em que acaba dizendo respeito à própria história do corpo feminino, suas origens e

seu destino. Uma história em que 'descoberta' e 'construção' se misturam e se imbricam, articulando-se à própria noção de humanidade. Uma história em que tanto o corpo quanto a alma feminina ganham contornos tão indelévels que podemos até nos indagar: será que tais contornos foram mesmo o resultado de um 'jeito de ser' das mulheres, desde sempre diferente do jeito dos homens, ou foram o resultado de um dizer cultural sobre elas que precisava fixá-las numa determinada posição? Questão de debate e de inúmeras considerações no campo da teoria feminista, não é esta, entretanto, nossa questão aqui.

Se olhamos com interesse, neste momento, para a história da descoberta ou da construção do corpo feminino é porque é nosso objetivo destacar – ainda que de maneira apenas superficial e não exaustiva – os elementos discursivos sobre este corpo que, atravessando séculos, chegaram até nós, infiltrando-se inclusive nos dizeres psicanalíticos sobre a mulher.

Assim, percorrer o trilho em que se desdobraram os pensamentos sobre a mulher – seu corpo, sua erótica e suas 'vocações' – será aqui nosso passo preambular. Olhar para a pré-história do dizer psicanalítico sobre a mulher tem, neste momento, um duplo sentido: de um lado, salientar como muitos elementos de uma longa e antiga tradição se fizeram presentes no contexto do pensamento médico, social e político do final do século XIX, quando emergiu a psicanálise, infiltrando-se no pensamento freudiano; de outro, a articulação dada por Freud a estes mesmos elementos nos servirá para, mais adiante, ressaltar a ruptura operada pela psicanálise ao se referir à sexualidade e, especialmente, à sexualidade da mulher.

Por ora, retomaremos brevemente três tempos da história. Privilegiando especialmente a Antiguidade, a Idade Média e o século XVIII – época dos efeitos das 'novas luzes' – acompanharemos a 'descoberta' do corpo feminino, sua nomeação e uma série de atributos a ele conferidos. Tomados em seu conjunto, verificaremos como estes elementos acabaram fazendo com que uma enfermidade fosse particularmente a ele associada: a histeria. Acompanhar as diferentes hipóteses formuladas sobre esta nos servirá para, adiante, salientar a novidade do pensamento freudiano a seu respeito.

A Antiguidade e os paradigmas do corpo feminino na tradição ocidental

*“Não é a mãe que engendra aquele que chamamos seu filho:
ela só é a nutriz do germe que recebeu.
Quem engendra é o macho;
ela, como estrangeira, conserva o jovem rebento”
(Ésquilo)*

Desde que o homem, ainda na Grécia Antiga, começou a questionar sua razão de estar no mundo e a se indagar por que, nele, sua estadia e permanência era, afinal, tão diferente daquela de outros seres vivos, a procriação e o que ordenava a aproximação entre homens e mulheres para este fim entraram em cogitação. Entretanto, não da mesma forma que hoje em dia.

Na Antiguidade, a copulação era entendida como natural e interpretada unicamente como estando à serviço da natureza. Em função disso, machos e fêmeas, homens e mulheres, não eram pensados na referência ao sexo em si ou na referência ao seu caráter sexual, mas em relação a seus papéis e a suas funções na procriação – entendida como fundamental para a transmissão da parte imortal da alma. Assim, nesta perspectiva, a separação dos sexos, ou seja, a existência de machos e fêmeas serviria para garantir sua atração recíproca e a possibilidade de geração de novos seres. Entretanto, ainda que, aí, o sexo não tivesse um valor em si, sendo tomado como à serviço da procriação e da transmissão da parte imortal da alma, nem por isso o pensamento platônico, depois o aristotélico e, finalmente, o galênico deixaram de produzir efeitos naquilo que veio, posteriormente, a ser chamado de sexualidade na referência aos homens e às mulheres.

Tomando Platão, podemos ler no *Timeu* uma interessante combinação estabelecida tanto entre as relações das sensações ou dos sentidos com a alma quanto entre as relações da alma com os três gêneros do ser: o que é engendrado; aquele em que é engendrado; e aquele a cuja semelhança se desenvolve o engendrado (Platão, *Timeu*.1981:1148). Filho, mãe e pai podem, perfeitamente, encaixar-se em cada uma destas três categorias, respectivamente. Quanto à mãe, segundo Platão, ela seria apenas receptáculo, cabendo-lhe somente nutrir um ser cuja forma teria sido conferida pelo engendrador.

Mas, se aqui é a alma – princípio de vida – que serve como referência maior para pensar a necessária conjunção dos corpos, é também ela que será entendida como estando presente em todas as partes dos corpos vivos, embora não necessariamente no mesmo grau. É no trilho deste raciocínio que o *Timeu* acaba podendo ser lido como um enorme tratado

de anatomia e fisiologia, embora nele a anatomia não tenha em si mesma nenhum fim, a não ser o de situar as distintas partes da alma em suas relações com o corpo. Assim, acompanhando o comentário de Saramanch (1981), poderíamos com ele dizer que a anatomia aparece no *Timeu* como ciência anexa à psicologia (p.1119), uma psicologia que, sem dúvida, alocou particularidades às mulheres e, mais especificamente, a seu corpo. Deste modo, se para Platão, a alma é o princípio da vida, parece sê-lo porque vivo é tudo aquilo que se move regularmente por si mesmo (Saramanch,1981:1117). Quanto ao sexo feminino, este acabaria sendo entendido por Platão como portando um 'ser vivo', a matriz ou o útero, com movimentos próprios e que seria possuído por um desejo especial: o desejo de produzir filhos (Platão,*Timeu*.1981:1178). Esta noção de um útero vivo, porque movente, parece ter sido derivada do que Platão entendia acontecer às mulheres não férteis:

“Quando durante longo tempo e apesar da época favorável, a matriz permanece estéril, se irrita perigosamente; se agita em todos os sentidos dentro do corpo, obstrui as passagens de ar, impede a respiração, leva assim o corpo às piores angústias e ocasiona outras enfermidades de toda espécie.” (Platão, *Timeu*,1981:1178. Nossa tradução)³

Esta consideração de Platão mostra-se, a nossos olhos, duplamente interessante: de um lado, pode-se pensar que as mulheres gregas, de fato, sofriam diante da infertilidade, manifestando-se tal sofrimento tanto sob a forma de angústia quanto de múltiplas somatizações. Neste caso, Platão estaria dando um testemunho milenar do sofrimento vivido por muitas mulheres quando frustradas no que poderiam ser considerados seus anseios de maternidade. Por outro lado, é possível pensar também que, como a procriação era entendida como o motivo maior para a conjunção de machos e fêmeas, Platão não estaria aqui mais do que enfatizando este aspecto, revestindo com o logos filosófico o que entendia como o princípio maior da natureza. Neste caso, em lugar de um testemunho do sofrimento feminino, a afirmação platônica poderia ser lida como oracular, anunciando o destino daquelas que se furtassem a esta predestinação na maternidade. Tanto uma via quanto outra, não deixam, entretanto, de conter em seu bojo elementos que ainda alimentam reflexões contemporâneas sobre a mulher, mesmo no campo psicanalítico.

³ No original: “Cuando, durante largo tiempo y a pesar de la época favorable, la matriz há permanecido estéril, se irrita peligrosamente; se agita en todos sentidos dentro del cuerpo, obstruye los pasajes del aire, impide la respiración, lleva así al cuerpo a las peores angustias y le ocasiona otras enfermedades de toda clase”.

De qualquer modo, se nos ativermos estritamente às palavras de Platão, sem imputar-lhe possíveis intencionalidades, podemos já observar o caráter de periculosidade emprestado ao útero enraivecido, através da suposição de que ele poderia afetar, com sua agitação, diferentes partes do corpo, causando, com isso, inúmeras enfermidades. Não fica difícil depreender daí um primeiro retrato da histeria. Mas, por ora, apenas guardemos esta idéia.

Se, de Platão, passarmos a Aristóteles, encontraremos também interessantes considerações a respeito da mulher, ainda que esta não seja, em si, objeto principal de seu olhar. A diferença maior entre os pensamentos de Platão e de Aristóteles talvez possa ser situada pela dimensão política e ética em que se orienta o pensamento do segundo; nele, mesmo a relação entre homem e mulher é pensada num plano político e entendida como uma relação entre governo e governado. Defendendo a idéia de que temperança e coragem seriam, no homem, virtudes plenas e completas de comando, ao se referir às mulheres, Aristóteles considerará que, nelas, a temperança e a coragem são virtudes de subordinação, uma vez que elas encontrariam no homem não só seu modelo perfeito e acabado, como também o princípio de seu funcionamento (Foucault,1984a:78). Há, em Aristóteles, a distinção clara de dois papéis e de dois pólos que, se de um lado, dizem respeito ao aspecto político das relações entre homens e mulheres – comandantes e comandadas – de outro, também, segundo Foucault (1984a), se referem a seus valores de posição na função generativa: a do sujeito e a do objeto, a do agente e a do paciente (p.45). Em consequência, as relações entre homens e mulheres serão, no pensamento aristotélico, entendidas especialmente a partir do elemento de atividade atribuído ao macho e de passividade atribuído à fêmea (Foucault,1984a:45), bem como pela capacidade de resistência à força dos prazeres: a temperança diria respeito à virilidade, enquanto a intemperança, a não-resistência a essas forças, revelaria fraqueza e submissão em relação a elas, se aparentando, então, à feminilidade (Foucault,1984a:78).

Cabe, entretanto, também ter em mente que, se para Aristóteles era importante para o homem saber enfrentar, através da temperança, a força dos prazeres, dominando-a e garantindo sua melhor economia, isto se devia em grande parte – para além de um projeto ético de virtude e da virilidade necessária ao comando – ao fato de o pensamento grego clássico atribuir ao sêmen fundamental importância. Esta importância diria respeito, em

primeiro lugar, ao fato de ao sêmen ser atribuída a manutenção do calor puro natural necessário ao corpo; neste sentido, a emissão do sêmen induziria o corpo a um efeito geral de resfriamento (Foucault, 1984a:108). Por conta disso, enquanto para os homens a abstinência sexual, longe de prejudicá-los, era entendida como podendo gerar acúmulo e conservação de suas forças, em relação às mulheres a abstinência não resultaria nos mesmos efeitos, sendo mesmo tomada como prejudicial a elas. Em segundo lugar, o sêmen era entendido também como portador do princípio divino, portanto transmissor da humanidade e, neste sentido, capital na geração: uma vez depositado na matriz da mulher, tal como um artesão dá forma à matéria sobre a qual trabalha, daria forma ao embrião. Seguindo este princípio, a mulher seria, em última análise, a matéria sobre a qual trabalharia o sêmem-artesão. A este respeito, podemos ler na *Metafísica*:

“Quanto aos seres que contêm, eles mesmos, o princípio de sua atualização, eles serão potência de outra coisa em virtude de sua natureza própria, se nada do exterior vier colocar um impedimento. Por exemplo, a semente não é ainda o homem em todo seu poder: é preciso que ela sofra uma modificação.”

(Aristóteles, *Metafísica*, 1986:505 – [H, 7, 1049a 15]. Nossa tradução)⁴

A noção aristotélica do macho como causa eficiente da procriação e a fêmea como sua causa material é salientada por Laqueur (1992[1990]:29) que vê, nesta diferente natureza das causas, a significação dada por Aristóteles à diferença sexual.

Seguindo-se a Aristóteles, Galeno veio, no início da era cristã, fornecer mais um importante modelo de pensamento que, especialmente na referência às concepções anatômicas, imprimiria fortes traços na concepção ocidental do corpo feminino. Para ele, a distinção entre homens e mulheres se daria apenas porque, nelas, a genitália seria invertida em relação a dos homens. Ou seja, para Galeno, um só sexo – o masculino – existiria tanto nos homens quanto nas mulheres, sendo que, neles, nos homens, este sexo seria mais perfeito, em função do calor de seu corpo. Vale ressaltar que, para Galeno, o calor era entendido como o 'instrumento primário da Natureza' (Laqueur, 1992 [1990]:28).

Na visão de Foucault (1985[1984b]), a concepção galênica de uma identidade

⁴ No original: “Quant aux êtres qui ont en eux-mêmes le principe de leur actualisation, ils seront puissance d'autre chose en vertu de leur nature propre, si rien d'extérieur n'y met empêchement. Par exemple, la semence n'est pas encore l'homme en puissance: il faut qu'elle subisse un changement.”

invertida nos aparelhos anatômicos dos dois sexos derivaria, principalmente, do fato de Galeno supor que também as mulheres teriam emissão de esperma. A diferença seria que, nelas, a elaboração deste humor seria menos completa, "o que explicaria seu papel menor na formação do embrião" (p.112).

É importante ressaltar que este modelo galênico foi, segundo Laqueur (1992 [1990]), o modelo de pensamento mais resistente e mais poderoso a respeito dos órgãos reprodutores (p.4), um modelo que orientaria grande parte das representações anatômicas da genitália feminina produzidas para efeito de estudos médicos. As ilustrações presentes no livro de Laqueur (1992[1990]) – especialmente as creditadas a Versalius, em 1538, e a Vidus Vidius, em 1611 (pp.80-2) – tornam evidente a perspectiva galênica da vagina como um pênis no interior, dos lábios como prepúcio, do útero como escroto e dos ovários como testículos.

Tecendo considerações sobre este ponto, com o objetivo de enfatizar aquilo que, em sua ótica, seria a marca distintiva do discurso de Galeno sobre o masculino e o feminino – especialmente quando comparado com os discursos que o sucederam – Birman (1999 [1996]) destaca o quanto não haveria, aí, uma "diferença de essência" (p.86) entre homens e mulheres, havendo apenas "uma distinção marcada pela maior ou menor quantidade de calor corporal" (p.86). Aludindo a registros históricos capazes de testemunhar o vigor da idéia de poder transformar uma mulher em um homem pelo aumento do calor corpóreo, considera, então, que esta distinção pela quantidade de calor do corpo estabelecia, na verdade, "um contínuo entre o ser homem e o ser mulher" (p.86) – face à "inexistência de essências absolutas que estabelecessem a descontinuidade entre os sexos"(p.86) – não havendo, portanto, neste discurso, "o enunciado que estabelecesse a existência de uma diferença sexual" (p.86).

O que vai ficando evidente nestas diferentes leituras ou diferentes ênfases do pensamento galênico é que foi como invertido em relação ao homem, e imperfeito em relação a este, que o corpo feminino foi sendo apreendido, em função da "ordem cósmica" que, nas palavras de Birman (1999[1996]), regia a hierarquia entre os seres (p.86).

A versão produzida na Antiguidade da mulher como mãe, como receptáculo; como esposa passiva, subordinada e, às vezes, intemperante; e como imperfeita em sua anatomia corporal, se comparada à do homem, não desapareceu com a queda do império greco-

romano e atravessou tempos históricos posteriores. Mas, se na Antiguidade, a passividade da mulher, sua intemperança, imperfeição anatômica e subordinação eram entendidas como tributárias de uma lei da natureza – parecendo em nada afetar as possibilidades eróticas femininas – verificaremos que a apropriação destes elementos pelo cristianismo acabou por produzir significativos efeitos justamente neste campo.

A Idade Média e a contenção da erótica feminina

*“A verdade está nas Escrituras e em nenhuma outra parte fora delas.
A ciência não revela a Verdade. É apenas uma flama tibia
a iluminar a letra de Deus.
A ciência só existe abaixo de Deus e para tornar compreensível a Verdade”.*
(citação do julgamento do Anatomista)

Acabamos de anunciar que as idéias de Galeno atravessaram séculos, permanecendo como dogma oficial da medicina pelo menos até o Renascimento, dando-nos prova disto os esquemas anatômicos de Versálio produzidos no século XVI⁵. A resistência que esta concepção revelou à passagem do tempo costuma ser atribuída ao poder exercido pelo cristianismo em sua crescente expansão a partir do século IV, tempo em que, no Ocidente, o império romano agonizava. De fato, já no século II, uma intensa reflexão monástica tinha começado a produzir uma nova erótica – distinta da erótica grega – declarando guerra ao prazer e fazendo do desejo sexual "o próprio símbolo do infortúnio da humanidade" (Cattonné,1994[1992]:12). A privação sensorial era apregoada, não havendo somente a recomendação de uma restrição ao sexo, mas a de abstinência. Deste modo, o programa fabricado pelos monges, naquela época, prescrevia virgindade e frigidez para as mulheres e impotência para os homens. A idéia cristã de salvação da alma através da execração dos desejos da carne era o solo deste programa (Cattonné,1994[1992]:44-5) que veio encontrar em Santo Agostinho, no século IV, um novo impulso.

Foi através de Santo Agostinho que a noção de pecado – de um pecado que seria transmitido de geração a geração pelo ato sexual – ganhou peso e relevância. Cattonné (1994[1992]) considera que a grande novidade a ser sublinhada, aqui, seria a de Santo Agostinho ver no pecado não só esta dimensão de transmissibilidade mas, através dela, a noção de que a natureza humana seria, em si mesma, doente – e, seu melhor remédio, a fé

⁵ Ver, sobre isto, Laqueur (1992[1990]), pp. 80 a 82.

cristã (pp.53-4). Mas, como em Santo Agostinho o desejo é entendido como um castigo pela desobediência em não comer do fruto proibido, o pecado original não é, de imediato, associado ao ato sexual; para ele, o pecado seria o desejo, a concupiscência. Por conta disso, em sua ótica, a copulação poderia ser regida pela vontade em procriar, mas sem desejo. Conforme este princípio:

“O homem espalharia a semente, a mulher a recolheria, segundo a necessidade, sem que os órgãos tivessem sido excitados pela concupiscência; eles teriam seguido o impulso da vontade.” (Santo Agostinho, *Sermão 1. Apud Cattonné, 1994[1992]:56-7*)

Santo Agostinho parece buscar e encontrar, nesta fórmula, uma saída para a ordenação divina contida no *Gênesis* de que caberia aos homens crescerem e se multiplicarem sobre a Terra. Em sua ótica, o homem teria conseguido se propagar mesmo sem a paixão carnal; entretanto, a paixão teria sido o resultado do que entendia como uma punição. Deste modo, o fogo do desejo sexual seria o castigo divino pela desobediência.

Esta interpretação agostiniana do *Gênesis* – de uma 'inocência' possível na referência ao ato sexual – não foi, entretanto, a mais difundida entre os cristãos pelo fato de, o próprio Agostinho, segundo Cattonné (1994[1992]), nela associar definitivamente pecado original e sexualidade por intermédio da concupiscência (p.57). A concepção mais generalizada – ainda que não a assumida oficialmente pela Igreja⁶ – era a de que o pecado original fora legado ao homem pelo ato sexual, devido à concupiscência que nele forçosamente se manifestaria.

No século XIII, esta questão foi retomada por São Tomás de Aquino que, conjugando a perspectiva aristotélica com a agostiniana, entenderia como "natural engendrar por união carnal, pois é o que manifestam os membros naturais delegados a este uso" (São Tomás de Aquino, *Suma Teológica. Apud Cattonné, 1994[1992]:59*). Uma união carnal que deveria, entretanto, apoiar-se na 'disposição da vontade', afastada da cobiça e da volúpia e sem o 'aguiilhão da paixão sedutora'. Como bem chama a atenção Cattonné:

“(...) a teologia de Tomás é das mais sutis. Sob o comando da razão, o desejo sexual, o apetite concupiscível, modera-se.” (Cattonné, 1994[1992]:59)

Ou seja, se o desejo era inevitável, caberia ao homem moderá-lo pela vontade.

⁶ Se a Igreja não assumiu oficialmente a interpretação agostiniana, também não fez nada para desmenti-la. Como bem explicita Cattonné (1994[1992]:58), a interpretação difundida só fez servir bem demais à política de repressão da Igreja.

Se nos lembrarmos aqui da temperança aristotélica requerida para os homens na Antiga Grécia encontraremos pontos de similaridade, embora guiados por razões nitidamente distintas: lá, era a força espermática do homem e seu controle viril sobre as sensações que eram proclamadas em nome de uma melhor descendência e um melhor controle sobre a pólis; aqui, a temperança, o comando da razão sobre as paixões da carne se alia ao desejo de salvar a alma, não no plano da descendência, como nos gregos, mas no Reino de Deus. A este respeito, a aposta de Pascal⁷ na eternidade é um bom exemplo:

“Pascal (...) concebe e vive a conversão cristã como a passagem do amor de si ao amor de Deus. Converter-se é voltar-se inteiramente para Deus, sacrificar-lhe seu desprezível eu e ganhar a salvação. Este amor (...) proporciona a beatitude e faz vencer a aposta da eternidade.” (Cattonné, 1994[1992]:23)

Além disso, a temperança requerida às mulheres na Antiga Grécia não limitava ou restringia sua expressividade erótica, na medida em que era especialmente vinculada ao aspecto político de subordinação ao homem ou ao marido; em relação à atividade sexual vimos que, inclusive, não era vista com bons olhos, para sua saúde, a abstinência. Por outro lado, a intemperança, ou seja, a não-resistência à força dos prazeres era também associada à feminilidade, o que leva a crer que, a estes prazeres, as mulheres, uma vez requisitadas pelo homem, costumavam se entregar.

Talvez por isto, e pela desobediência a Deus a ela atribuída no *Gênesis*, ao longo da Idade Média a mulher foi tomada e entendida como a principal responsável pela concupiscência: era como a Eva dos malefícios que seria principalmente olhada. Já nos sermões de Santo Agostinho esta era a principal face que tinha recebido: a de "causa principal de todos os males"; para Agostinho, o diabo triunfa "quando tem a mulher como auxiliar". Assim, ela deveria ser afastada, na medida em que poderia abalar as piedosas observâncias dos homens e suas castas resoluções (Cattonné, 1994[1992]:61).

A partir do século XIII, o casamento cristão passou a ser uma prática corrente, mas uma prática que seria meticulosamente controlada pela Igreja. Se quiséssemos aqui brincar um pouco com a questão, talvez pudéssemos dizer que, se a religião era um 'remédio' para o

⁷ Blaise Pascal (1623-1662), era físico e matemático, além de autor de inúmeras meditações que “ao contrário de suas obras científicas e matemáticas, permaneceram em estado de fragmento” (Figueiredo, 1992:103). Uma das tônicas de suas reflexões incide sobre o caráter hipócrita e mentiroso do *eu* que, numa tendência tirânica, privilegiaria o amor-próprio e interesses, acabando por ter ‘profunda aversão à verdade’ (Figueiredo, 1992:102).

pecado, não era, com certeza, uma 'vacina' contra ele. Tanto não era que a Igreja, de um lado, passaria, em função de seus próprios interesses de controle, a se interessar pela fisiologia sexual da mulher. Questões relativas ao fato de a mulher emitir ou não uma semente interessava aos doutores da Igreja, pois, dessa definição, resultaria um procedimento: se assim fosse, o marido deveria esperar a emissão dessa semente para aproximar-se da esposa para os fins da procriação. A intensidade da relação entre os cônjuges era também uma outra preocupação, uma vez que um amor 'ardente demais', mesmo no casamento, não deixaria de fora a tão condenada lascívia e concupiscência. Também as posições adotadas no coito pelos cônjuges não escapavam ao espectro das considerações da Igreja: 'cavalgar' sobre o homem era sumariamente condenado, pois era considerada absolutamente contrária à natureza passiva da mulher. A posição *a tergo*, entendida como associada à sodomia, era também objeto de grandes penitências, minuciosamente detalhadas e prescritas nos 'manuais do confessor' (Cattonné, 1994 [1992]:65).

O domínio da Igreja sobre o exercício da sexualidade era tão intenso nesta época que, dos trezentos e sessenta e cinco dias que o calendário do ano santo já comportava, só em noventa e dois os contatos sexuais entre os cônjuges eram admitidos; nos outros duzentos e setenta e três, eram condenados. Neste inventário de restrições apareciam os dias de menstruação da mulher, o tempo de 'impureza' pós-parto, os últimos tempos da gravidez, o período da Quaresma, os vinte dias do Advento, as principais festas e todos os domingos (Cattonné, 1994 [1992]:64-5).

Em função de tudo isso, segundo Cattonné (1994 [1992]), a mulher medieval, a despeito de certos avanços – dentre eles o lugar ocupado pela dama como objeto do amor cortês⁸ – foi um ser rejeitado e desprezado, criatura capaz de causar medo por sua suposta aliança original com a serpente que faria dela a depositária do mal (pp.67-8).

Por outro lado, imaginar que tudo isto só teve por efeito uma repressão da sexualidade, especialmente a da mulher, é ilusório. Neste ponto, a argumentação de Foucault (1985 [1977]) de que teria havido a produção de uma ciência sexual – a partir da relação de poder entabulada em relação ao sexo – pode muito bem ser vislumbrada já aqui. Afinal, na Idade Média, a confissão instituiu-se como um ritual de enorme importância e

⁸ Mas, observe-se que, curiosamente, o amor cortês é um amor poucas vezes consumado.

era por intermédio dela que o sexo não somente era controlado mas, também, 'entrevisto', 'descortinado' e, de certa forma, 'sabido' pelo confessor. Deste modo, na Idade Média, o saber em relação ao sexo teria se dado em torno da confidência. Uma confidência que não viria impor penitências somente aos pecadores da carne, mas também aos 'do espírito', ou seja, aqueles que 'ousavam' pensar a ciência à parte das Escrituras.

Federico Andahazi (1997) nos dá um sensível e brilhante panorama desta questão em seu livro histórico-ficcional denominado *O Anatomista*. Nele, o personagem principal e herói da narrativa romanceada é Mateo Realdo Colombo, anatomista a quem, de fato, é creditada a descoberta do clitóris em 1559. Colombo não descobre, entretanto, este órgão da anatomia feminina através da dissecação dos cadáveres – prática corrente na Antiguidade, mas proibida ainda no Renascimento, e à qual, de modo furtivo, ele mesmo se entregava, ao menos neste relato histórico-ficcional – mas através dos cuidados médicos prestados a uma venerável senhora:

“A impressão que Mateo Colombo teve da enferma foi, em primeira instância, de que se tratava de uma mulher infinitamente bela e, em segundo lugar, de que aquilo não era uma doença frequente. Inês estava na cama, exânime e inconsciente. Examinou-lhe os olhos e a garganta. Apalpou sua cabeça e inspecionou os ouvidos (...) Examinou o tônus muscular do ventre e o ritmo da respiração (...) [foi quando, já despida, que] pôde ver entre as pernas da doente uma perfeita, ereta e diminuta vara. (...) Mas, Inês de Terremolinos apresentava uma anatomia inteiramente feminina e, por certo, suas três filhas constituíam um fiel testemunho da sua não menos feminina fisiologia. Contudo, ali, bem diante das ventas atônitas do mestre e do discípulo, eis aquele pequeno órgão ereto, apontando para o centro de seus abobados olhos abertos.” (Andahazi, 1997:97-9)

As primeiras notas registradas por Colombo sobre sua descoberta – o clitóris – nos dão bem a dimensão de como as referências galênicas serviam ainda como paradigmas para o pensamento médico mesmo já no Renascimento:

“Essa pequena protuberância que surge do útero perto da abertura denominada boca da matriz, é sobretudo a sede do deleite da enferma; quando tem atividade sexual, ao friccionar-se o órgão com um dedo o sêmen flui de um lado para o outro mais rápido que o ar, por causa do prazer, mesmo se ela não o propuser.” (Andahazi, 1997:103)

Pequena protuberância que seria por ele entendida como um "pênis feminino" (Laqueur, 1992[1990]:65), que teria ereção e que emitiria, também, um sêmen. Mas, se

Colombo descobria o clitóris⁹, era também necessário comunicar sua descoberta. Entretanto, o novo achado do anatomista superava, como nos conta Andahazi (1997), todos os limites da tolerância religiosa, pois o *Amor Veneris* "ultrapassava o permissível para a Ciência" (p.37) – ainda que, para o próprio Colombo, o clitóris (que entendia como a 'origem do amor feminino') fosse a prova irrefutável da inexistência da alma nas mulheres. Como acreditar que elas, as mulheres, tinham uma alma, se as reações provocadas por um toque no clitóris demonstravam que estavam totalmente subordinadas a este órgão e se, além disso, um furor diabólico expressaria, no final, este completo domínio da vontade 'do' corpo? A própria Inês, que era extremamente recatada, pudorosa nos modos e nos ditos e que não se mostrava lasciva no cotidiano,

“(...) na hora de submeter-se à terapêutica do anatomista, parecia abrir passagem em seu corpo a um espírito diabólico ilimitado, que arrasava a barreira do pudor e só se retirava quando chegava ao êxtase, após o qual Inês voltava ao seu recato.” (Andahazi, 1997:102)

A apresentação feita, finalmente, por Colombo do seu *De re Anatomica* – um caderno de cento e quinze fôlios, acompanhados de sete ilustrações anatômicas – acabou por provocar um enorme repúdio entre autoridades eclesiásticas, rendendo um julgamento em que Colombo era acusado de heresia, blasfêmia, bruxaria e satanismo (Andahazi, 1997:110). Desse julgamento, vale a pena para nossos fins recortar um dos argumentos usados na alegação incriminatória:

“Acuso o réu de satanismo e bruxaria. (...) O descobrimento que ele reivindica não passa de um diabólico embuste. De que outra forma pode-se qualificar o pretense *Amor Veneris* ? O acusado atribui-se haver encontrado o órgão que governa a vontade, o amor e o prazer nas mulheres, como se a vontade da alma e o prazer do corpo pudessem ser colocados em pé de igualdade. De que outro modo senão ‘diabólico’ pode ser chamado quem pretende encumear o Diabo nas alturas de Deus ?” (Andahazi, 1997:123)

Observe-se que a 'vontade' é entendida aqui como devendo se restringir à 'vontade da alma', sendo impensável para a Igreja a perspectiva de Colombo de que o clitóris governaria uma outra vontade: a do corpo. Articular estas 'vontades' era encumear Deus e Diabo.

Para defender-se de tais acusações, Colombo recorre a Aristóteles, para quem a alma estaria reservada aos homens. Colombo lança mão da *Metafísica* e da perspectiva aristotélica de que o homem seria o portador do espírito divino e artesão da matéria para

⁹ Cabe observar que *kleitoris* significa 'comichão'.

articular tal pensamento ao da Eva dos malefícios da Idade Média. Velando seu sarcasmo e dizendo à Igreja o que ela queria ouvir, argumenta em sua própria defesa:

“No que concerne às mulheres, se quereis reservar também para elas uma coisa semelhante à alma masculina, deveis, em consequência, situá-la dentro do corpo, tal como se encarna um demônio. E vos digo que esse demônio tem sua morada dentro do corpo, exatamente no órgão sobre o qual, agora mesmo haverei de falar-vos. E me atrevo a dizer que, se pudermos explicar o funcionamento desse órgão, poderemos, por fim, explicar o obscuro proceder feminino.” (Andahazi,1997:140)

Obscuro proceder feminino, fragilidade moral das mulheres, encarnação do diabo no corpo... Esta associação entre a sexualidade da mulher e o mal – que teve seu ápice na aproximação da mulher com a feiticeira e que fez da caça às bruxas um direito criminal só abandonado no século XVII – permaneceu por mais um bom tempo no cenário da história ocidental, de tal modo que, apesar de ter deixado de ser exercida pela Igreja, esta 'regulação do mal' passou, no século XVIII, para as mãos da medicina. Antes, entretanto, de adentrarmos neste outro período da história é interessante sublinhar que Colombo descobriu o clitóris no contexto das influências médicas de Galeno e, talvez por causa disto, não tenha conseguido emprestar ao órgão um caráter especificamente feminino. Ainda que em seu *De re Anatomica* o clitóris surja como um órgão anatomicamente presente em todas as mulheres, é de uma anatomia rotulada em sobreposição ao masculino que se trata. Queremos, com isto, ressaltar que, se com Galeno, a vagina era entendida como um pênis invertido para dentro, com Colombo, o clitóris, ainda que para fora, foi também entendido como um pênis feminino. Sobre isto, Laqueur (1992[1990]) comenta:

“Justamente quando Colombo ameaça oferecer uma nova compreensão da diferença sexual, seu texto retorna ao velho caminho e às antigas tensões. A mulher desaparece, quer sejam a vagina ou o clitóris considerados como pênis feminino.” (Laqueur,1992[1990]:65.Nossa tradução)¹⁰

¹⁰ No original: “Just when Columbus threatens to offer a new understanding of sexual difference, his text returns to the old track and the old tensions. Woman disappears, whether the vagina or the clitoris is construed as the female penis.”

A mãe e a esposa contida da família do século XVIII

*"Se a mulher é feita para agradar
e ser subjugada,
ela deve tornar-se agradável ao homem
ao invés de provocá-lo."
(Rousseau)*

Pudemos enfatizar o atributo malévolos associado à sexualidade da mulher que o cristianismo tentava domar, usando para isto de inúmeras estratégias de regulação; mencionamos, também, que foi só no século XVII que a caça às bruxas deixou de ser uma prática juridicamente legitimada. Sublinhar as razões que vão modificar este quadro e deslocar, no final do século XVII, a mulher da posição de malévola para a de virtuosa – deslocamento muito enfatizado por Nunes (1996:13) – é nosso objetivo aqui. Convém observar, entretanto, que tal passagem não diz respeito à simples mudança de um pólo negativo para um pólo positivo. Passar de feiticeira a mãe e esposa virtuosa traz, em seu bojo, ainda uma forma sutil de negativização, seja na perspectiva de emprestar à mulher uma 'natureza' peculiar e propícia à maternidade – no sentido de exclusiva, e não somente de especial – seja na de 'enfermizar' aquelas que se revelavam sensíveis ao prazer, de vez que volúpia e sensualidade não vão combinar com os novos ideais de família que vão começar, então, a se configurar.

A passagem da mulher de malévola a virtuosa está intimamente articulada à influência filosófica que o pensamento cartesiano começou a exercer já no século XVII. A perspectiva de uma inteira autonomia do pensamento em relação ao corpo e o conseqüente domínio concedido à razão para a determinação do conceito de humanidade, levado às últimas conseqüências, acabaria por reunir homens e mulheres.

Cerca de quarenta anos depois de Descartes, em 1637, tornar público seu *Discurso do Método*, Poulain de la Barre, em 1673, reivindicaria, numa herança nitidamente cartesiana, a igualdade entre homens e mulheres, de vez que ambos partilhariam a identidade essencial da razão, independentemente da importância que pudessem ter suas funções biológicas (Badinter, 1991[1989]:32). Mas, se a razão começou a despontar como um novo paradigma para pensar a humanidade, começou também a se constituir num problema bem resumido e pontuado por Nunes (1996:32): se a razão era a mesma em homens e mulheres, como justificar a dominação deles sobre elas? Como justificar a

exclusão das mulheres da esfera pública? Como justificar as diferenças sociais se todos deveriam ter os mesmos direitos?

Face a estas questões, o Iluminismo acabou gerando novas interpretações sobre o corpo da mulher. Entretanto, o fez não só retomando a tradição grega – ao manter uma associação deste corpo com uma especificidade (no caso, sua vocação para a maternidade) – mas aparentando se distanciar da associação estabelecida, na Idade Média, entre o corpo feminino e a volúpia, o pecado e a concupiscência. Por conta disto, especialmente com Rousseau, em 1757, os traços das hierarquias galênica e cristã vão ser – mas só aparentemente – apagados. Levando adiante a linha de pensamento iniciada pelo humanismo renascentista, Rousseau defende, então, a idéia de uma 'natureza feminina' que seria específica das mulheres e condizente com seu papel social. Resumindo a posição de Rousseau, Nunes (1996) nos diz:

“Para Rousseau, a mulher não seria nem inferior, nem imperfeita; ao contrário, ela seria perfeita em sua especificidade. A mulher seria dotada de características biológicas e morais condizentes com as funções maternas e a vida doméstica, enquanto os homens seriam mais aptos à vida pública, ao trabalho e às atividades intelectuais.” (Nunes,1996:34)

Se, a essa tese de Rousseau pode ser atribuída a pretensão de encerrar um debate sobre a natureza feminina, esta pretensão não foi atingida, embora suas idéias tenham, de certo modo, sido vitoriosas. Pouco menos de vinte anos depois de Rousseau torná-las públicas, o 'caráter' e o 'espírito' das mulheres seria ainda discutido, embora num circuito de pouca repercussão. De qualquer modo, os argumentos que vêm à tona neste debate revelariam as distintas posições que orientavam, naquela época, as discussões em relação ao tema.

O debate tem início com Thomas (1991[1772]) que, num ensaio acadêmico de muita erudição, mas em que há uma nítida oscilação nos argumentos utilizados – ora derivados de uma herança cartesiana, ora sustentados nos ideais burgueses rousseauianos – atribui às mulheres as mesmas possibilidades que os homens, mas também declara que, em sua opinião, faltaria às mulheres o 'gênio' masculino. A nossos olhos, a originalidade maior contida no ensaio de Thomas é a de creditar às mulheres uma peculiar capacidade imaginativa; entretanto, ele mesmo acredita que esta capacidade não seria para elas nenhuma garantia de criatividade; assim, talvez o retrato de 'sonhadoras' lhes coubesse bem aqui. Mas, se Thomas apenas abre o debate, logo Diderot (1991[1772]) lhe responde: a

mulher traria dentro de si um órgão susceptível de terríveis espasmos que disporia dela e que suscitaria em sua imaginação fantasmas de todo tipo (p.123) – visão que aproximava, de maneira inequívoca, a mulher de um inexorável destino na histeria. Contrapondo-se, então, aos dois, uma mulher – Madame D’Epinay (1991[1772]) – defenderia a idéia de que homens e mulheres são susceptíveis dos mesmos defeitos e das mesmas virtudes:

“É bem evidente que homens e mulheres tem a mesma natureza e a mesma constituição. A prova disso é que as mulheres selvagens são tão robustas e ágeis como os homens selvagens: assim, a fraqueza de nossa constituição e de nossos órgãos pertence certamente à nossa educação, e é uma consequência da condição que nos destinaram na sociedade.”

(D’Epinay, 1991[1772]:137-8)

Por mais curioso que possa parecer – não só a nossos olhos, mas se também levado em consideração o contexto iluminista em que este debate foi travado, um contexto, lembremos, em que os ideais de igualdade e predomínio da razão eram anunciados – a perspectiva que veio a triunfar foi a de Diderot, numa 'colagem' às teses rousseauianas. Ou seja, à natureza feminina das mulheres, preconizada por Rousseau, veio a se acrescentar a idéia de Diderot de que haveria, nelas, um predomínio da volúpia histérica.

Talvez isto possa, em parte, explicar porque, quando em meio ao próprio século XVIII os governos se viram diante de problemas populacionais – natalidade, morbidade, fecundidade, incidência de doenças, questões relativas à alimentação e à habitação – passaram especialmente a se importar com a sexualidade das mulheres. Objeto de análise e alvo de intervenção, a sexualidade das mulheres passou, então, a ser investida pela medicina e pela pedagogia, tornando-se central a novas práticas de controle. Para além dela, ou paralelamente a ela, como se uma não pudesse andar sem a outra – e esta é agora a grande novidade – a educação das crianças começou, também, a receber significativa atenção.

Donzelot (1986[1980]) considera, seguindo o trilho indicado por Foucault, que foram as necessidades sociais da nova realidade que então se instituía na Europa – ligadas, principalmente, ao futuro e à qualidade da força de trabalho necessários ao Estado – que fizeram com que surgisse uma preocupação crescente com o alto índice de mortalidade infantil. A amamentação das crianças pelas nutrizes era vista, então, como a principal causa de tal índice (p.16), sendo corrente a idéia de que as nutrizes transmitiriam vícios e maus hábitos às crianças através da má amamentação. Mas é o próprio Donzelot (1986[1980])

quem chama a atenção para o fato de haver ainda aí, nesta perspectiva, a vigência de um antigo pensamento médico baseado na economia dos fluidos sobre a qual a medicina do século XVIII ainda repousava (p.18). Por não haver, ainda, uma tradição no interesse médico pelas crianças, e mesmo pelas mulheres, esta medicina do século XVIII acabaria explicando as doenças pelo que entendia regendo as funções geradoras. Por causa disso, o fato de as mulheres não amamentarem pessoalmente seus filhos – uma prática comum na época – acabou sendo entendida como a causa de uma série de males (p.155). E, no cenário ocidental, entrou em cena então a figura da mãe.

Se o corpo da mulher começava então, por razões políticas, a interessar à medicina, foi também só nesta época que a associação estabelecida – desde a Antiguidade – entre o orgasmo feminino e a fecundação foi pela primeira vez contestada (Cattonné, 1994 [1992]:72). Mas, ironicamente, desfazer tal engano parece ter servido principalmente, como bem assinala Nunes (1996), para reforçar a idéia de que o homem estaria mais ligado ao sexo, enquanto a mulher à maternidade e ao afeto (pp.38-9). Sobre isto, Cattonné faz menção a um interessante comentário de Yvone Knibieler:

“(...) a ovologia, em pleno desenvolvimento entre 1840 e 1860, estabelece que o gozo feminino não é necessário à fecundação: esta descoberta confirma a vocação materna da mulher, justifica o egoísmo masculino e fundamenta a hostilidade contra o inútil clitóris.”
(Knibieler, *apud* Cattonné, 1994 [1992]:73)

Comentando as distintas figurações da feminilidade ao longo da História, Birman (1999[1996]) também dá destaque a esta descoberta – a de que o gozo feminino não teria relação com a fecundidade da mulher – para sublinhar o quanto, neste contexto, “o traço da sedução feminina foi negativizado” (p.87). Em suas palavras, “a partir do século XVIII, para ser mãe, a figura da mulher teria que perder os atributos da feminilidade” (p.87), pois a sensualidade feminina passou a ser considerada como um atributo negativo e incompatível com a condição materna. Assim, neste contexto, ser mulher e ser mãe não só constituíam séries diferentes, mas opostas: “a figura da mulher era o *oposto* da figura da mãe” (p.87. Grifos do autor).

Verificamos portanto que, se antes, na Idade Média, a volúpia feminina, a vontade regida pela 'carne', era entendida como uma aproximação com o diabo, agora é desconsiderada, desqualificada: não serve, afinal, para nada, nem mesmo para a fecundação – argumento que serviria para demonstrar como a mulher estaria votada ao lar e à

maternidade por 'natureza', nem que fosse por uma natureza biológica. Dupla forma de deserotizar a mulher...

Especialmente na Inglaterra puritana este novo saber sobre a fisiologia sexual feminina foi levado ao limite, fazendo com que os médicos vitorianos vissem nas mulheres capazes de sentir prazer um sinal de anormalidade: seriam doentes ou perversas, isto é, histéricas ou prostitutas. Foi acompanhando o ideal puritano da Igreja que a medicina do século XIX praticou inúmeras violências em relação ao corpo feminino, lançando mão da clitoridectomia nas mulheres que praticavam a masturbação e da ovariectomia naquelas que se mostravam 'nervosas' ou 'tomadas pelo apetite sexual', apesar de apresentarem ovários saudáveis (Cattonné, 1994[1992]:73).

Reprimida em seu erotismo, a mulher vai chegar ao século XIX já inserida numa ordem burguesa consolidada em que a relação mãe-filho era extremamente valorizada e entendida como desempenhando uma função capital. Promovida, assim, à condição de mãe, a mulher passará a ser vista como a principal responsável pelos cuidados e pela educação dos filhos. Nessa perspectiva, como bem pontua Nunes (1996), uma diferenciação biológica estaria na base da diferença sexual, sustentando também a diferença de gênero (p.33).

Não fica difícil entendermos as razões que fizeram com que os 'excessos' no campo do prazer e as 'transgressões' das mulheres do século XIX se tornassem objeto da psiquiatria e da contenção que o saber médico-cirúrgico tornara possível operar. Foi aí, então, que a tentativa de compreensão dos distúrbios femininos ganhou terreno no campo da medicina e que a histeria tomou ares de 'epidemia'.

A histeria como expressão emblemática do sofrimento feminino

“A afecção histérica, também chamada vapores histéricos, é se não me engano, a afecção mais frequente entre as enfermidades crônicas (...) Com efeito, muito poucas mulheres estão isentas delas...”
(Sydenham)

Contida, frígida e predestinada à maternidade e às obrigações domésticas, a mulher do século XIX bem poderia ter passado como uma figura apagada e inexpressiva, à sombra do marido e votada à educação das crianças. Afinal, como já vimos, a História, do ponto de vista da moralidade e dos costumes, tinha, especialmente a partir da Idade Média, paulatinamente lhe reservado este lugar na cena social, constringendo de inúmeras formas

sua vida erótica e a expressividade dos prazeres do corpo ou, como preferiam dizer, proibindo-lhe os 'prazeres da carne'. No entanto, não foi como figura apagada que a mulher adentrou o século XIX e, muito menos, o século XX; na verdade, foi especialmente como histérica que ela chamou para si a atenção. Mas, mesmo esta entrada em cena pela via da histeria – uma histeria que atingia maciçamente as camadas menos favorecidas da população, lotando os hospitais públicos ou sendo confinada nos hospícios – teve uma pré-história. Retomá-la, ainda que brevemente, serve aqui para sublinhar como não era nova a associação entre histeria e mulher e, muito menos, entre histeria e sexualidade. De certo modo, sob o rótulo de fenômenos históricos imiscuíam-se todos os elementos forjados ao longo da História e correspondentes à alma, ao corpo, à natureza e ao espírito feminino.

Tivemos oportunidade de sublinhar que já Platão, que entendia a matriz ou o útero como um ser vivo possuído pelo desejo de produzir filhos, derivava daí a maior parte das enfermidades femininas. A idéia platônica de que a esterilidade ocasionaria muitos perigos para a saúde da mulher e de que o útero se movimentaria dentro do corpo foi clássica na medicina grega e sustentada também por Aristóteles para quem a matriz, ao permanecer vazia, poderia subir pelo corpo e asfixiar a mulher estéril (Saramanch, 1981:1178. Nota 77).

A suspeita de que a matriz seria a fonte da maior parte das enfermidades femininas não declinou com a passagem do tempo – como poderíamos esperar – e é digno de nota verificar que, em pleno século XIX, o ginecologista berlinense Amann tentava demonstrar como esta concepção antiga era, no fundo, ainda a responsável pelo fato da histeria não ser vinculada a um transtorno do espírito – ou seja, da mente. Para Amann, expressões leigas – tais como 'o leite subiu-lhe à cabeça' ou 'o útero foi para o pescoço' – usadas para explicar muitas enfermidades das mulheres, demonstravam bem como o útero permanecia sendo entendido como a sede da histeria, sendo-lhe imputadas todas as anomalias possíveis e impossíveis como motivos para a existência de manifestações históricas (Lorenzer, 1987 [1984]:40-1).

Vale, entretanto, notar que, ainda em 1735, Sydenham teria reivindicado para a histeria o estatuto de uma enfermidade do espírito causada não pela matriz, mas pela circulação dos vapores em função de uma desordem ou movimento irregular dos espíritos animais; estes, agindo sobre as diferentes partes do corpo, causariam dor e espasmos,

acabando por afetar a funcionalidade dos órgãos (Sydenham, 1975[1735]:90)¹¹. Mas, se esta era, em sua opinião, a causa interna da histeria nas mulheres – e de sua correlata: a hipocondria nos homens – ele não deixava de lhe atribuir, também, causas externas ou antecedentes, que estariam associadas, muito frequentemente, a agitações "violentas da alma, subitamente produzidas pela cólera, pela pena, pelo temor ou alguma paixão semelhante" (p.90)¹².

Estas causas externas ou antecedentes tinham, para Sydenham (1975[1735]), tanta importância que, quando as mulheres o consultavam com alguma enfermidade cuja natureza não sabia discernir por meio dos sintomas habituais, interrogava então estas pacientes sobre seu estado de alma. E só quando elas confirmavam algum tormento ou sofrimento nesta esfera é que seu diagnóstico de histeria também se confirmava (p.90). Entretanto, indiscutivelmente afetado pelas representações sociais de sua época a respeito das mulheres, não deixava de entrevê-las sempre como mais passíveis de serem atacadas pelos vapores, em função de serem naturalmente mais delicadas que os homens e destinadas a funções menos penosas (p.91)¹³. Fortificar o sangue – que, no seu entender, era a porta dos espíritos animais – constituía-se, então, na base do tratamento da histeria. Mas, como em inúmeros casos a desordem dos espíritos já teria viciado e corrompido grande parte do corpo, seria necessário, frente a eles, antes de fortificar o sangue, debilitá-lo mediante a sangria (p.92).

Cabe, ainda, acrescentar que Sydenham (1975[1735]) entendia a afecção histérica como a mais frequente das enfermidades crônicas – ou seja, ele não a entendia como uma enfermidade aguda ou episódica – e da qual poucas mulheres estariam isentas (p.87). Quanto à analogia que Sydenham estabelece entre a histeria nas mulheres e a hipocondria nos homens, Lorenzer (1987[1984]) nos diz que esta era uma tendência comum nesta

¹¹ Lembremos que a teoria dos humores ou dos vapores, vigente na medicina do século XVIII, foi a responsável, como apontamos com Donzelot (1986[1980]), pela suposição de que as enfermidades infantis seriam derivadas do aleitamento feito pelas nutrizes e não pelas mães. Haveria, assim, a suposição de que os 'espíritos animais' pudessem ser transmitidos à criança por um leite pouco saudável, contaminado pelas dificuldades da vida que estas mulheres, de um modo geral, enfrentavam e pelos 'vícios' que carregavam.

¹² No original, o que traduzimos de forma livre: "Las causas externas o antecedentes de esta enfermedad son (...) mucho más a menudo, las agitaciones violentas del alma, súbitamente producidas por la cólera, la pena, el temor o alguna pasión semejante."

¹³ Embora Rousseau só tenha apresentado Emílio e Sofia ao mundo em 1757, observam-se aqui os elementos que formariam o solo de suas considerações sobre a natureza feminina. É interessante, também, lembrar aqui das posições críticas de Madame D'Épinay (1991[1772]) quanto a esta suposta 'fragilidade' da constituição feminina, tão em voga naquela época.

época, desenvolvida também por Dumolin em 1703, por Raulin em 1759 e por Whytt em 1764 (p.42). Em linhas gerais, a condição mais frágil e mais terna do corpo feminino é que faria com que a histeria fosse entendida como se manifestando com intensidade através de ataques e crises, diferentemente, portanto, da hipocondria.

Pouco mais de cem anos depois, Charcot, em 1887, teria da histeria uma visão distinta da de Sydenham: longe de aproximá-la da hipocondria – e, portanto, das enfermidades que, alastradas pelo corpo, se caracterizariam por uma grande indefinição sintomática que tinha, às vezes, ares de simulação – caminha no sentido de compará-la à epilepsia para, a partir daí, poder distingui-la. Entretanto, tanto quanto a epilepsia, a histeria será situada por Charcot no quadro das enfermidades nervosas. Também em relação a esta nova tendência, Lorenzer (1987[1984]) localiza sua origem em 1681, quando Lepois, Piso e depois Willis e Vienssen supuseram o cérebro como a sede originária e exclusiva da histeria, concebendo em relação a ela causas idiopáticas equiparáveis às da epilepsia (pp.42-3). Nesta perspectiva, os transtornos funcionais na histeria convulsiva dependeriam de um estado doentio do cérebro, porque o cérebro seria o órgão central da motilidade, da sensibilidade e da atividade do pensamento. Curiosamente, estes pesquisadores lutavam para tirar a histeria do campo das 'possessões', estendendo-a, com suas concepções, também aos homens (p.53).

Mas, para Charcot (1975[1887]) era diferente. Curiosamente, entretanto, ainda que para ele histeria não fosse epilepsia, seria pela via de um ataque epileptóide, muito pouco diferente de um verdadeiro ataque epiléptico, que a histeria poderia, a seus olhos, começar a ser senão curada, pelo menos controlada. Em sua opinião, diante de uma contratura ou paralisia histérica, a indução de um ataque poderia reverter a situação: ou seja, provocar um ataque constituiria uma espécie de recurso terapêutico (p.115). Este recurso era uma consequência do fato de vislumbrar o corpo da histérica povoado por 'pontos sensíveis' – pontos histerogênicos, como denominou –, capazes de produzirem os ataques quando comprimidos; a compressão dos ovários, em particular, se prestava excepcionalmente bem para este fim.

Abrindo aqui um parêntese, é importante destacar que, a esta época, já não era o útero que era suposto ser a causa da histeria, mas os ovários. Sobre isto, Swain (1986[1983]) indica que Négrier, em 1858, ao se deter sobre o estabelecimento do ciclo de

ovulação, sugeriu mudar o nome de histeria para ovaria, de vez que, para ele, as desordens atribuídas desde a Antiguidade ao útero na histeria se deviam, em realidade, aos ovários (p.16)¹⁴. Neste sentido, é curioso ver Charcot (1975[1887]) se defendendo das acusações de ter sido um dos responsáveis – através de sua concepção da histeria como uma enfermidade ovárica – pelas inúmeras cirurgias realizadas de ablação dos ovários com vistas à cura da histeria (p.120). Em sua própria defesa, Charcot (1975[1887]) alega que a única coisa que afirma é que algumas enfermas tem um ponto doloroso ovárico e que, quando este ponto existe – pois que há algumas que não são ováricas – pode-se tirar proveito dele para deter o ataque (p.120).

O raciocínio de Charcot (1975[1887]) é sutil e curioso: de um lado, lança mão de antigas tradições para situar na região ovárica do corpo um ponto especialmente sensível para a histérica; de outro, distanciando-se da tradição – pois os pontos histerogênicos não são pontos originados por um deslocamento nem do ovário, e nem do útero – entende o corpo feminino inundado por pontos particularmente sensíveis. Vale observar, contudo, que subjacente a seu raciocínio há a idéia de que o ataque induzido pela pressão nos pontos histerogênicos provocaria uma 'descarga' capaz, em muitos casos, de reverter sintomas, como aqueles oriundos de contraturas e paralisias derivadas de acidentes traumáticos. Se, em função disto, uma dimensão nova acerca da afecção histérica pode ser vislumbrada no pensamento de Charcot, a associação entre histeria e fisiologia sexual feminina não deixa de ser por ele mantida. Será esta associação que, na opinião de Swain (1986[1983]), vai dar não só a medida da herança legada a Freud por seus mestres, mas também da ruptura por ele operada, se considerada a articulação que veio a estabelecer entre neurose e sexualidade (pp.16-7).

Foi exatamente este cenário de acolhimento e entendimento da histeria que Freud encontrou quando, por quatro meses entre os anos de 1886 e 1887, conviveu com Charcot na Salpêtrière. Um Charcot que, desde 1870, assumira a direção de uma seção especial desta casa de abrigo, seção que a "a administração havia reservado para um número particularmente grande de pacientes mulheres que sofriam de contrações espasmódicas" (Lorenzer,1987[1984]:77). O mesmo Charcot que, em 1878, havia estendido seu interesse

¹⁴ E lembremos aqui das cirurgias de ablação dos ovários a que nos referimos no segmento anterior.

para o hipnotismo, investigando-o cientificamente e "utilizando algumas de suas pacientes histéricas mais dotadas como pessoas de ensaio" (Lorenzer, 1987[1984]:77).

Mas, se a histeria, na Paris da Salpêtrière, se deu a ver através de mulheres pobres que se revelavam como incapacitadas para a vida e para o trabalho, em Viena, ela viria a se mostrar nas camadas mais abastadas da sociedade¹⁵. Mas, para que esta 'mostração' se realizasse era preciso, antes de mais nada, alguém que pudesse reconhecê-la e acolhê-la.

Foi na rua Berggasse, número dezenove, que as mulheres de Viena encontraram, em Freud, a acolhida para suas dores e sofrimentos. Foi por esta porta que Emmy von N., viúva de meia-idade, abandonando seu castelo à beira do Báltico, adentrou no cenário psicanalítico. Diferentemente dela, Cecilie M., também muito rica, não ia à Berggasse, mas aguardava Freud em seu próprio domicílio para tratar-se. E houve também Elizabeth Von R., de família rica e criada na Hungria em uma grande propriedade. Apesar de mais humildes que essas, também Miss Lucy R., a governanta inglesa, e Fraulein Katharina, a mocinha do hotel dos Alpes, estavam longe de poderem ser comparadas às mulheres da Salpêtrière. Mas, se sua posição social era outra, algo as aproximava daquelas 'pobre coitadas' de Paris: havia nelas um tipo de sofrimento que, expressando-se no corpo, se fazia acompanhar de estranhos estados afetivos e mentais. Cinco mulheres que, através de Freud, vieram dar à histeria uma nova dimensão que, mesmo mantendo fortes laços com o que, até então, era associado à enfermidade, traria em seu bojo uma enorme ruptura.

Assim, se ao menos em seu ponto de partida, se mantém no novo saber que se inaugura com Freud uma articulação entre a histeria e o que se mostra como 'excesso', anseio sexual ou volúpia, e se o clitóris permanece sendo entendido como o correspondente anatômico feminino do pênis masculino – ficando ausente, portanto, a perspectiva de que existiria um órgão de prazer exclusivamente feminino – ainda assim, a abordagem freudiana inicial da histeria vai deslocar sua antiga dimensão de maneira irremediável, dando origem a uma teoria da sexualidade que inscreverá, definitivamente no campo dos saberes, a noção de psicosexualidade.

Mantendo-se como a principal porta de entrada do sofrimento feminino, a histeria – tanto quanto com Sydenham e Charcot que tinham a respeito dela diferentes concepções

¹⁵ Bertin (1990[1989]) nos dá um bom retrato das primeiras pacientes histéricas de Freud. A este respeito, ver, especialmente, pp. 84-5.

que orientavam distintas condutas e procedimentos clínicos – também encontrará no campo psicanalítico um solo produtor de reflexões capazes de resultar em diferentes modelos interpretativos do que, psiquicamente, nela estaria em jogo, determinando, por isto, variadas técnicas de intervenção.

O que vamos acompanhar ao longo das páginas que vão se seguir constitui-se, então, no testemunho do fato da histeria – enquanto apreendida como expressão emblemática do sofrimento feminino – ter produzido no próprio seio do pensamento psicanalítico diferentes técnicas para a abordagem clínica deste sofrimento. Mas, para além disso – e como consequência de acabar sendo genericamente entendida como resultando de um impasse vivido pela mulher no caminho da feminilidade – vamos também acompanhar as diferentes versões produzidas em relação ao que seria, propriamente, considerado como da ordem de uma feminilidade atingida.

CAPÍTULO I

A HISTÉRICA:

OS IMPASSES RUMO À FEMINILIDADE

E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DOS FREUDIANOS

Tivemos oportunidade de acompanhar, ainda que de forma reduzida e apenas esquemática – considerada a complexidade das tramas sociais, morais, políticas e religiosas –, a trajetória em que se desdobraram os pensamentos sobre a mulher da Antiguidade ao século XIX. Pensamentos que fizeram não só com que a histeria aí chegasse sendo entendida como uma enfermidade associada à fisiologia sexual feminina – oscilando entre ser considerada uma afecção do espírito ou do sistema nervoso –, como também com que a maternidade fosse apreendida como a representante maior de uma 'natureza feminina' notadamente frágil e passiva e, por isso, plenamente compatível com as atividades socialmente requeridas para as posições de mãe zelosa e esposa contida, quase exclusivamente reservadas às mulheres daquela época. Entretanto, tivemos oportunidade de acompanhar, acima de tudo, como o corpo feminino foi sendo apreendido em sua especificidade – como um corpo invertido e negativizado em relação ao do homem – e em que algo 'vivo', o útero, responderia pelos excessos e volúpias sexuais dos quais muitas mulheres frequentemente dariam o testemunho. Pudemos ver, também, o efeito que teria sido produzido a cada nova 'descoberta' a respeito deste corpo, ilustrando-o tanto o horror religioso gerado pela descoberta anatômica do clitóris quanto a desqualificação do erotismo feminino diante da constatação de que a ausência de orgasmo em nada afetaria a fertilidade da mulher.

O que vamos agora começar a acompanhar é como alguns destes pontos – nomeadamente: o corpo feminino como negativizado; o clitóris como o correspondente anatômico nas mulheres do pênis masculino; a feminilidade como se expressando essencialmente pela passividade; e a valorização da maternidade como a representante maior da feminilidade – vieram encontrar seu lugar no dizer psicanalítico de Freud a respeito das mulheres e da sexualidade feminina. Se, de certo modo, podemos inferir que a combinação de alguns destes elementos tinha gerado, no plano das representações sociais,

uma certa desqualificação do corpo feminino, privilegiando nele apenas sua potencialidade geradora, podemos inferir também que, ao perceber-se assim desqualificada, a própria mulher teria acabado por desqualificar seu gênero, se insurgindo, conseqüentemente, contra sua própria anatomia. Mas, se este raciocínio tem por substrato a idéia de uma subjetivação do corpo a partir de determinações sócio-culturais, esta idéia apenas 'engatinhava' nos meios intelectuais daquela época, tendo suas bases sido lançadas, gradativamente, pelos conhecimentos científicos advindos da biologia e da medicina e pelas transformações sociais tributárias da emergência do individualismo¹⁶.

Por conta disto, o que vamos acompanhar nas próximas páginas diz respeito, em primeiro lugar, aos esforços iniciais de Freud no sentido de circunscrever teoricamente as razões que fariam com que pudesse ser observada uma conexão entre um acontecimento traumático e os sintomas que, mais frequentemente, suas pacientes histéricas desenvolviam: contraturas, paralisias, tiques, sufocação... Se a influência de Charcot se faz presente em relação a este ponto, servindo a Freud para partir daquilo que Charcot havia indicado – que havia uma ligação entre um acontecimento e o sintoma histérico – o que surge como novidade é a própria noção de que um aparelho psíquico regularia, nos sujeitos, um modo particular de significar um acontecimento e reagir a ele. No entanto, neste primeiro momento de elaboração e de criação da própria psicanálise, se Freud introduz esta grande inovação considerando a existência de um aparelho psíquico a regular, no humano, suas apreensões e interpretações da realidade, veremos que este é um Freud que, apenso às representações sociais de seu tempo – pois não poderia mesmo ser indiferente a elas – entende as mulheres histéricas como vitimadas pela 'perversidade' dos homens e por uma educação opressiva e repressora que afetariam as vias de seu erotismo. De qualquer modo, ficará claro que, mesmo valorizando num primeiro momento estes aspectos, foi considerando o registro inconsciente dos efeitos psíquicos produzidos por essa vitimização e por esta educação repressora que deu a partida no dizer psicanalítico sobre elas.

Mas, o que vamos também acompanhar nas próximas páginas diz respeito ao modo como a fala cultural e secular sobre o corpo feminino foi captada por Freud, através especialmente da escuta das histéricas: no registro dos efeitos inconscientes produzidos no psiquismo pela diferença anatômica entre os sexos. Há, portanto, algo novo que se produz

¹⁶ Swain (1986[1983]) faz uma análise rica e pormenorizada desta questão. Ver, especialmente, pp. 30-2.

aqui e que diz respeito à subjetivação da anatomia, ponto que vai se constituir no grande traço, ou na marca maior do pensamento freudiano a respeito da sexualidade.

Partindo então do ponto de ruptura em que vemos repousar a perspectiva freudiana de histeria – perspectiva que inaugura a psicanálise e que se funda na constatação clínica de que uma 'defesa', face a situações aflitivas de caráter sexual precocemente vividas, fixaria no inconsciente a origem desta enfermidade – acompanharemos os desdobramentos teóricos e metapsicológicos que, a partir daí, se impuseram a Freud e a seus discípulos, e que deslocaram esta abordagem psicanalítica inicial da histeria para uma outra, que teria nas consequências psíquicas produzidas pela anatomia seu eixo principal. Consequências capazes de produzir efeitos no exercício da sexualidade de todos os humanos e, especialmente no tocante às mulheres, responsáveis maiores por seu complexo caminho rumo à feminilidade.

Deste modo, se dizer 'sim' ao sexo foi entendido inicialmente pela abordagem psicanalítica como a maior dificuldade da histérica em função de traumas sexuais precocemente vividos, Freud deu logo de saída, a esta dificuldade, um contorno teórico e metapsicológico que acabou por retirar definitivamente a histeria do contexto de uma enfermidade associada à fisiologia sexual feminina, para situá-la como o efeito de um conflito inconsciente instalado no âmbito do aparelho psíquico. Para além disso, entretanto, foi dando ouvido às históricas, em seus mais arcaicos desejos, que Freud e seus contemporâneos puderam entrever na esquivia da histérica ao sexo um efeito psíquico da anatomia, uma vez que 'querer ter sido homem' soava, então, em uníssono pela boca de muitas mulheres.

Entre estas duas abordagens, entretanto, uma complexa rede de elaborações teóricas foi-se desdobrando, fazendo especialmente da defesa não o resultado de uma vivência sexual precoce imposta por um adulto a uma criança ingênua e indefesa, mas o resultado de um mecanismo psíquico especial, o recalque, face aos próprios desejos e fantasias sexuais infantis dirigidos aos genitores. Assim, se o exercício do sexo – dificuldade maior da histérica – serviu como ponto de partida, logo este sexo deu lugar ao sexual, enlaçando-se com as vias do desejo organizadas pelo complexo edípico.

Acompanhar esta trajetória é nosso objetivo aqui; através dela, teremos oportunidade de demonstrar como a histeria foi dando a Freud os elementos para afirmar

que a feminilidade seria atingida através do desejo da mulher em ter um filho, constituindo-se assim o destino feminino na maternidade no produto ou no efeito de uma dinâmica inconsciente agenciada em suas bases pelo anseio de ser como um homem. Tornar-se uma mulher feminina seria, portanto, um efeito psíquico da anatomia e, não mais, o efeito de uma fisiologia ou de uma 'natureza'. A permear tais conclusões, a evidência de que as mulheres invejariam o pênis, inveja que emprestaria ao tão enigmático complexo de castração, por elas vivido, todo seu sentido.

Neste percurso, sublinharemos como histeria, mulher, maternidade e feminilidade acabaram, então, por compor uma série que se rebateria na clínica, fazendo com que os embaraços e entraves da histérica no caminho desta maternidade-feminilidade circunscrevessem e orientassem o fazer clínico do analista.

Assim, retomando a clínica de Freud e de seus discípulos iremos acompanhar, de um lado, como a figura da histérica foi crucial para a construção do saber psicanalítico sobre o 'tornar-se mulher' e, de outro, como a clínica da histeria foi-se desdobrando em função das elaborações que iam se tecendo a respeito do caminho psíquico requerido à mulher rumo ao ideal de feminilidade: a maternidade.

Mas, se em termos teóricos, Freud se manteve, ao mesmo tempo, próximo e distante dos padrões culturais de feminilidade predominantes em sua época – próximo, por ver o destino feminino confinado na maternidade e, distante, por acreditar que elas, as mulheres, é que guardavam os verdadeiros 'segredos' da assunção psíquica do sexo, por fazerem do pênis-falo seu operador maior por vivê-lo como ausente em seu próprio corpo – em termos clínicos, foi 'apostando' na possibilidade das mulheres trocarem seu desejo de um pênis pelo desejo de um filho, este sim um desejo feminino, que as análises das mulheres foram conduzidas. Um desejo, entretanto, que, a nossos olhos, não garantiria às mulheres um destino alheio ao da histeria. Afinal, por trás desta concepção que emparelhava feminilidade e maternidade, uma histérica ainda podia ser entrevista...

1.1 – FREUD E A HISTÉRICA: O SURGIMENTO DO DIZER PSICANALÍTICO SOBRE A MULHER

*“O estado histérico é um efeito tardio
de uma emoção vivida no passado.”
(Freud)*

Costuma ser aceita sem muita discussão em nosso campo a idéia de que *Os Estudos sobre a Histeria* constituem o primeiro texto freudiano de cunho psicanalítico, trabalho que exigiu de Freud e de Breuer, seu maior colaborador na época, pelo menos dois anos de dedicação. É explicável: entre a *Comunicação Preliminar* (1893) e a *Psicoterapia da Histeria* (1895), uma arrojada proposta freudiana se delineia, proposta que tinha como pretensão, em última instância, a construção de uma ciência explicativa da mente, mas em que a compreensão pudesse estar incluída. Nele, Freud se movimenta no sentido de fazer convergir explicação e compreensão, empenhando-se, portanto, tanto na tarefa de explicar os fatos de maneira universal, o que seria uma característica das ciências da natureza, quanto na tarefa de valorizar o sentido e a intencionalidade, marca maior das ciências do espírito. Desta forma, os *Estudos* trazem a primeira explicação de uma grande novidade – pois a noção de mecanismo psíquico era absolutamente nova – aliada a uma compreensão da mesma sustentada no sentido, ou seja, na significação emprestada por cada sujeito às situações de sua própria vida.

Mas, se esta fórmula acabou tornando impensável falar de psicanálise sem uma estreita articulação entre teoria e clínica, ela resumiria também uma extraordinária empreitada: explicar teoricamente e de uma maneira que valesse para todos os indivíduos aquilo que, clinicamente, tinha sido observado em apenas alguns. Neste sentido, os *Estudos* se situam como uma tentativa de isolar e descrever os mecanismos psíquicos de todos os fenômenos histéricos. Descrever os mecanismos psíquicos desses fenômenos, a partir do atendimento psicoterápico de algumas poucas mulheres foi, sem dúvida, uma empreitada original.

Mas, como já destacamos, além da histeria ser uma doença muito comum naquela época e objeto de pesquisa para muitos, alguns médicos já haviam também descoberto que, sob hipnose, poderia ocorrer a suspensão temporária dos sintomas, o que provava, de certo modo, seu parentesco ou afinidade com as doenças mentais. Quanto à origem sexual da

histeria, se ela tinha uma herança secular, era uma herança que convidava a ver na fisiologia sexual feminina a gênese da doença, ou seja, o sinal de que, na mulher, o útero estava no comando.

Freud, no entanto, tocado e impressionado pelas questões trazidas à luz por Breuer no relato de seu atendimento a Anna O., descortinou na hipnose a possibilidade de ter acesso a aspectos da mente antes insuspeitados, mas cujas pistas teriam sido dadas por Delboeuf em 1889, por Binet em 1892 e por Janet em 1889 (Freud e Breuer, 1987 [1893]:44.N.1). Assim, se o uso da hipnose não era, em si, uma novidade, o objetivo para o qual ela seria usada, por Freud, o era: "para persuadir o paciente a produzir material proveniente da região inconsciente da mente", resume o editor inglês de suas obras, em seu comentário introdutório aos *Estudos* (p.23).

Combinando, então, os conhecimentos sobre a hipnose com as observações de Charcot (1887) – de que haveria uma conexão entre um acontecimento traumático, um acidente, por exemplo, e a emergência de fenômenos histéricos, como contraturas e paralisias – Freud e Breuer (1893) apostam nessa conexão para investigar sua presença principalmente nos casos em que ela não era tão evidente. Partindo inicialmente do método hipnótico vão atrás do trauma, um acontecimento aflitivo, vendo nele um provável agente desencadeador dos sintomas histéricos, mesmo nos casos de histeria não traumática, ou seja, naqueles em que os sintomas eclodiam sem uma razão aparente.

Acompanhando passo a passo a *Comunicação Preliminar*, vemos o pensamento científico que orienta a exposição fazer com que surja a necessidade de definir o que é um trauma. Mais do que isto, era importante delimitar as razões que faziam com que, do ponto de vista do indivíduo, uma situação fosse vivida como traumática; afinal, uma mesma situação bem poderia ser traumática para um e não para outro. Freud e Breuer (1987[1893]) tratam disso em detalhe para, ao final, concluírem: só é traumático aquilo que não foi expresso ou descarregado em palavras ou ações, ou aquilo que não encontrou caminhos alternativos de elaboração através de outras associações mentais que mitigariam a dor ou o desconforto ao poderem fornecer, em sequência ao sofrimento, elementos e razões capazes de atenuá-lo (pp.46-8). Em resumo, a falta de reação adequada a um acontecimento é que o tornaria traumático. O trauma psíquico estaria, portanto, ligado a experiências capazes de provocar afetos aflitivos não descarregados.

Subjacente a estas premissas, um modelo representacional do pensamento orienta as considerações de Freud e de Breuer, modelo em que a representação diz respeito ao conteúdo ideativo do pensamento, enquanto o afeto se articula à carga de energia a ele vinculada. O que acontece com a representação, ou seja, seu destino no aparelho psíquico, e com o afeto quando o indivíduo se vê diante de uma situação dolorosa torna-se, então, a base da explicação do mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos.

Por conta disso, os fenômenos histéricos que Freud via se manifestarem em suas pacientes tomadas de dores, perda de algumas sensações, tiques, falta de ar e sufocamento, dentre outros, acabariam sendo explicados pelo fato destas mulheres não terem podido reagir adequadamente a situações aflitivas. A lembrança da situação – que em cada uma delas teria permanecido com toda a carga afetiva, pois que esta não teria sido descarregada por uma reação – estaria, entretanto, fora do campo da consciência, mas atuando como 'corpo estranho' no inconsciente. Um 'corpo estranho' que encontraria, no entanto, meios para se fazer expressar no corpo, através da possibilidade conversiva da energia. A este complexo funcionamento, Freud vai ainda acrescentar o caráter sexual do trauma¹⁷, vendo no substrato das manifestações histéricas de suas pacientes a presença inquestionável de experiências desta natureza:

“(...) qualquer que seja o caso que tomemos como ponto de partida, *no fim chegamos impreterivelmente ao campo da experiência sexual*. Aqui, portanto, pela primeira vez, parece que descobrimos uma precondição etiológica dos sintomas histéricos.”

(Freud, 1987[1896b]:185. Grifos do autor)

Durante um bom tempo, Freud até acreditou que este caráter sexual do trauma se devesse à sedução precocemente experimentada e relatada com dificuldade e vergonha por praticamente todas as suas pacientes histéricas, entendendo a dolorosa incidência desta estatística como derivada da natural susceptibilidade das meninas em provocarem ataques sexuais, aliada à passividade que lhes seria típica no período pré-sexual, ou seja, antes da puberdade (Freud, 1987[1896a]:155). Cabe observar, aqui, que Freud emprega o atributo de passividade na referência às meninas como se ele fosse uma tendência natural nas pessoas do sexo feminino, movimentando-se, portanto – e talvez sem se dar conta – num contexto secular de referências sobre aquilo que, nas mulheres, sempre tinha sido considerado típico.

¹⁷ Freud insistiu nisto especialmente nos textos entre 1896 e 1898.

Freud entendia também que, muitas vezes, nestas situações, as meninas não 'compreendiam' as intenções do adulto ou a significação das carícias de que eram objeto; entretanto, mesmo sem entenderem, elas 'sentiam' a excitação para a qual seu corpo não estava ainda preparado ou aparelhado. Assim, com o avançar da idade, com o crescimento e através de uma maior compreensão das relações em jogo entre homens e mulheres, a observação ou a participação em uma cena capaz de encontrar uma via associativa com a antiga situação acabaria podendo emprestar sentido traumático à situação anterior.

Nos quatro casos narrados por Freud nos *Estudos*, e que são a base clínica de suas elaborações teóricas, pode ser entrevisto o caráter sexual e erótico subjacente aos sofrimentos históricos de suas pacientes. Especialmente quando expõe suas conclusões sobre Elizabeth von R., nos diz que:

“Ela recalçou sua idéia erótica fora da consciência e transformou a carga de seu afeto em sensações físicas de dor.” (Freud, 1987[1893]:175)

Se compararmos, ainda que de um ponto de vista apenas superficial e genérico, as considerações de Freud sobre a histeria e aquelas que o precederam, a distância entre elas já surge com dimensões abissais. Ainda que se mostre central às considerações freudianas a perspectiva de que uma 'excessiva' energia – a excitação de caráter sexual – encontraria no corpo da histérica uma forma de escoamento, o que aproximaria seu pensamento do ideário mais vulgar de sua época, convém notar por outro lado que, em Freud, nenhum aspecto da fisiologia sexual feminina é requerido para sustentar qualquer uma de suas argumentações. É na referência ao que se desenvolve no âmbito do aparelho psíquico – através do destino consciente ou inconsciente das representações, e na possibilidade da carga de energia correspondente aos afetos se manter minimamente tensionada – que Freud se movimenta, nos falando, então, de mecanismos. Assim, se tanto quanto seus antecessores, Freud percebia nas mulheres uma maior propensão para expressar, no corpo, um sofrimento de caráter sexual, para ele, este sofrimento tinha raízes em outro lugar, e não no útero ou no ovário; com isto em mente, através da noção de 'conversão' acabou emprestando à evidente incidência de manifestações somáticas na histeria um caráter simbólico e, portanto, passível de ser decifrado e interpretado.

É sob esta ótica que, ainda prestando homenagem a Charcot, vê nas dores da coxa direita de Elizabeth a manifestação de "uma zona histerogênica atípica" (Freud, 1987 [1893]:162), "lugar que seu pai costumava apoiar a perna todas as manhãs, enquanto ela

renovava a atadura em torno dela" (Freud,1987[1893]:162). Três anos mais tarde, referindo-se à relação que os pontos histerogênicos verificados por Charcot poderiam ter com sua própria teorização, comenta:

“Ao se tocar determinado ponto, faz-se uma coisa que não se pretendia: desperta-se uma lembrança que pode desencadear um ataque convulsivo e, como não se sabe coisa alguma sobre esse vínculo psíquico intermediário, o ataque é diretamente ligado à ação do contato. (...) Ao conseguir, entretanto, reunir os motivos conscientes e inconscientes a fim de explicar uma reação histérica, o médico é quase sempre obrigado a reconhecer que a reação aparentemente exagerada é adequada, sendo anormal apenas em sua forma.”

(Freud, 1987[1896b]:200-1)

Se a reação convulsiva do ataque histérico não era entendida por Freud (1987[1896b]) como exagerada, isto se devia ao fato de, a seus olhos, ela dizer respeito a uma reação de grave e intensa ofensa vivida na infância – o ataque sexual – que nunca teria sido superada (p.200).

Um olhar sobre a passagem desta perspectiva inicial, em que uma teoria do trauma ou da sedução orienta as reflexões freudianas, para um outro tempo de reflexões e elaborações em que a fantasia ganha não só força sobre a realidade, mas também uma dimensão de causalidade na etiologia da histeria e das neuroses em geral, nos permitirá entender porque Freud acabou se vendo obrigado a considerar as particularidades da anatomia feminina para elaborar suas mais definitivas considerações não só sobre a histeria, mas também sobre a sexualidade da mulher e sobre a feminilidade. Mas, como teremos oportunidade de detalhar, se Freud passou a considerar a peculiaridade da anatomia feminina, passou também a apreender o sexual numa outra dimensão que absolutamente não se restringiria ao sexo e que transformaria a criança inocente – uma criança muito assemelhada à criança de Rousseau, portanto – numa criança sexualizada, constituída em seu inconsciente pela busca de prazer.

1.2 – A GRANDE LIÇÃO DA HISTÉRICA: O SEXUAL NÃO É O SEXO

“Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças.”
(Freud)

Salientamos a novidade introduzida por Freud – através de sua parceria inicial com Breuer – ao conceber a histeria como uma enfermidade derivada da dificuldade enfrentada, especialmente pelas mulheres, em lidarem no plano da consciência com lembranças de situações experimentadas como intoleráveis ou inaceitáveis porque eventos de caráter sexual, precocemente vividos, teriam deixado seus corpos à mercê de excitações para os quais não estariam ainda preparados. Esta grande novidade – teorizada e situada por Freud no âmbito do aparelho psíquico que, para se defender, lançaria no inconsciente a razão principal do desprazer e do desconforto – não veio, entretanto, a se mostrar a única ou a marca maior de seu pensamento a respeito da histeria em particular, e das neuroses de modo geral.

Se Freud ouvia de suas pacientes uma insistente e numerosa referência a situações de ultraje, de assédio e de sedução sexual, bem cedo¹⁸ começou a suspeitar que as cenas às quais suas pacientes faziam menção eram, em verdade, fantasias por elas tecidas em algum momento de suas infâncias. Assim, se a etiologia das neuroses podia ainda ser sustentada nas experiências sexuais da infância, não seria, entretanto, em função de uma experiência real de sedução, referida ao sexo ensejado por um adulto em relação a uma criança indefesa, mas devido à vida sexual das próprias crianças, ou seja, em função da natureza de uma outra realidade, a psíquica:

“Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; segundo minha experiência, as crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas. Assim como a totalidade do aparelho sexual humano não está compreendida nos órgãos genitais e nas duas glândulas reprodutoras, também a vida sexual humana não começa apenas na puberdade, como poderia parecer a um exame superficial.”
(Freud, 1987[1898]:250)

Estas atividades sexuais psíquicas (as fantasias) e somáticas infantis (o chupar o

¹⁸ Em carta a Fliess (1897) faz menção ao fato. Em 1898 tornaria pública sua nova visão.

dedo, a masturbação etc) receberam destaque nos *Três Ensaio*s de 1905, sendo descritas como atividades regidas pela pulsão sexual que, desligando-se de pronto das necessidades vitais, cumpriria suas metas de satisfação através da busca repetida de prazer nas regiões do corpo originalmente destinadas às funções de auto-conservação.

De certa forma, os pontos histerogênicos de Charcot encontram ainda lugar nesta nova teorização freudiana, ainda que não um lugar conferido exclusivamente ao corpo da histérica, mas a todos os humanos: as zonas erógenas – "parte da pele ou da membrana mucosa em que os estímulos de determinada espécie evocam uma sensação de prazer possuidora de uma qualidade particular" (Freud,1987[1905a]:187-8). Mas, se Freud via o corpo de todos os humanos se configurando como um corpo sexual a partir da erogeneização de suas mucosas, via também o corpo da histérica especialmente atingido por ela, uma erogeneização que, já na idade adulta, expressaria a dificuldade em encontrar a satisfação almejada através dos genitais. Nesta época, diria sobre a histeria:

"Nessa neurose, a repressão afeta a maioria das zonas genitais reais e estas transmitem sua suscetibilidade ao estímulo de outras zonas erógenas (normalmente esquecidas na vida adulta), que então se comportam exatamente como genitais. (...) As zonas erógenas e histerógenas mostram as mesmas características." (Freud,1987[1905a]:188)

A maneira como Freud entende os sintomas de Dora, sua afonia e sua tosse nervosa – "cujas origens poderiam remontar às características de um lactente" (Carta 141. *Apud* Strachey, *ESB*,VII,p.2) – agregada à sua aversão aos homens em estado de excitação sexual (Freud,1987[1905b]:28) dá bem a medida do que via acontecer com as histéricas sob seus cuidados: uma lógica curiosa, em que a intensa aversão ao sexo seria a resposta psíquica às intensas fantasias e prazeres sexuais desde muito tempo presentes em sua vida anímica. Ou seja, a contradição enigmática da histeria residiria na presença simultânea, tanto de um anseio sexual exagerado quanto de uma aversão excessiva à sexualidade (Freud,1987 [1905a]:167).

Mas, se o caráter sexual dos prazeres infantis era entendido por Freud como a principal marca da constituição da sexualidade nos humanos, a explicação de um destino destes prazeres na heterossexualidade também não dependia de nenhuma 'natureza': desejos inconscientes estariam no comando. A análise de sonhos insistentemente narrados por pacientes neuróticos tinha fornecido a Freud a 'chave' de tais desejos: o complexo de Édipo. Sonhos considerados 'típicos' (Freud,1987[1900]:282) tinham podido revelar que uma

preferência sexual já se faria sentir na infância, como se os meninos olhassem o pai como um rival, e as meninas, a mãe (p.271). Estar apaixonado por um dos genitores e odiar o outro seria, então, em linhas gerais, "um dos constituintes essenciais do acervo dos impulsos psíquicos" (p.276) infantis, acervo presente não só nos neuróticos, mas também nas pessoas consideradas normais (p.277).

Freud (1987[1900]) vê, neste momento, a confirmação desta descoberta na comoção provocada desde sempre e em todos os tempos pela lenda do Rei Édipo, de Sófocles (p.277). Mas, se lança mão de Édipo para mencionar o que, em sua opinião, diria respeito ao desejo de todos os humanos – um desejo que a narrativa da lenda (tanto quanto o trabalho da psicanálise) acabaria por desvelar – também lança mão do Hamlet, de Shakesperare, para considerar, ao menos, um dos modos pelos quais a repressão imposta à vida emocional na espécie humana viria a interferir no destino destes desejos quando o indivíduo, já na vida adulta, se vê confrontado com as exigências da realidade. Apoiando-se naquilo que os desejos infantis da morte dos genitores incessantemente lhe informava, destaca a profunda inibição de Hamlet em relação à tarefa que lhe cabia – vingar a morte do pai assassinado pelo tio – e considera que, se ele não conseguia desvencilhar-se desta incumbência, era porque se via tomado de auto-recriminações e de escrúpulos que o lembravam que, ele próprio, literalmente, não era melhor que o pecador que deveria punir (p.281). Ao lado, entretanto, desta fulgurante interpretação edípica da inibição de Hamlet, não deixa de ser curioso verificar o peso que a aversão da histérica pelo exercício da sexualidade tinha para Freud neste momento. Afinal, é tomando esta aversão como paradigmática da histeria que o próprio Hamlet será entendido como um histérico (p.281), apesar de sua culpa quase obsessiva.

Assim, se já em 1900 a trama edípica se insinuava como orientando os contornos da sexualidade adulta em sequência aos desejos infantis dirigidos às figuras parentais, em 1905, na época dos *Três Ensaio*s, esta idéia será reafirmada: fantasias incestuosas relacionadas ao genitor de sexo oposto estariam na origem das escolhas de objeto sexual feitas na puberdade (Freud, 1987[1905a]:233-4). Freud não deixa, entretanto, de levar em consideração, neste momento, algo que já em 1900 tinha chamado sua atenção, remetendo o leitor à consideração tecida anteriormente de que o menino se sentiria atraído pela mãe, sempre mais dedicada aos filhos do que às filhas, e a menina pelo pai, sempre mais zeloso

com elas do que com os filhos (Freud,1987[1900]:273). Um sexual nascido da relação com o outro aqui se delinea, deslocando para além de qualquer 'natureza', as razões que fariam com que os homens desejassem as mulheres e, as mulheres, os homens. Fantasias incestuosas regeriam o processo em que a afeição daria margem à emergência de anseios sexuais e, em reação a estes, barreiras morais seriam construídas como uma exigência cultural feita pela sociedade (Freud,1987[1905a]:232).

Assim, o fato de praticamente todas as suas pacientes histéricas expressarem uma profunda ligação ou afeição pelo pai – pacientes que chegavam ao ponto de adoecerem em decorrência do laço ser rompido, ou de maneira trágica, pela morte, ou pelo surgimento de outra mulher no campo dos interesses do pai – era entendido por Freud quase como um traço de feminilidade.

Cabe, contudo, observar que, em 1905, não é a sexualidade genital – ou seja, a que comporta a escolha de alguém em especial para seu exercício e entendida por Freud como ocorrendo apenas na puberdade, quando a pulsão sexual encontra em cada um dos sexos funções distintas que impulsionam a que um objeto seja buscado (Freud,1987[1905a]:213) – que recebe de Freud a maior atenção, não sendo mesmo a descrição deste tipo de sexualidade seu objetivo maior nos *Três Ensaios*. Numa vertente distinta, sua principal meta é a de apontar para o caráter sexual das manifestações somáticas e psíquicas das crianças, um caráter que lhes emprestaria uma dimensão desejante que teria raízes no traço indelével de prazer obtido desde as mais precoces experiências vividas em nome das funções de auto-preservação. Seria esta experiência de prazer que a criança visaria sempre renovar (p.186) e a característica maior da sexualidade infantil. A distinguir, então, a sexualidade infantil da sexualidade adulta, o fato de as pulsões sexuais na infância terem objetivos auto-eróticos e, na idade adulta ou a partir da puberdade, serem dirigidas a um objeto especialmente escolhido para este fim.

Foi somente a partir de 1910 que as ligações edípicas, tão claramente trazidas à luz pela clínica, começaram efetivamente a produzir rendimento no pensamento freudiano, fazendo com que o Édipo passasse a ser tomado como um 'complexo', referido já a investimentos intensamente dirigidos às figuras parentais ainda na infância, mas num plano já muito próximo do da genitalidade¹⁹.

¹⁹ Ver, a este respeito, as considerações de Laplanche e Pontalis (1988[1967]), pp.116 e seguintes.

Vale notar, então, que até 1905 a histeria já tinha sido abordada a partir de duas ênfases: a primeira, referida ao mecanismo acionado pelo aparelho psíquico face ao caráter inaceitável dos ataques sexuais de que a maioria das histéricas diziam ser vítimas, e bem ilustrada pelos casos narrados nos *Estudos*; a segunda, articulada à dimensão sexual da vida psíquica infantil, que deixaria inevitavelmente seus traços, impondo à mente um incessante trabalho para fazer convergir as satisfações desde sempre almeçadas com as exigências da realidade, e da qual sua análise de Dora é um exemplo. No entanto, pouco a pouco, a partir das considerações sobre o complexo edípico e no que diz respeito às mulheres, não só a histeria, mas também os destinos da sexualidade feminina começarão a ser revestidos de uma nova dimensão. Dimensão que, face à própria expansão do pensamento psicanalítico, fará trabalhar um grande número de discípulos de Freud.

Se o trajeto freudiano pode ser lido como deslizando do sexo para o sexual, vindo este último, através do Édipo, imprimir contornos à sexualidade, estando o exercício desta última sujeita a inúmeros obstáculos e desvios especialmente na vida adulta, vai ficando evidente que nesta abordagem, a sexualidade não é o efeito direto do sexo anatômico. Mas, dizer que não é efeito direto não significa dizer que a ele não diga respeito. Na verdade, com a introdução do complexo edípico como o que ordenaria o movimento desejanste da criança, as relações entre a realidade do sexo e a assunção de uma sexualidade compatível com ela começarão a instigar as reflexões freudianas. Entretanto, se os meandros e impasses – especialmente os referidos ao encaminhamento edípico da menina – ganharam terreno no campo destas reflexões especialmente a partir da década de vinte, o ganharam em função de uma questão muito especial: as mulheres não cessavam de declarar que gostariam de ter nascido homens (Freud, 1987[1916a]:356).

Nesse meio tempo, mais precisamente em 1915, Freud fez dois importantes acréscimos aos *Três Ensaíos* de 1905 que enriqueceriam, de modo significativo, sua primeira aproximação da sexualidade infantil. De um lado, sumarizou duas diferentes fases da organização sexual infantil, destacando além disso, que a escolha de um objeto sexual seria difásica, ou seja, ocorreria em duas ondas, a primeira começando entre dois e cinco anos de idade e a segunda se instalando na puberdade (Freud, 1987[1905a{1915}]:205-6). De outro, expôs resumidamente sua teoria da libido (pp.223-5), acrescida das considerações sobre o narcisismo, que corresponderia ao estado libidinal infantil em que o próprio eu se

constitui como um objeto especial a ser investido pulsionalmente almejando uma certa perfeição. Estas últimas considerações seriam já o resultado das observações desenvolvidas um ano antes e que merecem, aqui, nossa atenção. Detendo-se sobre a noção de narcisismo, Freud (1987[1914]) teria considerado que "os distúrbios aos quais o narcisismo original de uma criança se acha exposto" (p.109) seriam tributários do que poderia ser isolado como "complexo de castração" (p.109), complexo que, nos meninos, faria com que sentissem "ansiedade em relação ao pênis" (p.109) e, nas meninas, com que "o invejassem" (p.109).

Ao longo do ano de 1916, esta questão da inveja da menina em relação ao órgão do menino se mostrou recorrente no texto freudiano²⁰, embora o objeto central desta inveja – o pênis – ainda não fosse entendido como o pivô da questão edípica da menina. Quando esta questão vier, mais tarde, a ser considerada em todo seu espectro, a sexualidade feminina, ao lado de dizer respeito aos efeitos produzidos na menina por seus afetos dirigidos ao casal parental, será entendida também como agenciada por esta inveja face à realidade anatômica. Uma realidade anatômica que, desde 1908, tinha insinuado seu peso na vida psíquica infantil, tão fartamente ilustrada por Freud no que considerava como as teorias sexuais típicas da infância – teorias, *grosso modo*, produzidas pelo interesse da criança pelos problemas do sexo e derivadas do desconhecimento da diferença anatômica entre homens e mulheres.

Detendo-se sobre estas teorias, já em 1908 Freud havia reafirmado²¹ que os meninos seriam incapazes de imaginar que uma parte dos seres humanos seria desprovida de pênis (1987[1908]:219); quanto às meninas, também elas, em sua opinião, desenvolveriam em relação a esta parte do corpo masculino um vivo interesse, que seria, entretanto, logo seguido pela inveja (p.221). No entanto, as meninas, ainda que sem poderem contar com este órgão em seu próprio corpo, durante um bom tempo em sua infância agiriam como se tivessem dele um homólogo – homologia reconhecida pela anatomia e pela fisiologia dos processos sexuais, salienta Freud (p.220). Este homólogo seria o clitóris que se comportaria como um pênis genuíno, sediando excitações que incitariam ao toque e à masturbação. Estes aspectos reunidos acabariam, por sua vez, dando à atividade sexual da menina um caráter masculino.

²⁰ Ver, a este respeito, especialmente, Freud (1987): [1916a]:356; [1916b]:371; e [1916c]:389.

²¹ Já havia feito esta observação em 1905, nos *Três Ensaio*s (p.200).

Observemos que Freud lida com a genitália feminina se orientando pelos padrões anatômicos e fisiológicos da época. Vê a região clitoridiana da menina acoossá-la em termos de excitação e daí deriva a comprovação de que o clitóris se comportaria em homologia ao pênis, gerando o mesmo tipo de prazer que o obtido pelos meninos em suas atividades masturbatórias. Veremos, mais tarde, que esta concepção de Freud sobre a atividade sexual das meninas foi não só questionada, mas também contestada, rendendo controvérsias e divergências que se fariam sentir no plano teórico e clínico psicanalítico. Neste momento, entretanto, seria prematuro adiantar, em detalhes, os elementos desta polêmica.

Retomando, então, as idéias defendidas por Freud acerca das concepções infantis sobre o sexo e sobre os corpos de homens e mulheres, uma delas diria respeito ao desconhecimento da vagina por meninos e meninas, desconhecimento que estaria, afinal, encerrado não só na valorização dada por ambos ao pênis, mas que estaria também sustentado pela excitação gerada pelo clitóris. Em continuidade a este desconhecimento da vagina – os meninos a desconheceriam por não poderem supor que alguém não fosse provido de pênis; as meninas a desconheceriam porque a vagina não se faria sentir – restaria, então, às crianças imaginarem, quando diante da gravidez da mãe e das modificações geradas em seu ventre por portar um novo bebê, que este bebê encontraria seu caminho para o mundo como excremento, através da evacuação. A equação fezes=bebê resumiria bem a perspectiva infantil de uma teoria cloacal do nascimento.

Assim, ainda que em 1916 Freud já começasse a ouvir no cotidiano de sua clínica o lamento das mulheres por não possuírem um pênis em seu corpo, ainda estava longe de dar, a este lamento, a positividade que lhe seria emprestada anos mais tarde. De certo modo, as agruras da aspiração fálica começavam apenas a se insinuar aos ouvidos de Freud; quanto à psicanálise, esta começava apenas a engatinhar, ao menos na referência à sexualidade das mulheres...

1.3 – O PRIMEIRO GRANDE ENIGMA: O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

*“O que há em comum entre o complexo de masculinidade
e o complexo de castração na mulher
é a convicção dela de que poderia ter possuído os órgãos genitais do homem.”
(Van Ophuijsen)*

Em 1917, Van Ophuijsen²² publicou um trabalho que tinha como objetivo central trazer contribuições à observação freudiana, publicada um ano antes, de que as meninas se lamentariam por terem nascido mulheres e não homens. Tomando este lamento como central e ouvindo de algumas pacientes a confissão de que teriam se comportado na infância como se tivessem o órgão masculino, Ophuijsen vê nisso a emergência do que vai chamar de 'complexo de masculinidade'.

Entender o que estava em jogo no complexo de castração – especialmente em relação às mulheres – parecia uma tarefa delicada para os analistas da época: afinal, mais do que se lamentarem por não ter o que nunca tiveram, por quê algumas agiriam e se comportariam como se o órgão masculino não lhes faltasse? Se esta era uma questão que as mulheres remetiam aos analistas, em relação a ela pudemos destacar, pelo menos, duas versões ou tentativas de resposta produzidas neste momento da história da teoria em nosso campo. Versões diferentes entre si, mas que trariam em seu bojo considerações teóricas nunca abandonadas e que conteriam o germe de futuras dissidências e controvérsias. De um lado, Ophuijsen, em 1917, parte do acontecimento da observação dos genitais masculinos, pela menina, para avançar na questão; de outro, Stårcke, em 1921²³, toma como ponto de partida a ameaça de castração que precederia o complexo no caso dos meninos, para contrapor esta contingência à experiência das meninas – afinal, se esta ameaça, no caso delas, estava ausente, a gênese do complexo de castração deveria estar em outra parte.

Em linhas gerais, Ophuijsen (1994[1917]) – sustentando-se no que a clínica com mulheres vinha lhe informar – parte da consideração de que a observação feita, pelas meninas, dos genitais masculinos, seguida da comparação com seu próprio corpo, seria a

²² Van Ophuijsen foi um dos pioneiros da prática psicanalítica na Holanda, à qual vinha se dedicando desde 1913 (Hamon, 1994:327).

²³ August Stårcke também era holandês e, como psiquiatra, chegou à psicanálise após a leitura da *Interpretação dos Sonhos* (Hamon, 1994:327).

causa e a origem do complexo de masculinidade, complexo que revelaria o desejo inconsciente da menina de querer ser um homem; entretanto, vê também, nesta circunstância, o leito principal do complexo de castração. Objetivando demonstrar a raiz comum destes dois complexos – o de masculinidade e o de castração – lança mão do que a clínica podia lhe informar e considera que, na vigência 'mais bruta' – a expressão é nossa – do complexo de masculinidade não haveria significativa emergência de sentimentos de culpabilidade; ou seja, o fato de se perceber castrada ou sem o pênis não levaria a menina a se interrogar sobre seus próprios atos ou desejos responsáveis por este 'castigo'. Em lugar da culpa, que em sua opinião viria a caracterizar a emergência do complexo de castração, nas mulheres atingidas pelo complexo de masculinidade predominaria um sentimento de revolta e uma atitude de protesto (Ophuijsen, 1994 [1917]:13-4).

Como o desejo de ser um homem orientaria, no fundo, os dois complexos, Ophuijsen (1994[1917]) acaba por imputar a ambos o nome genérico de complexo de masculinidade e por considerar o complexo de castração como uma de suas possíveis manifestações. Chama a atenção, no entanto, para o fato de que a lembrança da observação dos órgãos masculinos seria, nestes casos, conservada pela menina, servindo como ponto de partida para um sistema fantasístico, sob a forma de uma lembrança encobridora. Deste modo, o olhar dirigido ao sexo masculino tanto poderia resultar numa reação de indignação (*por que não tenho um parecido?*) quanto de amargura (*deveria ter tido um também*), não escapando, também, como possibilidade a emergência de um sentimento de esperança (*um dia, um crescerá no meu corpo*). A reação da menina poderia, ainda, contrariamente às anteriores, se caracterizar pela presença de pensamentos ansiosos e de um sentimento de culpabilidade (*eu bem poderia ter tido um também, que pena que eu tenha estragado a minha sorte*) (p.16). Genericamente, então, haveria na menina uma 'ferida' geradora de sofrimento ou de irritação, de acordo com sua maneira particular de viver a falta do órgão tão ansiado (p.17).

Apoiando-se em cinco casos de pacientes neuróticas em que não haveria tendência para a culpabilização – pacientes que se incluíam, portanto, no contexto do que considera como um típico complexo de masculinidade – Ophuijsen (1994[1917]) enfatiza que nenhuma delas, entretanto, demonstrava uma atitude masculina muito pronunciada – nem em suas expressões, nem na forma de caminhar, nem desprezo pelos homens ou predileção

por atividades masculinas (p.16). Observe-se que seus argumentos distanciam estas mulheres – considerado o contexto social da época – da perspectiva de que haveria uma inversão em sua sexualidade. Assim, pode-se dizer que o complexo de masculinidade surge, aqui, como uma derivação possível do desenvolvimento sexual da menina face à comparação de seu órgãos com o dos meninos, ainda que uma derivação que acabasse, na ótica de Ophuijsen, por conduzi-las à neurose e, mais especificamente, à neurose obsessiva (p.15).

Falando ainda destas pacientes, Ophuijsen (1994[1917]) ressalta que três delas – das cinco que lhe forneceram o material clínico para esta exposição – se referiram, espontaneamente, ao fato de se imaginarem, ainda em meninas, portando *nymphas hottentotes*²⁴, o que fazia com que se sentissem muito diferentes das demais pessoas (pp.15-6). Comenta, ainda, que algumas delas lhe chamaram a atenção por revelarem anseios muito peculiares. Assim, uma lhe disse, textualmente, que 'queria poder urinar como um menino' (p.14); outra, confessou que, quando se sentia inquieta, tinha ímpetos de suplicar que sua mãe lhe desse alguma coisa que, no entanto, ela não podia lhe oferecer (p.15).

De certo modo, Ophuijsen (1994[1917]) detalha, neste texto, aspectos que Freud, em diferentes momentos – especialmente em 1914, 1915 e 1916 – já havia aventado. Assim, a 'ferida' em que se constituiria a falta de pênis vivida pela menina pode bem ser remetida ao plano do dano provocado em suas aspirações narcísicas. Mas, se o efeito da comparação de seus próprios genitais com o dos meninos também não era, em si, uma novidade – pois, em 1915, Freud teria anunciado que, nesta comparação, residiria a razão das meninas invejarem o pênis – observe-se que Ophuijsen não fala em inveja.

Ophuijsen (1994[1917]) defende, neste texto, duas idéias especialmente interessantes: de um lado, a hipótese de que o complexo de masculinidade seria o resultado de uma identificação da menina com o pai, gerada por uma profunda frustração nos anseios a ele dirigidos; de outro, a perspectiva de que o erotismo uretral teria, na menina, significativas relações com a excitação clitoridiana, que seria vivida, por ela, como peniana, ou seja, no rastro da fantasia, ou do desejo, de ter um pênis à semelhança dos meninos.

²⁴ Cabe esclarecer que esta expressão combina - através do primeiro termo, *nympha* - uma referência à região anatômica (a dos lábios da vulva) com o que pode, genericamente, ser tomado como seu prodigioso desenvolvimento, uma vez que o termo *hottentote* deriva de uma figura de mulher caracterizada por nádegas de significativas proporções. Ver, a este respeito, Hamon (1994), pp.15-6, Nota 1 do Editor.

Em 1919, a expressão 'complexo de masculinidade', cunhada por Ophuijsen (1917), foi usada por Freud (com o devido crédito ao colaborador), no momento em que estava às voltas com a análise de uma fantasia bastante comum em suas pacientes neuróticas, e que funcionaria como fonte de prazer – a fantasia de imaginarem crianças sendo espancadas – fantasia que se faria geralmente acompanhar, em seu ápice, de uma atividade masturbatória (Freud, 1987[1919]:225).

Uma das ênfases de Freud (1987[1919]), no entanto, é que, nestas fantasias, as meninas invariavelmente se transformariam em meninos, transformação não operada quando estes últimos fantasiavam uma cena de fustigação (p.247). Por conta disso, considera que haveria, no caso das meninas, uma 'complicação' (p.238), explicada pelo fato de, muito frequentemente, as meninas desenvolverem um 'complexo de masculinidade' ao se afastarem de seu amor incestuoso pelo pai, um amor já com significado genital (p.239). Em nossa ótica, esta 'complicação' mencionada por Freud (1919), se pensada à luz do texto de Ophuijsen (1917), fornece já algumas indicações importantes, tendo em vista que, ambos, não deixam de apontar, genericamente, para uma mesma questão: o fato de algumas mulheres viverem seu erotismo 'escapando às exigências' de seu sexo²⁵. Ainda que, diferentemente do que postula Ophuijsen (1994[1917]) – quando este distingue o complexo de masculinidade do complexo de castração – pese sobremaneira, nesta análise freudiana da fantasia de espancamento o sentimento de culpa da menina²⁶, o efeito produzido na vida erótica das mulheres em questão, tanto para Ophuijsen quanto para Freud, não chega a ser muito diferente. A este respeito, Freud (1987[1919]) alude, neste texto, ao fato de basear suas considerações no estudo de seis casos – quatro femininos e dois masculinos – sendo que, destes seis, pelos menos três eram de pacientes diagnosticados como neuróticos obsessivos (p.229). Esta consideração tem relevância aqui porque, em linhas gerais, tanto quanto os casos aos quais Ophuijsen faz alusão, não há nenhum caso de inversão ou de homossexualidade feminina, o que leva a crer que as pacientes mulheres de Freud,

²⁵ Lembramos, aqui, do trecho em que Freud (1987[1919]) alude ao ganho produzido na menina, por sua fantasia: "(...) a menina escapa inteiramente às exigências do lado erótico da sua vida. Em fantasia, ela transforma-se em homem, sem se tornar ativa à maneira masculina, e nada mais é do que o espectador de um acontecimento que toma o lugar de um ato sexual" (p.248).

²⁶ Vale lembrar que é justamente este sentimento o elemento que produz a reversão da fase mais antiga da fantasia para a fase intermediária, fazendo a menina transformar aquilo que era vivido com regozijo (ao ver as crianças rivais serem espancadas pelo pai) em punição (*meu pai me bate*).

incluídas neste grupo, em muito se assemelhavam às obsessivas descritas por seu discípulo.

Poucos anos após a publicação do trabalho de Ophuijsen²⁷, Stärcke também publicou um extenso artigo que tinha, como eixo central, suas reflexões acerca do complexo de castração²⁸. Logo de saída, Stärcke (1994[1921]) chama a atenção para o fato da expressão 'complexo de castração' recobrir, na literatura analítica, uma rede de pensamentos e tendências inconscientes, no centro da qual se encontraria a idéia do sujeito de ter sido, ou ter o medo de ser despossuído dos órgãos genitais masculinos (p.27).

O artigo de Ophuijsen serve, entretanto, a Stärcke (1994[1921]), como contraponto para as idéias que vai defender, tendo em vista que, enquanto seu colega reservava o uso da expressão 'complexo de castração' aos casos nos quais o sentimento da menina de ter sido genitalmente danificada ou incompletamente desenvolvida se associa à idéia de que isto seria o efeito de uma punição por uma falta sexual cometida – sendo, então, o complexo de castração apenas uma das manifestações do complexo de masculinidade –, ele mesmo, Stärcke, prefere considerar igualmente como efeito do complexo de castração os casos em que o sentimento de culpabilidade não é vivido como tal, mas projetado no ambiente e expresso pela amargura e pelo sentimento da criança²⁹ de ter sido injustamente tratada (pp.27-8).

Assim, se Ophuijsen tinha englobado, no espectro do complexo de masculinidade, tanto o desejo da menina de ser um homem quanto o sentimento de não poder sê-lo devido a uma falta cometida, Stärcke (1994[1921]), diferentemente, engloba estes mesmos sentimentos no espectro do complexo de castração, alegando preferir insistir nas semelhanças do que nas diferenças existentes entre determinado grupo de casos (p.28). Entretanto, veremos, na sequência, que esta determinação em 'insistir nas semelhanças' se ligará ao fato de Stärcke visar, com este seu artigo, situar o complexo de castração como

²⁷ O trabalho de Ophuijsen (1994[1917]) será examinado de forma mais detalhada na última seção deste capítulo, uma vez que o caso clínico que serve de base à exposição de seus argumentos será, por nós, tomado para ilustrar a prática clínica dos analistas freudianos, a esta época.

²⁸ As referências históricas indicam que este tema havia sido abordado não só no Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Haia, em setembro de 1920, mas pelo grupo de analistas holandeses nas reuniões preparatórias para o evento. Ver, a este respeito, Hamon (1994), p.27, N.1.

²⁹ Tudo indica que Stärcke (1994[1921]), em seu artigo, estará falando de algo referido à vivência das crianças de ambos os sexos. Nossa impressão deriva do fato de haver, na tradução francesa do texto alemão, o recurso de colocar entre parênteses a alternativa gramatical referida ao gênero. Por exemplo: "(...) lesquels le sentiment d'être génitalement abîmé(e) ou incomplètement développé(e)..."(p.27).

central à organização psíquica de todas as crianças, independentemente de seu sexo anatômico.

Um dos pontos capitais, no encaminhamento que Stärcke (1994[1921]) vai dar às suas considerações, reside na ênfase sobre o que considera um aspecto positivo presente no complexo de castração: "admite-se a existência de um pênis, ali, onde ele não existe" (p.31)³⁰. É, então, este 'aspecto positivo' que o levará a procurar uma outra situação infantil em que uma parte do corpo, 'do mesmo gênero que o pênis', é tirada da criança por um outra pessoa, depois de ter sido oferecida a ela (p.31). Esta situação, comum a todas as crianças, diria respeito, em sua opinião, ao aleitamento e ao desmame. Por esta razão, afirmará que a idéia de castração comporta a retirada do seio (p. 31).

A abordagem de Stärcke (1994[1921]) sobre o complexo de castração não deixará de se mostrar curiosa, tendo em vista que, no intuito de demonstrar a propriedade e a pertinência de seus argumentos, ao melhor estilo de Freud lançará mão de um sonho seu, isto é, de um sonho pessoal, para analisar, em detalhes, não só os elementos nele presentes, mas as associações dele derivadas (pp.32-9). Neste caminho, esclarece que este sonho teve lugar em sua vida depois da morte de um irmão mais novo ocorrida em 1917, mas já num momento em que a dor da perda tinha cedido lugar a um sentimento de tristeza e pesar (p.32). Suas relações com este irmão, especialmente o ciúme por vê-lo ser amamentado quando ele mesmo já não o era mais, e a decepção intrinsecamente articulada à observação desta cena, o levam, dentre outros pontos, a concluir que o sonho o tinha levado à época em que era amamentado, época experimentada como paradisíaca (p.39). Considera, ainda, que o sonho revelava uma parte de seu trabalho de luto pela perda do irmão, pois nele, ou seja, no sonho, se tratava sempre de anular as perdas que eram experimentadas como castração (p.39). Ao mesmo tempo, entretanto, no próprio sonho, a castração persistia como desejo, através do uso de símbolos que expressavam a vitória sobre o rival (p.39). Observe-se, então, que a noção de castração se articula, no pensamento de Stärcke, tanto ao sentimento de perda e separação quanto ao de rivalidade.

Examinando os desejos inconscientes que estariam subjacentes a seu sonho, Stärcke (1994[1921]) considera que haveria dois deles: a fantasia incestuosa e o complexo de

³⁰ No original, o que traduzimos de forma livre: "Rappelons-nous que le complexe de castration comporte un aspect positif: on admet l'existence d'un pénis là où il n'y en pas".

castração, este último em seu duplo sentido – de castração do pênis (pênis que teria sido perdido no sonho por causa da fantasia incestuosa) e de castração do seio materno (que lhe havia sido retirado) (p.40).

Há, entretanto, uma pergunta que Stärcke (1994[1921]) é levado a formular, a partir de seus próprios argumentos: por quê o complexo de castração não dá lugar, na criança ou no homem, a uma queixa da ausência do seio, mas a uma queixa feminina referida à ausência de pênis (p.41)? Ao lado desta, uma outra: por quê esta falta acaba sendo situada não na boca, mas nos órgãos genitais (p.41)? Stärcke considera então que, se para a criança todas as bocas tendem a se mostrar muito semelhantes, os órgãos genitais, não (p.42). Por conta disto, no seu entender, ainda que as inúmeras manifestações de ciúme acabem por se referir aos órgãos genitais, isto não seria suficiente para encobrir o mais importante pois, em suas palavras:

"É a sensação de ausência do seio na região bucal que se desloca para esta região [a genital], por causa da realidade da diferença dos sexos (...)"

(Stärcke,1994[1921]:42.Grifos do autor. Nossa tradução)³¹

A importância do erotismo oral nos caminhos do desejo ganha destaque em seus argumentos, decorrendo, em sua opinião, a própria fantasia infantil da 'mãe fálica' da situação do aleitamento (Stärcke,1994[1921]:49). A este respeito, vale a pena, mais uma vez, acompanhar textualmente seus argumentos:

"A teoria infantil conhecida sob a denominação de 'mulher com pênis' decorre, muito simplesmente, da situação do aleitamento. É bem natural que a criança, cuja primeira relação com uma mulher depende justamente de um órgão que se assemelha a um pênis, o seio, conserve esta lembrança. É exatamente a certeza e a força desta lembrança que funda a crença de um pênis na mulher." (Stärcke,1994 [1921]:49. Nossa tradução)³²

Nitidamente influenciado pelos primeiros trabalhos de Abraham e de Ferenczi³³, Stärcke (1994[1921]) considera que o desmame é a matriz do complexo de castração para ambos os sexos, e defende a hipótese de que as relações da criança com o seio

³¹ No original: "C'est la sensation de l'absence du sein dans la région buccale qui se déplace vers cette région à cause de la réalité de la différence des sexes (...)".

³² No original: "La théorie infantile connue sous le nom de la 'femme au pênis' découle très simplement de la situation du nourrisson. Il est bien naturel que l'enfant, dont la première relation à une femme dépend justement d'un organe qui ressemble à un pênis, le sein, en garde le souvenir. C'est bien la certitude et la force de ce souvenir qui fondent la croyance en un pênis chez la femme."

³³ Abraham (1916) "Exame da etapa pré-genital mais precoce do desenvolvimento da libido"; Ferenczi (1905) "Transferência e introjeção", e (1912) O conceito de introjeção" (Starcke,1994[1921]:p.52,N.1; p.54, N.1).

comandariam as concepções iniciais sobre o mundo exterior, emergindo a compreensão deste mundo justamente dos momentos de perda (p.55). É possível, já aqui, verificar que a concepção de Stärcke sobre a castração se afasta da direção tomada, ou privilegiada, por Freud. Teremos a oportunidade, contudo, de ver que esta concepção não se perdeu no cenário teórico-clínico psicanalítico, vindo encontrar, junto ao pensamento anglo-saxão, produtivo rendimento, mesmo em relação ao desenvolvimento mais específico da questão da castração na menina, ponto que Stärcke não privilegia em função de seu próprio objetivo: fazer da castração o equivalente do desmame. Mas, de qualquer modo, se as considerações de Stärcke acabam se desdobrando como referidas também aos meninos, observemos que suas reflexões tiveram como ponto de partida a questão do complexo de castração nas mulheres, e daquilo que Ophuijsen havia podido considerar em relação ao tema.

Ainda antes de fecharmos nossa discussão sobre o enigma em que acreditamos ter-se convertido a questão do complexo de castração na referência à vida psíquica das meninas, gostaríamos de lembrar que, a esta época, mais precisamente em 1920, Freud publicou, após um longo intervalo, mais um caso clínico de uma paciente que, por ser homossexual, suscitava questões articuláveis às reflexões que eram, então, tecidas em torno do desenvolvimento sexual feminino.

Acreditamos ser importante voltar nossa atenção sobre este caso, neste momento, justamente por não haver, nesta narrativa, nenhuma alusão à expressão 'complexo de castração', complexo, de todo modo, já mencionado em 1914 quando das considerações de Freud sobre os distúrbios que ele poderia gerar no plano das aspirações narcísicas de todos os sujeitos, homens ou mulheres. A questão que, então, se coloca é: que razão teria levado Freud a deixar de lado, neste momento, ou seja, em 1920, possíveis considerações sobre o complexo de castração?

Ainda que não tenhamos, de pronto, uma resposta, arriscaríamos dizer que há, neste relato freudiano, uma influência das idéias avançadas por Ophuijsen – influência que seria especialmente visível em dois momentos. Num primeiro, quando está apresentando um resumo da 'história sexual' da jovem, Freud nos diz que:

“A comparação entre os órgãos genitais do irmão e os seus, que fez pelo início do período de latência (aos cinco anos de idade ou, talvez, um pouco antes), deixara-lhe forte impressão e tivera efeitos posteriores de grandes consequências.” (Freud, 1987[1920a]:193)

Vale notar que o 'sistema fantasístico' apontado por Ophuijsen como derivado da comparação feita pela menina de seus próprios órgãos com o de um menino, e que permaneceria no inconsciente na qualidade de lembrança encobridora, pode ser aqui entrevisto no que Freud vai considerar como 'efeitos posteriores de grandes consequências'.

Mas, a influência exercida pelo pensamento de Ophuijsen aparece de modo mais explícito ainda num outro momento, quando Freud (1987[1920a]) tece a consideração de que esta jovem "trouxera consigo, desde a infância, um 'complexo de masculinidade' fortemente acentuado" (p.209), surgindo claramente, neste ponto, a expressão cunhada pelo discípulo. Combinando, então, as idéias de Ophuijsen com sua própria concepção de que as meninas invejariam o membro dos meninos, conclui que uma acentuada inveja do pênis teria se desenvolvido nesta jovem após a inspeção de seus próprios genitais, gerando reflexões que regiam, ainda na idade adulta, o fluxo de sua libido (p.209). Observemos, então, que a expressão 'complexo de castração' não surge nem neste momento conclusivo, ainda que seja incluída, neste mesmo ano e em nota de rodapé, aos *Três Ensaio*s:

"Estamos justificados em falar de um complexo de castração também nas mulheres. As crianças de um sexo e de outro formam a teoria de que as mulheres tanto quanto os homens tinham originalmente um pênis, mas que o perderam pela castração."

(Freud, 1987[1905a{1920}]:201.Nr.1)

Estas observações, se associadas, nos levam a crer que Freud, ainda neste momento e tanto quanto Ophuijsen, preferia considerar o complexo de castração como um efeito da culpa e da implicação da menina diante da constatação de sua realidade anatômica. Neste sentido, 'perder o pênis pela castração' traria embutida a noção de ser castigada ou punida por uma falta cometida. Seguindo este raciocínio, podemos pensar que a própria noção de conflito, indispensável para Freud na consideração das neuroses, adviria da culpabilidade; assim, se a jovem homossexual não tinha conflito – já que, nas palavras de Freud (1987[1920a]), "não sofria em si de nada, nem se queixava de sua condição" (p.189) – em relação a ela, só restava a Freud, acompanhando Ophuijsen, falar em complexo de masculinidade, e não em complexo de castração.

Entretanto, esta era uma questão que apenas começava a receber teorização, diante das evidências clínicas trazidas por inúmeras mulheres. Por conta disso, a interpretação dada por Freud ao caso da jovem homossexual se desenvolveu orientada pela forma com que o Édipo era entendido: tendo por base o investimento libidinal inconsciente dirigido ao

pai durante a infância e privilegiando a revivescência inconsciente do complexo na adolescência. Alinhavando os dois tempos, o desejo da menina em ter um filho do pai – desejo concretamente frustrado neste caso (uma vez que quem teve o filho tão desejado foi sua mãe), e que foi o responsável pela renúncia efetuada por esta jovem em relação aos homens de modo geral. A dama que veio, então, ocupar o lugar de apreço e de paixão para a jovem é entendida, por Freud, como substituta da mãe e do irmão, este último substituto do pai já na infância em seu amor edípico infantil. Mas, se a dama era esta figura 'combinada', o amor que a jovem lhe devotava era, segundo Freud (1987[1920a]) tipicamente masculino, pois "apresentava a humildade e a sublime supervalorização do objeto sexual tão característica do amante masculino, a renúncia a toda satisfação narcisista e a preferência de ser o amante e não o amado" (p.193). Além disso, seguindo o mesmo trajeto que os homens num tipo especial de escolha de objeto, para esta jovem "a má reputação de sua dama era positivamente uma condição necessária para o amor" (p.200).

Comentando o peso que teria tido na vida desta jovem o nascimento de seu irmãozinho, quando era ela mesma que desejava ardentemente um filho do pai, Freud (1987[1920a]) nos diz que ela 'furiosamente ressentida e amargurada', afastou-se a partir daí completamente do pai e dos homens, abjurando sua feminilidade e procurando um outro objetivo para sua libido (p.196). Uma identificação com o objeto nortearia, muitas vezes, esta nova orientação da libido (p.197, N.1) – e aqui, novamente, seus argumentos surgem em conformidade aos de Ophuijsen, que via em algumas de suas pacientes atingidas pelo complexo de masculinidade uma identificação com o pai – muito embora, o destino desta jovem paciente de Freud na homossexualidade, aparentemente, se mostre distinto do destino das pacientes que entraram em questão no exame realizado por Ophuijsen.

Finalizando, diríamos que, se as considerações sobre o complexo de masculinidade na vida das mulheres – seu desejo de ser um homem – se desdobraram na referência a reflexões sobre o complexo de castração, este não foi o único grande 'enigma' que os analistas da época se propuseram a desvendar. Se, a inveja do pênis, aos olhos de Freud, era um convite para pensar em complexo de masculinidade, teremos oportunidade de destacar, no próximo capítulo, o quanto esta própria inveja foi, por muitos analistas, questionada a partir da tentativa de elucidação de um outro 'enigma': o desconhecimento da vagina. Por ora, entretanto, faz-se necessário acompanhar ainda de perto os desdobramentos originados

pelas reflexões em torno do complexo de castração, uma vez que serão elas que definirão as definitivas posições freudianas a respeito da sexualidade da mulher e da feminilidade.

1.4 – O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E OS DESTINOS DA SEXUALIDADE FEMININA

“O reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força a menina a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade.”
(Freud)

Fizemos menção, na seção anterior, ao insistente lamento das mulheres por não terem nascido homens, lamento que se fazia ouvir por Freud e que reverberava na clínica de seus discípulos; além disso, aludimos às considerações freudianas sobre um tipo comum de fantasia que acometeria algumas mulheres em algum momento de suas infâncias, fantasia geradora de grande excitação e que culminava com uma atividade masturbatória. Esta fantasia, quando mencionada com hesitação na análise – rememorada ou confessada como expediente psíquico ainda capaz de agenciar o prazer – revelava-se, entretanto, monotonamente reduzida a uma cena em que uma menina observava meninos sendo espancados.

As conclusões que Freud (1919) vai extraindo da ocorrência desta fantasia em suas pacientes – fantasia que ele vai decompondo em sucessivas fases, fixando seu início na época em que as meninas estão às voltas com seu desejo incestuoso pelo pai – acaba por levá-lo a considerar que, muitas vezes, algumas características ligadas à vida erótica das mulheres adultas têm nessa fantasia sua origem, justamente no momento em que a menina – que já estava tomada por excitações de caráter genital – regride para uma fase anterior do desenvolvimento libidinal, uma fase de caráter masoquista. O raciocínio freudiano neste ponto mostra-se complexo e exige explicações: na verdade, o que Freud (1919) descobre é que esta forma reduzida e monótona de verbalização da fantasia – *uma criança é espancada* – seria apenas sua forma mais superficial, forma aceita pela consciência, mas que seria precedida de outras duas fases. Dentre estas, a forma mais arcaica seria *o meu pai bate numa criança que eu odeio, porque me ama*, que estaria apoiada na concepção infantil de que apanhar significa ser privado do amor. Se, neste ponto, a fantasia comporta uma certa dose de sadismo – pois se a menina não é quem bate, ela é aquela que se vê contemplada pela preferência do pai, regozijando-se com o desprezo por ele revelado em relação a uma outra criança – este sadismo é que seria revertido em masoquismo na fase central da

fantasia pois, sob o efeito da incidência do recalque sobre anseios edípicos dirigidos ao pai, um sentimento de culpa acabaria por transformar o sentimento de ser amada exclusivamente pelo pai no seu avesso. Assim, o *meu pai só ama a mim* se avessaria e se expressaria em *não, ele não ama você, pois está batendo em você*. Lançada no inconsciente, esta seria, segundo Freud, a fase mais importante da fantasia, resumida gramaticalmente por *meu pai me bate*. Esta etapa, entretanto, nunca seria lembrada na análise, podendo, na melhor das hipóteses, ser construída através do trabalho analítico.

Freud (1987[1919]) insiste em destacar, no entanto, que na transição final desta fantasia de sua fase inconsciente para a consciente, a menina tanto mantém a figura do pai quanto inalterado o sexo daquele que bate, mas muda a figura e o sexo daquele que está sendo espancado: assim, já não é ela quem apanha, mas meninos. Deste modo, "o que era originalmente uma situação masoquista (passiva), transforma-se em situação sádica, por meio da repressão, e a sua qualidade sexual é quase apagada" (p.247) – transformação que transmuta a gramática *meu pai me bate* em *meninos são espancados*.

De qualquer modo – e este é o ponto que aqui nos interessa ressaltar – esta fantasia teria como ponto de partida, segundo Freud (1987[1919]), uma atividade edipiana normal (p.247), não sendo "apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação" (p.237).

Ainda que possamos ler as elaborações de Freud sobre a fantasia de espancamento como podendo dizer respeito a apenas um dos modos de subjetivação da interdição do incesto, a forma como Freud encaminha suas considerações não deixa de poder sugerir que a posição masoquista e passiva, correspondente à fase intermediária da fantasia, faria parte do campo das exigências eróticas femininas. Pesaria nesta impressão o fato de Freud situar a gênese da fantasia no momento em que a menina está às voltas com seu desejo pelo pai, e no fato de precisar se afastar deste desejo. De certo modo, então, até aqui, poderíamos pensar que este seria um caminho quase típico da menina na referência ao Édipo.

O fato é que estas considerações freudianas acabaram por render outras elaborações no cenário teórico da época, particularmente no tocante ao estabelecimento de uma relação quase intrínseca entre feminilidade e masoquismo – relação que alguns de seus discípulos vieram tenazmente a explorar.

Assim, quase como um primeiro desdobramento das elaborações freudianas sobre estas fantasias e sobre este traço masoquista no desenvolvimento edípico da menina, Anna Freud³⁴ (1922), poucos anos mais tarde, defendeu a opinião de que estas fantasias poderiam ensejar, entre os oito e os dez anos de idade na vida de algumas meninas – especialmente naquelas em que o recalque da pulsão sexual de caráter incestuoso tivesse ocorrido de maneira insatisfatória e apenas parcial – uma outra modalidade de atividade fantasística que, poderíamos dizer, serviria como um 'expediente' psíquico capaz de dar um novo rumo ao prazer pulsional de cunho masoquista. Para Anna Freud (1922), o prazer na dor vivido pela menina diante de um pai sádico na fantasia se transformaria, também fantasisticamente, em ternura diante de um pai piedoso; para isto, entretanto, uma identificação da menina a um menino seria condição inequívoca. O texto de Anna Freud sugere que o devaneio surgiria dando um rumo afetuoso a uma satisfação pulsional que, do contrário, não teria como escapar do registro masoquista.

Vale a pena recorrer textualmente a seu trabalho. Para ela, esta atividade fantasística da menina, entabulada entre os oito e os dez anos de idade, estaria referida a um tipo de devaneio em que belas histórias de cavaleiros seriam imaginadas, devaneio capaz de gerar prazer sem que o ato masturbatório – com que fatalmente se concluía a fantasia infantil de espancamento – precisasse ser realizado (Anna Freud, 1994[1922]:62-3). Nestes devaneios, se de um lado o prazer seria mantido, de outro, a culpabilidade seria dissolvida. Tais devaneios teriam, segundo nos diz, sempre uma mesma estrutura monótona, marcada pela luta de um jovem fraco a quem seriam atribuídas qualidades positivas, contra um homem forte, descrito geralmente como sombrio e violento; nela, a menina estaria identificada com o jovem fraco, ocupando o homem forte e violento o lugar do pai. No entanto, nestas histórias e de maneira sempre repetida, quando o fraco se encontra nas mãos do forte e em situação de medo e humilhação, o forte o liberta, revelando piedade e bondade (p.66).

Falando da menina que devaneia, Anna Freud (1994[1922]) nos diz que ela viveria grande excitação durante a fase de angústia e resistência vivida pelo fraco ameaçado pelo forte no enredo do devaneio, uma excitação que se resolveria em um 'puro sentimento de prazer' no momento em que a cólera e a raiva do forte se transformasse em piedade (p.66).

³⁴ Era filha de Freud e foi analisada por seu pai por duas vezes. A primeira, entre 1918 e 1920; a segunda, entre 1922 e 1924. (Roudinesco e Plon, 1998[1997]:258).

É, então, tomando os elementos semelhantes das duas estruturas – um forte contra um fraco, uma falta involuntariamente cometida contra o forte, o que justificaria suas ameaças, e a angústia vivida pelo mais frágil – que aproxima a estrutura das duas fantasias: a de espancamento e a do devaneio de belas histórias. A distinguí-las, a solução de cada uma: na primeira, o espancamento; na segunda, o perdão e a reconciliação (p.68). Em conclusão a uma série de considerações, levanta a hipótese de que, enquanto a fantasia de espancamento resultaria do fracasso parcial do recalque das pulsões sexuais dirigidas ao pai no Édipo, as belas histórias resultariam da sublimação destas mesmas pulsões. As belas histórias seriam, então, uma resolução das pulsões dirigidas ao pai, com o recalque da corrente sexual e a emergência de uma corrente terna sublimada (p.72).

Para sustentar seus argumentos, Anna Freud (1994[1922]) associa a fantasia da menina de ser batida à "representação perdida de uma situação amorosa sensual e sempre idêntica, expressa na linguagem da organização sádico-anal pela pancada" (p.72)³⁵; quanto ao tema das belas histórias, este representaria, ao contrário, "as moções benevolentes, ternas e afetuosas as mais variadas" (p.72), apesar de sua função ser tão monótona quanto a da fantasia³⁶, consistindo na instauração de uma amizade entre um forte e um fraco, um rapaz e um adulto. Entretanto, será levada, em meio a estas considerações, a mencionar a razão que faria com que a menina, mesmo nas belas histórias, se fizesse representar como menino e, sobre isto, dirá:

"O fato de que a diferença dos sexos seja abandonada ao longo do desenvolvimento desta fantasia e que a menina se represente regularmente transformada em menino, ajuda certamente a uma tal sublimação do amor sensual em amizade terna."

(Anna Freud, 1994[1922]:72. Nossa tradução)³⁷

Observe-se que, se em 1919 Freud havia, de certo modo, apontado para a dificuldade da menina em desvencilhar-se do amor edípico – ressaltando que, sucedendo a posição masoquista imposta pelo recalque, predominaria uma outra via, a sádica, que, no entanto, afastaria a menina de um erotismo mais próximo das exigências de seu sexo –

³⁵ No original: "La fonction du fantasme d' "être battu" est la représentation volée d'une situation amoureuse sensuelle et toujours identique, exprimée dans la langue de l'organisation sadique-anal par les coups".

³⁶ No original: "Le thème des belles histoires représente au contraire les motions bienveillantes, tendres et affectueuses les plus variées mais leur fonction est aussi monotone que celle du fantasme."

³⁷ No original: "Le fait que la différence des sexes soit abandonnée au cours du développement de ce fantasme et que la fille se représente régulièrement transformée en garçon aide, bien sûr, à une telle sublimation de l'amour sensuel en amitié tendre."

Anna Freud (1922) não deixa de apontar para esta mesma dificuldade – ou seja, para a dificuldade da menina em preservar um erotismo feminino e desvencilhar-se definitivamente do Édipo – chamando a atenção para o fato de que, sem se tomar por menino, a menina dificilmente encontraria uma via sublimatória para seus anseios edípicos.

Esta 'insistência' percebida na vida psíquica das meninas em se 'tomarem' por meninos – uma insistência que não havia sido, até então, plenamente explicada em suas origens –, a 'inveja' já por elas revelada em relação ao órgão masculino e, especialmente, o interesse nos genitais e em sua atividade revelado pelas crianças de ambos os sexos fizeram com que Freud, em 1923, viesse inserir no desenvolvimento da sexualidade infantil uma outra fase: a fálica. Esta, sucederia a oral e a anal e teria por função ordenar e organizar as pulsões anárquicas e perversamente polimorfas que visariam a satisfação sem mediação. Falando da diferença entre a organização genital infantil e a organização genital adulta, destaca:

“Ela [a organização genital infantil] consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*.”

(Freud, 1987[1923]:180. Grifos do autor)

Se, neste momento, Freud (1987[1923a]) admite que a suposição de um só órgão como presente em todos os humanos seria mais facilmente observável nos meninos – sendo menos conhecido este processo nas meninas (p.180) –, o interesse já revelado por suas pacientes em relação ao órgão masculino faz com que considere a fase fálica como ordenadora da sexualidade infantil para ambos, meninos e meninas, reafirmando claramente esta perspectiva em 1924³⁸. Esta fase fálica teria um caráter ordenador da sexualidade infantil, na medida em que seria sempre em torno de ter ou não ter o órgão masculino que a criança se movimentaria no momento da descoberta da diferença sexual. Na vigência desta fase não haveria, portanto, a noção de masculino e feminino, mas a de "possuir um órgão masculino e ser castrado" (Freud, 1987[1923a]:184).

Não deixa de ser interessante observar que Freud descreve a forma como as crianças se posicionam face à diferença anatômica de forma similar a de Galeno: supondo a existência de um só sexo – o masculino. Assim, se especialmente para Galeno a anatomia

³⁸ Ver, sobre este ponto, Freud (1987[1924]), p.222.

feminina era entendida como a interiorização ou retração da anatomia masculina, o que Freud percebe é que, para as crianças, os dois sexos acabam sendo representados, no psiquismo, pela presença ou pela ausência do órgão peniano. As alternativas de ter o pênis ou ser castrado se configuram, então, como as únicas possibilidades de interpretação da diferença sexual pela mente infantil, em lugar das alternativas masculino e feminino. Estas, segundo Freud (1987[1923a]), entrariam em jogo somente na puberdade, quando o masculino passaria a combinar sujeito, atividade e posse do pênis, enquanto o feminino combinaria objeto e passividade; só a partir daí a vagina seria, então, valorizada "como lugar de abrigo para o pênis" (p.184).

A perspectiva falocêntrica central ao pensamento de Freud em relação à sexualidade já está marcadamente definida nesta época, e a relação da fase fálica da organização da sexualidade infantil com a emergência do complexo de Édipo devidamente estabelecida. Entretanto, se Freud (1924) postula o declínio do complexo de Édipo no menino como gerado pela ameaça de castração, uma ameaça que faria com que o interesse narcísico pelo pênis predominasse fazendo com que, por isso, abrisse mão dos desejos incestuosos dirigidos à mãe, em relação às meninas entende que o complexo de Édipo surgiria como uma tentativa de compensação por uma castração vivida como consumada, depois de um período em que a esperança de ver seu pequeno órgão se desenvolver se dissipa. Para Freud (1987[1924]), a evidência da castração acabaria gerando, nas meninas, o movimento de buscarem, junto ao pai, um filho que viria substituir seu desejo de um pênis (p.223).

A não dissolução do Édipo nas meninas faz então com que entenda a moralidade – advinda da instalação do superego como herdeiro do Édipo em consequência da introjeção da autoridade paterna pela via da identificação – como mais precária nas mulheres. Assim, sem poder contar com este mecanismo psíquico como seu maior agenciador, o superego nas meninas dependeria muito mais da educação e das exigências do mundo externo, exigências que, via de regra, seriam cumpridas em nome de garantir o amor daqueles para os quais estariam votadas. Freud (1987[1924]) vislumbra, então, neste tipo de intimidação vivida pela menina – perder o amor do objeto – o agente maior da formação de seu superego (p.223). Esta perspectiva nunca foi abandonada e, em 1926, novamente veio a receber destaque: a maior fonte de angústia nas mulheres seria o medo de perder o amor do

objeto (Freud, 1987[1926]:167). Esta angústia seria, nas meninas, correspondente à angústia de castração nos meninos.

Observemos que uma intrincada relação conflituosa entre amar e desejar fica subjacente a todas estas considerações – incluindo-se as tecidas por Freud em 1919 e por Anna Freud em 1922 – ampliando o espectro de 'complicações' a que estaria submetido o complexo edípico da menina. Confluir amor e desejo já não se mostraria, desde aí, tarefa fácil para as meninas e, em princípio, Freud parece acreditar que, entre um e outro, a preferência da menina se faria em relação à vertente amorosa, ou seja, ela se 'submeteria' às exigências educativas em nome de não perder o amor. Neste ponto, as considerações de Anna Freud (1922) não deixam de fazer sentido: alguns 'expedientes' – e devanear seria um deles – seriam válidos em nome da ternura, do perdão e da reconciliação com o outro. Uma reconciliação terna e dessexualizada, capaz de garantir prazer e, acrescentaríamos, de apaziguar a angústia. E talvez caiba aqui lembrar que, se Freud (1910a) veio nos falar de uma escolha especial de objeto feita pelos homens em que o objeto amoroso e o objeto de desejo se vêem impossibilitados de confluir numa única e mesma corrente, é porque provavelmente descortinava que, nos homens, amor e desejo tenderiam a uma maior confluência – propiciada pela dissolução do complexo de Édipo através do sucesso no recalque dos anseios dirigidos à mãe – pois, do contrário, aquela não seria entendida como uma escolha especial feita pelos homens, e sim, típica.

Mas, foi finalmente em 1925 que Freud publicou o artigo que seria o mais definitivo sobre as questões até então levantadas sobre o surgimento e os efeitos do complexo de castração em meninos e meninas, embora neste texto declare estar adiantando considerações de todo modo ainda não completamente comprovadas. Abraham (1920), Ferenczi (1924), Horney (1922) e Helen Deutsch (1925) vinham trabalhando em torno destas questões, mas partindo de pontos de vista com os quais Freud não concordava inteiramente³⁹. Freud (1925) parecia, portanto, precisar firmar e definir sua posição, e suas considerações o levam a concluir – tomando como central suas descobertas sobre a fase fálica da organização sexual infantil – que a percepção da diferença anatômica entre os sexos geraria efeitos psíquicos distintos em meninos e meninas:

³⁹ As questões em jogo para a maior parte destes teóricos serão objeto de nosso olhar no próximo capítulo.

“A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos do sexo masculino e feminino, (...) é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada.” (Freud,1987[1925]:319)

Diferentemente do menino, que ao fazer a comparação de seus órgãos com o de uma menina não chega de imediato a nenhuma conclusão, a menina prontamente deveria concluir pela ausência deste apêndice em seu corpo. Entretanto, 'sentir-se castrada' não implicaria necessariamente, para ela, no abandono do anseio por um pênis. Ao contrário, é sob os auspícios da inveja deste órgão que Freud (1987[1925]) vê se desdobrar o que vai chamar de pré-história do complexo de Édipo (p.313) nas meninas, uma pré-história que, por estar referida à inveja do pênis, faria emergir o 'complexo de masculinidade' capaz, por sua vez, de gerar inúmeras 'ramificações' (p.314). Algumas seriam, inclusive, geradoras de dificuldades no caminho do desenvolvimento regular da menina no sentido da feminilidade, na medida em que não pudessem ser superadas suficientemente cedo (p.314).

Observemos que, se em 1919 Freud situava o complexo de masculinidade como articulado ao afastamento do desejo incestuoso pelo pai, aqui, em 1925, este complexo é articulado à emergência da fase fálica e à conseqüente inveja do pênis, precedendo o investimento em relação ao pai. Na verdade, neste momento de teorização, o complexo de masculinidade corresponde à pré-história do complexo de Édipo e não a um de seus possíveis desfechos, sendo, em linhas gerais, uma expressão da inveja do pênis. Neste sentido, Freud (1987[1925]) destaca que as conseqüências psíquicas da 'inveja do pênis' poderiam ser múltiplas. Assim, querer tornar-se semelhante a um homem até uma idade incrivelmente tardia poderia destinar a menina não só à homossexualidade mas também à psicose quando, em lugar da esperança, a 'convicção' de possuir um pênis predominasse em virtude de uma recusa ou rejeição de sua própria castração (pp.314-5). Sentir-se inferior aos homens seria, também uma segunda conseqüência possível da inveja do pênis, uma inferioridade que, em alguns casos, poderia resultar também numa certa insistência da menina em querer ser como um homem (p.315). Finalmente, o ciúme, entendido por ele como tendo um alto valor na vida mental das mulheres, acaba sendo arrolado como um terceiro efeito desta inveja (pp.315-6).

Neste momento, Freud (1987[1925]) retoma as considerações tecidas em 1919 sobre a fantasia de espancamento e considera que sua fase mais arcaica seria uma relíquia

deste período fálico em que a masturbação clitoridiana atinge seu ápice, podendo entender-se a criança que é espancada na mais antiga fase da fantasia como o próprio clitóris, o que colocaria a fantasia como uma confissão da masturbação (p.316). Além disso, considera que o ciúme revelado em relação a outras crianças nesta fantasia nada mais seria do que um deslocamento da inveja do pênis, uma vez que, sentindo-se 'tão insuficientemente aparelhada', a menininha tenderia a enciumar-se quando diante do interesse de sua mãe por uma outra criança (p.316). Vale, então, notar que Freud ressitua a fantasia, ou pelo menos sua fase mais arcaica, retirando-a do contexto do complexo edípico para situá-la na fase da descoberta do clitóris como uma zona genital geradora de prazer, o que não deixa de se mostrar interessante, na medida em que, o que era considerado como da ordem do investimento dirigido ao pai, ganha o contorno de um investimento fálico e ativo, ligado à atividade masturbatória. Ao lado disso, o ciúme dirigido a outra criança seria o efeito da inveja do valor que esta criança teria, aos olhos da menina, para um outro, no caso, a mãe⁴⁰.

Entretanto, ainda que Freud (1987[1925]) vislumbre o valor da relação da menina com a mãe, relação que, em última instância, agenciaria o ciúme em relação a outras crianças (p.316), não tira partido, neste momento, destas inferências. Considera, apenas, que, diante da preferência da mãe por uma outra criança, a menina acabaria por dela se afastar, julgando-a, além do mais, a principal responsável por seu desaparecimento anatômico.

Por conta de todas estas considerações sobre o efeito da inveja do pênis na vida mental das mulheres, o fator que será considerado por Freud (1987[1925]) como o pré-requisito para a entrada da menina no complexo de Édipo será a renúncia ou o abandono à atividade masturbatória clitoridiana da fase fálica. Este abandono seria, em sua ótica, "precondição para o desenvolvimento da feminilidade" (p.317), uma vez que a atividade masturbatória teria um caráter masculino, caráter avesso à passividade requerida pela feminilidade. Observe-se que esta última corresponderia, portanto, à passividade pulsional, o que significa dizer que, aos olhos de Freud, feminilidade e passividade coincidem. Concorreria, para o abandono da atividade masturbatória ativa, o sentimento de humilhação vivido pela menina ao se masturbar, sentimento que corresponderia, em última análise, a

⁴⁰ Neste ponto, parte do raciocínio desenvolvido por Stârcke (1921) pode ser resgatado, uma vez que um dos pontos que seu próprio sonho pode revelar se sustentava, justamente, no ciúme dirigido ao rival, por conta do investimento infantil em relação à mãe. Ver, a este respeito, p.58 deste nosso trabalho.

'tocar na ferida'. Assim, ela se voltaria contra esta atividade que acabaria por humilhá-la narcisicamente, entendendo na impossibilidade de competir com os homens o sinal de que seria melhor abandonar esta idéia (p.318). O dano vivido no plano do narcisismo seria, então, o responsável pela substituição do desejo até então vigente. Assim, se era um pênis o que era desejado, este desejo será substituído pelo desejo de um filho. Seria, então, com este fim em vista, que a menina tomaria o pai como objeto de amor, tornando-se a mãe o objeto de seu ciúme (p.318).

Verifica-se assim que, de certo modo, a menina passa da fase de querer ser a 'preferida' da mãe, para a de tentar ser a 'preferida' do pai, revelando então como desejo maior 'sentir-se amada'. Pode-se pensar que há, sem dúvida, um fim passivo neste anseio; entretanto, há que considerar-se também que, para alcançar tal objetivo, um tipo de 'atividade' particular precisa ser realizado pela menina: 'fazer ares de mulherzinha' aos olhos do pai. Mas, para isto, a menina precisaria, segundo Freud, renunciar à atividade fállica masturbatória, renúncia que resultaria em sua transformação de menininho em menina.

É interessante notar também que, apesar desta 'renúncia', o encaminhamento dado a esta questão por Freud pode ser lido, de um lado, como retirando do percurso da menina o traço masoquista que, de certo modo, tinha-lhe sido atribuído em 1919 quando a passividade da segunda fase da fantasia coincidia com o submetimento doloroso ao pai. Na perspectiva já em jogo em 1925, desejar um filho como substituto do pênis ou como elemento capaz de compensar sua ausência, pode ser lido como uma reação à humilhação narcísica. Nesta visada, é como se a menina dissesse para si mesma: *já que não posso ter um pênis, então, quero ter um filho*. Mas, o texto freudiano comporta, também, uma outra interpretação diferente desta primeira: seria justamente por não haver nenhuma reação possível ao dano narcísico provocado pela sensação de sentir-se castrada que a menina ingressaria no Édipo, submetendo-se, então, à realidade anatômica de seu sexo e renunciando aos prazeres advindos da atividade masturbatória. Nesta perspectiva, o submetimento à realidade anatômica e a renúncia à atividade fállica corresponderiam à passividade feminina.

Retomando, então, o ponto que deu origem ao nosso desvio – sobre a crucial importância do abandono da atividade masturbatória clitoridiana para que um caminho no sentido da feminilidade possa ser encontrado pela menina – é importante lembrar que esta

perspectiva tem, na verdade, uma longa pré-história. Ainda em 1905, apesar de já vislumbrar que uma onda de recalque deveria incidir sobre a masturbação clitoridiana para que a menina viesse a se transformar em mulher, Freud (1987[1905a]) creditava ao clitóris a função e a possibilidade de transmitir às áreas adjacentes do aparelho genital a excitação necessária à obtenção do prazer na vida adulta, "como as rebarbas de um pinheiro podem ser inflamadas para se atear fogo a um tronco de madeira mais dura" (p.227). Fica impossível não lembrar aqui da ficção de Andahazi e da descrição que nos dá da excitação de Inês de Terremolinos... Em 1916, referindo-se ao tema, a posição de Freud já seria, entretanto, diferente:

"O processo pelo qual uma menina se transforma em mulher depende muitíssimo da capacidade do clitóris *ceder* sua sensibilidade ao orifício vaginal, na época oportuna e de forma completa. Nos casos conhecidos como de anestesia sexual das mulheres, o clitóris reteve, obstinadamente, sua sensibilidade." (Freud, 1987[1916b]:371. Grifos nossos)

Aqui, o valor antes creditado à excitação clitoridiana na fase de masturbação infantil se dilui: o clitóris já não é mais entendido como o órgão que deve 'transmitir' a excitação mas, contrariamente, como o que deve 'ceder' o prazer ali obtido a um outro órgão, este sim considerado *princeps* na assunção da feminilidade: a vagina.

Em 1925, Freud parece, então, promover um enlaçamento desse ponto com o que, em 1923, tinha considerado, ou seja, o da vagina como 'lugar de abrigo para o pênis' que resumiria o caráter passivo da satisfação feminina. Por conta disso, será justamente a dificuldade em abandonar a atividade fálica masculina que passará a ser entendida, então, como agenciando a sintomatologia de muitas mulheres histéricas. Entender as razões de tal dificuldade transformou-se, então, no alvo da atenção de alguns analistas.

Nesta vertente, um interessante trabalho foi publicado em 1927 por Jeanne Lampl De Groot⁴¹ que, partindo das últimas elaborações de Freud de 1924 e 1925, vai insistir que haveria na trajetória do desenvolvimento sexual da menina uma 'pré-história do complexo de castração' – e não pré-história do complexo de Édipo, observemos – que corresponderia ao período em que dominaria a inveja do pênis (De Groot, 1994[1927]:118).

Para desenvolver seus argumentos, De Groot (1994[1927]) parte da comparação do desenvolvimento do complexo de Édipo em meninos e meninas e se atém, primeiro, ao que

⁴¹ De Groot era holandesa e médica (Hamon, 1994:329). Em 1922 iniciou, em Viena, uma análise com Freud que durou três anos, à base de seis sessões por semana (Roudinesco e Plon, 1998[1997]:459).

vê acontecer com eles. Entende que, se neste caminho há uma 'vitória' do complexo de castração sobre o de Édipo, isto não ocorre somente pelo interesse narcísico do menino por esta parte tão privilegiada do seu próprio corpo, que é o pênis, mas também, e principalmente, pela tenacidade da primeira relação amorosa com a mãe. Considera que, se o menino renunciasse à posse de seu membro, a posse da mãe ou de sua substituta lhe escaparia de uma vez por todas⁴². Entretanto, pressionado pela força poderosa do pai rival, acaba por renunciar, mas só aparentemente, à mãe pois, na verdade, com isto se reserva a possibilidade de lutar posteriormente com mais chance de sucesso contra o pai para reencontrar seu primeiro objeto de amor ou, mais precisamente, seu substituto (pp.115-6).

Ainda que, neste ponto, De Groot (1994[1927]) lance mão da filogênese para dar conta deste 'saber' inconsciente do menino – 'saber' que um dia poderá realizar seu desejo, só bastando, para tanto, renunciar provisoriamente a seus anseios – a impressão que nos deixa seu texto é a de que estes argumentos só lhe servem para tentar destacar a dissimetria que vai perceber na menina em relação a isto, ou seja, para destacar a dificuldade da menina em renunciar ou abrir mão da relação primitiva com a mãe. Sua hipótese central é a de que, tanto do ponto de vista físico quanto do ponto de vista psíquico, a menina se comporta exatamente como o menino até a fase fálica do desenvolvimento – pois tem um órgão análogo ao pênis, o clitóris, que lhe dá prazer através do onanismo e tem a mãe como primeiro objeto de investimento nas fases pré-genitais. Isto, faria com que apresentasse, na emergência da fase fálica, uma atitude edipiana igual à do menino, visando conquistar a mãe e descartar o pai (p.119).

Para De Groot (1994[1927]), o fato de a menina considerar seu órgão como inferior, a partir da comparação com o dos meninos, e de achar que esta inferioridade é o resultado de uma punição, seria derivada da culpa pelas aspirações amorosas dirigidas à mãe (p.119). Entretanto, se a castração é para o menino uma ameaça da qual pode escapar por um comportamento apropriado, para a menina a castração seria um fato consumado, não havendo nada a fazer. Neste ponto, considera que, na melhor das hipóteses, uma identificação da menina com a mãe surgiria no lugar do investimento a ela dirigido, o que faria com que o pai pudesse ser, então, tomado como objeto de amor, tornando-se, em vez de um 'inimigo', o 'bem-amado'. Seria neste momento que o desejo de um filho tomaria o

⁴² Quando De Groot (1994[1927]) fala aqui em 'posse da mãe' está, certamente, se referindo a uma fantasia.

lugar do desejo de um pênis, filho que teria para a menina o valor narcísico que um pênis tem para um menino, na medida em que só uma mulher pode ter um bebê, um homem, jamais. Daí em diante, a menina adotaria a posição edipiana positiva (p.120).

Em conclusão, considera que o complexo de castração na menina – ou seja, a descoberta da diferença sexual anatômica – tem o mesmo efeito psíquico que o produzido no menino: o de abandonar o investimento dirigido à mãe, na medida em que nos primeiros anos de seu desenvolvimento a menina se comportaria exatamente como o menino. A distingui-los, o fato de que os meninos só adiariam sua renúncia à mãe, enquanto as meninas teriam que fazê-lo de forma definitiva. Além deste abandono, ou desta renúncia, as meninas precisariam, também, tanto abrir mão da tendência ativa de sua vida amorosa para se deixar amar pelo pai quanto da masturbação clitoridiana. Por causa disso, De Groot (1994[1927]) entende que o recalçamento da posição edipiana negativa teria que ser muito intenso na menina – implicando numa renúncia definitiva ao objeto materno – e, justamente por isto, nem sempre lograria atingir seus feitos. Em consequência, em inúmeros casos, a menina permaneceria envolta nestas questões por um tempo mais longo que o conveniente (p.121).

Apoiando-se em sua própria experiência clínica e na que havia sido exposta por Freud em 1920, quando da narrativa do caso da jovem homossexual, De Groot (1994 [1927]) destaca que a menina pode, por muito tempo, negar o castigo, ou seja, a castração que deveria tê-la convencido da impossibilidade de seus desejos dirigidos à mãe, em função de ser muito difícil – tanto quanto o é para o menino – renunciar ao primeiro objeto de amor. Quando chega a fazê-lo, corre ainda o risco, diante de um pai que não cede à solicitação passiva de seu amor, de retornar à posição anterior, referida à posição masculina (pp.121-2).

Mas, se em linhas gerais, essas seriam, em sua ótica, as principais causas da homossexualidade feminina, menciona que, em muitos outros casos, a menina não chega a negar integralmente a castração, mas se conduz de modo a supercompensar sua inferioridade física num terreno não sexual, mostrando-se superior no trabalho, ou seja, em sua atividade profissional. Neste caso, a crença da posse do pênis seria deslocada para o terreno intelectual, onde poderia ser 'masculina' e rivalizar com os homens. Para De Groot (1994[1927]), nestas circunstâncias, muitas vezes a mulher seria sexualmente insensível,

como se intimamente tecesse a seguinte consideração: *se não posso amar minha mãe, então devo renunciar a qualquer outra tentativa amorosa* (p.122). Como uma outra possibilidade gerada pela difícil tarefa das meninas em renunciarem ao primeiro objeto amoroso, menciona as mulheres que, apesar de se relacionarem com homens, se mostrariam intimamente fiéis a seu primeiro amor pela mãe, revelando-se então frígidas nestes relacionamentos porque, em verdade, nunca cobiçaram nem o pai, nem nenhum substituto dele (p.122).

Observemos que um certo plano de recusa ao exercício da sexualidade e à vida amorosa com os homens contrasta com o que estaria em jogo na frigidez, a primeira parecendo dizer respeito a tendências homossexuais nem sempre efetivadas e, a segunda, ao que se dá no campo da inibição numa vertente neurótica⁴³.

Retomando as considerações tecidas por Freud em 1925 em sua retomada da fantasia de espancamento descrita em 1919, De Groot (1994[1927]) considerará que a fórmula 'uma criança é espancada' significaria realmente 'uma criança é castrada', porque na fase fálica – na qual Freud situa a emergência desta fantasia – 'ser batido' seria o castigo pela relação genital proibida e, segundo ela, este castigo seria precisamente a castração (p.124). Vale notar que De Groot entende a culpa vivida pela menina como fundamental para a emergência do complexo de castração, mas uma culpa referida a seus anseios dirigidos à mãe e não ao pai.

Assim, em sua opinião, o amor passivo feminino comportaria sempre uma carga de 'sacrifício'. As observações tecidas por Anna Freud em 1922 são utilizadas em apoio a seus próprios argumentos, na medida em que vai considerar os devaneios como a tentativa de algumas meninas em tentar se desfazer da antiga relação amorosa para se reconciliar com a feminilidade, uma feminilidade em que haveria a expiação da culpa – as torturas e humilhações fariam disso – e um certo prazer masoquista (De Groot, 1994[1927]:124).

Em conclusão, De Groot (1994[1927]) entenderá, acompanhando Freud, que é o complexo de castração não só o que torna possível, mas o que conduz a menina à vertente positiva de seu complexo de Édipo (p.125). Contrariamente a Freud, entenderá o complexo de castração como uma formação secundária que seria precedida pela posição

⁴³ Mais adiante (pp. 131 e seguintes), veremos que Jones, neste mesmo ano, veio a tratar destas mesmas distinções, embora lançando mão de outros elementos conceituais.

edipiana negativa (p.125), ou seja, pelo investimento fálico dirigido à mãe. Em sua opinião, só isto poderia dar ao complexo de castração a grande significação psíquica que tem para as meninas e explicar um pouco melhor as singularidades posteriores a que estaria afeita a vida mental das mulheres (p.125). Cabe sublinhar que De Groot dá destaque à identificação com o primeiro objeto perdido, a mãe, como o processo que faria a menina dirigir-se ao pai na fase positiva do complexo do Édipo, considerando que o complexo de castração faria 'cair' o complexo de Édipo negativo, abrindo as portas ao complexo positivo (p.125). Vale, no entanto, ressaltar que, diferentemente de Freud, não credita à animosidade com a mãe a causa maior do afastamento da menina em relação a ela e o que agenciaria o movimento em direção ao pai.

De certo modo, o espectro das questões abertas pelo complexo de castração na vida psíquica das mulheres foi se ampliando e, em 1928, Ruth Mack Brunswick⁴⁴ se deteve sobre a análise de um caso de paranóia de ciúmes numa mulher – caso que ganha relevância no contexto de nossas considerações, uma vez que através dele acaba sendo abordada uma espécie particular de homossexualidade feminina. Em meio a inúmeras considerações, Brunswick (1994[1928]) nos diz que esta paciente sofria do sentimento de ter sido punida por seu onanismo, uma vez que tomava seu clitóris por um pênis mutilado (p.150).

Além disso, Brunswick (1994[1928]) vislumbra neste caso – diagnosticado como uma psicose – uma fixação originada por um trauma sexual forte e precoce, relacionado às atividades sexuais entabuladas entre esta paciente e a irmã mais velha, trauma que a teria impedido de prosseguir em seu desenvolvimento até o Édipo (p.193). O caráter fálico desta irmã mais velha da paciente não escapou à sua observação, e dois comentários relacionadas a este aspecto mostram-se especialmente interessantes. De um lado, Brunswick considera que, quando a mulher fálica é objeto de amor de uma menina, o desejo de um pênis não pode se deslocar, como deveria, em desejo de um filho (p.194); ou seja, tomando os dados do caso em questão, pode-se pensar que a satisfação obtida pela paciente em idade precoce na relação com a irmã fálica não deu margem a que o desejo surgisse. De outro, considera que a homossexualidade de sua paciente não era a homossexualidade habitual das

⁴⁴ Foi analisada por Freud e, segundo Roudinesco e Plon (1998[1997]), tornou-se uma de suas discípulas mais fervorosas (p.481).

mulheres, ou seja, a homossexualidade ativa que se funda sobre o amor pelo pai e pela identificação com ele.

Na ótica de Brunswick (1994[1928]), a homossexualidade de sua paciente era atípica e provinha do fato de, em pequena, ter vivido passivamente – passividade que seria típica das crianças nesta idade – uma relação com um objeto fortuitamente feminino, embora fálico (p.194). No caso, a menininha teria sido seduzida pela irmã, compartilhando com ela a atividade masturbatória geradora do prazer em que sua libido teria se fixado e em relação à qual viria a se culpar, acabando por não assumir nem a vertente feminina, nem a masculina de sua sexualidade. A falta de alusão ao Édipo e uma história psíquica em que o pai não desempenhava nenhum papel, apesar de concretamente presente na vida da família, confirmam, a seus olhos, o caráter traumático da relação desta paciente com a irmã mais velha. Interessantemente, apoiando-se sobre este ponto, salienta que o laço entre sua paciente e esta irmã era amoroso e recíproco, já daí se distanciando de uma neurose, uma vez que seria tendência do neurótico se ligar justamente à decepção do amor – e não, vale ressaltar, à sua recíproca (p.193).

Será, então, no contexto destas inúmeras considerações que Freud virá, poucos anos mais tarde, a concluir suas considerações sobre a sexualidade feminina e sobre a feminilidade.

1.5 – AS CONCLUSÕES FREUDIANAS SOBRE A HISTERIA E SOBRE A FEMINILIDADE

“Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições.”
(Freud)

Em 1931, Freud redigiu um de seus últimos textos sobre a temática da sexualidade feminina, dedicando uma especial atenção à fase de ligação da menina com a mãe que precederia seu movimento em direção ao pai. O que motiva sua explanação é não só a necessidade de afirmar a troca de objeto que precisaria ser realizada pela menina ao longo do Édipo, mas entender as razões que estariam na base da concomitante ligação de algumas mulheres aos dois objetos parentais primitivos: mãe e pai. Entretanto, se a fase de ligação da menina com a mãe começa a se afigurar, a seus olhos, como tendo uma importância significativa no destino sexual a ser seguido por muitas mulheres – tanto no daquelas que não chegavam a se movimentar em relação aos homens quanto no de outras que se voltavam para estes – a questão que se colocava principalmente para ele era a de poder continuar sustentando a perspectiva de que o complexo de Édipo seria nuclear às neuroses. Sua posição vai ser, então, a de entender a fase de ligação da menina com a mãe no espectro do próprio complexo edípico, ainda que em sua vertente negativa⁴⁵. Não fica difícil, aqui, sentir a influência das elaborações de Lampl De Groot.

Confirmando nossa impressão, Freud (1987[1931]) confessa nunca ter chegado tão longe em suas próprias análises com mulheres, mas admite que talvez não o tenha conseguido porque estas pacientes teriam se aferrado, na relação transferencial estabelecida com ele, “à própria ligação com o pai em que se tinham refugiado da fase primitiva em questão”(p.261), isto é, a fase de ligação com a mãe. Suas colegas analistas, diferentemente, ao lidarem transferencialmente com suas pacientes como substitutas maternas adequadas, teriam podido perceber mais nitidamente o peso desta ligação original (p.261). Apesar, entretanto, de claramente reconhecer os progressos alcançados por muitos de seus colaboradores, Freud avança com cautela, se dispondo a relatar apenas “as descobertas mais gerais” (p.261). Uma delas é, entretanto, a “suspeita de que essa fase de ligação com a mãe

⁴⁵ Sobre estes pontos, ver Freud (1987[1931]), pp. 259-60, especialmente.

está especialmente relacionada com a etiologia da histeria" (p.261). Na sequência, acrescenta que isto não deve surpreender, na medida em que "tanto a fase, quanto a neurose são caracteristicamente femininas" (p.261).

Quanto ao fato da histeria ser entendida por Freud como caracteristicamente feminina, já tivemos oportunidade de destacar como isto viria de longa data, isto é, como a histeria, secularmente, diria respeito mais especificamente a um transtorno na esfera da sexualidade vivido pelas mulheres. Assim, se a articulação mencionada por Freud entre a mulher e a histeria pode ser genericamente explicada, o que será que Freud está querendo dizer quando menciona que esta fase de ligação com a mãe seria caracteristicamente feminina?

No encaminhamento que vai dando a seus argumentos, Freud (1987[1931]) afirma que esta fase conteria o germe das primeiras identificações da menina com a mãe e, para além disso, que seria nesta fase que se daria a emergência do complexo de castração, crucial para um suceder feminino na sexualidade. Paralelamente a isto, entende esta fase da menina como especialmente habitada por uma série de contradições e sentimentos antagônicos, que iriam desde o prazer vivido pelos primeiros cuidados prestados pela mãe, até à imputação de que a introdução na vida sexual teria nesta vivência sua origem (pp.273-4). A mãe como primeira sedutora marcaria, então, o último passo no rastreamento de uma história: a história da sedução. Além disso, esta seria uma fase em que a menina alternaria objetivos sexuais ativos e passivos, tomando o lugar da mãe em suas brincadeiras e revelando nisto o 'lado ativo da feminilidade' (p.272). Entretanto, se a atividade fálica da menina se dirige à mãe, tanto quanto se dirigiram as orais e as sádicas, os movimentos da mãe em proibir a masturbação e a censura feita a ela pela menina por não lhe ter dado um pênis acabam por fazer com que a menina dela se distancie, constituindo-se este afastamento num passo extremamente importante para o curso de seu desenvolvimento rumo à feminilidade (p.274). A partir deste afastamento seria observado "um acentuado rebaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos" (p.274).

Duas trocas – a de órgão e a de objeto – surgiriam como exigências no caminho da menina em direção à feminilidade; assim, abrir mão do prazer ativo gerado pela masturbação clitoridiana, e renunciar ao amor ativo pela mãe para se deixar amar pelo pai resumiriam a essência do trajeto entre a emergência da fase fálica e a entrada no complexo

edípico propriamente dito. Em meio a tudo isto, e agenciando a passagem entre uma posição e outra, a descoberta feita pela menina de sua própria castração e a descoberta da castração da mãe. Um percurso tão complexo não poderia mesmo escapar da possibilidade de deixar seus rastros. São eles que, justamente, parecem formar o solo de grande parte das considerações freudianas tecidas entre 1931 e 1933, vindo a isto se somar uma outra grande contribuição: a formalização que é dada por Freud aos efeitos do complexo de castração na vida sexual das mulheres.

Tanto no artigo de 1931, quanto na conferência de 1933, há o destaque para três linhas de desenvolvimento que se abririam a partir da emergência do complexo de castração nas meninas – um complexo que teria como conteúdo específico a 'inveja do pênis' (Freud,1987[1933]:153-4), inveja que, em sua opinião, deixaria marcas indeléveis no desenvolvimento da menina e na formação de seu caráter, "não sendo superada, sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica" (p.154). A emergência da inveja do pênis na fase fálica do desenvolvimento da menina é, neste momento, reafirmada veementemente por Freud (p.155), que já via alguns de seus contemporâneos contestarem o caráter primário e primordial, por ele emprestado a esta inveja, nos destinos da sexualidade feminina.

Entendendo que a descoberta da castração pela menina representaria um marco decisivo em seu crescimento, Freud considera que três possibilidades se colocariam como possíveis, para ela, no caminho de seu desenvolvimento. Uma primeira, seria a do reconhecimento da castração gerar uma insatisfação com seu próprio órgão e um sentimento de inferioridade que a conduziriam ao abandono não só da atividade fálica, mas da sexualidade em geral (Freud,1987[1931]:264). A inibição sexual ou a neurose surgiriam, então, como o resultado desta reação da menina à castração e, ainda que não necessariamente viessem impedi-la, na vida adulta, de contrair casamento e escolher um marido ou um amante, a luta na qual a menina teria provavelmente se empenhado para vencer os prazeres masturbatórios e fálcos se faria sentir, expressando-se em vários aspectos de sua vida (Freud,1987[1933]:155-157).

Como uma segunda possibilidade, poderia surgir na menina um movimento de "aferrar-se com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada" (Freud, 1987[1931]:264). Neste caso, para além da esperança de um dia vir a obter o pênis,

predominaria um complexo de masculinidade calcado na fantasia e no desejo de ser um homem. Por conta disso, recusando o reconhecimento do fato tão indesejado que é sua própria castração, a menina se refugiaria "numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai" (Freud,1987[1933]:159). Neste momento, chama a atenção para um importante aspecto no caminho da menina em direção à homossexualidade, que viria como uma confirmação não só de sua própria experiência em 1920, mas das mencionadas por De Groot, em 1927, e por Brunswick, em 1928:

"A experiência analítica realmente nos ensina que o homossexualismo feminino raramente, ou nunca, é continuação direta da masculinidade infantil. Mesmo para uma menina nessas condições, parece necessário que ela deva tomar seu pai como objeto, por algum tempo, e ingressar na situação edipiana. Depois, contudo, em consequência do inevitável desapontamento com o pai, é forçada a regressar a seu complexo de masculinidade anterior." (Freud,1987[1933]:159-60)

Finalmente, como terceira alternativa à emergência do complexo de castração, a menina ingressaria na forma feminina do complexo de Édipo, tomando o pai como objeto (Freud,1987[1931]:264). Entretanto, Freud (1987[1933]) alerta que ingressar nesta via só seria possível na medida em que a menina pudesse substituir o desejo de um pênis pelo de um bebê, precisando este bebê "assumir o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica" (pp.156-7). Introduzir esta condição – a equivalência simbólica pênis-bebê – tem, aqui, uma importância capital em função dos novos elementos que, a seus olhos, estavam entrando em jogo: a importância da fase primitiva de ligação da menina com a mãe. Por conta disto, se detém sobre a questão para dizer:

"Não nos passou despercebido o fato de que a mesma [a menina] desejou um bebê anteriormente, na fase fálica não perturbada: este era, naturalmente, o significado de ela brincar com bonecas. Todavia, este brinquedo não era, de fato, expressão de sua feminilidade: serviu como identificação com sua mãe, com a intenção de substituir a atividade pela passividade. *Ela* estava desempenhando o papel de sua mãe, e a boneca era ela própria, a menina: agora, ela podia fazer com o bebê tudo o que sua mãe costumava fazer com ela. Não é senão com o surgimento do desejo de ter um pênis que a boneca-bebê se torna um bebê obtido de seu pai e, de acordo com isso, o objetivo do mais intenso desejo feminino." (Freud,1987[1933]:158. Grifos do autor)

Diante de tantas sutilezas e complexidades, Freud (1987[1933]) não deixa de comentar que, "para as meninas, a situação edipiana é o resultado de uma evolução longa e difícil" (p.158) mas é, também, uma espécie de "solução preliminar, uma posição de

repouso" (p.158) que deixaria atrás de si fixações duradouras relacionadas ao tempo de ligação com a mãe.

Resumindo, são então estes aspectos combinados – o longo período de ligação à mãe e responsável por um grande número de fixações e disposições e o também o arrastado período de investimento em direção ao pai que, inevitavelmente, estará destinado ao fracasso e que seria só muito lentamente abandonado – que passarão a ser entendidos por Freud como regendo a vida amorosa das mulheres, orientando suas escolhas e emprestando algumas peculiaridades à feminilidade madura. Um superego frágil, uma maior quantidade de narcisismo, uma significativa vaidade física, uma facilidade para se ver tomada de sentimentos de vergonha, além de uma tendência para enciumar-se seriam, *grosso modo*, os traços mais marcantes destas peculiaridades, resquícios e efeitos mais duradouros da inveja do pênis, mesmo quando a atitude feminina normal final é atingida pelo endereçamento afetivo da menina ao pai, no Édipo.

Talvez por isto, mesmo quando Freud (1987[1933]) está tecendo considerações a respeito da maternidade e da conjugalidade na vida adulta das mulheres – situações que em muito se aproximariam do destino normal do complexo edípico – acaba se vendo obrigado a fazer referência aos traços quase concretos da inveja do pênis na vida das mulheres, traços que se expressariam numa relação não só simbólica com o pênis, mas real, ou seja, referida à realidade. Neste sentido, quando por exemplo identifica o desejo de um pênis como "*par excellence* um desejo feminino" (p.158), comenta que é grande a felicidade de uma mulher quando o desejo infantil de um bebê se concretiza na realidade (p.158); mas, para além disso, afirma que "a mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino" (p.163), não deixando de acrescentar que:

"A diferença na reação da mãe ao nascimento de um filho ou de uma filha mostra que o velho fator representado pela falta de pênis não perdeu, agora, sua força."

(Freud, 1987[1933]:163)

O pênis seria, então, sempre visado, alcançado pela via da maternidade ou da escolha amorosa. Quanto aos fatores determinantes desta escolha, Freud (1987[1933]) destaca dois: numa primeira alternativa, esta escolha se faria "em conformidade com o ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se" (p.162); ou seja, a mulher escolheria um homem revestido dos traços idealizados a partir de seus próprios anseios narcísicos infantis, acabando por escolher alguém que corresponderia, em última análise, ao que ela

própria gostaria de ter sido se fosse homem. Como segunda alternativa, considera que, se a menina permaneceu vinculada a seu pai no Édipo, "sua escolha se faz segundo o tipo paterno" (p.162); neste caso, a relação amorosa e não ambivalente com o pai tenderia a assegurar um casamento feliz. Entretanto, nem sempre as coisas correriam tão bem e Freud alerta que, muito frequentemente, "o marido da mulher, inicialmente herdado, por ela, do pai, após algum tempo se torna também o herdeiro da mãe" (p.163), reeditando a antiga rebelião com ela travada.

Observemos que, embora Freud (1987[1933]) se proponha a nos falar de "algumas peculiaridades da feminilidade madura" (p.161), as figuras de mulher que se perfilam por trás dos seus argumentos tem os traços da neurose – e, mais especificamente, segundo ele mesmo, da neurose histérica – seja pela via de fixações narcísicas que podem muito bem ser articuladas a sentimentos de inferioridade e insatisfação com seu órgão, seja pela impossibilidade de desvencilhar-se do complexo edípico, o que manteria a mulher eternamente na posição de filha, tanto na relação com o marido-pai, quanto na relação com o marido-mãe. Se retomarmos o que, em 1916, Freud entendia como sendo da ordem da neurose, não ficará difícil aproximarmos tais figuras de mulher feminina da mulher histérica. Naquela época, dizia:

“(...) o indivíduo humano tem de se dedicar à grande tarefa de desvincular-se de seus pais e, enquanto essa tarefa não for cumprida, ele não pode deixar de ser uma criança para se tornar membro da comunidade social.” (Freud, 1987[1916d]:393)

Então, se pela via da escolha amorosa fica difícil desatrelar feminilidade e destino histérico, entendemos que, pela via da maternidade esta tarefa também não se simplifica. Podemos pensar que, ao priorizar o deslizamento simbólico do desejo de um pênis para o desejo de um filho como demarcador do caminho para a feminilidade, Freud (1987[1933]) adscrive à mulher um destino na maternidade: ter um bebê seria "o objetivo do mais intenso desejo feminino" (p.158). Entretanto, ele não limita a expressão desse desejo enquanto só referida ao filho, entendendo também que "um casamento não se torna seguro se a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe" (p.164). Esta observação completa, então, uma série referida ao que um homem pode ser para uma mulher: um pai, uma mãe, um filho⁴⁶. Se Freud julgava esta última

⁴⁶ Soller (1995[1993]) dá destaque a esta série. A este respeito, ver, especialmente, pp.122-5.

opção – o marido se tornar um filho – como a melhor, era talvez porque vislumbrava uma estreita relação entre feminilidade e maternidade. Entretanto, a nossos olhos, 'tornar-se mãe do marido' é um destino que corre o risco de afetar a relação erótica da mulher com o parceiro – tomado, então, como filho – e de recair, portanto, no campo do destino neurótico da inibição sexual.

Assim, ainda que no texto freudiano histeria e feminilidade surjam como avatares distintos da sexualidade feminina, correspondendo a diferentes destinos face ao complexo de castração, a posição materna defendida por Freud como correspondente à feminilidade parece criar embaraços ao exercício da erótica feminina, dando margem a que a mulher-mãe possa se aproximar da mulher histérica.

Deste modo, quando vemos histeria e feminilidade-maternidade se aparentarem no pensamento freudiano, nos apoiamos principalmente nestas impressões, não por associarem os destinos da sexualidade adulta aos desejos e anseios infantis – pois que esta é a marca mesma da sexualidade dos humanos – mas porque, com Freud, não há como pensar num destino para a feminilidade que não possa recair num destino histérico: ou o parceiro é um herdeiro do pai ou da mãe – o que mantém a mulher na posição de filha, às voltas com questões infantis que só estariam sendo reeditadas – ou o parceiro é tomado como filho pela mulher – o que o coloca sob o risco de ser por ela investido primordialmente de maneira terna.

Poderíamos ainda acrescentar que, ao acreditar que a mulher teria possibilidade de tornar-se feminina através de um filho-falo, Freud, paradoxalmente, situou a feminilidade como uma derivação da masculinidade, tentando propor uma solução que viesse dar conta da difícil empreitada das mulheres em terem que se haver com um corpo marcado pela falta e pela ausência daquilo que responde pelo sexo: o pênis-falo.

Ainda que possamos considerar o peso efetivo na vida erótica de uma mulher derivado da possibilidade de passar do desejo do filho do pai para o desejo de um pênis ou de um filho de um homem, sabemos, pela clínica, que enamorar-se, casar-se e ter filhos não necessariamente livra uma mulher de um destino histérico. E Freud, já em 1937, também parecia sabê-lo...

Assim, para finalizar, diríamos que, se a histeria, ao longo da experiência clínica de Freud, serviu-lhe de solo para ir desvendando os caminhos da mulher rumo à feminilidade

– uma feminilidade concebida e entendida como tendo como principal destino a maternidade – a própria histeria acabou se configurando, também, como o último dos possíveis embarços vividos neste percurso. E foi por esta via que a mulher como histérica acabou se inscrevendo na teoria e na clínica psicanalítica. Mas, se esta inscrição, de um lado, produziu efeitos no próprio campo da teorização e na abordagem do que diria respeito à feminilidade, de outro não deixou de produzir consequências também no campo do 'fazer clínico'. Ou seja, as questões supostas em jogo na histeria acabariam por determinar a direção do tratamento e o horizonte clínico a ser atingido pelo projeto terapêutico da análise, afetando, também, a posição e as estratégias do analista face à transferência. É tentando demonstrar esta estreita articulação entre a concepção de feminilidade enquanto maternidade e o fazer clínico a ela referido, que estaremos, a seguir, nos movimentando.

1.6 – OS IMPASSES DA HISTÉRICA RUMO À FEMINILIDADE E O FAZER CLÍNICO DO ANALISTA: A CLÍNICA DO ÉDIPO

O que vamos aqui estar chamando de uma clínica do Édipo corresponde ao tipo de fazer clínico que, durante o período compreendido especialmente entre 1917 e 1930, caracterizou a prática dos analistas mais próximos de Freud. 'Fazer clínico' que poderia perfeitamente ser arrolado como fazendo parte da técnica psicanalítica então empregada, não fosse a desqualificação que, na contemporaneidade, acabou por ser emprestada ao termo 'técnica'. Mas, ao escolhermos e darmos preferência à expressão 'fazer clínico', o fazemos porque julgamos esta expressão como a mais adequada para, minimamente, dar conta do que estaremos enfatizando: o plano em que se desdobra o 'fazer' do analista, um 'fazer' duplamente articulado: de um lado, orientado por uma escuta que não é qualquer uma e, por isto, passível de sofrer os efeitos do que o analista busca ouvir; de outro, responsável pelas intervenções e interpretações capazes de produzir efeitos.

Há, então, em relação a este 'fazer' um ponto nodal ou central que corresponderia, *grosso modo*, ao ponto em que a escuta não é desavisada e em que a interpretação é orientada pela teoria. Entretanto, este 'fazer' inclui também um ponto de abertura gerado por aquilo que toma ares de indagação e de questão para o analista e que exige elaboração. Neste caminho, novas suposições e elaborações vão surgindo e, com elas, novas possibilidades de intervenção vão podendo produzir efeitos na clínica.

Se é assim, então, que teoria e clínica se articulam, fazendo com que um saber teórico-clínico se construa, nosso objetivo a seguir é o de demonstrar como as questões em jogo na sexualidade das mulheres e expressas, especialmente aos olhos de Freud e desde os primórdios de sua atividade clínica, pelas históricas, fizeram com que o fazer clínico dos analistas avançasse tendo como bússola exatamente os impasses da menina em seu desenvolvimento edípico. Mais do que isto, demonstraremos como este fazer clínico se desdobrou, particularmente nesse período de pouco mais de uma década, articulado aos embaraços gerados, nos analistas, pelos efeitos gerados pelo complexo de castração na vida se suas pacientes e pelo lamento, muitas vezes manifestado por elas, de não terem nascido homens – elementos que acabariam por fazer do Édipo feminino o herdeiro direto da inveja

do pênis e, da maternidade, o sinônimo da feminilidade atingida, uma vez que, nela, um substituto simbólico do órgão tão ansiado seria, então, conquistado.

Veremos, por conta disso, que o que era expresso na transferência – o amor ou o ódio – acabava sendo interpretado em estreita relação aos sentimentos edípicos. Em consequência, o sexo do analista pesava e tinha valor na direção do tratamento e no sucesso do projeto terapêutico da análise. A este respeito, o relato freudiano do caso da jovem homossexual em 1920 pode ser tomado como lapidar, uma vez que é um caso capaz de recorrentemente suscitar uma indagação: que razão teria levado Freud a enviar esta paciente para uma analista mulher?⁴⁷ A alegação de Freud, ao longo do texto, é que a transferência da jovem para com ele tinha algumas peculiaridades, parecendo mesmo, em alguns momentos, não existir nenhuma transferência ou nada similar a ela. Entretanto, no desenrolar do caso, alguns sonhos enganosos da jovem servem a Freud para indicar um impasse no campo transferencial, pois, a seus olhos, eles revelavam o propósito inconsciente da moça em enganá-lo. Se hoje até podemos pensar que 'se deixar por ela enganar' seria uma alternativa analiticamente válida a ser adotada por Freud, naquela época parecia não sê-lo. O plano em que a transferência era entendida se desdobrar implicava nas vertentes positiva e negativa dos afetos dirigidos ao analista, sendo a exacerbação de ambas as possibilidades o sinal de que algo da ordem da resistência estava em jogo.

Ao lado disso, ainda em 1920, a teorização sobre o percurso edípico da menina dava seus primeiros passos. Assim, se de um lado, Freud pôde entrever a força dos antigos laços da jovem homossexual com a mãe – através da figura do irmão, muito parecido fisicamente com esta, e em relação ao qual a jovem em menina tinha votado seu amor – laços que, com a dama, a jovem buscava renovar e reeditar, de outro lado, o que Freud efetivamente 'sabia' é que, de um modo geral – e esta jovem não tinha escapado a isto – as meninas se voltavam para o pai e sonhavam receber dele um filho. No entanto, o repúdio manifestado pela jovem em relação aos homens fez com que Freud, como homem, julgasse ter esbarrado num impasse transferencial intransponível que o levou a considerar conveniente retirar-se de cena e encaminhar a jovem para uma analista mulher.

O que vamos ver é que, se o critério de enviar a paciente a um analista do sexo

⁴⁷ Já desde 1994 nos interrogamos sobre esta questão. A este respeito, ver Utchitel (1994), especialmente pp.177 a 180.

oposto ao se deparar com impasses transferenciais não chegava a ser prática corrente entre os analistas da época – embora praticada por alguns, e pelo próprio Freud – entender a posição edípica a partir dos dados transferenciais o era. Esta era a época das primeiras grandes descobertas, uma época, não esqueçamos, em que novos parâmetros para a histeria eram buscados, face aos sintomas de frigidez e de inibição sexual a que inúmeras mulheres faziam referência. Por outro lado, esta prática não foi sem consequências: afinal, foi em grande parte devido a ela que o complexo percurso da menina em direção à feminilidade – tomada sempre na referência à maternidade – pode ser traçado, revelando-se aos olhos de Freud e de seus discípulos os rastros deixados no psiquismo das mulheres pela fase precoce de ligação à mãe.

Assim, o que mostraremos a seguir – a partir de dois casos clínicos de uma mesma paciente atendida por dois analistas diferentes num intervalo de dez anos – é como a clínica psicanalítica com mulheres se orientava, já a esta época, em função da concepção, também psicanalítica, da feminilidade. Feminilidade que, para Freud e para os freudianos, seria herdeira do Édipo positivo, isto é, do investimento amoroso da menina em relação ao pai. Por conta desta herança, o desejo do filho de um homem seria sua esperada consequência, constituindo-se a maternidade, então, como a maior evidência de que a feminilidade teria sido atingida. Por esta mesma razão, a histeria seria entendida como o impasse último, ou o derradeiro embaraço neste percurso, na medida em que a histérica manteria, geralmente, com o pai um laço que não teria conseguido ser ultrapassado. Especialmente Dora e as mulheres que serviram a Freud como ponto de partida em sua empreitada dão, a este respeito, o maior testemunho.

Mas, se é a noção de feminilidade articulada ao Édipo positivo que orienta o fazer clínico dos dois analistas que vamos aqui examinar, entre o relato de um e o de outro, o avanço no campo das elaborações teóricas se evidenciará, permitindo-nos constatar como uma mesma lembrança, um mesmo sonho e uma mesma fantasia puderam ganhar, na segunda análise da paciente, novas possibilidades interpretativas.

1.6.1 – Ophuijsen e a jovem musicista que queria ter sido homem

*“Trata-se de um caso no qual a idéia de ser um homem, sobre o fundo de uma identificação ao pai e ao irmão, domina o quadro.”
(Ophuijsen)*

Em 1917 e exatamente no texto em que cunhou a expressão 'complexo de masculinidade', Ophuijsen, dentre outras referências clínicas, fez o relato do atendimento a uma musicista que esteve sob seus cuidados, referindo-se a ela como **H**.

Ophuijsen (1994[1917]) não nos revela a idade de **H**, mas seu relato sugere tratar-se de uma mulher adulta, mas ainda jovem. Solteira, **H** era a filha do meio de uma prole de três, tendo sido precedida em um ano e meio por uma irmã e seguida por um irmão. Tinha perdido a mãe aos treze anos de idade e o irmão aos dezenove, perdas que, na opinião do analista, tinham agravado sua neurose (p.18). Esta, se manifestava especialmente através de um sintoma ligado ao medo das pessoas, prenunciado por uma significativa timidez desenvolvida desde a infância. Além deste sintoma, **H** era um mulher com tendências homossexuais – nunca concretizadas – e que teriam surgido, segundo o analista, como um refúgio diante da ameaça de envolvimento amoroso com um tio, irmão mais novo do pai. É, então, no quadro deste cenário que as questões em jogo para **H**, especialmente no tocante ao desenvolvimento de sua sexualidade, serão analisadas e interpretadas.

Algumas lembranças de infância e um sonho de **H** servem de solo à exposição clínica de Ophuijsen. A primeira destas lembranças data do período em que **H** tinha cerca de quatro anos de idade, época em que ainda dormia no quarto dos pais. Trata-se da lembrança de um sonho e que poderia perfeitamente, segundo Ophuijsen (1994[1917]), não ser mais do que uma fantasia: **H** sonha estar na cama, com sua mãe à sua cabeceira quando tem uma sensação corporal extremamente agradável e ouve da mãe que estava tudo bem e que ela tinha o direito de sentir aquilo. Experimenta, então, uma espécie de orgasmo e desperta. Desiludida e decepcionada, repara então que tinha molhado a cama. Chama pela mãe, que a ajuda sem se irritar (p.17).

Aos cinco anos de idade, época em que precisava da ajuda dos pais para fazer uso do urinol à noite, lembra-se de um segundo episódio: o pai acode a seu chamado mas, de modo muito irritado, acaba por lhe dar uma bofetada que ela não esperava. **H** se lembra de

prometer a si mesma nunca mais chamar os pais. Entretanto, para atrair-lhes a atenção, passou a fazer barulhos na cama, sacudindo-se no leito (Ophuijsen,1994[1917]:21).

Como terceira lembrança marcante, **H** faz menção a uma fantasia a que se refere como a 'fantasia do hospital', em que ela era uma espécie de rendentora em um hospital em que os doentes eram tratados através de meios extraordinariamente cruéis (Ophuijsen, 1994[1917:22).

Como quarta lembrança, **H** revela que sempre teria ouvido seus pais mencionarem que, quando nasceu, eles sonhavam e desejavam que viesse um menino. Sentindo-se injustiçada, considerava que se tivesse nascido um pouco mais tarde teria nascido homem – afinal, tinha um irmão mais novo (Ophuijsen,1994[1917]:23).

Em torno destas quatro lembranças um leque de questões vai-se abrindo, desdobrado tanto pelas associações que **H** vai fazendo, quanto pelas interpretações que o analista vai dando. Lembremos que Ophuijsen se mostrava, neste momento, especialmente instigado pela declaração de Freud (1916a) de que as meninas se lamentariam por não terem nascido meninos. Questões referidas, portanto, à forma como as meninas viveriam sua realidade anatômica o intrigavam. E, o que vamos ver é que a maior parte de suas considerações vai-se tecer em torno das vivências fantasísticas de **H** associadas a excitações corporais, especialmente as uretrais, anais e clitoridianas. Vivências que, em sua ótica, teriam fixado prazeres que acabariam por dar contorno a seu sintoma e por delimitar as vias da sua sexualidade.

Na narrativa do caso, Ophuijsen (1994[1917]) parte da lembrança do sonho em que **H** molha a cama e vê aí a nascente de sua timidez, uma vez que, depois dele, a menina teria desenvolvido um medo que a atingia especialmente à noite, passando a sofrer de insônia. Analisando os elementos deste sonho, vai considerar que as sensações de prazer da paciente se originariam da bexiga, correspondendo o ato de urinar ao orgasmo no sonho (p.18). Entretanto, em sua opinião, a vergonha e a decepção por ela sentidas ao acordar tinham importância, sendo a prova de que a menina **H** já saberia, a esta época, controlar os esfíncteres (p.18). Assim, o sonho refletiria o retorno a um período anterior em que não haveria ainda este controle, associado à imagem das regras de sua aprendizagem (p.18). Imagem que Ophuijsen descreve com riqueza de detalhes, mencionando que, no sonho:

“(...) a mãe, diante dela, lhe dizendo para 'se deixar levar', é a mãe que incita a fazer uso do urinol. Urinar no urinol tinha sido muito importante para ela. Mais tarde, o pai também a

tinha ajudado, fazendo o ruído que a incentivava a esvaziar a bexiga. Por outro lado, em seus primeiros anos, tinha frequentemente ouvido o ruído de seu pai urinando na peça ao lado.” (Ophuijsen, 1994[1917]:18. Nossa tradução)⁴⁸

Observemos que é o curso do desenvolvimento libidinal e os prazeres a ele associados, além da conduta curiosa de sua paciente a respeito do pai, que servem de bússola à interpretação. Talvez hoje, com todo repertório teórico de que dispomos, não privilegiássemos tanto a relação da bexiga cheia com o prazer gerado por seu esvaziamento. Com Lacan, talvez priorizássemos a relação do esvaziamento e do prazer por ele gerado ao desejo da mãe e, na sequência, ao do pai. Com Klein, o próprio esvaziamento poderia ser interpretado, talvez, como a expressão de pulsões sádicas dirigidas à mãe. São hipóteses... Entretanto, é importante ter em mente que a interpretação de Ophuijsen se dá no contexto teórico freudiano, um contexto que encontra nos *Três Ensaio*s um bom resumo, contexto em que o desenvolvimento libidinal se dá apoiado no funcionamento corporal erogenezado pelo cuidado materno.

É ainda privilegiando a lembrança do sonho que a relação entre urinar e ouvir – ouvir especialmente o pai urinando – vai ser destacada por Ophuijsen (1994[1917]). Tomando esta trilha, vai comentar que esta paciente não só era uma musicista muito dotada, mas que, desde criança, já compunha. Música e barulho produzido pela micção se relacionam. O analista menciona, então, as situações em que esta analogia seria evidente: muitas vezes, H se sentava no banheiro e deixava a torneira da pia aberta para escutar uma melodia no ruído da água correndo (p.18). Também quando tinha que tocar num concerto, muitas vezes tinha a sensação de estar prestes a encontrar uma saída para a tensão que imaginava ser sentida pelo público ou pelo compositor da melodia que executava. Estas associações se mostrariam nitidamente análogas à situação infantil em que, urinando, produzia o barulho que seu pai fazia com a boca diante dela, ou quando ele mesmo urinava no banheiro ao lado do quarto. Para Ophuijsen, o pai de H teria sido sempre um grande encorajador de suas ambições musicais, vindo a contribuir não só com a identificação de H a ele neste domínio, mas também para que ela viesse a se considerar como a executora de sua vontade (p.19). Na sequência, o analista observa que “uma das formas mais primitivas

⁴⁸ No original: “ (...) la mère près d’elle lui disant de laisser faire, c’est la mère qui l’ incite à faire dans le pot. Uriner sur le pot avait été très important pour elle. Plus tard, le père l’avait lui aussi aidée en lui faisant le bruit qui l’amenait à soulager sa vessie. En outre, dans les premières années, elle avait souvent entendu le bruit de son père urinant dans le pièce à côté.”

de expressão desta identificação é esta idéia: ser os órgãos genitais de seu pai" (p.19)⁴⁹. Assim, quando H tocava num concerto, parecia sentir-se como aliviando a tensão do público ou do compositor da melodia, uma tensão por ela sentida, ou presente no inconsciente, e que seria assim deslocada e projetada. Mas, se esta é, em linhas gerais, a conclusão que Ophuijsen antecipa no seu texto a respeito do caso desta paciente, toda uma série de considerações por ele tecidas merecem ser trazidas à luz.

Ophuijsen (1994[1917]) chama a atenção para o fato de que 'ouvir' tivera sempre um importante papel no desenvolvimento do interesse da pequena H (p.19). Sua insônia precoce era alimentada por sua atenção em relação aos barulhos da casa, parecendo ter-se originado tão logo parou de dormir no quarto dos pais. Querer saber o que se passava ali provavelmente produzia nela uma tensão que a impedia de conciliar o sono. No rastro destas possibilidades aventadas na análise, "a paciente diz, ela mesma, que o sonho de infância bem poderia ter sido a consequência da percepção do coito parental e que estaria identificada ao pai" (p.20)⁵⁰. Mas, se de um lado, Ophuijsen considera que as associações convidariam a uma tal possibilidade, de outro menciona que esta lembrança nunca viera à consciência da paciente, o que levava a crer que ela seria fruto da idéia comum entre as crianças de que o homem urina na mulher. Em consequência, o sonho poderia ser compreendido como um sonho de coito homossexual. Assim, sonhar fazer com a mãe o que pensava que o pai fazia provinha, segundo ele, do período em que era intensa sua intimidade com a mãe.

Observemos que Ophuijsen se orienta tendo como horizonte as fantasias sexuais infantis; mas, observemos, também, que vai perceber a importância do período de ligação à mãe sem que, contudo, tire maior proveito ou rendimento clínico desta percepção. A idéia de que o percurso edípico diria respeito, exclusivamente, aos movimentos em direção ao pai, sem levar em conta os embaraços em desvencilhar-se da mãe, é aqui pregnante. Dito de outro modo, a idéia de que a menina teria que trocar de objeto em seu percurso ainda não era aventada, apesar da paciente fazer menção a lembranças capazes de já suscitar esta hipótese.

⁴⁹ No original: "Une des formes très primitives d'expression de cette identification est cette idée: être les organes génitaux de son père."

⁵⁰ No original: "La patiente dit elle-même que le rêve enfantin a bien pu être la conséquence de la perception du coït parental et qu'elle s'est identifiée avec le père."

Toda uma série de lembranças de **H** estava referida a este período de forte intimidade com a mãe, intimidade rememorada especialmente em relação aos cuidados por ela prestados nas normas e nos cuidados higiênicos com seu corpo. Assim, **H** se lembrava nitidamente do uso conjunto que ela e a mãe faziam do banheiro, situação que teria despertado na menina a curiosidade em saber como a mãe 'era' e o que 'ela fazia' (Ophuijsen,1994[1917]:20).

Talvez não por acaso, a defecação trouxe problemas para **H**: ela sofria de constipação e lembra que quando fazia força para evacuar, ouvia da mãe que aquilo não era necessário; fazendo força, entretanto, tinha sensações curiosas na cabeça, uma espécie de tontura que seria encontrada, também mais tarde, em sua timidez. Combinando estes elementos, Ophuijsen (1994[1917]) conclui: quando a timidez a invadia, se tratava da transferência da situação infantil no banheiro. Um deslocamento para o alto fazia, para ela, da boca um ânus e o que saía da boca, gases e excremento: não era à toa que **H**, quando falava ou conversava com alguém, precisava se certificar de que não sentiam seu hálito (pp.20-1). Deslocamento para o alto que ele entendia acontecer também no que dizia respeito à tudo que tocasse à bexiga: a luta de **H** contra as crises de choro, um dos sintomas de sua timidez, viria daí (p.21). É importante esclarecer que a própria **H** tinha já estabelecido, na análise, o laço entre seu sintoma de constipação, a glândula vermelha que tinha observado no sexo do irmão e as lágrimas resultantes da força que fazia para evacuar. Por causa disso, interpretava suas crises de choro como ejaculações (p.19). Chama-se atenção, aqui, para os 'deslocamentos histéricos' que Ophuijsen vê acontecerem com **H**.

Mas, a fase de intimidade com a mãe teria sido subitamente interrompida quando, partir de certo momento, **H** se viu sem o direito de acompanhar sua mãe ao banheiro (Ophuijsen,1994[1917]:21); interrupção súbita que seria também a marca de seu afastamento do pai, através do episódio da bofetada, já aos cinco anos de idade (p.21). Para circunscrever teoricamente as razões de tais vivências de **H**, Ophuijsen privilegia o campo dos prazeres infantis e considera que o caráter súbito das renúncias impostas à menina nesta esfera – renúncias que não encontrariam paliativos – poderia, de fato, ter sido traumatizante e funcionado como a fonte de seu rancor (p.21). Assim, em sua opinião, um comportamento mais ponderado dos pais de **H** em sua educação teria podido evitar este trauma (p.21).

Algo semelhante teria sido vivido por H por ocasião de seu ingresso na escola: ir para a escola tinha sido, para ela, inesperado. Afinal, esta idéia teria surgido, segundo suas lembranças, num dia em que, ansiosa, se deitara numa mesa se esfregando sem saber o que queria, quando sob a forma de um golpe ouviu: *agora, é preciso que vá à escola* (Ophuijsen,1994[1917]:21). Em suas memórias, H lembra de considerar injusto o comportamento de sua mãe, sentindo raiva e angústia, a partir daí, diante das imposições feitas por ela. Uma angústia que, segundo o analista, se seguiria a qualquer coisa que fizesse ou dissesse sem saber (p.21).

As regras educativas acabariam sendo, então, para H, sempre motivo de desconfiança. Em consequência, suas lembranças da escola acabam também se associando a coisas interditas (p.22). Destas, Ophuijsen (1994[1917]) nos fala de duas. A primeira, referida à proibição feita pela mãe à menina em usar o banheiro da escola, proibição à qual não obedeceu, uma vez que, no tocante às funções urinárias e intestinais, sua curiosidade nunca havia desaparecido. A segunda, se ligaria à lembrança de brincar com seus genitais sentada na cadeira da escola; por medo de que pudessem vir a descobrir o odor de suas mãos, ela lambia os dedos até que nenhum cheiro pudesse ser sentido. No entanto, e apesar destas lembranças, a paciente não sabia dizer se já se masturbava na época do primeiro sonho e a análise nada pode esclarecer sobre este ponto (p.22). Por outro lado, Ophuijsen considera que não é impossível pensar que o sonho de infância indicasse o início ou a primeira percepção das sensações clitoridianas, especialmente porque a paciente teria dito expressamente que um sentimento de satisfação lhe era desconhecido até aquela experiência narrada no sonho, após a qual passou a se sentir diferente, como se tivesse alguma coisa de particular, uma espécie de segredo que a distinguiu dos outros (p.22)⁵¹. A conexão entre a função urinária e a função clitoridiana surge, então.

Apoiando-se em Freud e na relação por este estabelecida entre erotismo uretral e ambição, Ophuijsen (1994[1917]) vai mencionar que sua paciente era, de fato, ambiciosa (p.20). Ambição alimentada pelos incentivos paternos quanto a seu talento musical; ambição que transpareceria na 'fantasia do hospital' em que se imaginava como uma redentora; ambição que se nutria pela rivalidade entabulada com a irmã mais velha, a quem

⁵¹ Segredo provavelmente apoiado na fantasia de ser possuidora de *nymphas hotentotes*. Ver, a este respeito, p.55 deste trabalho e, especialmente, nossa nota de n.º 24.

parecia vencer em todos os domínios, exceto nas relações com o pai, diante de quem **H** se revelaria tímida e inibida. Esta rivalidade com a irmã teria feito com que, em determinado momento, se voltasse para o irmão mais novo, devotando-lhe um carinho maternal especialmente após a morte da mãe (p.23).

Mas, é tomando especialmente a quarta lembrança de **H** – a idéia de que seus pais gostariam que ela tivesse vindo ao mundo como menino – que Ophuijsen (1994[1917]) vai dizer que a amargura ligada ao fato de se considerar tendo 'nascido muito cedo' (p.23) se manifestou de maneira patente na análise quando ele colocou um termo no processo analítico e deixou-a ir antes que estivesse pronta (p.23)^{52/53}. Na ótica de Ophuijsen, a idéia de **H** de 'ter nascido cedo' teria a ver com uma experiência vivida repetidamente por ela ao longo da vida, toda vez que lhe era proposta ou interdita alguma coisa, ou seja, quando lhe eram feitos pedidos para completar alguma coisa, ou feitas exigências que implicavam em algum tipo de renúncia. Por conta disto, em sua opinião, **H** revelaria dificuldade em abandonar qualquer prazer antes de tê-lo desfrutado mais inteiramente; também por conta disso, Ophuijsen acabaria por interpretar a tendência da jovem em querer conservar sempre por mais tempo do que o possível uma determinada forma de satisfação como uma atitude nascida de um erotismo anal fortemente desenvolvido (p.23). Observemos que, aqui, fica clara a associação feita por Ophuijsen entre retenção e erotismo anal.

Explicitando os argumentos teóricos que sustentariam esta sua interpretação, Ophuijsen (1994[1917]) nos diz que a esperança de **H**, de que viria, um dia, ter um pênis como o irmão ou como o pai, tinha sido transferida, por um tempo, para o intestino (p.23). No rastro deste argumento, acaba por se indagar sobre a relação deste erotismo anal com a homossexualidade de **H**, e a considerar que o abandono das sensações anais seria quase uma pré-condição para a emergência de sensações vaginais (p.24). Cabe observar que, como a esta época a fase fálica do desenvolvimento libidinal ainda não tinha sido estabelecida por Freud, há, no raciocínio desenvolvido por Ophuijsen, a perspectiva de que o abandono da fase anal seria crucial para o desenvolvimento da sexualidade feminina.

⁵² Destacamos, aqui, o trecho em que Ophuijsen (1917) resume sua perspectiva e posição clínica: "Elle se considèrait comme née trop tôt. Cette amertume se manifesta de façon patente pendant l'analyse lorsque, pour certaines raisons, j'y mis un terme et la laissai partir avant qu'elle ne fût prête."

⁵³ Comentando esta passagem, Hamon (1992) entende que Ophuijsen teria fixado um prazo para o fim do tratamento de **H** (p.83).

Por conta disso, Ophuijsen (1994[1917]) acabará por considerar que a associação entre a persistência das sensações anais, a intimidade inicial com a mãe e a posterior identificação ao pai teria fornecido um solo fértil para a homossexualidade da paciente (p.24). Foi quando seu amor pelo tio ameaçou prevalecer que ela se refugiou numa relação homossexual que provocou, em pouco tempo, problemas agudos. Ophuijsen não dá detalhes das relações de H nem com o tio, nem com essa outra mulher, mas, dá a entender que nenhuma delas teria sido efetivada em termos sexuais.

Centrando-se na dificuldade de H em estabelecer laços de qualquer natureza, Ophuijsen (1994[1917]) vai considerar que o fracasso da paciente em estabelecer transferências duráveis e satisfatórias em relação a objetos hetero ou homossexuais "entranharia uma regressão ao estado auto-erótico do desenvolvimento libidinal, essencialmente ao erotismo uretral" (p.24)⁵⁴. Exatamente esta relação entre o complexo de masculinidade e o erotismo uretral é que afirma estar presente em outros casos por ele analisados (p.24).

Apesar do contexto teórico da época ser ainda incipiente na referência aos caminhos da sexualidade feminina, Ophuijsen nele produz avanços, ilustrando com a clínica como 'querer ser um homem' era uma fantasia mais frequente nas meninas do que se podia imaginar – fantasia que trazia à tona a questão do complexo de castração em sua vida psíquica – e o quanto ela se mostrava capaz de produzir efeitos na sexualidade adulta da mulher.

Por outro lado, Ophuijsen não pode ver no rastro das lembranças de H o peso das relações entabuladas com a mãe, peso que o próprio Freud só viria a admitir bem mais tarde, em 1931. Um olhar mais cuidadoso mostrará, entretanto, que Ophuijsen apenas não deu rendimento à força do laço de H com a mãe que estava ali, na história que ela ia contando através dos sonhos e das memórias – mãe que foi a primeira a, nela, suscitar as maiores curiosidades, mãe por ela identificada como aquela que agenciava suas maiores angústias. Operando com uma idéia clássica do complexo edípico – o amor ao pai e a hostilidade em relação à mãe – e sem poder contar com um terreno teórico capaz de lhe fornecer subsídios para formalizar a fase de ligação da menina com a mãe, Ophuijsen

⁵⁴ No original: "L'échec d'un transfert durable et satisfaisant sur des objets homosexuels et hétérosexuels entraîne une régression au stade auto-érotique du développement libidinal, essentiellement à l'érotisme urétral."

acabou precisando privilegiar o trauma, ou as situações traumáticas – situações em que, sem entender o que se passava, H não reagia, ou reagia refugiando-se na raiva e na decisão de não pedir mais nada – para circunscrever teoricamente a origem dos sintomas de sua paciente: sua pouca tolerância para renunciar a certos prazeres ou para aceitar restrições neste domínio.

Mencionamos que parece ter sido exatamente esta pouca tolerância revelada por H o que fez com que sua análise com Ophuijsen sofresse uma interrupção precoce. Mas, cabe a questão: interrupção provocada por Ophuijsen ou aceita por ele face às resistências de H? Ainda que disto não tenhamos uma resposta – o texto de Ophuijsen não a fornece – não há dúvida de que questões transferenciais foram responsáveis por esta interrupção. E o que fica subjacente ao texto de Ophuijsen, ou nas suas entrelinhas, é que a relação de H com ele, seu analista, se mostrava tão pouco durável e tão pouco satisfatória quanto as outras relações que H entabulara, tanto com uma outra mulher quanto com o tio. Por conta disso, Ophuijsen parecia se ver apenas como mais um nesta série de ligações temporárias e provisórias de H. Como aceitar que uma análise pudesse se desdobrar nestas bases? Como sua paciente poderia ser analisada se, diante do que seria o substituto do pai do Édipo – ele, seu analista – ela se mostrava reticente e arredia?

Ophuijsen fez o que Freud viria a fazer três anos mais tarde, em 1920, com a jovem homossexual: deixou-a ir. Por que? Talvez porque, sem um vínculo transferencial do tipo paterno, nada lhe restasse a fazer...

1.6.2 – Lampl De Groot e a jovem musicista : um homenzinho às voltas com a mãe

“Por trás da posição edipiana positiva da mulher, descobríamos uma posição edipiana negativa com a mãe como objeto de amor.”
(De Groot)

Dez anos após a publicação do caso de H por Ophuijsen, esta mesma paciente serviu a Lampl De Groot para ilustrar suas considerações sobre a pré-história do complexo de castração nas meninas⁵⁵. Uma pré-história que diria respeito ao falicismo da menina dirigido à mãe e que pôde ser vislumbrado especialmente por duas razões: primeiramente, porque a própria formalização da fase fálica já havia sido feita por Freud em 1923 e, a partir disso, alcançados consideráveis avanços relacionados ao percurso edípico de meninos e meninas; mas, ao lado desta razão – e talvez por circunstâncias peculiares – uma atenta e sensível escuta clínica viria a tomar os dados transferenciais revelados na análise como a chave para chegar à mais antiga fase de investimento da menina.

De Groot (1994[1927]) abre sua apresentação do caso com o comentário de ter tido sob seus cuidados, durante um bom tempo, uma paciente que tinha sido, anteriormente, analisada por um analista homem – na verdade, a expressão usada por ela é "colega masculino" (p.126). Ela segue em seu comentário, mencionando que, na primeira análise, algumas dificuldades transferenciais não tinham podido ser resolvidas; apesar disso, a paciente, que sofria de uma neurose histérica grave, tinha melhorado em relação à maior parte dos sintomas e avançado na compreensão de inúmeras questões (p.126). Enumera, então, três aspectos da vida de H que teriam sido analisados em detalhes na primeira análise e aceitos pela paciente: o complexo de Édipo positivo, a rivalidade com a irmã e a inveja em relação ao irmão (p.126). Tais avanços, no entanto, não teriam sido suficientes para fazer com que H se sentisse capacitada para o trabalho, parecendo ser este seu maior lamento.

Os aspectos transferenciais em jogo na primeira análise de H recebem de De Groot (1994[1927]) uma atenção especial, pois a analista alega predominar, no momento em que sua paciente lhe chega, alguma coisa difícil de determinar em função da oscilação ou

⁵⁵ Embora De Groot (1927) não se refira a esta paciente como H, para efeito de clareza, manteremos aqui a identificação a ela emprestada por Ophuijsen (1917). Cabe também destacar que foi Hamon (1992) quem primeiro identificou, através da aproximação dos dois textos, esta paciente como comum aos dois analistas (p.78).

ambivalência da moça em relação ao antigo analista; assim, um amor passional e uma raiva, também passional, se alternaram num primeiro momento. Entretanto, como já conhecia H antes de ser procurada por ela como analista, acaba vendo, nisto, a razão da paciente acabar se engajando no tratamento movida por uma forte transferência positiva a seu respeito. Sobre isto, comenta: "sua atitude era mais ou menos a de uma criança que procura uma proteção junto à mãe" (p.126)⁵⁶. Em pouco tempo, porém, esta atitude de H se modificou consideravelmente e, sob a aparência de uma rejeição obstinada à analista, não demorou por revelar uma intensa e ativa demanda de amor (p.126). Para a analista:

"A paciente se comportava exatamente como um rapaz enamorado, manifestando notadamente um violento ciúme em relação a um rapaz que ela supunha ser seu rival na vida real." (De Groot, 1994[1927]:126. Nossa tradução)⁵⁷

No intuito de ilustrar as expressões deste amor ativo de H a seu respeito, De Groot (1994[1927]) relata que, um dia, a paciente chegou na análise com a idéia de ler a obra de Freud e se tornar, ela mesma, analista. A primeira interpretação dada a esta idéia, pela própria H, foi a de estar identificada à analista; esta interpretação, contudo, se mostrou insuficiente (p.126) quando considerada em relação a uma série de sonhos. Nestes, o verdadeiro desejo de H se desnudaria: descartar o analista de sua analista, ou seja, 'castrá-lo' – a expressão é da própria De Groot (p.126) – para se instalar em seu lugar. Analisar a analista seria uma forma de possuí-la, conclui De Groot (pp.126-7)⁵⁸. Cabe observar que, diferentemente do analista anterior, De Groot privilegia os desejos incestuosos da menina em relação à mãe, operando com uma estrutura edípica em que, para além da clássica perspectiva de entender o Édipo no plano da rivalidade com a mãe e do investimento ao pai, a própria mãe comparece como objeto a ser investido, ficando o pai na posição de rival.

A interpretação desses sonhos tem por efeito suscitar em H uma série de lembranças infantis. Assim, H se lembraria que, em menina e diante das brigas entre os pais, tomava sempre o partido da mãe para defendê-la ou protegê-la. Também se lembraria que, presenciando a troca de carinho entre seus pais, execrava o pai, desejando ter a mãe só para

⁵⁶ No original: "Son attitude était à peu près celle d'un enfant qui cherche une protection auprès de sa mère."

⁵⁷ No original: "La patiente se comportait exactement comme un jeune homme amoureux, manifestait notamment une violente jalousie à l'égard d'un jeune homme qu'elle soupçonnait d'être son rival dans la vie réelle."

⁵⁸ No original: "Une série de rêves révéla la tendance incontestable à écarter mon analyste, à le 'châtrer', et à s'installer à sa place en vue de m'analyser – de me posséder."

si (De Groot, 1994[1927]:127). Também o laço sólido com o pai e a lembrança do que tinha colocado nele um fim volta à tona: a situação em que recebe do pai, inesperadamente, uma bofetada.

É nesta sequência associativa que a lembrança do sonho de infância em que molha a cama retorna nesta segunda análise de H. Mas, se o sonho é narrado praticamente da mesma forma como o foi durante a análise com Ophuijsen, surgem agora associações novas: H se lembra de que, na época em que ainda dormia no quarto dos pais, acordava frequentemente à noite e se sentava na cama. Para De Groot (1994[1927]), estas lembranças estavam ligadas à observação do comércio sexual dos pais; por conta disso, o sonho de infância poderia ter-se produzido em sequência a uma destas cenas observadas por H e representaria o coito com a mãe, coito que se faria acompanhar de um sentimento de beatitude (p.127).

Em conformidade a Ophuijsen – mas sem mencioná-lo⁵⁹ – De Groot (1994[1927]) diz que o erotismo uretral viria a ter um papel importante na vida posterior de H. Entretanto, distanciando-se da interpretação dada por ele um dia a este mesmo sonho, entende que a decepção de H ao despertar revelaria que ela estaria já consciente, nesta época, de sua própria incapacidade para possuir a mãe, pois já teria feito a descoberta dos genitais masculinos, através da observação dos órgãos de seu irmão mais novo (p.127). Levando em consideração o fato da enurese poder ser considerada como um substituto ou prolongamento da masturbação, destaca a que ponto a relação afetiva de H com a mãe era intensa nesta época (p.128). Não deixa de ser interessante poder perceber, através deste exemplo clínico, o peso ou a relação da teoria com a interpretação feita por um analista. No fragmento que ora destacamos, um mesmo fato, ou uma mesma lembrança, recebe interpretações distintas acionadas pelo contexto teórico em que o analista se movimenta.

Assim, ainda que ambos interpretem o sonho de H como o testemunho de um investimento dirigido à mãe – pois o sonho representaria o coito com a mãe acompanhado da sensação de prazer – enquanto para Ophuijsen o sonho seria o resultado de uma identificação com o pai, para De Groot ele seria a evidência do investimento fático da menina em relação à mãe, revelando a intensidade da relação afetiva com este primeiro objeto. Intensidade responsável, na opinião de De Groot (1994[1927]), pelo 'retorno' feito

⁵⁹ Cabe ressaltar que De Groot (1927), em nenhum momento no texto, menciona o nome de Ophuijsen.

por H a este objeto, após a decepção sofrida com o pai (p.128)⁶⁰. Para a analista, H teria feito na idade adulta uma tentativa similar: após uma relação de amor fracassada com o irmão mais novo do pai, se engajou numa relação homossexual de curta duração. Também em sua análise havia uma repetição deste tipo: quando deixou o analista masculino, procurou uma analista mulher (p.128).

De Groot avança em termos teóricos – já destacamos, anteriormente, que ela entende o falicismo da menina dirigido à mãe de modo ativo como pré-condição para a emergência do complexo de castração e como aquilo que daria ao complexo sua força psíquica – mas, notemos, apoiada em Freud. Apoiada na narrativa freudiana do caso da jovem homossexual, encontrando semelhanças entre a paciente de Freud e a sua, e apoiada nos avanços freudianos presentes nos textos de 1923, 1924 e 1925. Deste modo, a perspectiva freudiana da existência da fase fálica em meninos e meninas é crucial para o raciocínio que desenvolve, tanto quanto a dissimetria proposta por Freud em relação aos efeitos do complexo de castração num e noutro na referência ao Édipo. Entretanto, se para Freud esta dissimetria dizia respeito, especificamente, ao fato de o complexo de castração ter por efeito, no menino, dissolver o Édipo e, na menina, introduzi-la neste complexo, De Groot vai além, tecendo a hipótese de que esta dissimetria diria respeito, também, ao fato de que a renúncia da menina ao primeiro objeto – a mãe – nunca seria compensada ou ressarcida como a do menino que, em sua ótica, seria apenas adiada.

É interessante poder verificar, além disso, que a própria 'fantasia do hospital' a que H se referia – mencionada também por Ophuijsen, mas apenas relacionada por ele à ambição da moça – vai receber por parte de De Groot maiores e importantes considerações. Levando em conta as elaborações de Freud (1919) e de Anna Freud (1922), De Groot (1994[1927]) considerará que H "teve que dar conta de uma forma particular da fantasia de 'ser batida' " (p.128)⁶¹.

Falando-nos sobre isto, a analista comenta que, quando tinha entre oito e dez anos, H construiu uma fantasia nomeada por ela própria como 'fantasia do hospital' que tinha o seguinte conteúdo essencial: inúmeros doentes vão ao hospital para se curar, mas devem,

⁶⁰ No original: "(...) le rêve nous montre à quel point la relation affective avec la mère devait être intense à la époque. Il apparaît ainsi clairement que notre patiente, après la déception venue du père (la gifle), chercha à retourner à l'objet antérieur que'elle avait aimé à l'époque du rêve, autrement dit la mère."

⁶¹ No original: "Notre patiente eut rendre compte d'une forme particulière du fantasme d'être battu".

para tanto, suportar os piores padecimentos e torturas. Um dos tratamentos mais frequentemente aplicados é o esfolamento. Neste ponto da fantasia, H experimentava um sentimento de volúpia terrível face às chagas sangrentas e dolorosas. Mas, ainda na fantasia, se às vezes ela era uma das pessoas doentes que conseguia se curar e deixar o hospital com um grande reconhecimento, mais frequentemente tinha um outro papel nesta fantasia: era o Cristo protetor e bondoso que voava por sobre os leitos dos doentes para cuidar deles e reconfortá-los (De Groot, 1994[1927]:128).

Analisando esta fantasia de H, De Groot (1994[1927]) comenta que as sensações de volúpia referidas às chagas do esfolamento foram associadas pela paciente a lembranças de seu irmão repuxando o prepúcio de seu membro, o que lhe deixava ver alguma coisa vermelha que parecia uma ferida. Assim, conclui: o método de cura em sua fantasia – o esfolamento – era claramente uma representação da castração (p.128). Entretanto, mais do que isso, ao se identificar na maior parte das vezes com o Cristo salvador, H era o homem que possui a mãe só para si – fazendo aqui a observação de que Cristo tinha sido concebido sem pai – mas que, finalmente, para expiar a culpa e se juntar ao Deus Pai, fez o sacrifício da crucificação-castração (p.129).

Vale notar então que, se há um contexto teórico que diferencia nitidamente Ophuijsen e De Groot, permitindo a esta dar maior rendimento às lembranças de H, o mesmo não acontece em relação à compreensão das questões transferenciais em jogo na análise. Esta, ao contrário, parece ser semelhante, ainda que possa, à primeira vista, não dar esta impressão. Ou seja, mesmo que o relato de De Groot, à primeira vista, possa sugerir que ela empresta às questões transferenciais um valor maior que o emprestado por Ophuijsen, não é verdade que ele não valorizasse esta dimensão clínica; pelo contrário, ao falar da interrupção do tratamento de H é à transferência que ele se refere, transferência 'expandida', 'espraiada', ou seja, vislumbrada em inúmeros fatos da vida afetiva da paciente desde sua infância e que apontaria para uma significativa dificuldade dela em renunciar a prazeres desfrutados e adiar satisfações. Assim, num certo sentido, a análise de H se interrompe com Ophuijsen porque não lhe era satisfatório submeter-se às imposições formuladas pelo analista. De um modo mais amplo, o que Ophuijsen considera é que H não se mostrava capacitada para manter relações de longa duração, com homens ou com mulheres.

Quanto a De Groot (1994[1927]), o que ela vai considerar a respeito da transferência de H, é que esta tinha abandonado a análise em função de uma forte transferência negativa para consigo, originada pela decepção nos anseios amorosos dirigidos a sua pessoa. A isto acrescenta que, após a interrupção, H tinha tentado viver a fantasia do hospital no plano da realidade, se decidindo a trabalhar como enfermeira. Neste momento, dá a entender que 'trabalhar como enfermeira' seria uma forma de H expiar também sua culpa pelo investimento dirigido à 'mãe-analista'. Entretanto, um ano mais tarde, H teria desistido e retornado a sua atividade anterior, que "era mais masculina e convinha mais a seu temperamento" (p.129)⁶², sendo capaz, também, de manter com a já então ex-analista uma relação mais amistosa, tendo desaparecido, pouco a pouco, os sentimentos de ódio a esta dirigidos (p.129).

Levando-se em conta este comentário de De Groot, pode-se pensar que H teria tentado 'fazer ares' de mulher ao trabalhar como enfermeira. Entretanto, foi provavelmente esta 'aparência' – que encontraria respaldo no campo das representações sociais, uma vez que as mulheres eram, naquela época, muito mais votadas à enfermagem do que os homens – que parece não ter sido possível ser mantida, fazendo com que retornasse à atividade de musicista, falicizada tanto no campo social, quanto no psíquico-fantasístico.

Mas, este comentário de De Groot levanta ainda questões referidas a um outro ponto: o efeito produzido por esta análise na subjetividade da paciente. De nossa parte, consideramos que, embora as interpretações de De Groot caminhem no sentido de interditar o laço amoroso e apaixonado de sua paciente para consigo, por se ver ocupar na transferência a posição materna – o que, em princípio, poderia ter servido como uma representação da lei destinada a encaminhar H em direção aos homens –, tanto quanto a paciente de Freud de 1920, H parece ter respondido a esta interdição só aparentemente ao tentar ser enfermeira e posar de mulherzinha, o que indicaria que, face à castração, sua posição subjetiva não se alterara.

Por outro lado, há um outro aspecto que merece ser considerado: quando De Groot nos diz, no início de seu relato, que H, ao procurá-la, se encontrava incapacitada para o trabalho, observemos que esta já não será sua situação quando da interrupção de sua

⁶² No original: "Un na plus tard toutefois, elle renonça a cette nouvelle profession pour reprendre la précédent, qui était plus masculine et convenait beaucoup mieux à son tempérament."

análise. Em função disso, pode-se pensar que, se no início da análise era difícil para H trabalhar como musicista, talvez o fosse porque lhe era particularmente difícil se sentir *um* musicista – pois, fantasisticamente era como homem que se sentia e provavelmente esta era a fonte maior de suas dificuldades. Entretanto, como um dos efeitos da análise, *ser* musicista parece ter deixado de constituir-se num problema, o que já seria, em nossa ótica, um avanço subjetivo de significativas proporções, indicador de que H já não se assombrava com sua própria fantasia.

De qualquer modo, aos olhos de De Groot, H parece ter ficado longe do que entendia como uma posição feminina – ou seja, H não se posicionara na vertente positiva do Édipo – objetivo maior de sua empreitada enquanto analista. Seu comentário de que H teria voltado a ser musicista, mantendo-se por isso, 'mais masculina', indica o horizonte clínico a que estava, como analista, referida.

Antes, contudo, de encerrar o relato do caso de H, De Groot (1994[1927]) mantém-se cautelosa e tem o cuidado de considerar que não poderia afirmar com certeza, dado o pequeno número de casos analisados, que este processo de desenvolvimento da menina seria típico, mas confessa que sua tendência seria a de pensar que o complexo de Édipo positivo teria sempre uma pré-história. Em sua opinião, entretanto, a posição edípica negativa tenderia de tal modo a se esconder no passado, que somente em poucos casos se tornaria evidente (p.131). Em meio a estas considerações, comenta que "com um analista homem é talvez mais difícil deixar este período vir à luz" (p.131)⁶³. Em conclusão, dirá que uma tendência homossexual, raramente ausente em qualquer análise, pode acabar, nestas circunstâncias, sendo entendida como uma reação mais tardia à decepção provocada pelo pai, ao invés de poder ser reveladora da tentativa da mulher em reencontrar a primeira relação amorosa com a mãe.

Como tivemos oportunidade de adiantar, só a partir de 1931 Freud viria a considerar a fase de ligação da menina com a mãe como deixando rastros indeléveis na vida psíquica das mulheres, rastros que afetariam o exercício da sexualidade adulta e que poderiam reverberar na natureza das relações por elas entabuladas mesmo com os homens escolhidos como objetos de seu amor. Entretanto, ainda anteriormente a 1931, a natureza do fazer clínico do próprio Freud e de seus discípulos priorizava a vertente positiva do Édipo –

⁶³ No original: "Avec un analyste-homme, il est peut-être plus difficile de laisser cette période venir au jour."

ordenadora central das escolhas objetais – dando bem a medida do quanto o campo destas escolhas seria ou não a indicadora de que uma análise cumprira seu objetivo. Esta perspectiva clínica fica evidente, tanto no caso da jovem homossexual atendida por Freud em 1920, quanto no caso de H narrado, tanto por Ophuijsen em 1917 quanto por de De Groot em 1927. Todas elas, análises interrompidas quando as pacientes – tomando um desvio do Édipo normal – se recusaram, diante de seus analistas, a amar 'papai' e odiar 'mamãe'.

Embora, já em 1920⁶⁴, Freud tivesse publicado sua última e mais definitiva revisão da teoria pulsional e, em 1923⁶⁵, trazido à luz o novo modelo que passaria a reger sua concepção do aparelho psíquico, observe-se que a análise empreendida por De Groot, já em 1927, se desdobra em torno das questões referidas ao complexo de castração na vida das mulheres, não havendo, em seu texto, nenhuma referência ao ego, ao id e ao superego, nem a aspectos ligados às pulsões de vida e de morte. De certo modo, os discípulos de Freud, por alguma razão, pareciam preferir se manter indiferentes em relação às novas idéias freudianas. Se a razão para esta indiferença era, de fato, a de não encontrarem evidências clínicas – ao menos nos casos de neurose – de que este novo modelo pudesse vir a produzir melhor rendimento em suas análises, disto eles não falam.

Entretanto, ainda que apoiados principalmente nas mais precoces elaborações de Freud sobre a histeria – uma histeria que faria as mulheres se distanciarem dos homens, esquivando-se ao sexo, ou com que só encontrassem prazeres eróticos em zonas do corpo investidas pela libido na mais tenra infância, o que daria ao erotismo por elas vivido uma característica auto-erótica – os analistas freudianos, sem se darem conta talvez, foram os primeiros a destacar o campo das relações objetais como a bússola maior para avaliar o desenvolvimento psíquico de seus pacientes. Não foi à toa que Abraham⁶⁶ veio, em 1924, a produzir sua clássica teoria do desenvolvimento da libido: teoria em que, aos objetivos pulsionais, corresponderiam não só objetos de satisfação, mas a forma de amar estes objetos. Ainda que não nos dediquemos, a explorar o pensamento abramaniano, não deixa de ser interessante observar que, em relação à histeria, suas pesquisas clínicas o levaram a

⁶⁴ Em *Além do Princípio do Prazer*.

⁶⁵ Em *O Ego e o Id*.

⁶⁶ Karl Abraham formou muitos analistas, dentre outros: Deutsch, Glover e Horney (Roudinesco e Plon, 1998[1997]:1)

afirmar que haveria, nela, o amor objetal com exclusão dos genitais, perspectiva que relacionaria sintomas histéricos e fase fálica (Abraham,1970[1924]:152-3). Abraham chega a tal conclusão a partir do que, transferencialmente, uma de suas pacientes lhe revelou:

“Certa paciente, que apresentava uma atitude fortemente ambivalente a meu respeito, expressou sua transferência num sonho em que me representou sem quaisquer órgãos genitais. A tendência hostil – o desejo de castrar seu objeto – é óbvia. Mas, o sonho tinha outro determinante, que deveria ser encontrado na equiparação que fazia de mim com seu pai, a quem lhe era permitido amar, mas não desejar em sentido genital. Ela só podia amar o analista, substituto de seu pai, enquanto o aspecto genital dele estivesse excluído. (...) Tal atitude erótica positiva para com o objeto, mas com exclusão dos órgãos genitais, parece ser uma expressão tipicamente histórica da proibição do incesto.” (Abraham,1970[1924]:152-3)

De novo, aqui, uma clínica do Édipo serve de cenário, ficando evidente o valor creditado pelos analistas ao endereçamento amoroso ao pai na vertente positiva do Édipo.

CAPÍTULO II

A MÃE:

SUA RELAÇÃO COM AS ANGÚSTIAS EDÍPICAS PRECOCES E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DOS ANGLO-SAXÕES

Ao longo do capítulo anterior, foi nosso objetivo principal destacar a importância da figura da histérica no surgimento de um dizer psicanalítico sobre a mulher. A partir disso, avançamos, tentando ir demonstrando de que maneira o enlaçamento entre a histeria e o que era considerado como da ordem de uma feminilidade atingida – a maternidade – produziu efeitos tanto no campo da teoria quanto no da clínica psicanalítica com mulheres, ensejando o que acabamos por chamar de uma clínica do Édipo, basicamente orientada pelos sentimentos edípicos reeditados na transferência.

Sabemos, entretanto – e, de certa forma, já o insinuamos em nossas considerações anteriores – que a perspectiva psicanalítica da sexualidade feminina não ficou encerrada nas elaborações de Freud e de seus discípulos. Longe disso, aos olhos de muitos, mais do que resolver questões, esta perspectiva trazia embutida em si mesma um grande problema: como entender o processo pelo qual a menina 'trocaria' o clitóris pela vagina? Lembremos que os trabalhos desenvolvidos pelos discípulos de Freud, ao se concentrarem sobre a questão do complexo de castração na vida psíquica das mulheres, tiveram como um de seus efeitos exatamente reiterar o caráter fálico – e, portanto, ativo e correspondente à masculinidade – da masturbação clitoridiana, o que serviria como um aval do desconhecimento da vagina. No entanto, este 'desconhecimento' – anunciado por Freud, já em 1908, nas *Teorias Sexuais Infantis* – bem cedo começou a ser questionado.

Se, no capítulo precedente, consideramos o complexo de castração como o primeiro grande enigma diante do qual muitos analistas se puseram a trabalhar tentando desvendar como se daria, na menina, o que Freud viria a considerar como a primeira troca importante no seu caminho rumo à feminilidade – a troca de objeto, ou seja, sua passagem, ainda na infância, da mãe para o pai – no caminho que vamos agora começar a percorrer é a segunda troca suposta como indispensável por Freud no caminho da menina rumo à feminilidade – a troca de órgão, do clitóris para a vagina – que será tomada como se constituindo num outro

enigma, na medida em que esta questão teria vindo, de certo modo, a abrir uma outra direção no dizer psicanalítico sobre a sexualidade feminina.

Se entendemos esta segunda troca também como um enigma, isto se deve ao fato de que, a esta questão, muitos analistas também se dedicaram, apoiando-se em Freud ou contestando-o, dedicação que não seria sem razão, na medida em que esta troca se revelava como bem diferente da primeira. Ou seja, se a troca de objeto, como teorizada por Freud, ocorreria ainda na infância, marcando o ingresso da menina no Édipo positivo, esta segunda, a de órgão, também em termos freudianos, dependeria da chegada à adolescência para se realizar. Ainda em 1905, Freud incluiu entre as transformações da puberdade a "lubrificação da vagina", afirmando-a como uma "indicação somática" de alteração no órgão genital feminino (p.214). Em sua ótica, esta alteração teria "o sentido óbvio de preparação para o ato sexual" (Freud,1987[1905a]:214).

Em função disto, é possível pensar que, ainda que a menina renunciasse, na infância, à masturbação clitoridiana da fase fálica – renúncia considerada como pré-requisito na passagem da atividade para a passividade, ou seja, como pré-condição no caminho para a feminilidade – esta mesma renúncia, por si só, não a faria 'descobrir' de imediato sua vagina. Esta 'descoberta' dependeria, em última instância, da maturação fisiológica do aparelho reprodutor, maturação que, incentivada pela segunda onda de erotismo típica da puberdade, faria do canal vaginal uma zona corporal passível de excitação.

Não fica difícil, com isto em mente, deduzir o caminho que veio a ser trilhado por significativo número de analistas e teóricos: o de tentar auscultar, principalmente nos sofrimentos histéricos, indícios de que os efeitos psíquicos da anatomia feminina eram devedores também das demais peculiaridades desta anatomia e, não só, da tendência infantil de entender a ausência de pênis como uma castração consumada. Na trilha tomada por estes analistas, distintos aspectos da anatomia, da fisiologia sexual feminina e das funções de reprodução da mulher começaram a ser, então, levados em consideração na composição dessa dinâmica.

É, sobretudo, focalizando inicialmente este novo movimento no dizer psicanalítico sobre a mulher que partiremos neste segundo capítulo para destacar suas consequências. Avançando em relação a estas, verificaremos como uma nova figura começou a tomar a

relevância no cenário teórico-clínico psicanalítico – a mãe – que emerge como aquela cuja função seria primordial na própria instituição do psiquismo de seu bebê. Ainda que, neste novo momento do dizer psicanalítico sobre a mulher, a mãe não se refira exatamente a uma figura clínica de mulher – pois não é ela que será tomada como objeto de escuta, tal como a histérica o foi nos primeiros tempos para Freud e seus contemporâneos – nem por isso ela perde em relevância. Pelo contrário, ao longo deste capítulo, iremos acompanhar de que modo o questionamento do que chamamos de um segundo enigma acabou por fazer entrar em cena a suposição de que uma heterossexualidade na origem orientaria bem cedo a libido da menina. Numa derivação desta perspectiva, veremos ainda se desdobrar tanto a idéia de que corpo materno seria o alvo do investimento libidinal infantil – o que acabaria por transformar a mãe na maior agenciadora das angústias precoces – quanto a suposição de que a mãe, nas suas mais arcaicas relações com o bebê, forjaria o solo de um desenvolvimento saudável para este, propiciador de uma saúde psíquica que o conduziria a um também saudável exercício da sexualidade adulta.

Se há neste movimento um giro ou uma transformação em relação à abordagem freudiana da sexualidade, levando a crer que a grande novidade introduzida por Freud, o falocentrismo – isto é, a idéia de que o falo seria o único ordenador da sexualidade, tanto para homens como para mulheres – teria se perdido, teremos oportunidade de acompanhar de que modo este movimento pode trazer importantes contribuições para o cenário teórico-clínico em nosso campo, abrindo um espectro de considerações de significativa relevância. Resumindo, tanto quanto no capítulo precedente iremos agora acompanhar de que modo uma nova perspectiva sobre a feminilidade – perspectiva que nela vislumbraria origens arcaicas – acabou por reverberar na clínica, produzindo efeitos de significativa repercussão.

Neste capítulo acompanharemos, também, de que modo a histórica opressão vivida pelas mulheres desde tempos ancestrais ganhou relevância, passando a ser considerado seu peso na composição fantasística das meninas, que lidariam com seu corpo como se este não estivesse aparelhado para proporcionar os prazeres desfrutados pelos meninos. Se, como aludimos anteriormente, no pensamento freudiano o caráter cultural desta opressão não esteve ausente – expressando-se, segundo entendemos, na inferioridade psíquica vivida pelas meninas diante da constatação da diferença sexual – na ótica deste novo pensamento que começaria a tornar vulto, a idéia que vem à tona é a de que o caráter

predominantemente fático e masculino da cultura impor à menina restrições no que era considerado como fazendo parte de sua natureza filogenética: uma heterossexualidade na origem que a faria sentir exigências pulsionais ao nível da vagina desde a mais tenra idade. Deste modo, neste novo pensamento, a própria teorização freudiana é acusada de acompanhar, sem crítica, o que se dava a ver em termos culturais.

Mas, se estas críticas ao falocentrismo, e as novas proposições que surgem em função delas, transformam os caminhos da feminilidade num percurso bem diferente daquele que havia sido proposto por Freud, veremos ainda de que modo estas novas concepções orientaram a escuta a clínica dos analistas desta escola de pensamento. Veremos assim, de que maneira, trazendo para primeiro plano as relações da menina com a mãe, os anglo-saxões fizeram esta mãe ocupar dois lugares: o de 'fundo' e o de 'figura'. Através do exame de duas narrativas clínicas tentaremos ilustrar estas duas dimensões da mãe, que tanto é concebida como o alvo principal de todo o acervo psíquico-fantasístico infantil, ficando então como 'pano de fundo' a uma escuta, quanto aquela em cuja função o analista deve, em alguns casos, se apoiar, para ocupar sua posição na direção do tratamento.

2.1 – O SEGUNDO GRANDE ENIGMA: O DESCONHECIMENTO DA VAGINA

*“Manifestamente, a passagem da fase ‘fálica’ à fase ‘vaginal’
é a tarefa mais árdua encontrada
no desenvolvimento libidinal da mulher.”
(Helen Deutsch)*

Em 1924, ano em que Freud publicou *A Dissolução do Complexo de Édipo* – texto em que se deteve, especialmente, sobre o desenvolvimento deste complexo em meninos e meninas após ter afirmado, em 1923, a fase fálica como ordenadora da sexualidade genital infantil – Abraham escreveu-lhe uma carta com o intuito de expor suas recentes reflexões sobre a eclosão das sensações vaginais nas mulheres:

“(…) apanhei-me a perguntar, recentemente, se já não haveria, no momento da primeira infância, uma primeira eclosão vaginal da libido feminina, que estaria destinada ao recalçamento e à qual se sucederia, em seguida, a predominância do clítoris como expressão da fase fálica. (...) Se esta concepção estiver correta, ela teria uma vantagem para nós: compreenderíamos melhor o complexo de Édipo feminino, a partir de uma reação vaginal primitiva ao pênis (do pai), por exemplo, sob a forma de contrações espontâneas, e a mudança das zonas diretrizes no momento da puberdade seria a renovação do estado original.” (Abraham, carta de 3/12/1924. *Apud* André (1996[1995]: 26)

Abraham parece sugerir que a libido – considerada por Freud como tendo um caráter sempre masculino, na medida em que seria inequivocamente ativa – se manifestaria nas meninas na zona genital feminina ainda em idade precoce (daí a expressão ‘libido feminina’). Não fica difícil depreender que sua alusão a ‘contrações espontâneas’ precoces da vagina, bem como à ‘renovação de zonas diretrizes’ por ocasião da puberdade levantam suspeitas sobre a troca de órgão que Freud teria considerado como necessária na empreitada da menina no caminho rumo à feminilidade, troca resultante de um radical desconhecimento da vagina. Mas, se esta era a suspeita de Abraham, a resposta que Freud lhe envia deixa clara sua irredutível posição – a de que as sensações vaginais só tardiamente entrariam em cena –, apesar de reconhecer que o problema se revestiria de uma certa obscuridade:

“Seu último tema, o suposto papel da vagina na eclosão primitiva da libido infantil, desperta todo meu interesse. Não sei absolutamente nada a este respeito. Do mesmo modo, em geral, confesso de bom grado que o aspecto feminino do problema me é extremamente obscuro.

(...) Segundo meu juízo prévio, conviria, antes, substituir a participação vaginal pelas manifestações anais. A vagina é, com efeito, como sabemos, uma aquisição tardia, mediante a separação da cloaca.” (Freud. Carta de 8/12/1924. *Apud* André, 1996[1995]:27-8)

Se a questão era obscura, nada impedia que outros tentassem lançar alguma luz nesta escuridão. Assim, longe de se mostrarem particulares, as reflexões de Abraham eram, na verdade, representativas de um movimento: o daqueles que tentariam dar uma resposta ao segundo enigma. Ou seja, tanto quanto não havia sido fácil para muitos analistas entender as questões em jogo no complexo de castração vivido pelas mulheres, parecia também não se mostrar fácil, para outros, entender as razões que fariam com que a vagina fosse somente uma aquisição tardia, ao assumir o reinado exercido, por tanto tempo, pelo clitóris.

Diante deste enigma, dois movimentos tiveram origem: de um lado, alguns analistas se propuseram a desvendar como se daria para a menina esta descoberta tardia da vagina; de outro, muitos vieram a contestar este desconhecimento.

Em 1925, Helen Deutsch⁶⁷ publicou um artigo que francamente se alinha como representante do primeiro destes movimentos. Neste texto, Deutsch (1994[1925]) se detém sobre a investigação de como se daria, para as mulheres, esta descoberta tardia da vagina e se propõe a analisar os fatores que, em sua ótica, permitiriam às meninas trocarem de zona erógena. Renunciar à masculinidade ligada ao clitóris e descobrir um novo órgão genital, passando da fase fálica à fase vaginal seriam, em sua opinião, duas árduas tarefas para as meninas que, no entanto, teriam de ser realizadas, para além do trabalho psíquico de superar a culpabilidade inerente aos desejos incestuosos implicados no Édipo positivo (p.77). Comparando, então, o que em sua ótica distinguiria a forma de rapazes e moças descobrirem a vagina na puberdade – pois tanto eles quanto elas a desconhecariam antes disso – considera que enquanto os primeiros a descobririam no mundo exterior e dela tomariam posse sadicamente, as mulheres teriam que descobrir este novo órgão sexual em seu próprio corpo. A hipótese que vai, então, defender é a de que isto só seria possível através de uma sujeição masoquista ao pênis, sujeição que seria vivida especialmente no coito e que se revelaria capaz de guiar as mulheres em direção à nova fonte de prazer

⁶⁷ Helen Deutsch foi analisanda de Freud e a primeira mulher a se tornar membro da Sociedade Psicanalítica de Viena por ele fundada. Em 1922, mudou-se para Berlim, onde iniciou uma análise com Abraham (Sayers, 1992[1991]:33-43).

(p.78). Entretanto, Deutsch vai incluir neste processo o efeito de fantasias originadas, de um lado, pelas funções de reprodução e, de outro, pelo mecanismo da identificação, que entende como derivado do processo de incorporação. O resultado a que chega em seu texto acaba por atribuir à libido um caráter heterossexual arcaico, pois a boca da menina ao sugar o seio nada mais seria do que um símile da vagina encarregada de sugar o pênis.

O artigo de Deutsch porta, a rigor, uma extraordinária curiosidade: se, de um lado, pressupõe a existência de uma feminilidade libidinal na origem, aproximando-se, por isso, de uma perspectiva biologizante do sexual, de outro, não só 'entifica' a libido, fazendo com que esta 'saiba' o que procurar, como faz das secreções corporais o 'outro' que erogeiniza o corpo. Assim, se à primeira vista sua contribuição pode ser lida como uma recusa de que a feminilidade pudesse ser o resultado de um longo percurso, de outro, pode ser tomada como uma radicalização do psíquico, um psíquico engendrado pelas naturais migrações da libido pelo corpo, migrações afetadas pelas necessidades deste último, por seus fluidos e por suas dores. Talvez valha a pena aqui deixar o texto de Deutsch falar um pouco por si mesmo, ao menos em relação às principais questões nele ensejadas.

Privilegiando a segunda troca – a de órgão – Deutsch (1994[1925]) redefine o que, em sua opinião, seria o passo decisivo no caminho da mulher para chegar à posição feminina: a tarefa última, aí implicada, não seria a de obter a satisfação do desejo infantil de um pênis no ato sexual, mas a de verdadeiramente descobrir a vagina como órgão de prazer (p.78)⁶⁸. Esta descoberta, quando realizada, transformaria a vagina num correlato, para a mulher, do que o pênis significa para o homem – um 'duplo do eu' (p.78) – conforme as indicações de Ferenczi em *Thalassa*.

Com isto, já podemos observar que, se em Freud, o filho desejado pela menina surge como substituto simbólico do pênis ansiado, ainda que gratificando sem dúvida o narcisismo, em Deutsch, o plano narcísico toma a dianteira, devendo a vagina igualar-se ou equiparar-se ao pênis. Mas, o curioso, como veremos em seguida, é que é o seio, na amamentação, que acaba vindo cumprir este papel. Mas, não nos apressemos...

O esforço de Deutsch (1994[1925]) para tentar explicar como se daria esta 'reavaliação' do órgão genital feminino pela própria mulher ao longo da vida – indo desde

⁶⁸ No original: "Pour qui a atteint la position féminine, la tâche ultime n'est pas la satisfaction du désir infantile de pênis dans l'acte sexuel, mais bien une vraie découverte du vagin comme organe de plaisir."

os períodos mais precoces de seu desenvolvimento na situação de aleitamento até aos referidos às experiências da menstruação, do coito, da gravidez, do parto e da amamentação – é visível e se desdobra a cada página de seu texto. Deutsch recorre a Ferenczi (1924), ao próprio Abraham (1924) e a Rank (1924)⁶⁹ para tecer seus argumentos, apoiando-se, especialmente, nas fantasias infantis de coito oral e anal, nos objetos investidos pela libido a cada etapa do desenvolvimento e, acima de tudo, no que entende como uma primeira equivalência inconsciente, e precocemente estabelecida, entre o pênis paterno – como órgão afeito à sucção – e o seio materno. No intuito de sustentar teoricamente esta equivalência, Deutsch (1994[1925]) recorre à clínica para dizer que um pai protetor seria, ainda na fase oral, percebido pela menina como estando ao lado da mãe, passando a receber uma parte já heterossexual do investimento libidinal (p.79). A analogia entre sugar o seio e sugar o pênis encontraria, então, seu lugar através de um deslocamento de cima para baixo, acabando por fazer da vagina, na puberdade, um órgão de sucção. Assim, na vida de uma mulher, o objetivo passivo, outrora alcançado na fase oral pela mucosa da boca em sua relação com o seio – este sim, o "órgão condutor ativo do prazer" (p.79) –, seria então reconquistado através das repetidas experiências do coito, do parto e do aleitamento.

Em sua empreitada, Deutsch (1994[1925]) recorre, exaustivamente sem dúvida, a aspectos da fisiologia sexual feminina para tentar explicar não só as razões que acabariam por fazer com que o clitóris se mantivesse, por tanto tempo, como órgão de prazer, mas também o reforço dado pelas funções de reprodução no sentido de vencer este domínio masculino no corpo feminino. Assim, o fato de o clitóris ter tido a facilidade de ser descoberto auto-eroticamente, agregado à circunstância de se interpor na migração da libido da fase anal-sádica para a genital (p.80), explicaria sua persistência como órgão de prazer. Caberia, então, às funções de reprodução alterarem e modificarem este quadro; neste sentido, a menstruação, por exemplo, promoveria uma redistribuição da libido na vagina, antes concentrada no clitóris, exercendo aí uma ação preparatória e erotizante (p.82).

No entanto, mesmo lançando mão da fisiologia sexual feminina para explicar a descoberta da vagina como órgão de prazer pela mulher, Deutsch precisa também supor que as diferentes experiências vividas corporalmente pelas meninas encontrariam uma transcrição imediata no psiquismo, transcrição apoiada na equiparação entre incorporação e

⁶⁹ Em *O trauma do nascimento*.

identificação. Esta equiparação é que, em sua ótica, acabaria por transformar a experiência do coito, do parto e da amamentação em réplicas inconscientes da fase oral de sucção. Assim, se a relação sexual seria capaz de repetir a vivência primitiva com a mãe – ou seja, a vagina, ao sugar o pênis, reativaria a lembrança primitiva de sugar o seio da mãe –, permitiria também uma identificação com a imagem infantil da mãe, como vítima masoquista do pai. No coito, portanto, segundo a própria Deutsch (1994[1925]), a mulher se identificaria, ao mesmo tempo, com a criança e com a mãe (p.84), em conclusão a uma "série de identificações complicadas", em suas próprias palavras (p.84). Indo nesta mesma linha de raciocínio, na amamentação do filho, o estado de união primária com a mãe seria recuperado: no final, querer ter um bebê seria querer recriar a relação outrora desfrutada com a mãe.

Considerar o texto de Deutsch um avanço ou um desvio em relação a Freud não nos parece ter importância aqui, ao menos para os nossos propósitos. A nossos olhos, o que é verdadeiramente digno de nota é vê-la entendendo a passagem da fase fálica para a vaginal como especialmente problemática, resultando seu artigo numa tentativa de dar a este processo uma explicação psíquica, ainda que calcada na fisiologia sexual feminina. Por outro lado, no entanto, cabe observar que ao fazer do coito e do aleitamento os pontos onde a libido encontraria uma situação idêntica à originalmente vivida na fase oral de sucção – pois, no coito, o pênis assumiria o lugar do seio e, no aleitamento, o seio se faria pênis⁷⁰ – Deutsch propõe uma original, mas, ao mesmo tempo, paradoxal concepção de feminilidade. Original por supor que um erotismo arcaico seria revivido, pelas mulheres, nas experiências do coito, do parto e da amamentação, podendo então a erótica por ela proposta como feminina ser entendida senão como tributária, talvez como equiparável a das experiências mais precoces vividas pelas mulheres. Paradoxal, porque todo o complexo percurso da libido aí suposto só viria, no final, reiterar a vagina como órgão de sucção através de sua equivalência com a boca – equivalência, de todo modo, já presente no ponto de partida, ou seja, na experiência da amamentação, quando o pênis é precocemente tomado pela menina como equivalente ao seio e investido por uma parte da libido.

É ainda importante destacar que, ao defender a hipótese de que a posição feminina

⁷⁰ No original: "(...) dans le coït, le pénis avait assumé le rôle du mamelon; dans l'acte d'allaitement, le mamelon se fait pénis" (Deutsch, 1994[1925]:94).

seria alcançada através de uma sujeição masoquista ao pênis, Deutsch estabeleceu uma aproximação quase intrínseca entre masoquismo e feminilidade que lhe rendeu muito trabalho para ser, posteriormente, melhor explicada⁷¹.

Cabe então ressaltar, mais uma vez, que na perspectiva de Deutsch, além das experiências do parto e do aleitamento serem entendidas como paradigmáticas da posição feminina, a relação primeira da criança com a mãe é especialmente valorizada, fazendo já despontar, no cenário teórico-psicanalítico, a figura da mulher como mãe. Mas, ainda antes que este movimento de privilegiar a mãe como provedora e agenciadora maior do espectro fantasístico viesse efetivamente a ganhar força no cenário teórico-clínico psicanalítico, a questão da troca de órgão implicada no desenvolvimento libidinal da menina fez com que, pelo menos, duas outras analistas se pronunciassem: Karen Horney e Josine Müller. Estas, como iremos acompanhar em seguida, diferentemente de Deutsch, vieram claramente contestar o desconhecimento da vagina pelas meninas, tal como proposto por Freud.

⁷¹ Em artigos posteriores e especialmente num livro que veio a publicar mais tarde – *La Psicología de la Mujer* – em que condensa todas as suas elaborações, Deutsch (1947) voltou ao tema insistentemente para enfatizar que o masoquismo diria respeito a um ‘giro’ da atividade para a passividade e não, necessariamente, ao prazer na dor, embora entenda que a passividade exigida pela posição edípica de ‘se deixar amar’ necessariamente incluiria componentes agressivos que, ao ‘girarem’, se transformariam em masoquistas (pp.232-3).

2.2 – A CONTESTAÇÃO DO DESCONHECIMENTO DA VAGINA

*“(...) um investimento libidinal vaginal na fase pré-genital infantil ocorre mais frequentemente do que se admitiu até agora(...)”
(Josine Müller)*

Em 1925, dirigindo-se à Sociedade Psicanalítica de Berlim, Josine Müller⁷² se dispôs a fazer uma contribuição à questão do desenvolvimento libidinal das meninas usando, como parâmetros clínicos para seus argumentos, as mulheres que se mostravam frígidas no relacionamento sexual e marcadas tanto por um forte complexo de castração quanto por traços viris (Müller,1994[1925]:98). Partindo da suposição de que haveria, nestes casos, um domínio do prazer clitoridiano, Müller revela que impressões colhidas na análise de algumas destas pacientes acabaram trazendo à tona um outro fator: a existência de uma exigência pulsional ao nível da vagina (p.98) – exigência que, em sua opinião, teria tido lugar bem cedo, mas que teria sido recalcada para fora da consciência, simultaneamente à representação particular de seu objetivo e de seu objeto (p.98). Já fica visível, aqui, a aproximação das idéias de Müller com aquelas que Abraham tentava discutir com Freud⁷³.

Ainda na opinião de Müller (1994[1925]), este recalcado produziria efeitos duráveis na consciência, encontrando uma expressão negativa na vida das mulheres através de uma incerteza geral da vontade, da pulsão e da percepção (p.98). Entretanto, para desenvolver seus argumentos e sua hipótese, confessa levar em consideração sua própria experiência anterior como médica, quando teria sido procurada, algumas vezes, por mães que viam filhas adoecerem em decorrência de uma prática masturbatória vaginal. O exame clínico, realizado nestes casos, revelava uma irritação na entrada da vagina, acompanhada de secreção, sendo ambas consideradas típicas quando vermes intestinais nela se alojam, através de um processo de migração; no meio médico seria, portanto, comum entender a masturbação vaginal como agenciada por tais vermes. No entanto, ainda que Müller pondere que esta causa da masturbação vaginal não deveria ser desconsiderada, entende que ela seria reveladora de um outro fato: o quanto a masturbação da menina é alvo de

⁷² Josine Müller era médica e psicanalista, tendo sido analisada por Hans Sachs. Veio a falecer pouco depois de 1925 e o artigo aqui mencionado, apresentado como conferência, só veio a ser publicado postumamente, por seu viúvo, o também psicanalista Carl Müller-Braunschweig (Hamon,1994:329).

⁷³ Ver, a este respeito, p.113 deste trabalho.

ameaças e restrições em função de regras educativas. A prova disso residiria na observação de que as meninas atingidas pelos vermes ficariam livres, em nome do tratamento médico, das proibições a que, em outras circunstâncias, estariam submetidas; seria esta liberdade que, em sua opinião, não seria desfrutada pela maioria. Além disso, a referência feita por outros colegas – pediatras e psicanalistas – de episódios em que a vagina teria servido para que algumas meninas nela introduzissem pequenos objetos, ainda na tenra idade, serve a seus olhos também como evidência de que uma excitação vaginal teria lugar precocemente; a atividade masturbatória a ela correspondente, em contrapartida, precisaria geralmente, por força das exigências educacionais, ser dissimulada ou recalcada pela menina. Desta dissimulação ou recalque resultaria, então, um descompasso na vida erótica, de vez que seria impedido o atendimento a uma 'exigência pulsional tipicamente feminina' – a expressão é nossa, mas pode ser claramente deduzida do texto. Além disso, este descompasso seria também o causador, em sua opinião, de um prejuízo no campo do amor-próprio ou da auto-estima das meninas:

“Eu suponho que o amor-próprio de todo ser humano depende largamente de sua capacidade para satisfazer as moções pulsionais centrais e estabelecer um laço satisfatório com seu próximo a partir destas exigências.” (Müller, 1994[1925]:103. Nossa tradução)⁷⁴

Esta auto-estima diminuída seria a maior responsável, então, pelo desenvolvimento da inveja do pênis e estaria, segundo Müller (1994[1925]), na origem de numerosos casos de vaginismo e de frigidez presentes em quadros de histeria ou neurose obsessiva (p.104).

Observe-se que o raciocínio desenvolvido por Müller (1994[1925]) acaba por inverter o sentido da troca de órgão vivida pela menina e renunciada por Freud. Ou seja, para ela, a vagina é que seria, por força das regras educativas, posta de lado em favor do clitóris que, por sua vez, ganharia reforços do erotismo uretral de caráter ativo e agressivo (p.101). Por esta característica, o clitóris acabaria vindo socorrer os danos no plano da auto-estima da menina, agenciando identificações viris que, se de um lado atenderiam às exigências narcísicas, de outro seriam problemáticas na puberdade, tornando distintos os 'desejos do ego' e os 'desejos genitais' que, apesar de recalcados, manteriam sua força no inconsciente:

⁷⁴ No original: “Je suppose que l’amour-propre de tout être humain dépend largement de sa capacité à satisfaire des motions pulsionnelles centrales et à établir un lien satisfaisant avec son prochain sur la base de ces exigences.”

“O objetivo infantil de satisfação pulsional perdura então no inconsciente. O ego não chega a se identificar com esta vontade inconsciente, nem se sente em segurança senão se defendendo contra as moções genitais, e é impossível a outros desejos do ego se explicarem com os desejos genitais.” (Müller, 1994 (1925):102. Nossa tradução)⁷⁵

Observe-se que a segunda tópica freudiana serve a Müller para que possa falar em desejos do ego e em desejos genitais, insinuando-se já aqui uma nova tendência teórica, já que os analistas mais próximos de Freud tinham, como aventamos, se mostrado aparentemente indiferentes a esta nova proposição a respeito do aparelho psíquico.

Vale também notar que, diferentemente dos textos sobre a sexualidade feminina que o precederam, o trabalho de Müller secundariza o espectro freudiano de considerações sobre o tema – calcado nos efeitos psíquicos da percepção da diferença anatômica entre os sexos – para utilizá-lo, apenas, como argumento que sustentaria a necessária defesa egóica e narcísica da menina, face ao descompasso a que seria submetida no plano das exigências pulsionais. De certo modo, na opinião de Müller, a menina nasceria mulher e por força da educação e da moral se tornaria então um homenzinho. Homenzinho que só poderia transmutar-se novamente em mulher na medida em que pudesse aceitar, no plano da consciência, a legitimidade das exigências pulsionais vaginais outrora recalcadas. Alcançado este objetivo, as mulheres seriam, em sua opinião, menos competitivas com os homens do que as que são muito atingidas pela inveja do pênis, mas, ao mesmo tempo, mais capazes, diante de algumas exigências, de assumirem papéis viris, uma vez que uma auto-estima desenvolvida e apoiada na segurança de se sentirem mulheres permitiria que não se sentissem inferiorizadas em relação aos homens. Assim, se Müller vê realizar-se no percurso libidinal da maioria das meninas uma troca de órgão, trata-se da troca da vagina pelo clitóris, uma troca defensiva e responsável pelo surgimento da inveja do pênis.

Tomado em seu conjunto, o texto de Müller – apesar de partir da pressuposição de uma exigência pulsional feminina primária que teria como alvo a satisfação vaginal – não descarta completamente as consequências geradas no psiquismo das meninas pela ausência de pênis, reconhecendo-as notadamente nos efeitos gerados no plano do narcisismo. Por outro lado, diferentemente da visada freudiana, não situa o falo como ordenador da

⁷⁵ No original: “Le but infantile de la satisfaction pulsionnelle perdure alors dans l’inconscient. Le moi ne parvient pas a s’identifier à cette volonté inconsciente, ne se sent en sécurité que dans la défense contre des motions génitales, et il est impossible à d’autres désirs du moi de s’expliquer avec les désirs génitaux.”

sexualidade genital infantil; ao contrário, se o interesse no falo acaba por surgir é para 'compensar' danos narcísicos gerados pela impossibilidade do ego em atender a exigências pulsionais vaginais primárias.

Em termos clínicos, o artigo de Müller pode ser lido como uma tentativa de iluminar os impasses clínicos referidos à frigidez e ao vaginismo, tomados correntemente como derivados de uma impossibilidade em realizar a segunda troca proposta por Freud no caminho da menina rumo à feminilidade: a de órgão. Em seu artigo, Müller convida a entender que, menos do que dizer respeito a uma frieza da vagina, a frigidez corresponderia ao investimento defensivo no clitóris. Por conta disso, entrever a fixação na região clitoridiana como efeito de um recalque sobre as exigências pulsionais vaginais precoces, permitiria ao trabalho da análise desfazê-lo, tornando aceitável para o ego consciente as arcaicas exigências. Ratificando nossa leitura, o que Müller (1994[1925]) afirma textualmente é que, uma mulher, podendo tomar consciência das exigências pulsionais vaginais, acabaria sendo desviada da inveja do pênis e menos afetada pelos efeitos do complexo de castração (p.103).

Josine Müller (1994[1925]) não esteve solitária ao defender esta perspectiva sobre o desenvolvimento libidinal feminino. Na verdade, ela mesma confessa que se sentiu incentivada a expor publicamente suas opiniões depois de ter ouvido, em outubro do mesmo ano, uma conferência de Karen Horney proferida para o Grupo de Berlim e intitulada *A Fuga da Feminilidade* (p.97).

Nesta conferência, que veio a ser publicada em 1926, Horney⁷⁶(1967[1925]) questionou claramente os parâmetros utilizados por Freud e pela maior parte dos analistas para pesquisar a psicologia feminina. Lançando mão de um ensaio de Georg Simmel – especialmente da hipótese por ele defendida em sua crítica filosófica da cultura de que a civilização humana seria uma civilização masculina, sendo o Estado, as leis, a moralidade, a religião e as ciências uma criação dos homens (p.55)⁷⁷ – convocou seus ouvintes a

⁷⁶ Karen Horney iniciou em 1909 sua primeira análise com Abraham, logo interrompida. Algum tempo depois, tornou-se analisanda do vienense Hans Sachs, principal analista didata do Instituto Psicanalítico de Berlim (Sayers, 1992 [1991]:90-2).

⁷⁷ No original o que traduzimos livremente: "Our whole civilization is a masculine civilization. The State, the laws, morality, religion, and sciences are the creation of men."

tentarem livrar suas mentes de um modo de pensar masculino, alegando que, com isto, todos os problemas ligados à psicologia feminina tomariam um outro aspecto (p.59)⁷⁸.

Um dos caminhos escolhidos por ela para tentar lançar este outro olhar sobre a teoria diz respeito ao que Freud elaborou sobre a transmutação da inveja feminina do pênis em desejo de um filho. Horney (1967[1925]) vê aí um problema, e entende a solução freudiana como uma 'solução forçada' – de novo, aqui, a expressão é nossa. O que ela argumenta é que Freud teria resolvido esta transmutação através de um curto-circuito ao considerar que o desejo de um filho só adviria quando a menina se visse efetivamente desapontada em seu desejo de um pênis, momento em que um investimento terno ao pai ocorreria (pp.62-3). Em sua opinião, esta solução freudiana teria nascido, em verdade, da necessidade de explicar, psicologicamente, o princípio biológico da atração heterossexual (p.63). Acrescenta, ainda, que Groddeck já teria colocado esta questão a Freud, interrogando-o sobre o que faria a menina se ligar ao outro sexo, uma vez que, diferentemente do menino, ela não reteria a ligação com o primeiro objeto (p.63).

Sobre este ponto, lembremos que a dissimetria proposta por Freud entre o complexo de Édipo em meninos e meninas tinha acabado de se tornar pública⁷⁹. Assim, o fato de a menina se desencantar com a mãe e ir procurar no pai o pênis ansiado – giro com o qual Freud (1925) resolve o movimento heterossexual da menina – era ainda um elemento novo na discussão desta temática e, talvez por isso, ainda pouco assimilado em toda sua complexidade. Assim, se hoje não temos dificuldade em acompanhar o raciocínio freudiano, é importante ter em mente que, em 1925, estes analistas lidavam com a produção teórica quase que *in natura*, não nos sendo difícil imaginar a dificuldade com que se defrontavam.

Para acompanhar o raciocínio de Horney, é importante levar em consideração que poucos anos antes, mais precisamente em 1922, tanto quanto Ophuijsen em 1917 e Stärcke em 1921, ela também havia se interrogado sobre o complexo de castração na vida mental das mulheres, levantado dados sobre sua emergência na clínica e, a partir disso,

⁷⁸ No original, o que aqui traduzimos de forma livre: "Now, if we try to free our minds from this masculine mode of thought, nearly all the problems of feminine psychology take on a different appearance."

⁷⁹ Terminado em agosto de 1925, *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* foi lido por Anna Freud, em nome de Freud, em 3 de setembro de 1925 num Congresso Psicanalítico Internacional, só vindo a ser publicado mais tarde (Cf. Editor Inglês das Obras Completas de Freud, Vol. XIX, p.303).

questionado a perspectiva de Freud de entender o complexo de castração centrado na inveja do pênis. Naquela ocasião⁸⁰, Horney (1967[1922]) defendeu a opinião de que a inveja do pênis seria a forma pela qual o complexo de castração se manifestaria nos casos em que a menina, orientada pelos desejos dirigidos ao pai, sofresse por parte dele um forte desapontamento (p.52)⁸¹. Assim, longe de ter um caráter primário, a inveja do pênis era entendida por ela como ocasionada pela decepção no investimento feito ao pai, decepção da qual resultaria uma identificação com ele, esta sim a raiz do complexo de castração (p.48)⁸². Ainda neste momento, é principalmente a análise dos elementos em jogo na inferioridade precocemente experimentada pelas mulheres – resultante do fato de sua anatomia 'de fato' atrapalhar a satisfação de algumas pulsões componentes da sexualidade, especialmente as uretrais e escopofílicas (p.42) – e as referências clínicas frequentes a fantasias de violação, que lhe servem como parâmetro para considerar que, desde muito cedo, as meninas construiriam uma identificação com a mãe – fundada tanto na hostilidade quanto no amor – e fantasiariam sua apropriação sexual pelo pai. Deste modo, ainda num estágio precoce, ocorreria algo similar a uma 'repetição ontogenética da experiência filogenética' (p. 44).

Já em 1925⁸³, quando se concentra no questionamento das considerações freudianas sobre a passagem da menina do desejo de um pênis para o desejo de um filho, Horney entende que, se o complexo de masculinidade podia perfeitamente ser observado empiricamente, esta observação provinha de duas diferentes fontes: a primeira derivaria da observação direta das meninas que exibiriam claramente uma inveja do pênis, enquanto a segunda teria sua origem no material fornecido pela análise de mulheres adultas (p.63). Neste caso, seria sempre possível ver as pacientes rejeitarem suas funções femininas, motivadas em seu inconsciente por quererem ser homens. Suas fantasias revelariam a crença em um dia terem tido o órgão, e terem sido castradas e mutiladas (p.63), procedendo exatamente daí seus sentimentos de inferioridade; muitas destas mulheres desenvolveriam

⁸⁰ Em "Sobre a Gênese do Complexo de Castração nas Mulheres".

⁸¹ Observe-se que há, aqui, também elaborações de Horney acerca daquilo que consideramos como o primeiro grande enigma: o complexo de castração.

⁸² Não fica difícil, neste ponto, nos lembrarmos da paciente H, atendida sucessivamente por Ophuijsen (1917) e De Groot (1927), e da jovem homossexual atendida por Freud em 1920. Ambas, tinham sofrido um desapontamento com o pai.

⁸³ Em "A Fuga da Feminilidade".

um sentimento de hostilidade em relação homens, depreciando-os ou desejando castrá-los. Em função disso, diz Horney (1967[1925]), seria natural concluirmos – especialmente por causa da orientação masculina de nosso pensamento – que esta inveja seria primária e produziria fortes efeitos *a posteriori* (p.64)⁸⁴. Em sua ótica, entretanto, a inveja do pênis não teria esta natureza primária, constituindo-se, sim, numa fuga da feminilidade gerada pelas próprias dificuldades do Édipo feminino. Neste sentido, argumenta que enquanto os meninos não precisam abrir mão de seu papel masculino como efeito do complexo de castração, as meninas, diferentemente, na latência e no período pré-pubertário, tenderiam não só a renunciar ao pai como objeto sexual, mas também a recuar totalmente de seu papel feminino (p.64).

Para tentar compreender esta 'fuga da feminilidade' seria necessário ainda, segundo Horney (1967[1925]), considerar os fatos relativos ao onanismo infantil – expressão física das excitações originadas pelo complexo de Édipo (p.63) – recaindo sobre este ponto sua principal crítica à teorização freudiana. O que Horney argumenta é que nunca entendemos a menina como podendo ter uma forma específica de onanismo, tendo-nos acostumado, por isto, a descrever sua atividade auto-erótica como masculina. Entretanto, sua própria experiência clínica teria indicado a possibilidade de as meninas terem uma forma feminina específica de onanismo (p.65): o onanismo vaginal.

Apesar de admitir ser muito difícil ter acesso, através da análise de mulheres adultas, a lembranças destas sensações vaginais precoces, Horney (1967[1925]) considera que algumas fantasias permitiriam inferir a existência destas sensações: seriam as fantasias de que um grande pênis forçaria uma penetração, produzindo dor, hemorragia e destruição (p.65). Em sua ótica, isto seria uma evidência de que a menina, já movida pelo Édipo, perceberia claramente a desproporção de tamanho entre o pai e ela mesma como criança, servindo, tanto estas fantasias quanto o medo de seu próprio interior ser destruído, para mostrar como a vagina participaria da precoce organização genital infantil da mulher (p.65). Assim, a própria frigidez nas mulheres resultaria de uma tentativa de escapar dos perigos vividos pelo ego, uma vez que este suportaria mais facilmente os sentimentos de

⁸⁴ No original o que condensamos de forma livre: "It was natural to conclude – and specially natural because of the male orientation of our thinking – that we could link these impressions on to the primary penis envy and to reason *a posteriori* that this envy must possess an enormous intensity, an enormous dynamic power, seeing that it evidently gave rise, to such effects."

inferioridade originados pela inveja do pênis do que a angústia resultante das atitudes femininas do Édipo (66-7). Deste modo, querer ser um homem se constituiria numa fuga da feminilidade que traria ganhos ao ego. Nisto, a frequente identificação da menina ao pai encontraria sua razão (p.67).

Vale notar então que, partindo de Simmel, Horney acaba por defender a idéia de que haveria uma feminilidade primária nas mulheres, a mesma feminilidade primária defendida por Müller em seu artigo. Também na opinião de Horney, esta feminilidade se manifestaria desde cedo na vida da menina, dando um colorido diferente do proposto por Freud em relação ao desenvolvimento de sua libido. Assim, se para Freud, a menina escolhe o objeto de amor a partir da inveja do pênis, Horney (1967[1925]), diferentemente, entende um interesse da menina pelo pênis se manifestando já bem cedo, nas fases mais precoces do desenvolvimento, constituindo-se o pênis numa espécie de objeto de amor parcial, nos termos propostos por Abraham em 1924 (p.68). A ternura da menina em relação ao pai, no Édipo, não seria então originada, como propunha Freud, por seu desapontamento em não ter um pênis, mas por esta forma preliminar de amor objetal. Vai ficando evidente, então, que enquanto Freud defendia a perspectiva de que a falta vivida pela menina seria a causa de seu desejo edípico pelo pai, Horney (1967[1925]) entendia o movimento edípico como efeito de uma feminilidade primária. Ou seja, uma atração pelo sexo oposto existiria desde muito cedo, desenhando o interesse libidinal da menininha pelo pênis (p.68).

Resumindo, para Horney (1967[1925]), os motivos típicos para a menina se refugiar em um papel masculino estariam ancorados nas dificuldades vividas fantasisticamente ao longo do Édipo, dificuldades que encontrariam reforços nas características de nossa sociedade, uma sociedade sustentada numa desvantagem real para elas, sendo sua maior prova a posição ocupada pelas mulheres na vida social⁸⁵ (p.69).

Horney deu prosseguimento a esta perspectiva em outros textos em que os próprios títulos falam por si, deixando clara a linha de sua abordagem. Assim, em *Feminilidade Inibida*⁸⁶ (1967[1926]), aborda a temática da frigidez para enfatizar que, em sua ótica, ela seria uma consequência de a menina não ter podido seguir seu papel feminino. Pesariam,

⁸⁵ No original, o que traduzimos de forma livre: "Now these typical motives for flight into the male role - motives whose origin is the Oedipus complex - are reinforced and supported by the actual disadvantage under which women labor in social life."

⁸⁶ "Inhibited Femininity" no original.

nesta obstrução, inúmeras circunstâncias, dentre elas, o frequente favoritismo dos pais por um irmão e a observação do coito parental. Esta última, faria com que a menina entendesse sua mãe sendo violada e injuriada, ao que viria frequentemente se juntar, reforçando a opinião de maltrato e violação, a percepção de traços da menstruação materna. Tudo isso, em sua opinião, levaria a menina a formar a impressão de que a posição da mulher seria precária e perigosa (pp.78-9). Por conta disso, os desejos de masculinidade nascidos de uma inveja 'ingênua' do pênis, acabariam podendo tomar força, bloqueando o caminho da menina rumo à feminilidade (p.79).

Alguns anos mais tarde, em *A Recusa da Vagina*⁸⁷, Horney (1967[1933]) insistiu no argumento de que as sensações vaginais precoces gerariam fantasias especificamente femininas. Sem poder conferir a integridade de seus órgãos ao fantasiar suas relações com o pai, tomaria vulto na menina, então, seu medo de ser ferida. Em sua ótica, se o medo correspondente aos desejos edípicos do menino seria, afinal, o de ter um pênis muito pequeno para a mãe – o que faria deste medo um medo narcísico – o da menina, diferentemente – por dizer respeito ao temor de ter seu interior destruído – seria um medo físico (p.159).

Como mencionamos, já em seu artigo de 1922, Horney havia analisado os efeitos da anatomia na satisfação de algumas pulsões componentes, dentre elas as escopofílicas. Naquele momento, deu destaque à grande 'subjatividade' geralmente encontrada nas mulheres⁸⁸, em oposição à 'objetividade' observada nos homens, e tece a hipótese de que esta 'subjatividade' maior das mulheres adviria exatamente da impossibilidade gerada pela anatomia em satisfazer mais plenamente a essas pulsões. Ou seja, se o impulso investigativo dos meninos encontraria satisfação de forma direta, já através do exame de seu próprio corpo, as meninas, através do mesmo exame, nunca chegariam a um claro conhecimento de seu próprio corpo (p.41).

Privilegiando, ainda, os efeitos psíquicos gerados nas mulheres por esta não- visibilidade de seus órgãos genitais, Horney (1967[1933]) vai considerar que um conhecimento "instintivo" dos processos sexuais – aspeado no original (p.155), por preceder, segundo a autora, qualquer explicação intelectual destes processos – seria o

⁸⁷ "The Denial of the Vagina" no original.

⁸⁸ À título de curiosidade, vale lembrar aqui do que Thomas (1991[1772]), em seu ensaio, creditou especificamente às mulheres: uma significativa capacidade imaginativa.

agenciador das ansiedades relativas ao medo de ter seu interior destruído e dos sonhos de violação, quase típicos das meninas na infância. Alegando acompanhar Freud, para quem "as teorias sexuais infantis são modeladas pela própria constituição sexual infantil", Horney argumenta que estas teorias, na menina, trariam a marca dos impulsos e sensações espontaneamente experimentados (p.155), sendo grande a força das sensações vaginais neste repertório. Frisando a distância de seu pensamento em relação ao que vinha já se insinuando no cenário teórico-clínico psicanalítico da época, deixa claro, entretanto, que não se trataria, em sua ótica, de entender a vagina 'recebendo' uma libido transferida da zona oral, como supunham Deutsch e Klein (p.157). Em sua opinião, a vagina se faria sentir como órgão a ser penetrado – o que geraria medo e ansiedade – e, por esta razão, seria recalcada, fazendo com que as pulsões se dirigissem, então, ao clitóris.

Neste texto de Horney (1933), se a 'recusa'⁸⁹ da vagina parece dizer respeito ao recalque das sensações vaginais pela menina, num mecanismo defensivo contra os medos acionados pela associação entre as sensações corporais e os desejos edípicos, parece também, criticamente, dizer respeito à recusa freudiana em atribuir à vagina qualquer especificidade no desenvolvimento da libido na menina. Assim, se em sua própria ótica as meninas cedo vivenciariam, instintivamente, determinadas sensações vaginais e os temores advindos da masturbação, elas também, frequentemente, escapariam destes temores recalçando qualquer conhecimento da vagina; quanto aos analistas, estes teriam interpretado isso, erroneamente, como uma ausência de erotismo vaginal na infância.

Observemos que a resposta dada por Horney à suposição de Freud de que seria necessária uma troca de órgão para que a menina chegasse à feminilidade rebate e contesta a perspectiva freudiana, ao conceder à feminilidade um estatuto primário e inato. Mas, de qualquer modo, e apesar de Horney partir do pressuposto de que haveria uma atração mútua natural entre os sexos, a perspectiva de uma sexualidade afetada pela fantasia a retira, em princípio, do plano de uma sexualidade determinada pelos fundamentos biológicos do ser. Ou seja, nascer dotada de uma capacidade inata para a feminilidade não garantiria à menina um destino feminino na sexualidade.

Vale ainda destacar que a clínica com a qual Horney se via às voltas não era, em nada, diferente da clínica de Freud e daqueles que o seguiam em termos teóricos. As

⁸⁹ No original, em alemão: 'Die Verleugnung der Vagina'; em inglês: 'The Denial of the Vagina'.

mulheres atendidas por Horney, do ponto de vista sintomático, por exemplo, tinham sofrimentos similares aos da paciente de Ophuijsen e de Lampl de Groot. Horney (1967[1922]) falou de algumas: numa delas, o desejo de poder urinar como um homem era evidente, chegando a ter dominado o quadro clínico por um bom período; mas, era um desejo que, a partir das associações ensejadas na análise, não deixava dúvidas quanto ao seu sentido, ao menos em sua opinião: urinando como um homem, sua paciente 'saberia' realmente como era feita (p.49)⁹⁰. A conexão revelada, no caso desta paciente, entre erotismo uretral e pulsão escopofílica era óbvia também, para ela, no caso de uma outra analisanda, que praticava a masturbação de uma forma muito peculiar – urinando em pé como o pai – o que gerava nesta mulher forte ansiedade, por temer ser vista por outras pessoas praticando esta forma de onanismo (p.40). Segundo Horney, a associação feita pelas meninas entre a forma de os meninos urinarem e praticarem a masturbação – ou seja, colocando a mão no órgão – seria geradora, para elas, de uma especial dificuldade em superar a masturbação, pois se sentiriam injustamente proibidas, em função de sua anatomia, de alguma coisa que, aos meninos, seria claramente permitida (p.41)⁹¹. Para além disso, fantasias de violação, em que a imagem do pai inequivocamente comparecia cometendo o atentado, surgiam na análise de algumas destas pacientes o que sugeria a existência de uma precoce identificação destas mulheres com a mãe, independentemente dos sentimentos em relação a ela (p.44).

Cabe notar então que, se o que se dá a ouvir através da fala e dos sofrimentos destas mulheres, *grosso modo*, se repete, o que o analista privilegia nesta escuta é que se altera, em função do objetivo de confirmar suas próprias hipóteses. A jovem musicista também havia se referido a sensações de orgasmo vividas num sonho – entendidas, então, por Ophuijsen (1917) como de caráter uretral – e a uma forte decepção sofrida em seu investimento em relação ao pai. Ela também acabou por se identificar com este pai – com o

⁹⁰ No original, o que condensamos de forma livre: "This factor, which is rooted in the scopophilic instinct, was particularly evident in a patient of mine in whom the desire to urinate like a male dominated the whole clinical picture for a time. During this period she seldom came to the analysis without declaring that she had seen a man urinating in the street, and once she exclaimed quite spontaneously: "If I might ask a gift of Providence it would be to be able just for once to urinate like a man." Her associations completed this thought beyond all possibility of doubt: "For then I should know how I really am made."

⁹¹ No original, o que traduzimos de forma livre: "(...) girls have a very special difficulty in overcoming masturbation because they feel that they are unjustly forbidden something that boys are allowed to do on account of their different bodily formation."

órgão do pai, segundo o analista – tomando, em função disso, um caminho distante do requerido à feminilidade. Se, para De Groot (1927) – a segunda analista desta jovem – seu prazer tinha um caráter fálico, sendo o seu falicismo dirigido à mãe, vale lembrar que esta paciente também se lembrava de sempre proteger a mãe quando os pais brigavam, o que poderia ser lido, em termos horneyanos, já como um traço de sua identificação com a dor da mãe.

Estas considerações tem, aqui, o objetivo de destacar o quanto o fazer clínico do analista, e a teorização que ele deriva de sua escuta, sofrem a interferência dos próprios pressupostos teóricos em que se apóia. Privilegiando o caráter fálico da cultura e a histórica opressão vivida desde tempos ancestrais pelas mulheres, Horney tenazmente defendeu a opinião de que a própria anatomia feminina seria abarcada por estes aspectos – e bem cedo na vida das meninas – fazendo com que uma disposição inata para a feminilidade, destinada a se satisfazer numa natural relação com o sexo oposto, frequentemente fosse recalcada. Guiada por esta convicção, acabou por encontrar, na clínica o que, a seus olhos, era a evidência deste recalçamento ou, em outras palavras, sua expressão no inconsciente: fantasias de violação e sentimentos de angústia agenciados pela impressão de ter o interior corporal destruído, fantasias que, muitas vezes, resistiam ao teste de realidade, deixando marcas indeléveis na vida sexual das mulheres. Assim, se Horney acreditava na feminilidade primária e entendia a inveja do pênis como uma defesa egóica contra o sentimento de inferioridade, foi buscar evidências desta hipótese na clínica; Ophuijsen e De Groot, que acreditavam na inveja do pênis como primária e na feminilidade como o resultado de um grande percurso, também não fizeram diferente...

2.3 – O SURGIMENTO DE NOVOS PARADIGMAS DA SEXUALIDADE: O MEDO DA AFÂNISE E O SADISMO INFANTIL

*“A proeminência da castração nos dois sexos
é só uma ameaça parcial
em relação à ameaça da extinção total,
tanto da capacidade sexual como do gozo”
(Ernest Jones)*

Em 1927 – num momento, portanto, em que borbulhava uma farta produção sobre a temática da sexualidade feminina – também Ernest Jones⁹² se pronunciou a este respeito, se dispondo a incluir no contexto das discussões suas próprias contribuições. Partindo do princípio defendido por Horney de que o falocentrismo da proposta freudiana tinha sua origem no caráter masculino da cultura – o que fazia com que os analistas subestimassem a importância dos órgãos femininos no desenvolvimento da sexualidade das mulheres – Jones (1927) a isto acrescenta que as próprias mulheres teriam sucumbido a esta influência, demonstrando claramente um forte interesse pelo órgão masculino. Entretanto, se este interesse nitidamente se evidenciava na clínica, fazendo com que ele próprio tivesse recebido para análise, em dois anos, cinco casos de homossexualidade feminina (p.459), nem por isso se esclareciam, para ele, duas questões: o que precisamente, nas mulheres, poderia corresponder ao temor da castração nos homens, e o que diferenciaria o desenvolvimento da mulher homossexual do da heterossexual⁹³ (p.460).

O referencial clínico que faz com que Jones (1927) se interrogue sobre isto se apóia, segundo nos diz, na diversificação que podia observar no quadro sintomático destas pacientes. Afinal, apesar de todas as cinco serem homossexuais, apenas duas tinham desenvolvido uma atitude francamente negativa em relação aos homens, não tendo sido possível, entretanto, em nenhum dos casos, estabelecer qualquer regramento consistente referido às atitudes conscientes dessas pacientes em relação aos pais. Na verdade, em relação a este espectro de possibilidades, todas as variações ocorriam. Assim, enquanto algumas revelavam uma atitude negativa em relação ao pai, variando entre positiva ou

⁹² Neurologista inglês que conheceu Freud ainda em 1908. Em seu percurso como psicanalista, foi analisado por Ferenczi em Budapeste e, em seu retorno à Inglaterra, fundou a Sociedade Psicanalítica de Londres (Chemama, 1995[1993]:115).

⁹³ No original: “(...) what precisely in women corresponds with the fear of castration in men? and what differentiates the development of homosexual from that heterosexual women?”

negativa em relação à mãe, outras revelavam exatamente o contrário. Mas, se era neste quadro que se expressavam seus comportamentos e atitudes conscientes, do ponto de vista inconsciente era comum a todas uma forte ambivalência em relação a ambos. Além disso, todas tinham passado por uma incomum e significativa fixação infantil na mãe, oriunda do estágio oral do desenvolvimento, que teria sido sucedida por uma forte fixação ao pai (p.460).

Ainda que Jones (1927) não forneça um material maior sobre suas pacientes, estas poucas considerações não devem ser desprezadas. Na verdade, a nossos olhos, elas se alinham a uma tendência clínica, típica da época, que tomava as relações da mulher com o casal parental como indicadoras do polo identificatório que ancoraria a escolha sexual e a posição a ser ocupada no exercício da sexualidade. Ou seja, estamos, até aqui, em um campo freudiano de considerações, um campo que faz da sexualidade feminina adulta o resultado de um sinuoso percurso identificatório ancorado nas relações classicamente consideradas como fazendo parte do período edípico.

Entretanto, se até então era sob o marco do complexo de castração que os analistas mais próximos de Freud entendiam se forjar a posição identificatória, são exatamente os efeitos e o valor creditados a este complexo – o complexo de castração – que Jones (1927) vai interrogar, o que, de antemão, já nos fornece uma pista de que Jones não entenderá o Édipo nos moldes freudianos. Ou seja, se em Freud castração e Édipo andam juntos, determinando a escolha de objeto e a identificação sexual – fornecendo, portanto, os marcos para o exercício da sexualidade adulta – questionar a castração e o valor de seus efeitos na construção da identificação sexual já é uma indicação de que novos parâmetros serão considerados por Jones como podendo entrar aí em jogo.

Partindo, então, da idéia de que a castração teria sido superestimada quanto a seus efeitos, Jones (1927) alega que a ênfase nesta noção teria, de certo modo, atrapalhado a apreciação feita pelos psicanalistas de conflitos fundamentais (p.460)⁹⁴, o que exemplificaria, claramente, o que Horney denunciou como uma tendência inconsciente em nosso meio: a de abordar algumas questões de um ponto de vista masculino (p.460).

Opondo-se a esta tendência mais geral, e seguindo a trilha indicada por Horney,

⁹⁴ No original, o que condensamos livremente: "(...) I came to the conclusion that the concept 'castration' has in some respects hindered our appreciation of the fundamental conflicts."

Jones (1927) vai começar, então, a tecer uma série de considerações; através delas, introduzirá a noção de afânise e emprestará ao sadismo infantil um significativo peso nos destinos da sexualidade feminina.

Neste caminho, Jones (1927) parte de uma primeira indagação: se, na mulher, a castração é um fato consumado, que acontecimento, ainda que futuro e só imaginado, poderia despertar nela um temor comparável ao da castração nos homens? Apesar de considerar que desejos e temores paralelos se produzem nos dois sexos, vai insistir entretanto no fato de que, nem por isso, as diferenças entre meninos e meninas deveriam ser negligenciadas, ou transportado de um lado para outro o que, de fato, diria respeito a cada um (p.460).

Introduzindo, então, sua contribuição ao tema, dirá que o maior erro cometido por todos os analistas teria sido o de considerar a castração como equivalente à abolição da sexualidade, em função do valor sempre conferido aos genitais masculinos. No intuito de dar ênfase ao erro que estaria implícito nesta equivalência, Jones (1927) usa como argumento o fato de muitos homens não temerem a castração mas, contrariamente, a desejarem – movidos, dentre outras razões, por motivos eróticos – o que deixaria clara a distância entre ter ou não ter o pênis e desfrutar do erotismo (p.461)⁹⁵. Destaca também que, nas mulheres, a idéia de pênis – e naturalmente o medo de perdê-lo – seria mais parcial ainda (p.461)⁹⁶. Complementando seu raciocínio, diz:

“Em outras palavras, a proeminência do temor da castração entre os homens tende a fazer-nos ocasionalmente esquecer que, em ambos os sexos, a castração é somente uma ameaça *parcial*, apesar de importante, em relação à capacidade sexual e à satisfação como um todo. Para este perigo, correspondente à extinção total [da sexualidade], poderíamos usar um termo particular, como a palavra grega ‘afânise’.”

(Jones, 1927: 461. Grifos do autor. Nossa tradução)⁹⁷

⁹⁵ No original, o que condensamos livremente: “The all-important part normally played in male sexuality by the genital organs naturally tends to make us equate castration with the abolition of sexuality altogether. This fallacy often creeps into our arguments even though we know that many men wish to be castrated for, among others, erotic reasons, so that their sexuality certainly does not disappear with the surrender of the penis.”

⁹⁶ No original, o que resumimos de forma livre: “With women, where the whole penis idea is always partial and mostly secondary in nature, this should be still more evident.”

⁹⁷ No original: “In other words, the proeminence of castration fears among men tends sometimes to make us forget that in both sexes castration is only a *partial* threat, however important a one, against sexual capacity and enjoyment as a whole. For the main blow of total extinction we might do well to use a separate term, such as the Greek word ‘aphanisis’.”

Ou seja, mais do que temer a castração, o medo maior de meninos e meninas seria, na opinião de Jones (1927) o medo da afânise, isto é, o medo do desaparecimento, por completo, do prazer sexual, medo que se expressaria no inconsciente sob as formas do temor à castração e de pensamentos de morte – quer sob a forma consciente de um medo de morrer, quer sob a forma inconsciente de desejos de morte (p.461)⁹⁸.

É, então, sob a ótica deste novo paradigma – o medo da afânise – que Jones (1927) vai repensar a trajetória edípica e o que, nela, distinguiria os meninos das meninas. Uma 'razão biológica', em sua opinião, provocaria diferenças psicológicas no comportamento e nas atitudes dos dois sexos (p.462). Assim, o próprio desejo edípico geraria em meninos e meninas temores que, apesar de terem uma mesma natureza – o medo da afânise – seriam diferentes: enquanto os meninos desejariam ativamente o ato sexual, ou seja, a conjunção da vagina com o pênis, mas não ousariam cumpri-lo por temerem a castração como castigo (o que os faria perder o prazer sexual), as meninas, por sua natureza mais passiva, diante do mesmo desejo, não ousariam provocar a experiência ou pedi-la, pois temeriam, com isso, confessar a culpa do próprio desejo que seria seguida pela afânise (p.462)⁹⁹.

Distinguindo o mecanismo da afânise nos dois sexos, Jones (1927) considera que, enquanto nos homens o medo é tipicamente concebido sob a forma ativa da castração, nas mulheres o medo primitivo seria o da separação (p.463). Uma separação que teria suas origens tanto na rivalidade entabulada com a mãe – que a menina imaginaria como intervindo nas suas relações com o pai – quanto na recusa do pai em conceder-lhe a satisfação desejada. O medo profundo de ser abandonada – medo que seria comum nas mulheres – derivaria daí (p.463).

⁹⁸ No original, o que condensamos livremente: "If we pursue to its roots the fundamental fear which lies at the basis of all neuroses we are driven, in my opinion, to the conclusion that what it really signifies is this aphanisis, the total, and of course permanent, extinction of the capacity (including opportunity) for sexual enjoyment. After all, this is the consciously avowed intention of most adults towards children. Their attitude is quite uncompromising: children are not to be permitted *any* sexual gratification. And we know that to the child the idea indefinite postponement is much the same as that of permanent refusal. We cannot, of course, expect that the unconscious, with its highly concrete nature, will express itself for us in these abstract terms, which admittedly represent a generalization. The nearest approach to the idea of aphanisis that we meet with clinically is that of castration and of death thoughts (conscious dread of death and unconscious death wishes)."

⁹⁹ No original, a forma como Jones ilustra o pensamento da menina: "(...) 'I wish to obtain gratification through a particular experience, but I dare not take any steps towards bringing it about, such as asking for it and thus confessing my guilty wish, because I fear that to do so would be followed by aphanisis'."

Neste momento, Jones (1927) considera ser possível aprofundar as relações existentes entre privação e culpa ou, em outras palavras, aprofundar as concepções acerca da gênese do superego nas mulheres. Vai então defender a hipótese de que a privação a que estariam fadados os desejos edípicos das meninas seria uma causa adequada para a gênese da culpa, construindo-se seu superego no sentido primordial de combater os desejos que não estão destinados à gratificação – combate que, nos meninos, encontraria na figura daquele que profere a ameaça um representante interiorizado. A noção de culpa como defesa, como proteção contra a ameaça da ausência de gratificação libidinal estaria, então, na base da constituição do superego feminino (pp.463-4).

No sentido de explicar de que modo o medo da afânise interviria no desenvolvimento do complexo edípico – e não só na sua superação através da constituição da instância superegóica – Jones (1927) vai lançar mão das reflexões tecidas por Melanie Klein, que começava, a esta época, a expor seus pontos de vista sobre o Édipo precoce. Jones (1927) insistirá no argumento de que existiriam estreitas conexões entre o estágio oral e as fantasias edípicas dirigidas ao pai, conexões que seriam significativamente afetadas pelos componentes sádicos, responsáveis, em última instância, pelo destino na homo ou na heterossexualidade.

Resumindo as concepções de Jones (1927), diríamos que ele entende que no desenvolvimento mais normal, ou seja, no que resultaria em um destino na heterossexualidade, o sadismo teria que não se instituir como um elemento com muita força na fase oral do desenvolvimento libidinal da menina. Neste sentido, considera que a menor incidência dos componentes sádicos da libido ao longo da fase oral faria com que a boca mantivesse sua função acolhedora em relação ao seio, função que deslizaria para a região anal na fase subsequente, fazendo aí, o ânus, uma identificação imediata com a vagina¹⁰⁰. O raciocínio de Jones é o de que fantasias de feleção revelariam esta relação positiva inicial com o pênis, do mesmo modo que fantasias sádicas em relação a este revelariam a predominância do sadismo. Entretanto, esta identificação entre a boca, o ânus e a vagina não escaparia da natural e variável dose de sadismo da fase anal, gerando fantasias de

¹⁰⁰ Aqui, novamente, as palavras textuais de Jones: “The anus is *evidently* identified with the vagina to begin with, and the differentiation of the two is an extremely obscure process, more so perhaps than any other in female development; I surmise, however, that it takes place in part na earlier age than is generally supposed” (Jones, 1927:464. Grifos nossos).

violação que dariam a base para uma identificação da menina com a mãe. Mas se, diferentemente, o sadismo mostrasse sua força já na fase oral, fantasias de castração em relação ao pênis cedo se instalariam, e o clitóris, em lugar de poder ser desfrutado como uma zona auto-erótica de satisfação substitutiva, seria sadicamente investido de desejos masculinos de penetração. Seriam estes que responderiam, em última instância, pelo desejo de possuir um pênis como atributo. Na ótica de Jones, entretanto, este desejo seria já uma defesa da menina face ao desejo do pênis em um coito com o pai edípiano (pp.464-5)

Num caso ou noutro – ou seja, com ou sem a prevalência do sadismo na fase oral –, a culpa seria inevitavelmente erigida pela menina como uma defesa, como uma proteção contra o risco da afânise, funcionando o superego como o maior agente no combate aos desejos não destinados à gratificação. Por esta razão, Jones (1927) vai considerar que só haveria, para a menina, duas soluções possíveis para dar expressão à sua libido: ou ceder seu objeto ou ceder seu sexo (p.466), não sendo possível, em nenhum caso, manter os dois. Tomando então estas duas alternativas como fundamentais, Jones pode oferecer, então, o que considera a resposta para sua segunda questão neste texto, ou seja, a relacionada à diferenciação entre o desenvolvimento da mulher homossexual e o da mulher heterossexual. Em sua ótica, enquanto a heterossexual cederia seu objeto, podendo usar seu sexo com outros objetos substitutos, a homossexual cederia seu sexo (o feminino), mantendo o objeto (pai) sob a forma de identificação (p.467).

Entretanto, mesmo entre estas que acabariam cedendo seu sexo – as homossexuais – Jones (1927) entende que seria possível distinguir dois grupos diferentes: um primeiro formado por aquelas que retém seu interesse nos homens, mas apenas para serem aceitas como um deles (p.467)¹⁰¹, e aquelas que tem pequeno ou nenhum interesse pelos homens e cuja libido se dirige para as mulheres (p.467)¹⁰². Em conclusão, Jones (1927) dirá que a identificação com o pai é comum a todas as formas de homossexualidade (p.468)¹⁰³, constituindo-se numa defesa mais ampla que a culpa ou, nas palavras do autor, na mais completa recusa concebível para a acusação de abrigar desejos femininos culposos

¹⁰¹ No original, o que condensamos de forma livre: “Those who retain their interest in men, but who set their hearts on being accepted by men as one of themselves.”

¹⁰² No original, o que condensamos livremente: “Those who have little or no interest in men, but whose libido centers on women.”

¹⁰³ No original: “Identification with the father is thus common to all forms of homosexuality”.

(p.468)¹⁰⁴. Para Jones (1927), é como se a menina, nestas circunstâncias, dissesse: *eu não posso absolutamente desejar um pênis para minha satisfação, visto que já possuo o meu, ou aconteça o que acontecer, não quero nada mais do que um que seja meu* (p. 468)¹⁰⁵.

Esta identificação ao pai, crucial no caso da homossexualidade, não se restringiria, entretanto, a estes casos; o que Jones (1927) considera é que, ao contrário, esta identificação ao pai se mostraria muito comum, podendo mesmo ser observada no estágio de desenvolvimento da menina denominado por Freud de fálico. Entretanto, tendo em vista seus pressupostos de que a menina teria formas femininas de fantasiar, este período fálico teria um caráter secundário na ordenação da sexualidade feminina – e não primário, como propunha Freud – e defensivo, na medida em que seria indicador da culpa vivida pela menina por seus desejos incestuosos dirigidos ao pai. Na verdade, para Jones (1927), o que Freud entendia como estágio fálico seria uma réplica ou um símile, em menor escala, da saída identificatória encontrada pelas mulheres homossexuais. Observe-se que Jones faz do medo da afânise e do sadismo os elementos que, combinados, determinariam o destino da mulher na sexualidade.

As fontes de que Jones (1927) lança mão para nos falar destes períodos precoces do desenvolvimento – períodos em que a ênfase no sadismo dirigido ao seio, na fase oral do desenvolvimento da libido, é reveladora da importância então creditada às relações mais arcaicas entabuladas pelo *infans* com seus primeiros objetos – são nítida e textualmente kleinianas, ainda que, a esta época, Klein só tivesse feito circular seu pensamento em circuitos restritos. Tais fontes eram alimentadas pela também nova prática clínica que Klein começara a instituir – a clínica psicanalítica com crianças em idade precoce – e que faria herdeiros, antes mesmo que a publicação de suas primeiras idéias alcançasse o contexto psicanalítico de forma mais ampla. Uma de suas primeiras herdeiras foi, sem dúvida, Joan Rivière. Esta, tomando como ponto de partida as considerações de Jones e dando rendimento às fontes kleinianas por ele utilizadas, retomou a temática da homossexualidade feminina e acabou por privilegiar, ainda mais claramente, o sadismo como um novo

¹⁰⁴ No original: "It constitutes the most complete denial imaginable of the accusation of harbouring guilty feminine wishes".

¹⁰⁵ No original: "I cannot possibly desire a man's penis for my gratification, since I already possess one of my own, or at all events I want nothing else than one of my own".

paradigma da sexualidade feminina. É centrando nosso olhar no desenvolvimento dado por Rivièrè a esta temática que estaremos, no próximo segmento, nos movimentando.

2.4 – OS EFEITOS DO MÊDO DA AFÂNISE E DO SADISMO:

A FEMINILIDADE COMO MÁSCARA

“As mulheres que aspiram a uma certa masculinidade podem vestir a máscara da feminilidade para afastar a angústia e evitar a vingança que elas temem da parte do homem.”
(Joan Rivière)

Dois anos depois das considerações de Jones terem vindo à luz no Décimo Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Innsbruck, na Áustria¹⁰⁶, Joan Rivière¹⁰⁷ retomou as idéias ali avançadas para se deter, especialmente, sobre o que vai considerar como uma das 'formas intermediárias' de sexualidade assumida pelas mulheres que, no enquadramento estabelecido por Jones, retém seu interesse nos homens, mas para apenas serem aceitas como um deles. Dito de um outro modo, Rivière vai se deter sobre uma 'forma intermediária' de sexualidade observada em mulheres que, sem se interessarem necessariamente por mulheres como objetos de uma escolha sexual, esperariam, no entanto, que sua própria masculinidade pudesse ser reconhecida pelos homens, no intuito de se sentirem em pé de igualdade em relação a eles. Mais especificamente, Rivière (1994[1929]) deixa claro que seu objetivo neste artigo é o de examinar um tipo particular de funcionamento mental que estaria presente em algumas mulheres que aspiram à masculinidade, mas que vestem a máscara da feminilidade para afastar a angústia e evitar a vingança que temem por parte dos homens (p.198)¹⁰⁸.

Rivière (1994[1929]) menciona, inclusive, que esta forma de sexualidade, assumida por algumas mulheres, não deixaria de manter uma certa semelhança com um certo tipo de comportamento, já percebido por Ferenczi¹⁰⁹ em alguns casos de homossexualidade masculina – casos em que o exagero dos homens em relação à heterossexualidade, funcionava como uma defesa contra suas tendências homossexuais (p.198).

Vale notar, no entanto, que a posição de Rivière acerca da noção de defesa se articula a uma forma particular de circunscrever a angústia, forma que vinha sendo não só

¹⁰⁶ O artigo de Jones (1927), examinado na seção anterior, resulta da publicação no *IJP* de sua comunicação neste Congresso, ocorrida um mês antes.

¹⁰⁷ Rivière era inglesa e iniciou uma análise com Jones em 1915, tornando-se membro da Sociedade Britânica de Psicanálise em 1919. Depois disso, iniciou uma análise com Freud (Hamon, 1994:330).

¹⁰⁸ No original, o que adaptamos de forma livre: "(...) les femmes qui aspirent à une certaine masculinité peuvent revêtir le masque de la féminité pour éloigner l'angoisse et éviter la vengeance qu'elles redoutent de la part de l'homme."

¹⁰⁹ Ferenczi (1916): "A nosologia da homossexualidade masculina".

utilizada clinicamente, mas teorizada por Melanie Klein. Por conta disto, Rivière (1994[1929]) defende a perspectiva de que as manifestações sexuais dos sujeitos, homens ou mulheres, resultariam, em última instância, de uma interação de conflitos, sendo exatamente o efeito provocado por variados graus de angústia o que determinaria um desenvolvimento na homo ou na heterossexualidade (p.198).

É importante destacar, também, que a própria Rivière vai chamar atenção para o fato de que o tipo de mulher que vai lhe servir para desenvolver sua hipótese diz respeito a um tipo de mulher que, àquela época, ia se tornando efetivamente presente na sociedade: mulher intelectualizada e que alcançava sucesso em atividades profissionais que eram, antes, exclusivamente exercidas e reservadas aos homens, mas um tipo de mulher que, nem por isto, deixava de responder aos critérios psicológicos comumente utilizados para situá-la na referência à feminilidade. Acima de tudo, o que Rivière (1994[1929]) visa destacar com esta observação é que a mulher de que paradigmaticamente estará falando é uma mulher que, apesar de alcançar sucesso profissional, é boa esposa, excelente mãe e dona-de-casa competente, uma mulher enfim que, apesar de possuir interesses diversificados em relação à vida profissional, social e cultural, demonstraria também interesses especificamente femininos (pp.198-9).

Concentrando-se, então, neste tipo de mulher, Rivière (1994[1929]) vai postular – através da análise de um caso clínico (do qual estaremos nos servindo adiante) e de depoimentos colhidos fora da cena clínica – que a feminilidade de algumas mulheres poderia ser portada e assumida como uma máscara, visando dissimular a existência da masculinidade e evitar as represálias que adviriam por parte dos homens, caso estes descobrissem que elas também possuíam um atributo masculino – mais especificamente, a posse, fantasística, do pênis do pai (pp.202-3). Esta máscara da feminilidade funcionaria, então, muito mais como um meio para evitar a angústia, do que como um modo de desfrutar um gozo sexual (p.203).

Ilustrando esta perspectiva, e no intuito de demonstrar como esta máscara da feminilidade poderia tomar aspectos curiosos, Rivière (1994[1929]) se refere ao caso específico de uma de suas pacientes, uma mulher muito bem sucedida profissionalmente, mas que precisava – em função da angústia de que se via tomada após ter garantido seu sucesso numa apresentação profissional – se mostrar coquete diante dos homens,

especialmente para, através desta estratégia, se ver reconhecida como mulher por eles, reconhecimento que, em muito, apaziguava sua angústia (pp.199-200).

Se refere, ainda, ao que via acontecer com uma outra mulher, apenas conhecida sua, que era uma dona-de-casa muito inteligente e que sabia, inclusive, se desencumbrir de tarefas domésticas tipicamente masculinas ou mais frequentemente solicitadas aos homens da casa. Entretanto, quando se mostrava necessário chamar um profissional especializado para fazer reparos em sua residência, ela se obrigava a dissimular seus conhecimentos técnicos e a demonstrar profunda deferência pelo profissional requisitado, fazendo-lhe sugestões com ar ingênuo e inocente, como se estas se tratassem de sugestões fortuitas. Esta mulher teria, ela mesma, dito a Rivière (1994[1929]), em conversa, que tinha a impressão, nestes momentos, de 'representar um papel' diante destes homens, fazendo ares de mulher ignorante, tola e extraviada, mas visando sempre, com isto, atingir seus próprios objetivos (p.204).

Ainda uma terceira – casada e mãe de família – apresentava uma conduta muito peculiar. Era professora universitária e se dedicava a um campo de saber particularmente difícil, em que poucas mulheres se engajavam. Entretanto, quando tinha que dar um curso, não para os alunos, mas para seus colegas, acontecia não só de se vestir de maneira exageradamente feminina, mas de adotar um comportamento marcado por incongruências: assumia um ar de tal modo brincalhão e jocoso, que isto acabou por lhe render comentários e reprovações por parte dos colegas. Na ótica de Rivière (1994[1929]), esta mulher se obrigava a transformar esta situação, em que tinha um papel masculino, num jogo, em alguma coisa falseada, em uma piada, não podendo se conduzir com seriedade, nem tratar de forma séria o assunto em questão. Por conta disto, na ótica de Rivière, se de um lado esta mulher não podia se considerar em pé de igualdade com os homens, de outro, sua atitude desenvolta permitia a seu sadismo se manifestar, o que explicaria o efeito ofensivo que seu ar brincalhão provocava em seus pares (p.205).

Observemos, então, que nestes três exemplos há uma alternância de posições masculinas e femininas, mas uma alternância peculiar, tendo em vista que o ar feminino que estas mulheres emprestam a suas condutas surgem sempre no intuito de apagar, ou tentar anular, a posição masculina anterior – e nunca, o contrário. É, então, em razão desta alternância que Rivière (1994[1929]) vê, nestas mulheres, a predominância de um

comportamento obsessivo (p.201-2). Ao lado desta observação, entretanto, uma outra deve ganhar nossa atenção aqui, tendo em vista que, ao entender o comportamento destas mulheres ser regido pelo sadismo, Rivière deixa clara a orientação kleiniana de seu pensamento, orientação que, como indicamos anteriormente, já se fazia presente na abordagem jonesiana do tema da sexualidade feminina.

Sua argumentação caminha, então, no sentido de demonstrar que estas mulheres lançariam mão de intensas defesas contra a angústia, pelo fato de, estas defesas, as inocentarem da fantasia inconsciente de terem se apropriado, precocemente e de maneira sádica, do pênis do pai. Embora Rivière (1994[1929]) até veja, como subjacente à heterossexualidade aparentemente satisfatória destas mulheres, manifestações que seriam articuláveis ao complexo de castração (p.206)¹¹⁰, prefere abordar o que, nestas mulheres, estaria em jogo, pela via kleiniana do Édipo precoce. Nesta perspectiva, o sadismo, e especialmente o sadismo da fase oral do desenvolvimento libidinal, vai ser privilegiado como regendo as reações destas mulheres não só na referência aos homens, mas também na referência às outras mulheres de um modo geral – diante das quais tenderiam a demonstrar solicitude, mas desde que sua própria superioridade não fosse ameaçada (pp.206-7).

Acompanhando Klein¹¹¹, Rivière (1994[1929]) considera que a decepção, ou a frustração, no curso do aleitamento ou do desmame, associada a experiências vividas no espectro da cena primitiva interpretada em termos orais, daria origem, na criança, a um sadismo particularmente intenso dirigido aos pais. Assim, o desejo de morder o mamilo e de cortá-lo com os dentes, muda de registro e se manifesta pelo desejo de destruir, de penetrar e de estilhaçar a mãe e devorar não só a própria mãe, mas os conteúdos de seu corpo – conteúdos referidos ao pênis do pai, aos excrementos e os bebês, ou seja, a todos os bens e objetos de amor que a criança imagina estarem no interior do corpo da mãe (p.207). Mas, este desejo de morder o mamilo seria também transferido para o pênis do próprio pai, surgindo o desejo de castrá-lo através da mordida. Neste estágio, pai e mãe seriam vividos, pela criança, como rivais, uma vez que seriam os detentores de todos os objetos desejados. Entretanto, se o sadismo acaba sendo dirigido a ambos, pai e mãe, a vingança da parte de cada um deles também passa a ser temida (p.208).

¹¹⁰ Lembremos que era uma tendência dominante, a esta época, articular os anseios viris das mulheres às manifestações do complexo de castração.

¹¹¹ Klein (1928): "Os estágios precoces do desenvolvimento edípiano".

Rivière (1994[1929]) vai chamar a atenção, entretanto, para o fato de que, no caso da menina, a mãe é não só a mais odiada, mas também a mais temida, na medida em que é vivida fantasisticamente como aquela que pode infligir à filha um castigo proporcional a seu crime. Ou seja, pode destruir-lhe o corpo e a beleza, além de impedi-la de ter seus próprios filhos (p.208). O poder de devorá-la, de torturá-la e de matá-la seriam, então, possibilidades creditadas fantasisticamente, pela menina, à mãe, em represália à falta cometida. Considera, em função disto, que diante desta situação apavorante, a menina não poderia entrever outra solução senão a de se reconciliar com a mãe para expiar seu crime (p.208). Neste caminho, ela acabaria por abandonar a competição com a mãe, movimentando-se, além disto, para tentar devolver-lhe aquilo que roubou. Neste caso, a menina se identificaria ao pai e se serviria da masculinidade, assim adquirida, para colocá-la à serviço da mãe (p.208).

Entretanto, ainda que Rivière (1994[1929]) possa encontrar – através do raciocínio trazido à luz por Klein em sua abordagem do Édipo precoce – uma explicação para o fato das mulheres que constituem o alvo de seu exame se esmerarem tanto no relacionamento com outras mulheres, e ver na rivalidade entabulada com o pai, e com os demais homens, a evidência de que, em relação a ele, ao pai, o sadismo teria imperado – em função de, na fantasia, o pai ter-se apropriado não só do leite materno, mas privado a própria menina deste leite (p.209) – restaria ainda saber por que estas mulheres que vestem a máscara da feminilidade não seriam como aquelas, descritas por Jones, que não sentiriam angústia ao terem sua masculinidade reconhecida pelos homens (pp.210-11).

Retomando o que estaria em jogo no caso das mulheres a que Jones se referira – mulheres que reivindicavam abertamente o pênis sem se angustiarem por causa disto e sem, necessariamente, fazerem escolhas de objeto homossexuais – Rivière (1994[1929]) vai defender a opinião de que, também para estas, haveria uma necessidade de absolvição pelo 'crime cometido'. Só que, nestes casos, esta absolvição teria sido fornecida fantasisticamente pelo próprio pai, através do reconhecimento deste de que a filha poderia ter um pênis, reconhecimento que salvaria, então, a mulher, da angústia e da culpabilidade (pp.211-2).

Pensar, sob esta perspectiva, o desenvolvimento da sexualidade da mulher, obriga entretanto Rivière (1994[1929]:212) a colocar, ela mesma, uma última questão: "qual seria

a natureza essencial de uma feminilidade plenamente alcançada?"¹¹² Neste momento, acompanhando Jones e Deutsch, dirá que uma feminilidade heterossexual plenamente alcançada por uma mulher estaria fundada no estágio de sucção oral, pois a única gratificação de ordem primária que poderia ser encontrada seria aquela de receber, do pai, o pênis (sob a forma do mamilo e do leite), o esperma e o filho (p.212); o restante, acrescenta, repousaria sempre sobre formações reativas (p.212).

Assim, a aceitação da castração e, conseqüentemente, a humildade e a admiração pelos homens, ainda que pudesse ter sua origem na superestimação do objeto no plano da sucção do estágio oral, seria devida, sobretudo, à renúncia, ou à menor intensidade, dos desejos de castração sádicos que derivam do estágio oral de mordedura mais tardio (p.212). Rivière (1994[1929]) explicita, numa gramática, o que regeria esta posição adotada pela menina na referência ao pênis do pai: *eu não devo tomá-lo, eu não devo pedi-lo; é preciso que ele me seja dado* (p.212). Ainda em sua opinião, a tendência ao sacrifício de si mesma e ao devotamento ao outro expressaria o esforço feito pela mulher para restituir e reparar o que foi tirado do casal parental, das figuras maternas ou paternas (p.212).

Rivière (1994[1929]) conclui seu artigo com a afirmativa de que a mulher normal, tanto quanto a homossexual, deseja o pênis do pai e se revolta contra a frustração, ou a castração. Uma das diferenças essenciais entre elas, e aquilo que as separa, residiria, então, na intensidade do sadismo e, também, no poder de cada uma delas para lidar com este sadismo e com a angústia que ele faz nascer (p.213)¹¹³. Se o sadismo e o medo da afânise – o medo do desaparecimento gerado pelo medo da retaliação do outro¹¹⁴ – surgem claramente como paradigmas do que está em jogo para Rivière no desenvolvimento da sexualidade da mulher, nos deteremos, a seguir, naquela que veio a dar, a estes paradigmas, toda sua consistência clínica e teórica: Melanie Klein.

¹¹² No original: "(...) qu'est-ce que la nature essentielle d'une féminité pleinement épanouie? "

¹¹³ No original, o que traduzimos de forma livre: "La femme normale comme la femme homosexuelle désirent le pénis paternel et se révoltent contre la frustration (ou la castration); mais une des différences essentielles qui les séparent réside dans l'intensité du sadisme, et aussi du pouvoir qu'elles ont, l'une et l'autre, de disposer de ce sadisme et de l'angoisse qu'il fait naître."

¹¹⁴ Safouan (1977[1986]) tece, sobre esta questão, uma interessante análise, destacando que "o sujeito não poderia acrescentar o falo a sua imagem sem ter os maiores aborrecimentos com a lei e sem que a afânise daí decorra" (p.95). Examinando o caso à luz do pensamento laciano, menciona ainda que "é precisamente este fato que nos impede de assimilar o falo, de qualquer maneira que seja, a um objeto parcial" (p.95, N.62).

2.5 – O OBJETO MATERNO E SUA RELAÇÃO COM AS ANGÚSTIAS EDÍPICAS

*“O que a menina quer basicamente
não é possuir um pênis como atributo da masculinidade,
mas incorporar o pênis paterno
como objeto de gratificação oral.”
(Melanie Klein)*

Ao longo do ano de 1928, Melanie Klein¹¹⁵ iniciou uma produção teórico-clínica de significativa repercussão em nosso meio e que reverberaria intensamente, pouco mais de uma década mais tarde, no seio da Sociedade Britânica de Psicanálise. Ainda que não possamos aqui nos deter nos impasses e controvérsias gerados no seio desta Sociedade pelo peso e originalidade de seu pensamento¹¹⁶, é importante ter em mente que Klein fez 'escola' e deixou herdeiros¹¹⁷, já tendo sido ilustrado, aqui, como Jones, ainda em 1927, e Rivière, em 1929, se apoiavam no que Klein ia desvendando através do exercício da clínica psicanalítica com crianças em idade precoce, clínica iniciada sob o incentivo e a aprovação de Ferenczi.

Entretanto, não seria só deste último que Klein herdaria uma influência teórica; na verdade, também os trabalhos de Abraham sustentaram suas primeiras elaborações, ainda que estas, logo de pronto, pudessem já se mostrar divergentes das de seu mestre e também analista. Ou seja, ainda que a perspectiva abrahmaniana de entender o mecanismo psíquico da introjeção como correspondendo ao ato de incorporação – dominante na fase oral do desenvolvimento libidinal – possa ser tomada como o solo do qual Melanie Klein teria partido – pois também ela veio a tomar a introjeção como um dos mecanismos *princeps* na produção das primeiras fantasias¹¹⁸ – Klein não entenderá, como Abraham (1924), as primeiras relações do *infans* com o seio como pré-ambivalentes ou, melhor dizendo, destituídas de ambivalência. Em sua ótica, esta relação seria já, de saída, ambivalente, em função do inevitável desconforto gerado, em linhas gerais, pela própria situação do nascimento.

¹¹⁵ Klein iniciou sua primeira análise em 1912 com Ferenczi, logo interrompida devido à eclosão da primeira grande guerra. Por volta de 1924, já em Berlim, retomou sua análise, sendo que, agora, com Abraham. Em 1927, já em Londres, foi com Sylvia Payne que a ela deu prosseguimento (Sayers, 1992[1991]).

¹¹⁶ A este respeito, ver King *et* Steiner (1996).

¹¹⁷ Bercherie (1984b) dá um bom panorama desta escola e desta herança.

¹¹⁸ O outro mecanismo privilegiado é a projeção. A este respeito, ver, especialmente, Klein (1982[1952]:218).

Em relação a este ponto, entendemos que uma certa herança ferencziana se faz sentir no pensamento de Klein, uma vez que, para Ferenczi, o nascimento exigiria da libido novas adaptações e, dentre elas, um movimento em direção aos objetos do ambiente¹¹⁹. Klein acoplará, então, a esta perspectiva ferencziana de que haveria, de saída, relação libidinal com os objetos a idéia de que também haveria relações agenciadas, não só por Eros, mas por Tanatos em sua face de agressão e destruição. Assim, Klein vai supor que o desconforto gerado pelo nascimento faria necessariamente o ambiente ser sentido pela criança como ameaçador e gerador das primeiras angústias. Esta ameaça seria, no entanto, uma projeção das próprias pulsões destrutivas e agressivas da criança, não havendo a necessidade de um ambiente 'realmente ameaçador' para a entrada em cena da pulsão de morte.

Engolir e evacuar, enquanto experiências corporais, seriam modelos do incorporar e projetar os 'bons' e os 'maus' objetos – referidos inicialmente ao seio – correspondendo o 'bom' seio à satisfação ou à gratificação, e o 'mau' seio à ameaça face à frustração e ao desconforto¹²⁰. Projeção e introjeção de 'bons' e 'maus' objetos – referidos a aspectos parciais do seio – estariam na base do fantasiar infantil; fantasiar que diria respeito aos conteúdos primários da vida mental inconsciente; fantasiar que seria o representante psíquico da pulsão; fantasiar, enfim, que se apoiaria sobre experiências afetivas e sensoriais.

Há então, além das influências ferencziana e abrahmaniana, uma influência freudiana no pensamento desenvolvido por Klein. Uma influência que toma por base a última teoria pulsional de Freud, concedendo a esta um privilégio inédito – e que viria mesmo a ser francamente recusado por inúmeros sucessores¹²¹ – ainda que um privilégio sustentado num modo bastante particular de entender as expressões psíquicas agenciadas por Eros e Tanatos.

Ainda que, ao mencionarmos tais heranças e divergências, possa parecer que nos distanciamos do foco principal de nosso olhar neste trabalho – centrado especialmente no dizer psicanalítico sobre a mulher e nas diferentes perspectivas sobre a constituição de sua

¹¹⁹ Esta perspectiva fica clara na retomada do pensamento ferencziano promovida por Balint desde 1935. Em termos mais específicos, ver, especialmente, Balint (1993[1968]), pp.58 a 65.

¹²⁰ Ver, a este respeito, Klein (1982[1952]).

¹²¹ Dentre eles, Winnicott. Ver, a este respeito, Winnicott (1982[1962]), p.161.

sexualidade – isto se deve ao fato de que, em Klein, a abordagem do complexo de castração centrada no desmame – e trazida à luz por nós ainda no primeiro capítulo através das considerações de Stârcke (1921) – ganhou peso e relevância, passando a ser entendidos os estágios mais precoces do desenvolvimento libidinal como fundamentais para o exercício da sexualidade adulta. Assim, o recuo do Édipo ganhou fundamentação teórica em Klein, fundamentação originada pelo que poderíamos, talvez, considerar como o primeiro grande 'giro' ocorrido na história da clínica em nosso campo: o giro do 'infantil na clínica' para a 'clínica da infância'.

Apoiando-se nas evidências de uma clínica frequentada mais sistematicamente por crianças, Klein veria nas manifestações infantis – tanto no uso dos brinquedos, quanto na transferência – a própria expressão do funcionamento psíquico ou, melhor dizendo, a manifestação das fantasias, expressão maior deste funcionamento¹²². É então, neste contexto que, dentre outros pontos, abordará o Édipo feminino, entendendo-o como derivado de angústias muito precoces.

Em 1932, Klein dedicou um texto à questão edípica da menina, destacando os efeitos das primeiras situações de angústia em seu desenvolvimento sexual. Nele, parte da consideração freudiana, tecida em 1926, a respeito da inadequação de se falar em angústia de castração nas meninas, para tentar avançar também na busca das angústias que, nas meninas, poderiam ser equivalentes à da castração nos meninos (Klein,1982[1932]:138-9). Como já indicamos anteriormente, Freud tinha proposto esta equivalência pela via do medo da menina em perder o amor do objeto, enquanto Jones tinha preferido ver esta equivalência centrada no temor da separação, que significaria perder completamente a gratificação sexual – a *aphânise* em seus termos. Próxima deste último, Klein vai então considerar que tal temor na menina estaria articulado ao medo de ter destruídos seus próprios órgãos destinados a este propósito, medo nascido do risco de sofrer uma represália, por parte da mãe, em função dos ataques sádicos a ela desferidos (p.138). Estes ataques se iniciariam por ocasião do desmame, entendido por Klein como gerador de

¹²² Sobre esta temática, tanto o trabalho de Isaacs (1996[1943]), quanto de Heimann (1996[1943]) podem ser tomados como dando testemunhos exemplares. Heimann foi analisanda de Reik e de Klein (Roudinesco e Plon,1998[1997]:328); Isaacs foi analisanda de Rank, de Flugel e de Rivière (Roudinesco e Plon,1998[1997]:399).

enorme frustração, e seriam já o efeito das tendências edípicas da menina – tendências que a fariam dirigir-se ao pênis do pai precocemente, ainda no cenário das teorias orais do coito:

“O ressentimento despertado pela mãe ao lhe retirar o seio nutridor, é intensificado pelo dano maior que esta praticou ao não lhe dar o pênis do pai como objeto de gratificação. Esse duplo ressentimento é a fonte mais profunda do ódio que a menina sente em relação à mãe, como resultado de suas tendências edípicas.” (Klein, 1982[1932]:139)

Se a abordagem kleiniana do Édipo já revela aqui uma visível distância das elaborações freudianas – alinhando-se, de certo modo, em conformidade à via aberta por Horney – Klein toma, entretanto, o cuidado de não torná-la abissal, contemporizando o que, de fato, consistia numa enorme dissidência:

“A divergência entre a colocação de Freud e a que apresento torna-se no entanto menor se refletirmos que há concordância em dois aspectos importantes: a menina quer ter um pênis e odeia a mãe por não lhe dar este órgão.” (Klein, 1982[1932]:139)

Tal cuidado se explica: afinal, em 1932, Freud ainda estava vivo e as dissidências anteriores frontais a seu pensamento tinham originado fortes reações de sua parte – e aqui, basta nos lembrarmos de Jung e Adler. Entretanto, é importante lembrar também que, se Freud veio a romper com ambos foi especialmente em função de recusarem o lugar *princeps* ocupado pela pulsão sexual na constituição do psiquismo, o que não era o caso de Klein, como não havido sido o de Horney¹²³, nem de Jones. Pelo contrário, para estes, a pulsão sexual comandaria sempre os movimentos da libido, relacionando-se sua divergência em relação a Freud com a forma de satisfação em jogo nestes movimentos. Ou seja, se para Freud estes movimentos teriam objetivos auto-eróticos até a fase fálica, só surgindo a escolha objetual em função da ordenação propiciada pela percepção da diferença anatômica em articulação com a constituição dos ideais narcísicos, para Horney, Jones e Klein, estes movimentos já seriam, de saída, orientados em relação aos objetos em função da natureza heterossexual que atribuíam à libido. Talvez por esta razão Klein pudesse, sem se intimidar, categoricamente afirmar:

“De acordo com minha opinião, o que ela [a menina] quer basicamente não é possuir um pênis como atributo da masculinidade, mas incorporar o pênis paterno como objeto de gratificação oral. Penso, além do mais, que esse desejo não é consequência de seu complexo de castração, e sim a mais fundamental expressão de suas tendências edípicas. Assim

¹²³ Não, ao menos, nesta época de que estamos tratando.

sendo, ela é colocada sob a influência de seus impulsos edípicos não de forma indireta, por meio de suas tendências masculinas e da sua inveja em relação ao pênis, mas, diretamente, como resultado dos componentes instintivos femininos que nela predominam.”

(Klein, 1982 [1932]:139)

Entretanto, apesar de defender a idéia de que as tendências libidinais edípicas desde muito cedo encaminhariam a menina para sentir sua vagina como uma cavidade destinada a receber o pênis do pai (Klein,1982[1932]:153), o Édipo na menina não é por ela entrevisto como simples. Pesaria na complexidade do percurso edípico o fato de a cena edípica se desenrolar no momento em que a menina está sob a influência não só de tendências orais, mas também sádico-anais e sádico-uretrais, em que seus excrementos alimentam suas fantasias de destruição e onipotência no controle dos objetos, fantasias sempre passíveis de reversão, tendo em vista o medo da retaliação. O temor à retaliação da mãe formaria, assim, a base da mais profunda situação de angústia nas meninas: "ter o interior corporal saqueado e destruído" (Klein,1982[1932]:138).

Privilegiando as tendências pulsionais em jogo para a menina, Klein (1982[1932]) dirá que se o sadismo for nela dominante, ela acabará por considerar o pênis do pai dentro da mãe como algo a ser odiado, invejado e destruído (p.141). Neste caso, a relação parcial com o objeto 'mau' referido ao pênis será dificilmente superada, fazendo com que a menina possa vir a sofrer danos em sua sexualidade futura, sendo levada a adotar uma atitude distorcida em relação ao sexo masculino.

Em circunstâncias favoráveis, entretanto – ou seja, sob os auspícios de um sadismo de pouca intensidade, mas sempre movida por tendências incorporativas mais acentuadas que as do menino – a menina seria levada a acreditar não só na existência do pênis perigoso e fatalmente introjetado, como também num pênis benfazejo e protetor. Como resultado dessa atitude ambivalente surgiria, então, na idade adulta o esforço para superar o temor do pênis 'mau' (fatalmente introjetado), através da introjeção frequente do pênis 'bom' no coito. Assim, o ato sexual ajudaria a mulher a verificar se seus medos em relação à cópula seriam procedentes ou não (Klein,1982[1932]:142). Observe-se, de novo aqui, que o perigo associado à cópula seria herdeiro da imaginação infantil inundada por impulsos sádicos e, conseqüentemente, ameaçadores.

O valor assumido pelas pulsões sádicas no campo da sexualidade feminina é tão vigoroso no pensamento de Klein que, mesmo quando o que está em jogo é o exame do

masoquismo nas mulheres, sua tendência será a de entendê-lo como uma forma de defesa contra o próprio sadismo:

“(...) a raiz mais profunda do masoquismo feminino parece residir no medo que a mulher sente dos objetos perigosos que internalizou, especialmente o pênis do pai, e seu masoquismo, em última análise, não seria mais nada do que os instintos sádicos voltados contra aqueles objetos internalizados.” (Klein, 1982[1932]:145)

Ou seja, em sua ótica, a escolha de um parceiro sádico por uma mulher masoquista residiria no objetivo de incorporar mais uma vez um pênis 'mau' sádico mas, por isso mesmo, capaz de destruir os objetos perigosos dentro dela.

Esta dinâmica projetiva e introjetiva das pulsões sádicas dirigidas à mãe, mas objetivando incorporar e introjetar o pênis do pai, acaba levando Klein não só a explicar inúmeros aspectos da vida sexual, amorosa e maternal das mulheres, quanto a fazer de qualquer um destes destinos o resultado de um confronto da realidade com o pênis 'mau' inevitavelmente introjetado. Em função disto, entenderá a maternidade como a maneira principal de superar a angústia e atenuar os sentimentos de culpa, uma vez que, pela maternidade, a menina devolveria à mãe tudo o que, um dia, lhe roubou. Em suas palavras, ter um filho representaria para a mulher "restaurar numerosos objetos e, até mesmo, em alguns casos, recriar todo um mundo" (Klein, 1982[1932]:174).

Ao longo de seu ensino, Klein veio, cada vez mais, enfatizar de que modo a inveja influenciaria, de forma decisiva, o desenvolvimento infantil e a formação do caráter da criança. Distinguindo a inveja da voracidade e do ciúme, fez notar que o fato de a criança desejar ter ou desejar alcançar de forma destrutiva aquilo que entende como sendo do outro, falaria da predominância da inveja em sua vida mental¹²⁴.

Sobre a distinção entre a inveja, a voracidade e o ciúme, Klein (1974[1957]) nos diz que "a inveja implica na relação do indivíduo apenas com uma só pessoa e remonta à mais primitiva relação exclusiva com a mãe" (p.33). Quanto ao ciúme, embora este se baseie na inveja, envolveria uma relação com pelo menos duas pessoas, dizendo respeito, principalmente, "ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado ou se acha em perigo de sê-lo, por seu rival" (p.34). Não fica difícil, aqui, nos lembrarmos dos elementos que serviram a Stärcke (1921) como indicadores de que a castração estaria

¹²⁴ Ver, a este respeito Zimmermann (1974), especialmente pp. 15-9, em sua apresentação à edição brasileira de *Inveja e Gratidão* (Klein, 1974[1957]).

referida, de algum modo, ao ódio pelo rival e ao sentimento de ter sido injustamente deixado de lado em função dele¹²⁵. Quanto à voracidade, ela estaria ligada, segundo Klein (1974[1957]), a "uma ânsia impetuosa e insaciável, a exceder aquilo que o indivíduo necessita e o que o objeto se acha capacitado e disposto a dar" (p.34)¹²⁶.

Uma das consequências da inveja excessiva seria, na ótica de Klein (1974[1957]), o desencadeamento da culpa (p.59), tendo em vista que a inveja forneceria um ímpeto particular aos ataques sádicos desferidos em relação ao seio materno (p.38). Assim, uma de suas hipóteses é a de que "uma das mais profundas fontes de culpa acha-se sempre vinculada à inveja do seio que alimenta e à sensação de haver espoliado sua bondade através de ataques invejosos" (p.60). Entende, em razão disto, que "se a culpa prematura for experimentada por um ego ainda não capaz de suportá-la, ela é sentida como perseguição e o objeto que desperta a culpa se transforma num perseguidor" (p.59). Nesta circunstância, a elaboração da posição depressiva, pela criança, poderia vir fracassar (p.59) – uma vez que seria uma das características desta posição poder reunir os aspectos bons e maus do objeto e do eu (p.62) – fracasso capaz de, entre outras coisas, não só genitalizar a reação oral, mas fazer com que as tendências genitais se revistam de sentimentos de ansiedade orais (p.61).

Podemos notar, então, que mesmo já ao final de seu ensino, Klein não deixou de privilegiar a importância das primeiras relações com o seio materno no destino sexual dos indivíduos. Comentando especificamente a perspectiva de Freud (1937) de que as mulheres invejariam o pênis, constituindo-se esta inveja no principal obstáculo para o término de muitas análises, Klein (1982[1957]) reafirmou sua própria posição de que a inveja feminina do pênis seria de origem oral, isto é, referida à inveja fundamental do seio materno e sustentada nos sentimentos destrutivos aliados a ela (p.68). Seguindo esta perspectiva, comenta:

"Freud sempre demonstrou quão vital é a atitude da menina para com a mãe em suas relações subsequentes com os homens. Quando a inveja do seio materno foi intensamente transferida para o pênis do pai, o resultado pode ser um reforço de sua atitude homossexual." (Klein, 1974[1957]:68)

Este comentário de Klein não deixa de se mostrar curioso, tendo em

¹²⁵ Ver, a este respeito, pp. 58-9 deste trabalho.

¹²⁶ Será interessante poder, mais adiante, confrontar esta noção kleiniana de voracidade com a concepção lacaniana de desejo, um desejo sempre para além da demanda.

vista que tivemos oportunidade de acompanhar o quanto Freud demonstrou resistência para creditar à relação da menina com a mãe o valor que esta relação teria no seu destino sexual; assim, a afirmativa kleiniana de que Freud teria 'sempre' valorizado esta relação nos parece exagerada. Ao lado disto, o que chama ainda mais nossa atenção é o fato de Klein articular aquilo que em Freud se ligava a um investimento fálico da menina em relação à mãe (como demonstrou De Groot), à inveja do seio. Nestes momentos em que Klein apela a Freud, fazendo contar 'gato por lebre', temos a impressão de que, com isto, ela tentava buscar um aval para seu próprio pensamento – um aval, a nossos olhos, plenamente dispensável, dada a riqueza de seu próprio ponto de vista, ainda que indispensável, como já insinuamos, para que sua permanência no quadro institucional psicanalítico da época não fosse questionada.

De qualquer modo, se é o destino na homossexualidade que Klein (1974[1957]) vislumbra como o mais frequente em decorrência de uma intensa inveja da menina ao seio materno, faz menção, ainda, a uma outra alternativa. Assim, ainda em sua opinião, em função dos excessivos conflitos a que a relação oral dá origem, a menina pode também se afastar abruptamente do seio e se dirigir ao pênis, mas sem conseguir estabelecer relações estáveis com este segundo objeto, uma vez que um mecanismo de fuga é que motivaria seu movimento (pp.68-9). Acrescenta, ainda, que se a inveja e o ódio forem os principais motivos para esta fuga, estas emoções serão transferidas para o pai e, nestas condições, "um comportamento amoroso e duradouro para com ele não pode ser estabelecido" (p.69). Indo adiante, nos diz que a relação invejosa com a mãe tenderá, nestes casos, a se expressar "numa rivalidade edipiana excessiva" (p.69), rivalidade muito menos devida ao amor pelo pai do que à inveja da mãe pela posse do pênis do pai. O pai, neste caso, acaba por se tornar "um apêndice da mãe" (p.69) e é, nestas bases, que "a menina quer roubá-lo da mãe" (p.69). Neste ponto, vale a pena acompanhar textualmente seus argumentos:

"Dessa maneira, mais tarde na vida, cada sucesso em sua relação com homens torna-se uma vitória sobre outra mulher. Isto se aplica mesmo quando não existe uma rival evidente, porque a rivalidade então se dirige contra a mãe do homem, como se pode observar nas frequentes perturbações do relacionamento entre nora e sogra." (Klein, 1974[1957]:69)

Referindo-se ainda aos desfechos possíveis devidos ao intenso ódio e inveja da menina em relação ao objeto materno, Klein (1974[1957]) faz menção ao fato de a menina se afastar da mãe e se dirigir ao pai visando encontrar, aí, um objeto 'bom'. Em sua opinião, se o amor pelo pai puder predominar na situação de ciúme, a menina pode combinar o ódio

pela mãe com o amor pelo pai e, na seqüência, por outros homens (p.70). Entretanto, Klein adverte que, mesmo neste caso, as boas relações podem ser perturbadas pela inveja que, apesar de expelida, permaneceria subjacente a elas (p.70).

O que vai ficando evidente através dos fragmentos clínicos trazidos à baila por Melanie Klein (1974[1957]) nesta ocasião – fragmentos, em grande parte, referidos a análises empreendidas com mulheres adultas¹²⁷ – é que ela retoma as considerações sobre o Édipo feminino tecidas em 1932, mas enfatizando tanto a inveja da menina na referência ao seio da mãe quanto o ciúme despertado pela rivalidade entabulada com o pai (p.63). Neste sentido, afirma:

"O desenvolvimento do complexo edipiano é intensamente influenciado pelas vicissitudes da primeira relação exclusiva com a mãe e, quando esta relação é perturbada muito cedo, a rivalidade com o pai introduz-se prematuramente." (Klein,1974[1957]:64)

Melanie Klein (1974[1957]) vai, então, considerar que se inveja não for excessiva, "o ciúme na situação edipiana se transforma num meio de elaborá-la" (p.66), na medida em que os desejos genitais da menina permitem-lhe encontrar, no pai, outro objeto amado, suplantando a inveja em relação ao casal parental e tornando a mãe sua principal rival (pp.65-6). Textualmente, vai considerar que "a elaboração da inveja através do ciúme constitui, ao mesmo tempo, importante defesa contra aquela" (p.66), uma vez que o ciúme seria sentido "como muito mais aceitável" (p.66), dando "menos origem à culpa do que a inveja primária, que destrói o primeiro objeto bom" (p.66).

Mas, ainda que Klein (1974[1957]) considere a inveja como a agenciadora, em última instância, do fracasso da menina em não absorver com segurança um primeiro objeto 'bom,' é sobre o fracasso na satisfação e na felicidade que a relação primitiva com a mãe poderia conceder que vê repousarem as fantasias infantis de que o pai é um intruso hostil (p.64) – o que nos leva a pensar que, na imaginação infantil, o pai costuma ser aquele a quem acaba sendo atribuído o fato da relação 'paradisiaca' sonhada com a mãe não ser realizada¹²⁸.

Em conclusão, diríamos que, tomado em seu conjunto, o pensamento de Klein convida a ver a mulher ocupando sempre duas posições: a de mãe e a de filha. Ou seja, para

¹²⁷ Ver, a este respeito, especialmente Klein (1974[1957]), pp.77 a 88.

¹²⁸ O uso do termo 'paradisiaca' foi aqui proposital, uma vez que este foi o termo usado por Stärcke para definir seu sentimento quando, em seu sonho, se via sendo amamentado. Ver, a este respeito, p.58 deste trabalho.

além da figura da mãe – principal destinatária das fantasias sádicas e da inveja infantil – é, ao final, também a figura de filha que se destaca por trás das relações da mulher com seu objeto sexual escolhido, tendo em vista que a inveja em relação ao objeto materno nortearia as relações entabuladas pela vida com outros objetos¹²⁹.

O que vamos, a seguir, demonstrar é como esta perspectiva de entender as vicissitudes da sexualidade se originando das primeiras relações com o objeto materno reverberaram na clínica e, mais especificamente, na clínica com mulheres no universo psicanalítico anglo-saxão.

¹²⁹ Observe-se, então, que a figura da mãe - tomada neste trabalho como a maior representante do pensamento anglo-saxão - acaba não só cedendo seu lugar à figura da filha, como respondendo pelo que diria respeito à posição da mulher feminina no pensamento freudiano. Neste, aliás, ela - a mãe - acaba se revelando para além da figura da histérica.

2.6- A MÃE E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA DOS ANGLO-SAXÕES:

A CLÍNICA DAS ANGÚSTIAS PRECOSES

Tanto quanto na última seção do primeiro capítulo – em que objetivamos demonstrar de que modo as perspectivas supostas em jogo no caminho da menina rumo à feminilidade, e desvendadas pelo que se dava a ouvir na histeria, reverberavam na clínica, acabando por orientar a escuta dos analistas freudianos – nossa proposta aqui é a de também demonstrar como o que viemos entender como a introdução de novos paradigmas na abordagem da sexualidade (a *afânise*, em sua dupla manifestação de desejo de morte e de medo de morrer, e o sadismo infantil) acabou fazendo da mãe uma figura tão primordial em relação a este aspecto do psiquismo que ela acabou por determinar o tipo de fazer clínico que viria, *grosso modo*, a caracterizar a prática dos anglo-saxões. Assim, se no que chamamos anteriormente de uma clínica do Édipo foi o período fálico do desenvolvimento libidinal que ganhou relevância, tanto através das noções de inveja do pênis e de complexo de masculinidade quanto do conceito de castração – o que fez com que, aos olhos dos analistas freudianos, os períodos pré-genitais da libido fossem entendidos apenas como os responsáveis por fixações no curso desta última, capazes de emperrar ou dificultar a identificação sexual resultante do Édipo e as escolhas objetais dela decorrentes – o que vamos começar a demonstrar é de que modo reverberou, na clínica dos anglo-saxões, a modificação substancial por eles emprestada a estes referenciais.

Neste sentido, veremos que ao entenderem o Édipo como uma experiência vivida pelo *infans* no próprio transcurso das fases consideradas por Freud como pré-genitais, os anglo-saxões se movimentarão clinicamente partindo do princípio que as relações objetais emergiriam precocemente, em função de tendências heterossexuais inatas que buscariam objetos de satisfação.

Além disso, veremos que aquilo que em Freud foi considerado como um ordenador da sexualidade infantil – o falo – ganhou entre os anglo-saxões o estatuto de um objeto parcial buscado precocemente pela menina; no rastro desta idéia, o próprio complexo de castração passa a ser entendido, então, como automaticamente acionado pelas frustrações originadas pelo desmame e pelas privações vividas pela criança em seus anseios de

gratificação oral. Por conta disso, veremos também que, na ótica dos anglo-saxões, não se tratará mais para a menina em vias de tornar-se mulher de ter que lidar com a questão de uma 'castração consumada', mas de se defender das angústias acionadas por seu sadismo face às inevitáveis frustrações a que se achará exposta.

Quanto à transferência e a seu uso no dispositivo clínico, poderemos verificar que, principalmente em função do privilégio concedido ao funcionamento fantasístico do psiquismo, qualquer expressão no *setting* será entendida como uma manifestação dos conteúdos mentais. Assim, não se tratará mais para o analista de 'esperar' na transferência pela reedição dos amores e ódios edípicos em relação à sua pessoa, mas de entender o que é expresso por seu analisando já como uma projeção do que se passa no 'mundo interno'. Há, portanto, uma transferência ou um deslocamento tópico que desliza de um 'interior' para um 'exterior', que serve de base às interpretações do analista, na medida em que ele é alguém também passível de receber as cargas projetivas a ele dirigidas.

Antes, entretanto, de deixarmos a casuística dos anglos-saxões falar por si, vale fazer aqui uma observação. Já anunciamos que o pensamento kleiniano fez escola; entretanto, isto não impediu a escola kleiniana de sofrer dissidências, fazendo com que o caminho aberto por Klein, mesmo se mostrando clínica e teoricamente produtivo, sofresse algumas 'correções'. Nesta esteira, alguns de seus herdeiros acabaram inaugurando uma corrente própria de pensamento; entendemos ter sido este o caso de Winnicott¹³⁰. Se, para este, pareceu inaceitável a proposição kleiniana de que o ego infantil seria capaz, logo de saída, de defensivamente lidar com os primeiros desconfortos, nem por isto desprezou o que foi por ela proposto em relação ao sadismo – tomado especialmente em sua vertente de 'uso' do objeto, um uso que se expressaria nas fantasias onipotentes de controle do mesmo, implicando, assim, na possibilidade de sua 'destruição', e que faria da noção de 'mãe suficientemente boa' (dentre outras coisas, uma mãe capaz de 'sobreviver' aos ataques sádicos do *infans*) o pivô de uma adequada constituição do *self* – e, muito menos, em relação ao que estaria em jogo na posição depressiva. Em função disso, Winnicott também

¹³⁰ A título de localizarmos a linhagem teórica de Winnicott, talvez seja produtivo indicar que ele fez uma longa análise pessoal com Strachey e depois com Rivière (Khan, 1978:10). Roudinesco e Plon (1998[1997]) localizam o período de supervisão com Klein como compreendido entre 1935 e 1941, e o de análise com Rivière como situado entre 1933 e 1938 (p.783).

não desprezou os efeitos transferenciais produzidos no analista pela expressão da 'realidade interna' do paciente no *setting* analítico.

Estas observações são aqui cruciais, tendo em vista que os dois casos tomados como ilustrativos da clínica dos anglo-saxões e que passaremos, em seguida, a examinar, respondem pelas duas vertentes que a figura da mãe acaba por comportar no pensamento anglo-saxão: a de 'fundo' e a de 'figura'.

Sob este aspecto, veremos que no primeiro caso, o narrado por Rivière, a mãe comparece como 'fundo', servindo à analista para interpretar o que estaria em jogo nos movimentos pulsionais de sua paciente, movimentos ancorados em fantasias sádicas oriundas das relações arcaicas com o outro materno. Há, sob esta ótica, uma perspectiva 'reparadora' implicada no trabalho da análise que teria *grosso modo*, como horizonte, levar o paciente a fazer o luto do objeto. Ainda que a narrativa de Rivière não venha, claramente, demonstrar este projeto terapêutico, servindo mais para evidenciar o quanto o sadismo das fases mais precoces do desenvolvimento libidinal responderia pelos destinos da sexualidade adulta da mulher, esta dimensão 'reparadora' da análise e que estaria subjacente à própria noção kleiniana de posição depressiva não deve ser perdida de vista, pois é ela que nitidamente se distinguirá do que vai entrar em jogo no manejo clínico do segundo caso que vamos, aqui, examinar.

Neste, narrado por Masud Khan, veremos a mãe surgir como 'figura', uma vez que será ela que sustentará não a interpretação, mas o lugar do analista, em sua função de recuperar o que impediu, ou entrou, a saúde psíquica de sua paciente. Nesta determinação de recuperar determinadas formas de funcionamento psíquico não utilizadas em função de angústias precoces, uma dimensão 'restauradora' da análise vai ficando nítida. Deste modo, veremos que a mãe em sua função de 'ego auxiliar' serve ao analista para ir balizando, para sua analisanda, o que ela mesma não conseguia nem perceber, nem problematizar, dando continente a um espectro de expressões psíquicas vividas, por ela, de maneira dissociada.

Ainda que a clínica de Rivière e a de Khan em muito se diferenciem, através delas poderemos destacar o que lhes serve de solo comum: a idéia de que os destinos da sexualidade adulta, ou de seu exercício, seria tributário das vivências mais arcaicas e precoces da menina em sua relação com o outro materno. Se a 'qualidade' da relação entabulada com a mãe pesa mais para os winnicottianos, do qual Khan é um herdeiro, do

que para os kleinianos, que Rivière vem aqui representar – fazendo, do modelo clínico a partir do qual Khan opera, um modelo mais 'ambientalista' e, do modelo a partir do qual Rivière opera, um modelo mais 'mentalista'¹³¹ – ainda assim permanece, entre eles, um elo comum, que os distingue da abordagem freudiana da sexualidade e, conseqüentemente, da clínica com mulheres a ela referida. E é este ponto que deve ser observado aqui como o fundamental a nossos propósitos. Se há subjacente aos dois casos uma clínica orientada pela ótica de que haveria angústias precocemente vividas pela menina, ela se apóia, inevitavelmente, na idéia de que há uma dimensão da mulher fundamental na gênese do psiquismo do *infans*: a da mãe.

¹³¹ Sobre este ponto, Bercherie (1984b:99) ressalta que a noção de objeto externo corresponde, na teoria kleiniana, mais à externalização de uma instância interna do que, propriamente falando, a um objeto real - como seria, por exemplo, para Winnicott.

2.6.1- Joan Rivière e a conferencista mascarada

*“A feminilidade pode ser assumida e portada
como uma máscara
para dissimular a existência da masculinidade.”
(Joan Rivière)*

O artigo que serve de solo para que Rivière (1929) desenvolva o raciocínio iniciado por Jones dois anos antes se apóia, em verdade, em dados clínicos. Neste artigo, ela faz um relato que acabou se tornando bastante conhecido entre nós: o da conferencista que vestia a máscara da feminilidade para se apaziguar da angústia vivida toda vez que terminava com sucesso uma de suas apresentações. Apesar, entretanto, deste caso já ter sido bastante comentado no âmbito da literatura contemporânea¹³², o que costuma ser destacado pela maioria dos autores é o fato de Rivière apontar já aí para uma concepção de feminilidade que só como 'máscara' poderia ser portada pela mulher – argumento que, em princípio, se coaduna com o dizer de Lacan sobre as mulheres e, mais particularmente, com a posição que elas ocupariam na parelha sexual. Como nosso objetivo aqui é outro, a leitura que faremos do caso de Rivière também será outra. Outra, não por recusar a riqueza que a noção de máscara da feminilidade comporta e o que, disto, pode ser derivado; nossa leitura será outra apenas por dar privilégio às razões teóricas que fizeram com que Rivière acabasse lançando mão da noção de máscara, máscara que teria um cunho defensivo, impossível de ser depreendido se tomado estritamente o campo freudiano de considerações sobre a sexualidade.

A paciente que é alvo da narrativa de Rivière (1994[1929]) é uma mulher adulta e casada, com boas relações afetivas e sexuais com o marido e que se orgulhava de ser boa dona-de-casa, além de profissional bem sucedida. Aos olhos da analista, era também alguém capaz de se adaptar facilmente à realidade e de se relacionar satisfatoriamente com quase todas as pessoas que conhecia (p.199). Resumindo, poderíamos talvez dizer que era, então, alguém para quem a vida ia 'dando certo'. Mas, se era assim, o que trouxera esta mulher à análise? Embora esta questão não se apresente formulada nestes termos, comparece nas entrelinhas do texto, servindo como razão maior para que Rivière acrescente

¹³² A título de ilustração, vale lembrar que este caso narrado por Rivière foi comentado por analistas do campo lacaniano como Safouan (1977[1976]:93-103), André (1987[1986]:277-79) e Millot (1989[1988]:38-9).

a estes dados um senão: "algumas de suas reações indicavam, no entanto, que sua estabilidade não era tão perfeita quanto poderia parecer à primeira vista" (p.199)¹³³.

Com o objetivo de dar um panorama do contexto em que entendia se inserirem as dificuldades de sua paciente, Rivière (1994[1929]) nos informa que se tratava de uma mulher de nacionalidade americana, profissionalmente engajada numa carreira que a obrigava, essencialmente, a falar e a escrever. E era exatamente no exercício destas atividades, especialmente quando tinha que dar uma conferência ou fazer uma aparição pública, que suas dificuldades se expressavam através de uma angústia, por vezes, intensa. Independentemente de seu sucesso – ou, como veremos adiante, justamente por causa de seu sucesso, ou seja, da clara manifestação de suas qualidades intelectuais e de sua capacidade para despertar o interesse em um auditório e conduzir uma discussão – ficava habitualmente tomada, logo em seguida a suas apresentações, de um estado de excitação e apreensão derivado do medo de ter cometido alguma impropriedade ou de ter-se deixado tomar pela falta de tato. Tais sentimentos a levavam, então, a viver uma necessidade obsedante de se fazer tranquilizar (pp.199-200).

Era esta necessidade, na opinião de Rivière, que fazia com que sua paciente, de maneira compulsiva, solicitasse a atenção ou provocasse o recebimento de cumprimentos por parte dos homens já na saída das conferências. Rivière (1994[1929]) comenta, então, que se tornaria logo evidente que os homens escolhidos para este fim representavam figuras paternas (p.200) diante das quais sua paciente procurava se tranquilizar. Exatamente o que entra em jogo nesta tranquilização – suas razões e os processos inconscientes e fantasísticos aí presentes – vai constituir o cerne das considerações de Rivière.

Como ponto de partida para a análise do que entendia acontecer à sua paciente, Rivière (1994[1929]) vai mencionar suas relações com as figuras parentais, ainda no espectro clássico do Édipo: a análise teria mostrado que a rivalidade edipiana com a mãe tinha sido extremamente intensa e nunca tinha sido resolvida de modo satisfatório. Entretanto, paralelamente ao conflito com a mãe, a rivalidade com o pai também tinha sido marcante (p.200). Apesar desta, o trabalho intelectual de sua paciente era fundado numa identificação com ele, que tinha começado a vida como escrivão, optando em seguida por

¹³³ No original: "Certaines de ses réactions indiquaient pourtant que sa stabilité n'était pas aussi parfaite qu'elle le paraissait au premier abord (...)"

uma carreira política. Para além, entretanto, de uma rivalidade mais antiga com o pai, também a adolescência desta paciente tinha sido marcada por uma revolta consciente contra ele, feita de rivalidade e menosprezo (p.200). Rivalidade e menosprezo que se expressariam, na análise, através de sonhos e fantasias em que castrava seu marido – entendido por Rivière como um dos substitutos paternos ou, em suas palavras, como uma das 'figuras paternas' – com o objetivo de reivindicar sua superioridade. Entretanto, complementa Rivière, era justamente destas 'figuras paternas' que ela solicitava favores depois das conferências (p.201).

Face a estas evidências clínicas, o que Rivière (1994[1929]) vai primeiramente concluir é que, para sua paciente, a idéia de que poderia não ser considerada pelos homens como uma igual a feria profundamente; a isto viria se agregar o fato de não aceitar intimamente a idéia de que poderia ser julgada ou criticada por eles. Neste ponto, portanto, sua paciente correspondia nitidamente a um dos tipos de mulher homossexual descrita por Jones: o daquelas que, sem se interessarem por outras mulheres, desejariam ver reconhecida sua masculinidade pelos homens, ansiando serem iguais a eles mas sem poderem expressar claramente seu rancor pois, em sua vida, reconheciam explicitamente sua condição de mulheres (p.201).

Ainda que apoiada em Jones, cabe notar que até aqui, *grosso modo*, Rivière tece suas considerações num contexto teórico que poderia facilmente ser entendido como classicamente freudiano, em que o marido é tomado como um herdeiro do pai e em que o desejo da mulher em ser um homem poderia ser facilmente articulado a um predomínio do complexo de masculinidade em seu desenvolvimento sexual. Entretanto, é mais exatamente a partir deste ponto que a herança kleiniana se fará visível em seu pensamento.

Novamente apoiada no que a análise da paciente ia desvelando, Rivière (1994 [1929]) entende que sua coqueteria em relação aos homens e os olhares compulsivos a eles dirigidos se tratavam de uma tentativa inconsciente de descartar a angústia, uma angústia resultante da represália que temeria sofrer após demonstrar suas proezas intelectuais: estas seriam, em verdade, a exibição de que possuía o pênis do pai, depois de tê-lo castrado (p.201). Vale notar, então, que não se trata só, no pensamento de Rivière, da menina invejar o pênis, mas de tê-lo tomado do pai. Começa a ficar evidente a aproximação da autora com o pensamento de Klein pois, em termos freudianos, não poderíamos falar de tal desejo da

menina em relação ao pênis do pai; ao contrário, se acompanharmos Freud, o órgão paterno, apesar de sempre aspirado – mas aspirado por corresponder imaginariamente ao que ela não tem – encontrará no endereçamento amoroso ao pai o canal de sua possível obtenção simbólica pela via do desejo de um filho. No pensamento de Rivière é diferente: após a sensação de ter castrado o pai, a menina teme a represália.

Em função disso, Rivière (1994[1929]) comenta que, feita a demonstração, ou seja, a exibição do pênis através do sucesso numa conferência, sua paciente era dominada pelo medo terrível de que o pai se vingasse, tornando evidente tratar-se, portanto, de uma providência que visava apaziguar a vingança do pai o fato de oferecer-se a ele sexualmente (p.201). O dado clínico que lhe serve como evidência deste expediente usado pela paciente no apaziguamento da angústia – um expediente obsessivo, na medida em que visaria apagar com um segundo ato uma ação realizada num primeiro e referido, no caso em questão, a seu oferecimento sexual aos substitutos paternos depois de ter castrado o pai – está relacionado a uma fantasia que teria sido frequente durante sua adolescência quando ainda vivia no sul dos Estados-Unidos, cujo conteúdo mantinha estreitas ligações com um dos sonhos narrados por ela no decorrer da análise.

A fantasia era a de que, se um negro viesse a lhe atacar, ela se defenderia obrigando-o a abraçá-la e a fazer amor com ela para poder, em seguida, entregá-lo à justiça (Rivière, 1994[1929]:201). Quanto ao sonho, ele tinha sido o seguinte: ela se encontrava sozinha em casa, aterrorizada; um negro entrava, encontrando-a em vias de fazer a higiene, com as mangas da roupa enroladas e os braços nus. Ela resistia, mas com a intenção secreta de seduzi-lo sexualmente; ele começaria a admirá-la e a acariciar seus braços e seu peito (p.202). Mas, se o sonho era este, seu sentido seria o seguinte: ela havia matado seu pai e sua mãe e tinha se tornado assim a proprietária exclusiva de todos os seus bens; este seria o sentido de ver-se 'sozinha em casa' no sonho. Ao lado disso, ela tinha medo de uma possível punição – e a analista nos informa que ela 'sozinha em casa' estava atenta aos golpes desferidos na janela – e procurava se proteger, vestindo uma roupa de serviçal prestes a fazer uma limpeza, tentando retirar a porcaria e o suor, a culpabilidade e o sangue, apagando as consequências de seus atos ao se disfarçar em mulher castrada. Sob este disfarce, não somente o homem não poderia descobrir nela nenhum objeto roubado que

pudesse lhe tomar à força, como a acharia atraente para tomá-la como objeto de amor (p.202).

Observe-se que o sentido do sonho – um sentido muito provavelmente agenciado pelas interpretações da analista – já toma como ponto de partida o sadismo através do assassinato dos pais, transformando, então, a faxina numa tentativa de apagamento das evidências do crime. Neste ponto, seria legítimo então indagar se aos ouvidos de um analista freudiano este sonho receberia esta interpretação. Acreditamos que não; muito provavelmente, o privilégio de um analista freudiano recairia sobre o encobrimento dos desejos incestuosos desta mulher que, para minimamente se realizarem, precisariam distorcer a figura do pai, transformando-a na de um negro agressor. Se nos reportarmos, inclusive, ao que foi percebido por Anna Freud (1922) em sua análise dos devaneios, a transformação deste negro agressor em amoroso não fica muito longe da figura do carrasco tirânico que, no devaneio, se transforma em piedoso. Mas, se estas são, afinal, apenas hipóteses, elas nos servem aqui para destacar o quanto a escuta e a interpretação de um analista são orientadas por seus pressupostos teóricos.

De qualquer modo, é sob a ótica de sua própria interpretação que Rivière (1994 [1929]) vai privilegiar o apagamento do crime e dizer que o objetivo da compulsão de sua paciente não era o de simplesmente se fazer tranquilizar despertando no homem sentimentos afetuosos a seu respeito. Sua compulsão visaria, sobretudo, assegurar sua impunidade, o que primordialmente alcançava ao vestir a máscara da inocência. Também segundo a opinião da analista, quando a paciente vestia esta máscara, invertia o que estava em jogo no seu funcionamento intelectual, fazendo a atividade feminina suceder a masculina (p.202).

Sintetizando o que este sonho teria revelado, somando-se a outros em que máscaras eram sempre vestidas pelos personagens no intuito de evitar um desastre, Rivière diz:

"A feminilidade poderia, portanto, ser assumida e portada como uma máscara para dissimular a existência da masculinidade e evitar as represálias que ela temia, se viessem a descobrir o que estava em sua posse (...)" (Rivière, 1994[1929]:202-3. Nossa tradução)¹³⁴

No intuito de dar mais consistência a seus argumentos, Rivière (1994[1929]) revela

¹³⁴ No original: "La féminité pouvait donc être assumée et portée comme un masque, à la fois pour dissimuler l'existence de la masculinité et éviter les représailles qu'elle redoutait si l'on venait à découvrir ce qui était en sa possession (...)"

mais dados da história analítica desta paciente. Comenta, então, que esta mulher havia se casado tardiamente aos vinte e nove anos, e que teria sido muito angustiada pelo tema da defloração, motivo que a levou a solicitar, de uma ginecologista, a realização de uma incisão em seu hímem antes do casamento. Com idéias preconcebidas sobre as relações sexuais, temia, em última instância, não poder tirar da cópula o prazer e o gozo que sabia ser alcançado por algumas mulheres através do orgasmo. Ou seja, temia ser impotente como alguns homens o temem, diz a analista, para quem isto também representava não só sua determinação em superar algumas figuras maternas frígidas, mas, acima de tudo, a evidência de que estaria decidida a não se deixar abater por nenhum homem (Rivière, 1994 [1929]:203). Neste ponto, Rivière se remete às considerações freudianas presentes no ensaio *O tabu da virgindade*, dando a entender que a auto-defloração praticada por um grande número de mulheres viria ratificar a hostilidade feminina em relação ao deflorador. Ainda neste momento, comenta que cinco de suas pacientes recorreram a este tipo de auto-defloração (p.203, N.1) – o que não deixa de se mostrar, talvez, revelador a respeito de determinado tipo de estruturação, ao menos em nossa opinião¹³⁵.

Feita a incisão instrumental de seu hímem, os atos sexuais desta mulher ao longo do casamento foram intensos e frequentes, culminando geralmente no orgasmo completo. No entanto, a própria paciente acabaria por perceber que a gratificação aí obtida tinha a característica de um reasseramento e de restituição de alguma coisa perdida e não, simplesmente de um puro gozo, diz a analista, que então resume: o amor de um homem lhe dava auto-estima (Rivière, 1994[1929]:203).

Todo esse trecho do relato de Rivière é muito interessante, pois remete a considerações freudianas, como acabamos de ver, a reflexõesorneyanas através das fantasias de violação, parecendo também 'antecipar' – guardadas as proporções – não só o que Lacan, nos idos de setenta, viria a dizer sobre o gozo feminino em sua dimensão de ultrapassamento do gozo fálico, mas também sobre a função do amor em termos de reasseramento subjetivo. Mas, por ora, talvez baste guardar esta idéia.

No curso da análise, entretanto, na medida em que tendências hostis e castradoras em relação ao marido começaram a aparecer, seu desejo de manter relações sexuais com ele

¹³⁵ Imaginar que este procedimento estaria, hoje em dia, ultrapassado, não se mostraria verdadeiro. Tive a oportunidade de ouvir, na clínica, por parte de uma paciente com nítidos traços obsessivos, a confissão de ter praticado este mesmo tipo de expediente.

se enfraqueceu, tornando-se mesmo frígida durante algum tempo. Segundo Rivière (1994 [1929]), a máscara da feminilidade, por ela portada, ia aos poucos se desmanchando, fazendo com que aparecesse tanto como castrada (isto é, sem vida e incapaz de sentir prazer) quanto como castradora (ou seja, temendo receber o pênis ou acolhê-lo para sua própria gratificação) (p.204). Em nossa opinião, este comentário não deixa de se mostrar revelador quanto à existência de um erotismo que era vivido, por esta mulher, através do uso da máscara da feminilidade e que servia de suporte aos prazeres desfrutados em suas relações sexuais com o marido.

Rivière (1994[1929]) comenta ainda que, numa época em que seu marido manteve, durante um tempo, uma aventura extra-conjugal, ela se percebeu fortemente identificada com ele em relação à sua rival, chamando a atenção da analista o fato desta paciente nunca ter tido experiências homossexuais (p.204). No curso da análise, entretanto, ficou claro que a falta deste tipo de aventuras era compensada por significativo número de sonhos homossexuais, que culminavam em orgasmo (p.204).

Acompanhando a abordagem kleiniana do Édipo precoce, Rivière (1994[1929]) irá considerar, então, que todas as relações de sua paciente, tanto com os homens quanto com as mulheres, tiveram sua origem nas suas reações em relação aos pais no decurso do estágio de mordedura sádico-oral, o que teria feito com que, especialmente em relação à sua mãe, temesse a retaliação e a vingança pelo fato de ter-se apropriado do pênis do pai. Diante deste temor, e impossibilitada de medir forças com uma mãe extremamente poderosa – fantasisticamente capaz de tirar-lhe tudo, inclusive a vida –, teria se reconciliado com a figura materna, abrindo mão da rivalidade para com ela. Nesta reconciliação, teria, então, se identificado com o pai e colocado sua própria masculinidade à serviço da mãe (pp.207-8). Para a analista, esta posição inconsciente de sua paciente teria se manifestado em sua vida de inúmeras formas, dentre elas na maneira como ficava encantada em poder socorrer mulheres mais frágeis e desamparadas, exigindo em troca reconhecimento e gratidão por parte delas; sob estas circunstâncias, sua rivalidade para com elas não emergia. Caso contrário, seu sadismo explodia e, solitariamente, sofria como uma criança encolerizada (p.208)¹³⁶.

¹³⁶ Chamamos a atenção, aqui, para este caráter 'solitário' do sofrimento. Mais adiante, em nosso terceiro capítulo, estaremos voltando a esta questão.

Mas, se esta era a posição fantasística precoce da paciente em relação à mãe, posição que comandava também suas relações com as outras mulheres, Rivière (1994 [1929]) ainda nos fala do que teria podido perceber de suas relações com o pai: uma raiva nascida pelo deslocamento, em relação a ele, do sadismo antes dirigido à mãe, mas um deslocamento gerado pelo fato de o pai ter sido fantasiado como duplamente privador: da mãe e do pênis (p.209). Castrar o pai tinha, então, se tornado o expediente fantasístico utilizado para tirar dele tudo aquilo que ele possuía. A retaliação por parte do pai acabava, entretanto, podendo também ser temida, uma vez que ele poderia se vingar do sadismo da filha dirigido à mãe. No intuito de se apaziguar da angústia gerada por este temor, sua paciente tentava, usando a máscara da feminilidade, dar testemunhos de seu amor e de sua inocência em relação a ele (p.209). Rivière entende, também, que esta máscara da feminilidade, eficaz no seu relacionamento com os homens, era construída pela paciente através de sua relação com outras mulheres. Entretanto, não era qualquer tipo de homem que sua paciente tentava seduzir através de sua máscara; de modo geral, escolhia, para este fim, homens que demonstrassem um certo temor pelas mulheres excessivamente femininas e que, de algum modo, revelassem preferência por mulheres com alguns atributos masculinos (p.209).

Rivière (1994[1929]) nos diz, ainda, que a essência da fantasia de sua paciente era sua supremacia em relação aos objetos parentais, o que satisfazia seu sadismo (p.210). Graças a esta mesma supremacia, ela conseguia evitar a vingança deles, encontrando recursos para lançar mão de formações reativas que dissimulavam sua hostilidade (p.210). Com este expediente, satisfazia as pulsões do *id*, do *eu* narcísico e do *supereu* (p.210). Esta fantasia era, ainda, na ótica da analista, o que impulsionava sua vida e sua maneira de ser. Foi, justamente, quando sua superioridade veio a se mostrar seriamente abalada no curso da análise, que ela reagiu com uma profunda angústia, enquanto, antes da análise, só encontrava refúgio para seus eventuais fracassos no adoecimento (p.210).

Ainda que Rivière não faça nenhuma referência textual ao tipo de angústia que estaria, agora, no curso da análise, em jogo para sua paciente, podemos deduzir que se trataria de uma angústia depressiva, muito diferente da angústia paranóide que teria regido, até então, tanto suas relações com as mulheres quanto com os homens, embora, à primeira vista, seus movimentos de 'restituição' do pênis, tanto à mãe quanto ao pai – ilustrados por

suas relações generosas com as mulheres e coquetes com os homens – pudessem fazer pensar que a angústia depressiva já predominava antes. Não acreditamos ser este o caso. Entendemos que ao qualificar o expediente usado por sua paciente como uma formação reativa, Rivière dá a entender que era uma reação em face do medo da retaliação, não havendo o predomínio de sentimentos de culpabilidade e, sim, tentativas para manter a posse dos objetos roubados do outro através do uso da máscara da inocência. Nesta perspectiva, poder fazer o luto do objeto pênis seria o passo a ser propiciado pela posição depressiva.

Vale a pena também salientar que, ainda que nesta narrativa de Rivière não seja feita referência explícita à transferência, isto não se deve ao fato desta dimensão clínica ser desconsiderada. Pelo contrário, entendemos que a transferência é entendida presente em todas as manifestações da paciente, constituindo-se a relação com a realidade numa expressão do espectro fantasístico que movimenta o psiquismo. A transferência seria, portanto, o resultado do fato de os pacientes deslocarem para a realidade da sessão clínica, e nela expressarem, sua dinâmica fantasística – com seus objetos e conteúdos arcaicos derivados das primeiras relações entabuladas com a mãe. Talvez por causa disso, mais do que se especializarem em interpretar a partir da transferência – como o fizeram os freudianos – os analistas que vieram a aderir ao pensamento kleiniano se especializaram em interpretar os conteúdos mentais em jogo neste tipo de deslocamento operado por seus pacientes – o de projetar, na realidade, a fantasia – dando ciência ao paciente da dinâmica de seu mundo interno. Em função desta perspectiva, interpretação e teorização coincidem. Neste sentido, verifica-se que a narrativa clínica de Rivière, se inclui, de um lado, os sonhos e as fantasias da paciente – o que lhe permite singularizar o caso em questão –, de outro, não destaca as intervenções da analista. O que surge é uma teorização que, interpretativamente, articula as angústias e as experiências da vida adulta da paciente ao período mais arcaico de seus investimentos libidinais, aplicando ao conteúdo dos sonhos, e das fantasias, a voracidade, o sadismo e o medo da retaliação como agenciadores da angústia paranóide. Ao lado disso, a mãe, enquanto detentora de todos os objetos ansiados, ganha proeminência, transformando-se no principal alvo inconsciente das moções pulsionais.

Mas, se a mãe, tanto no universo kleiniano de considerações quanto no contexto rivieriano de reflexões funciona como 'fundo', ficando o analista na posição ativa de interpretar o funcionamento psíquico agenciado pelas fantasias a ela vinculadas, o que vamos acompanhar, a seguir, é como esta mãe acabou por virar 'figura'.

2.6.2 – Masud Khan e a jovem modelo
dividida entre corpo e sujeito ou entre menina e menino

*“Ela, como objeto,
se apresentava a si mesma e aos outros como uma menina;
mas, como sujeito, ela era um menino.”*
(Masud Khan)

Em 1971 – quatro décadas depois, portanto, das primeiras elaborações kleinianas terem vindo à luz, Masud Khan¹³⁷ – herdeiro não de Klein, mas de Winnicott – publicou uma interessante narrativa clínica sobre uma jovem de dezenove anos. Neste relato, salienta que estará falando de uma questão muito especial referida a aspectos do funcionamento psíquico não diretamente associados ao conflito, à defesa e ao recalque. Ainda antes de iniciar sua narrativa, Khan (1984[1971]) enfatiza que, do ponto de vista teórico, orientou-se nesta experiência clínica tomando por base uma exposição teórico-clínica de Winnicott¹³⁸ que o teria sensibilizado significativamente, conduzindo-o a uma “nova forma de olhar para esta paciente”(p.286). O ponto que parece ter sensibilizado e afetado Khan tão significativamente, diria respeito ao fato de Winnicott, em seu artigo, destacar um modo especial e novo de clinicamente lidar com o que chamou de ‘elemento não-masculino da personalidade’ de um de seus pacientes – elemento não-masculino que ele chama de elemento feminino arcaico. Este elemento seria anterior às relações e aos investimentos objetais do bebê, permitindo-lhe apenas *ser*; esta possibilidade dependeria da qualidade do ambiente em acolher o recém-nascido, pesando sobremaneira nesta condição a capacidade da mãe para identificar-se com suas necessidades¹³⁹.

Se Masud Khan toma como ponto de partida estas considerações de Winnicott, teremos oportunidade de acompanhar de que modo elas vieram a influenciar a modalidade de escuta clínica empregada com sua paciente, escuta apoiada num “cuidado terapêutico” do analista que teria, como finalidade primordial, ajudar esta jovem a “descobrir algo muito especial em si mesma” (p.287). Este ‘algo especial’ afetava significativamente o exercício de sua sexualidade e, justamente por esta razão, este relato chamou nossa atenção.

¹³⁷ Masud Khan foi analisado por Ella Sharpe, por John Rickman e por Winnicott e teve como supervisoras Anna Freud e Melanie Klein (Roudinesco e Plon, 1998[1997]:430).

¹³⁸ Winnicott (1975[1971]): *A criatividade e suas origens*.

¹³⁹ Ver, a este respeito, Winnicott (1975[1971]), p 114; e Abram (1997[1996]), p.57.

Assim, ainda que não venhamos aqui, através desta narrativa de Khan, explorar estritamente os efeitos clínicos do pensamento kleiniano, estaremos podendo exemplificar um de seus desdobramentos no contexto psicanalítico anglo-saxão. Veremos emergir, através do relato de Khan, um pensamento fundado na premissa de que as relações mais arcaicas do bebê com o ego materno poderiam ser a fonte de dificuldades vividas na esfera da sexualidade; além disto, teremos também a oportunidade de observar que, mais do que angústias precoces, há neste pensamento a suposição de que estas dificuldades teriam como origem uma integração incompleta do ego.

Para acompanhar um pouco melhor o espectro de referências teóricas de que se vale Masud Khan, é importante não perder de vista que Winnicott, ao discordar de Klein – por considerar que o ego do *infans* precisaria do auxílio do ego da mãe para se instituir de modo saudável e se desenvolver – acabou por propiciar que um significativo número de analistas se voltasse exatamente para este ponto, ou seja, para os períodos mais arcaicos do desenvolvimento, passando a emprestar-lhes um caráter não só primordial, mas crucial no estabelecimento da dinâmica do funcionamento psíquico.

Khan (1984[1971]) inicia seu relato nos dizendo que a paciente em questão tinha sido a ele encaminhada por um ginecologista a quem ela consultara durante um ano, por motivos diversos, "nenhum dos quais com base em causas físicas" (p.287). Sobre a chegada desta moça para a primeira sessão com ele, comenta que ela "estava extremamente ansiosa, com receio de ser tratada como doente, e deixou bem claro que não precisava de análise porque não estava doente" (p.285).

Entretanto, se Khan (1984[1971]) menciona estes dados, parece não lhes dar muita importância ou, melhor dizendo, parece dar a eles a mesma importância que a uma série de outros, referidos, de um lado, ao que ela ia contando e, de outro, às impressões que ela ia lhe causando. Assim, nos diz que sua paciente era uma moça de expressiva beleza – uma estudante de artes bem sucedida na carreira de modelo (p.285) – que, na primeira entrevista, ainda que "extremamente ansiosa", pode contar-lhe a história de sua vida:

"Filha única, crescera num lar com bastante conforto. Os pais se haviam separado quando ela estava com cinco anos, e se divorciado quando tinha onze. Mantivera contato assíduo com o pai até ele morrer subitamente, quando ela estava com doze anos. Sentira falta da visita dele nos fins-de-semana; gostavam-se muito e se sentiam orgulhosos um do outro. Pouco depois, a mãe se casara com um homem mais moço que ela e, como o pai, a mãe

também morrera de repente, quando a paciente estava com dezesseis anos. Gostava do padrasto e ele a levava à Europa a fim de consolá-la pela morte da mãe. Durante a viagem, seduzira-a e passara a ser, desde então, seu amante. De volta da viagem, instalara-a num confortável apartamento de duas peças e, pelos contatos que tinha, iniciou-a na carreira de manequim. Não interferia absolutamente com a sua liberdade, e eram bons amigos. Ela trabalhava muito e tinha vários casos amorosos com homens que conhecia pouco tempo, pois achava quase impossível recusar propostas de homens que eram bons para ela e a desejavam. Apreciava a companhia deles e a atenção que lhe dispensavam, mas não era muito ligada em sexo.” (Khan, 1984[1971]:287-8)

Uma leitura fielmente kleiniana desta apresentação provavelmente nos levaria a pensar que a intensa vida sexual desta jovem – uma vida sexual desatrelada de investimentos amorosos – seria uma forma maníaca de lidar com a angústia provocada pela culpa resultante do fato de ter, em primeiro lugar, ocupado fantasisticamente o lugar da mãe junto ao pai, através da admiração e do amor compartilhados quando eles já estavam separados; e, depois, pelo fato de, 'efetivamente' ter-se apropriado, ao tornar-se amante do padrasto, do que fantasisticamente entendia como propriedade da mãe – o pênis do pai. Neste caso, a feminilidade alcançada através de repetidas experiências sexuais com outros parceiros, nada mais seria do que uma devolução fantasística à mãe de tudo que lhe foi roubado. A inveja e a gratidão orientariam, então, a disjunção confessada entre a vida sexual e a amorosa; o amor, em última instância, seria aqui exclusivamente destinado à mãe introjetada, como reparação pelos danos cometidos.

Ainda que estas considerações possam parecer descabidas, especialmente porque se sustentam em 'interpretações' além de selvagens, alheias ao dispositivo clínico e, portanto, desconsiderando a fundamental importância da dimensão transferencial no percurso de uma análise – o que seria, *per se*, uma heresia em nosso campo, e uma heresia capaz de resultar em sérios questionamentos éticos – elas são aqui propositais e tem por função, exatamente, enfatizar a lógica em jogo, *grosso modo*, no pensamento kleiniano mais clássico, um pensamento que operava na interpretação supondo conteúdos fantasísticos muito específicos e aprioristicamente determinados. Por outro lado, foi exatamente por partirem do princípio de que a fantasia, mais do que falar das relações objetais com a realidade, expressaria as relações da 'realidade interna' com a 'realidade externa', que os analistas –

que partindo de Klein, foram além dela – puderam tirar partido desta forma de 'expressão', escapando de interpretações já prontas e previamente determinadas¹⁴⁰.

O que Masud Khan vai derivar da escuta da narrativa de sua paciente vai se inserir no registro daqueles que, em nossa ótica, souberam 'tirar partido' da escuta, e em nada vai se aproximar das especulações a que chegamos acima. Entretanto, tanto quanto Klein e Rivière provavelmente fariam, também ele vai creditar a disjunção entre a vida sexual e a vida amorosa, confessada por sua paciente – confessada, mas não ainda problematizada – não ao registro de uma dificuldade oriunda de sua vivência de castração, como o fariam os freudianos. Na verdade, Khan vai pensar esta disjunção como referida à experiência arcaica desta moça, no momento em que o *self*¹⁴¹, em suas palavras, se constitui sob os auspícios dos cuidados maternos e das condições ambientais.

Um ponto ainda não mencionado aqui, mas que nos parece de crucial importância é que, esta moça, segundo segundo Khan (1984[1971]), ia contando sua vida "sem justificativas e remorsos" (p.285) – e, aqui, talvez devêssemos dar uma parada, no intuito de nos aproximarmos da idéia em jogo na formulação deste comentário do analista, um comentário ao qual não retorna, mas que forja, em nossa ótica, o solo de suas impressões. A ausência de remorso e culpa pode, perfeitamente, se alinhar a uma certa 'indiferença' histórica, indiferença que poderia dizer respeito a uma possível dissimulação inconsciente de seus desejos – e que Freud (1987[1900]) percebeu tão bem no sonho da Bela Açougueira (pp.156-160). Esta perspectiva, entretanto, não levaria a concluir que a ausência de culpa e de remorso falariam de algo alheio ao complexo edípico, pelo contrário. Se tomássemos também como parâmetro a impressão causada em Freud pela jovem homossexual, chegaríamos à conclusão de que, ainda neste caso, a ausência destes sentimentos teria estreitas ligações com o Édipo, ainda que ligações forjadas numa recusa da castração, típica da perversão. Entretanto, Khan usa um referencial teórico completamente diferente para tentar entender a ausência de culpa ou de remorso em sua paciente, referencial que ficará

¹⁴⁰ Cabe aqui observar que, diferentemente de Klein, Winnicott (1978[1935]) não contrastava fantasia e realidade, o que o levou, então, a "comparar a realidade externa não tanto com a fantasia, mas sim com uma realidade interna" (p.247). Esta perspectiva, transformaria as fantasias não tanto numa realidade interna em si, mas numa defesa contra a aceitação da mesma (p.249).

¹⁴¹ A noção de *self* diz respeito, ao menos para Winnicott (1975[1971]), à idéia de um 'eu', e de possuir uma identidade fundada no sentimento de 'ser' (p.114). Segundo Abram (1997[1996]), a noção de *self* não se confunde com a de ego, na medida em que este seria apenas um aspecto do *self* com a função particular de organizar e integrar a experiência (p.269).

claro na sequência, mas que caberia aqui já adiantar: valorizando a noção winnicottiana de 'falso *self*'¹⁴².

O que Khan (1984[1971]) vai, então, relatar é que, ao ouvir com "seriedade e reserva" (p.288) a história contada por sua paciente, tinha a impressão – especialmente quando olhava para ela, que estava vestida "com a menor minissaia que se pode imaginar" (p.288) – de ver uma "imagem com fantasma" (p.288), como se houvesse "duas pessoas distintas superpostas" (p.288). Alguns comentários da moça lhe causaram profunda impressão ainda nesta primeira entrevista. Dentre eles, o fato de considerar seu padrasto uma pessoa boa, apesar da sedução por ele ensejada – pois, em suas palavras, alguém, um dia, a seduziria de qualquer modo (p.288) – e a determinação com que fez questão de dizer que, apesar de sua história, tivera uma infância feliz, sentindo-se amada e admirada pelo pai e pela mãe.

Algum tempo depois desta primeira entrevista, cerca de seis meses, num domingo, a paciente pediu para ser atendida e, logo após deitar-se no divã indagou ao analista: "Você acha que eu sou uma puta?" Embora Khan confesse que não estava esperando por este tipo de questão, não se furtou de responder:

“Não, eu não acho que você seja uma puta, mas, pelo que você contou, tem-se realmente a impressão muito forte de que você deixa que os outros a usem como se você fosse.”

(Khan, 1984[1971]:289)

Observe-se que há, por trás do procedimento de Khan (1984[1971]), uma técnica que parece se orientar no sentido de não frustrar o paciente, ilustrada tanto no fato de atendê-la mesmo num domingo – acrescentando que aprendera com Winnicott que, "neste tipo de caso, ou aceitamos atender o paciente *no momento em que ele pede* ou será inútil tomá-lo em tratamento" (p.289, grifos do autor) – quanto no de responder, 'naturalmente' em seus

¹⁴² O 'falso *self*' é entendido por Winnicott como uma estrutura construída para 'defender' o *self* verdadeiro (Abram, 1997[1996]:277), este último, o *self* que se constituiria pela possibilidade de lidar com as demandas do *id* não como externas ou ambientais, estranhas enfim, mas como pertencentes ao próprio *self*, ou à própria noção de existir. Assim, para Khan (1978:13), no caso do 'falso *self*', as próprias demandas do *id* teriam tido um valor traumático, não podendo ter sido incluídas no ego, na fase mais arcaica da existência. Tomando uma observação do próprio Winnicott (1982[1960]) que, a nosso ver, diz bem do caso em questão, podemos ler que, quando a adaptação da mãe às exigências, às alucinações e aos impulsos do lactente não é suficientemente boa, "o lactente é seduzido à submissão, e um falso *self* submisso reage às exigências do meio e o lactente parece aceitá-las. Através deste falso *self*, o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e por meio de introjeções pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, ama-seca, tia, irmão ou quem quer que, no momento, domine o cenário. O falso *self* tem uma função muito importante: ocultar o *self* verdadeiro, o que faz pela submissão às exigências do ambiente" (p.134).

termos (p.289), à pergunta diretamente a ele endereçada. Vale notar que, ao usar a expressão 'neste tipo de caso', Khan está se referindo a estes em que os pacientes, muitas vezes não tendo noção de que estão doentes, exigem um "cuidado psicoterápico e intervenção" (p.287) capazes de auxiliar na descoberta de algo muito especial a respeito deles mesmos, algo que, se descoberto, permitirá levar adiante a vida, com todos os conflitos, internos e externos, a ela inerentes (p.287).

A resposta dada por Khan (1984[1971]) à pergunta feita pela paciente fez com que ela, depois de refletir por um tempo, comentasse não saber a razão de ter dado tanta ênfase à sua vida sexual, uma vez que esta era apenas "uma parte mínima da sua vida" (p.289). Neste momento, parecia então se dar conta de que nunca contara para seu analista o quanto era determinada, disciplinada, empenhada em sua profissão e com ambições definidas na vida. Diante disso, o analista, então, indaga o que a levava a lhe perguntar se era uma puta. O que a paciente responde é que, na noite anterior, um de seus amigos, irritado por ela não ter aceito mais uma vez sua proposta de casamento, a acusara de ser uma. Pensando depois no acontecido, não deixara de ponderar que o quadro que pintara de si mesma, diante do seu analista, bem poderia tê-lo levado a achar a mesma coisa.

Neste momento do relato, o analista confessa que ficou tentado a interpretar o que, a seus olhos, parecia um uso defensivo da sexualidade orificial por parte dela – uso que estaria ancorado em cinco possibilidades: podia ser uma defesa maníaca que a mantinha dissociada da depressão; podia ser, também, um processo para lidar com o vazio que tinha dentro de si, preenchendo-o com órgãos sexuais e conteúdos corporais; poderia ser ainda um meio de encobrir seus estados de despersonalização, tendo em vista que, muitas vezes, se relacionava sexualmente sob o efeito do haxixe, ou da maconha, embora não fosse uma viciada; uma outra alternativa, seria ainda a de entender o uso orificial de seu corpo como uma versão especializada da tendência anti-social, decorrente de experiências de carência e que se expressariam pelo roubo do pênis; como última alternativa, Khan (1984[1971]) considera que, talvez, sua paciente, afinal, contasse suas proezas sexuais visando seduzi-lo, tal como havia seduzido o padrasto (p.290)¹⁴³.

Entretanto, apesar de ter-se percebido tentado a interpretar, não o fez, tecendo apenas um pequeno comentário sobre a forma como, provavelmente, ela se sentia só.

¹⁴³ Não fica difícil, diante de tais alternativas, perceber o contexto teórico a que Khan está referido.

Observe-se, aqui, o acolhimento por parte do analista de um sentimento que ele, por empatia, supõe estar na base das dificuldades de sua paciente, revelando uma perspectiva que, a nossos olhos, pode ser descrita como a de dar 'continente' às experiências dela. O que Khan (1984[1971]) nos diz é que ela aceitou o comentário dele e declarou que, realmente, sempre vivera numa casa de muito movimento e que ela e sua mãe eram grandes amigas. Acrescenta a isto que nunca tivera, com exceção da mãe, nenhuma grande amiga e que tinha a impressão de que suas colegas sempre suspeitavam dela (p.290)¹⁴⁴.

Depois de passados quatro meses desta sessão – período em que a paciente viajou a trabalho, ao que se seguiu o período de férias do analista – retornou à análise e, mesmo antes de deitar-se no divã, perguntou: "Você é um patane do Norte da Índia?" Com a mesma naturalidade com que havia respondido a sua indagação anterior, Khan (1984 [1971]) lhe diz: "mais ou menos, porém não exatamente" (p.290). É então, orientado, de um lado, pelo que a transferência claramente lhe informava – que ela se relacionava com ele, analista, como o menino na Índia se relaciona com o velho patane¹⁴⁵ – e, de outro, por aquilo Winnicott havia explorado e elaborado a respeito de um de seus pacientes¹⁴⁶, que faz uma longa interpretação que logo renderia significativos frutos. Uma interpretação que incluiria, como veremos a seguir, suas próprias impressões sobre ela. Tomemos suas palavras:

“Comecei dizendo que, durante todos aqueles meses, eu andava pensando o que a fazia vir às entrevistas, e que hoje, pela primeira vez, eu via que o vínculo entre eu e ela era semelhante ao que havia entre o menino e o velho chefe patane do artigo. Relacionei, então, isto com o paradoxo na minha impressão subjetiva da sua presença física nas sessões e o que ela me contara sobre a exploração orifical do seu corpo feminino pelos outros. Que ela sempre me impressionara como uma bela pessoa, com muito pouca atração sexual para o seu modo de ser um corpo. Que agora eu podia dizer-lhe que ela era duas pessoas distintas na sua presença corporal: uma moça e um rapaz. Que ela, como ‘objeto’ se apresentava a si mesma e aos outros, como uma menina; mas, como ‘sujeito’, ela era um ‘menino’, e isso ninguém ainda havia reconhecido, nem mesmo ela. Que continuaria vindo a mim para tentar ajudar-

¹⁴⁴ Cabe lembrar, aqui, da observação de Winnicott de que, na construção de um falso-*self*, o lactente pode ir se construindo exatamente *como* aqueles que cuidam dele. Ver nota 142, p.173 deste trabalho.

¹⁴⁵ A paciente conta ao analista que lera um artigo e que lhe chamara a atenção o fato de, na Índia, os chefes patanes de meia-idade, depois de verem seus próprios filhos saírem de casa, adotarem um menino que passava a ser seu protegido, proteção que não implicava em sodomia ou abuso sexual (Khan, 1984[1971]:291)

¹⁴⁶ Trata-se aqui do caso de um paciente que, apesar de ser homem, era ouvido por Winnicott como se uma moça estivesse falando (Khan, 1984[1971]:285-6). Sobre este caso, ver Winnicott (1975[1971]: 95 a 120).

me a ver esta dualidade na experiência que tinha do seu corpo, para que eu a reconhecesse e dissesse a ela.” (Khan, 1984[1971]:291)

Observe-se que, não é à toa que Khan (1984[1971]) diz 'ouvir com os olhos'¹⁴⁷. 'Escuta visual' – a expressão é nossa – da qual tira partido, ainda que, *a priori*, afetado por um texto de seu mestre maior: Winnicott. Para não perdermos, no entanto, o fio da meada, é importante ressaltar o efeito que esta interpretação produz na paciente. Ainda que sem entender muito o que seu analista dissera, mas intrigada, ela deixa a sessão ficando de voltar uma semana depois. No dia seguinte, entretanto, telefona, pedindo uma sessão sob a alegação de que tinha algo importante para contar. Khan (1984[1971]) prontamente acolhe seu pedido e marca uma sessão para o mesmo dia de seu telefonema (p.291). O que a paciente vai então lhe contar é que, jantando com o padrasto na véspera, comentara com ele a interpretação feita pelo analista a respeito do uso de seu corpo, ora usado como de menino, ora como de menina.

Apesar de achar 'divertida' esta interpretação do analista, o padrasto da paciente não se furtara de se lembrar de um sonho que ela teria tido e contado para ele, na viagem que tinham feito logo depois da morte da mãe dela. Neste sonho, a paciente se via num enorme castelo, vestida como um conde do século dezessete; ouvia música de dança no pavimento térreo e descia as escadas; chegando ao salão de baile, ouvia ainda a música, mas não via ninguém; se vendo sozinha, caía em pranto (Khan, 1984[1971]:292). Além de lembrar-se do sonho, o padrasto lembrava ainda que ela acordara muito angustiada na noite em que o sonhara, o que o teria perturbado, fazendo com que nunca o tivesse esquecido. Entretanto, ele transformara este sonho numa piada e, muitas vezes, para implicar com ela, chamara-a de Conde X ao longo da viagem. Apesar de pouco se lembrar do sonho em si, a paciente de Khan se recordava, entretanto, de tê-lo sonhado num "Schlosshotel austriaco, logo depois de ter sido iniciada, pelo padrasto na experiência sexual genital" (p.292).

'Discretamente', em seus próprios termos, Khan (1984[1971]) mostra à jovem que, se a iniciação sexual lhe dera "oportunidade de descobrir sua condição feminina" (p.292), "havia também, de certo modo, precipitadamente, dissociado-a do seu *self*-menino, e o sonho girava em torno do seu desespero sobre se ele voltaria um dia a ser reconhecido" (p.292). Na sequência, ainda lhe diz que o mais importante, naquele momento:

¹⁴⁷ "Ouvir com os olhos: notas clínicas sobre o corpo como sujeito e objeto" é o título do artigo de Khan (1971) em que este caso é narrado.

“(...) era perceber que, enquanto existisse nela essa clivagem, cuja presença ela ignorava, seu potencial sexual feminino estaria ao alcance dos homens unicamente para exploração, e não ao alcance dela. Que era importante para seu *self*-menino dar cobertura à sua condição feminina.” (Khan, 1984[1971]:292)

Assim, é sob a ótica de que ela sofreria, no campo da sexualidade, o efeito de uma dissociação em seu *self* – ou seja, uma integração incompleta ou parcial¹⁴⁸ – que Khan (1984[1971]) se movimenta, uma dissociação¹⁴⁹ que, segundo ele, se manifestaria nela especialmente em relação à 'noção' e à 'experiência' que tinha de seu próprio corpo (p.294), só podendo "falar a respeito de um aspecto do seu dissociado *self* corporal: a menina" (p.302). Em nossa ótica, subjacente a este comentário de Khan, há a idéia de que a parte feminina dissociada da parte masculina do *self* é que levaria esta jovem a 'se deixar levar' por aqueles que quisessem dispor de seu corpo, parecendo não contar neste 'se deixar levar' nenhuma 'determinação' mais pessoal ou subjetiva. Assim, de certo modo, agia como se seu próprio corpo não lhe pertencesse.

Ponderando que o que é do âmbito do recalque sempre se dá a ver através de sua própria ausência e da contracatexia que se lhe opõe, ou seja, os mecanismos de defesa, Khan (1984[1971]) entende que, no caso das dissociações, diferentemente, o analista não tem clinicamente ao seu alcance tal evidência. Por conta disso, em suas palavras, nos casos de dissociação, o paciente "é todos os elementos de seus estados dissociados e os vive como tal" (p. 298). Entendemos que foi exatamente este 'ser' e este 'viver' da paciente que se ofereceu à Khan, permitindo-lhe perceber, através do "testemunho visual da sua presença" (p.298) que:

“Aquele moça bonita e graciosa não despertava desejo (levando em conta todo o conhecimento profissional das inibições). Não queria ser tocada e, muito menos, penetrada (nem pelo *insight*). Queria ser apenas reconhecida. Mas quem era ela?”

(Khan, 1984 [1971]: 302)

Observe-se que há algo, na presença física da paciente, que se expressa e é captado pelo analista, fazendo com que se sinta não na presença de uma mulher, mas na de um homem,

¹⁴⁸ Para Winnicott, a integração incompleta ou parcial, que daria margem às dissociações, não se confunde com a não-integração primária do ego (cf. Khan, 1984[1971]:296-7).

¹⁴⁹ Cabe observar que, embora Khan (1984[1971]) mencione e analise a maneira como Glover (1943), Deutsch (1942) e Brierley (1944) lidam teórica e clinicamente com a noção de dissociação, enfatiza que estará acompanhando Winnicott (1945), que faz dos conceitos de Verdadeiro e Falso-*Self* uma derivação mais elaborada do conceito de dissociação (pp. 293 a 298).

ou, melhor dizendo, na de um menino – apesar de sua paciente falar de si primordialmente a partir de sua 'parte menina'. Levando em conta estas observações, pondera:

“Não seria verdade para com a experiência subjetiva do seu corpo como “menino”, dizer que ser menino era uma fantasia sua.” (Khan, 1984[1971]:302)

A distância tomada da perspectiva clássica freudiana se evidencia: ou seja, não se trataria de vislumbrar neste corpo de menino uma inveja do pênis ou um complexo de masculinidade pois, se fosse assim, nada impediria esta jovem, segundo o próprio analista, de 'atuar a fantasia' através de 'relações lésbicas' (p.302). Entretanto, diz Khan (1971), "na sua experiência, ela *era* um menino" (p.302) e vivia esta condição através da vida profissional e dos estudos; entretanto, "ela não podia conhecê-la em si mesma" (p.302).

O raciocínio de Khan (1984[1971]) é, então, o seguinte: se, em casos como este, a pessoa não pode estabelecer um relacionamento entre os elementos dissociados, "só um espectador de fora pode ver a situação, reconhecê-la e fazer a pessoa saber dela" (p.302). Teria sido exatamente, isto, segundo sua ótica, que teria acontecido com esta jovem: ela só podia falar de uma parte dissociada – a parte menina – de seu ego corporal (p.302). Em relação a este ponto, ele enfatiza que "nos estados dissociados pode haver muito antagonismo entre as demandas feitas pelas capacidades envolvidas, mas não conflito" (p.302). Destaca ainda que, se no conflito a pessoa sabe, consciente ou inconscientemente, da existência dos dois lados da equação, demonstrando dificuldade em optar por um deles e decidir-se, nas dissociações "a pessoa fica totalmente envolvida e comprometida por cada aspecto" (p.302).

Contrastando então dos estados conflitivos – e que, segundo Khan (1984[1971]), seriam 'atuados', exigindo "cúmplices para descarga e satisfação" (p.302) – os estados dissociados seriam 'encenados' e exigiriam uma testemunha capaz de experimentá-los e informá-los (p.302). Há aqui uma perspectiva de que os conflitos, que caracterizariam as neuroses, seriam "atuados" na transferência, enquanto as dissociações seriam "encenadas", apontando para dificuldades arcaicas ligadas ao processo de integração do ego (p.302). Foi exatamente em função desta visada que Khan pôde, então, testemunhar *um menino* querendo ser reconhecido em sua presença corporal (p.303), sentindo-se mesmo 'convocado' a ocupar esta posição de testemunho. Assim, permitir ao paciente "integrar numa totalidade coerente de experiência" tais partes dissociadas, depois de ter podido identificá-las, seria a tarefa do analista em sua posição não só de testemunha, e nem só de

informante, mas, em suas próprias palavras, de "ego auxiliar" (p.298) – expressão cunhada, segundo nos diz, por Paula Heimann (p.298), fiel herdeira de Klein, pelo menos até a década de cinquenta.

Mas, é ainda em Freud, que Khan encontra os referenciais para avaliar sua abordagem clínica, um Freud que, textualmente, diz não estar muito interessado no papel patogênico dos mecanismos defensivos em si, mas em descobrir que efeitos as alterações do ego produziriam no esforço terapêutico, uma vez que, essencialmente, em suas palavras "o paciente repete essas modalidades de reação também durante o trabalho da análise" (Freud,1987[1937]:271)¹⁵⁰.

O resultado a que Khan chegou na análise desta paciente é por ele resumido, da seguinte forma:

“Tudo o que posso dizer aqui é que todo o seu sistema de vida se modificou radicalmente. Em poucos meses, com o auxílio do padrasto, ela conseguiu um apartamento maior e dividiu-o com uma moça que conhecera na universidade. Vale a pena registrar um detalhe deste período. Quando essa moça concordara em morar com ela, a paciente me contou uma particularidade que jamais conseguira confessar no relato que me fizera de sua vida. Que tanto no trabalho, quanto na universidade, todas as moças sempre a tinham considerado lésbica, o que causava grande perturbação e sofrimento.

Esta moça continua mantendo contato comigo há três anos ou mais. Já não é promíscua e está noiva. É a primeira ligação estável que tem com um homem, e há mais de dois anos. Não se decidiu ainda a casar-se com ele. De modo geral, ela hoje tem muito mais características de uma pessoa como um todo no seu corpo, e sua vida é criativa e sadia.”

(Khan, 1984[1971]:293).

Há, então, indicações de que o que se desdobrava em sua paciente como alheio a ela, ou seja, não fazendo parte de seu próprio repertório de questões – suas relações promíscuas com os homens – pode ser, por ela, problematizado, produzindo efeitos na maneira como passaria a conduzir sua vida. Assim, apoiado no 'uso' que sua paciente fazia dele mesmo, seu analista – um uso que o cumulava do testemunho visual da sua presença –,

¹⁵⁰ É importante ter em mente que Freud (1987[1937]), neste momento do seu texto, está justamente analisando a alteração do ego como um dos fatores capazes de dificultar ou emperrar o trabalho da análise. Por conta disso, inclui em sua *démarche* a perspectiva de que o recalque seria apenas uma das formas de o ego se defender do desprazer, o que o leva, em consequência, a passar a examinar, então, outras formas de resistência “não apenas à conscientização dos conteúdos do id, mas também à análise como um todo, e, assim, ao restabelecimento” (p.272).

Khan deliberadamente se deixou levar, o que lhe permitiu apreender uma 'gramática' e uma 'semântica' que, silenciosamente, se fazia 'ouvir com os olhos'.

Se a abordagem feita por Khan das dificuldades vividas na esfera da sexualidade por esta jovem se distancia, claramente, tanto da freudiana quanto da kleiniana, para dizer respeito a algo que seria afetado pela constituição precoce do *self* e, principalmente neste caso, pela impossibilidade deste *self* em instituir-se como *verdadeiro*, cabe pensar que um *verdadeiro self* – tanto na mulher quanto no homem – incluiria não só a possibilidade de apenas *ser* e *existir* (propiciada por arcaicas vivências em que não haveria necessidade de nada *fazer*, restando *deixar-se levar*), mas a de investir e se relacionar com os objetos em busca de prazer. Deste modo, um *verdadeiro self* comportaria a integração de elementos femininos e masculinos. Em função disto, a 'forma nova' a que Winnicott (1971) faz menção na maneira dele mesmo lidar com seu paciente homem, e a 'forma nova para ouvir a paciente' em que se baseou Khan (1971) neste relato, se refeririam a uma 'forma materna' de acolher o ser na vigência do elemento feminino 'puro', ou seja: acolher o ser no momento em que suas expressões requerem cuidado, testemunho e intervenção por parte do outro para que encontrem lugar na própria experiência do sujeito.

É importante ressaltar ainda que, em suas considerações sobre a técnica empregada na escuta desta paciente, Khan (1971) se refere a Lacan (1953) e, particularmente, à leitura de Lacan empreendida por Benveniste (1956), servindo-se dela para se indagar sobre os componentes e fatores envolvidos no discurso – discurso do inconsciente, que caberia à análise desvelar, ou, "outro discurso", explicitado, segundo Benveniste (1956), pelo trabalho realizado pelo analista a partir do "comportamento locutório" e "fabulador" do paciente (Khan, 1984[1971]:300) – antes dele se tornar viável na análise, permitindo ao processo se operar totalmente por intermédio da linguagem. Considerando que a experiência resultante da relação com o paciente transcende a linguagem e seu alcance simbólico, ainda que reconhecendo que poucas modificações são efetivamente alcançadas fora da esfera e competência da linguagem e do discurso, Khan (1984[1971]) defende a perspectiva de que a experiência entre analista e paciente – o 'vivido' – é muito mais ampla "do que a linguagem jamais poderia metaforizar, simbolizar ou significar em si mesma" (p.301). Em resumo, Khan (1984[1971]) considerará que "o discurso falado e partilhado na situação e no relacionamento analíticos é o resultado de uma sofisticada capacidade do

paciente e do analista" (p.301), na medida em que outros "aparelhos de ego que não a fala" (p.305) sustentariam as experiências humanas.

É, justamente, se opondo enfaticamente a esta perspectiva e ressaltando uma intrínseca relação do inconsciente com a linguagem que Jacques Lacan, na França, dará início a seu ensino. É, então, desta nova abordagem teórica em psicanálise que estaremos tratando a seguir.



PUC
RIO

ANGELA MOREIRA UTCHITEL

**OS DIZERES PSICANALÍTICOS SOBRE A MULHER:
A HISTÉRICA, A MÃE E A MASCARADA**

-OS AVATARES DA FEMINILIDADE E DO FAZER CLÍNICO EM PSICANÁLISE-

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2001.

Vol. II

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 U89d TESE UC

Autor Utchitel, Angela Moreira.

Título Os dizeres psicanalíticos sobre a mulher : a histórica, a 1



V. 2 Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00198776

CAPÍTULO III

A MASCARADA:

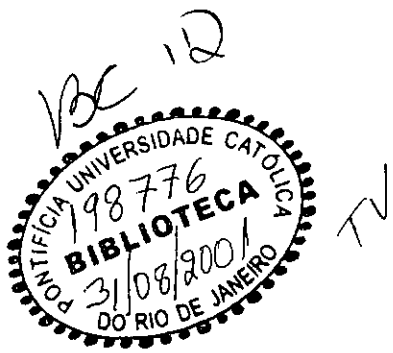
AS RELAÇÕES DA MULHER COM O FALO E COM GOZO E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA LACANIANA

Tivemos oportunidade de destacar, ao longo do capítulo anterior, o rumo tomado na teoria e na prática psicanalítica em decorrência do privilégio dado, especialmente por Klein, à segunda teoria freudiana do aparelho psíquico, bem como à última teoria pulsional de Freud. Pudemos acompanhar como, a partir daí, teve lugar uma clínica atenta ao que seria, no *setting*, a expressão dos períodos mais arcaicos do desenvolvimento. Vimos, ainda, como predominava, na perspectiva anglo-saxã da sexualidade, a idéia de que e a adoção de uma posição heterossexual, na idade adulta, seria o endosso ou o aval de uma heterossexualidade na origem que, correndo os riscos de ser 'desviada' pela angústia e pelos mecanismos defensivos do ego, precisaria, na análise, ser 'recuperada'.

Além disso, vimos, também, que a ênfase freudiana na difícil operação de assunção do sexo próprio pelas mulheres – uma ênfase que percorreu, como pudemos demonstrar, inúmeros textos na década de vinte e que se pautava na primazia do falo a reger a ordenação de sua sexualidade – se não chegou a se perder, foi radicalmente redimensionada na abordagem dos anglo-saxões, que passaram a creditar às fantasias precoces o efeito de agenciar os percalços e as angústias derivadas do anseio feminino de se apropriar do que era, então, considerado seu natural objeto de investimento libidinal: o pênis. A castração, com isto, deixou de ser um fator determinante na assunção da sexualidade e na escolha sexual derivada do Édipo, passando a ocupar seu lugar, no cenário teórico-clínico dos anglo-saxões, tanto a noção de sadismo – e, com ele, a ação castradora do *infans* na sua relação e no uso dos primeiros objetos – quanto a de afânise, articulada, genericamente, ao medo do desaparecimento face à retaliação do outro.

Assim, os anglo-saxões, em sua abordagem da sexualidade, acabaram trazendo para o primeiro plano de considerações um aspecto pouco privilegiado por Freud e que diria respeito ao peso das primeiras relações do *infans* com o primeiro objeto – a mãe. Ainda no primeiro capítulo, acompanhando muito de perto o percurso freudiano, vimos como, só muito tardiamente – já na década de trinta – as relações da menina com a mãe e seus efeitos

112673



150
U89d
TESE Ue
V. 2
ex 1

no destino sexuado da mulher adulta puderam ser levados em consideração por Freud. Grosseiramente falando, poderíamos portanto dizer que, se os anglo-saxões se distanciaram de Freud em sua abordagem da sexualidade, vieram, neste desvio, a considerar a importância da presença do outro materno na constituição do psiquismo, outro que, ainda que presente em Freud através da noção de 'ação específica' e de primeiro sedutor em sua função de erogenezador do corpo, se enevoava face a um auto-erotismo predominante.

Ao lado disso, se a dimensão sexuada da mãe comparecia no texto freudiano fazendo com que a criança – e especialmente o bebê do sexo masculino – fosse entendido como vindo a ocupar, para uma mulher adulta, o lugar do pênis-falo sempre ansiado, é importante poder observar que os anglo-saxões acabaram emprestando a esta dimensão sexuada da mãe uma função primordial na gênese do psiquismo do *infans*, articulando-a ao quadro das relações edípicas infantis.

Com isto, vale notar que na perspectiva dos anglo-saxões, apesar da mãe até poder ser imaginada, pela criança, como tendo um pênis, ela não chega a ser a mãe 'fálica' no sentido freudiano do termo (pois não é uma mãe imaginada pela criança como portando um apêndice viril em seu sexo), e muito menos 'castrada' (pois não é também imaginada como tendo 'perdido' um apêndice antes possuído). Em nossa ótica, no pensamento kleiniano, a mãe se apresenta, de saída, à imaginação infantil como 'mulher', ou seja, enquanto aquela que se relaciona sexualmente com o pai (ainda que no espectro das fantasias orais do coito) e, além disso, uma mulher que detém um poder especial: o poder de vida e de morte a ela atribuído pela própria criança que a vislumbraria como a portadora, em última instância, de todos os objetos aspirados.

Retomar estas questões, neste momento, tem um objetivo: mapear o plano de referências que, em nossa ótica, balizará Lacan em sua abordagem da sexualidade, tendo em vista que, se de um lado, é a perspectiva falocêntrica freudiana que será privilegiada e, com ela, a própria noção de castração em sua radicalidade, de outro, há uma dimensão do outro, o Outro desejante – que pode ser aproximado do outro materno – que ganhará evidência, ocupando um lugar-chave na estruturação fantasística, nos tempos do Édipo e na própria constituição do objeto causa do desejo, deixando seu rastro na posição a ser adotada por qualquer sujeito no exercício da sexualidade.

Entendemos ser em função desta dupla ancoragem – a freudiana e a anglo-saxã, especialmente a kleiniana – que, diferentemente da abordagem de todos os seus antecessores, incluindo Freud, a feminilidade não será definida por Lacan em função da escolha objetual, mas da modalidade de gozo derivada da subjetivação da lei da castração. Por conta disso, também diferentemente de todos os demais, Lacan não atrelará a feminilidade à maternidade. Na verdade, em lugar do termo feminilidade, Lacan preferirá usar a expressão posição feminina, uma posição que poderia, até, ser ocupada também pelos homens – ao menos, por alguns.

Mas, apesar disto – e talvez mesmo por causa disso – a abordagem lacaniana da sexualidade feminina não se mostrou evasiva. Ao contrário, inscreveu-se fortemente no cenário teórico-clínico contemporâneo, formalizando tanto os aspectos simbólicos em jogo na perspectiva freudiana quanto os imaginários tão prevalentes em Klein, para fazer do real não só a causa do desejo do sujeito, mas o objeto maior da análise na direção do tratamento.

Por conta disso, da mesma forma que nos dois capítulos anteriores, estaremos a partir de agora detendo nosso olhar sobre o dizer de Lacan sobre a sexualidade feminina e sobre a feminilidade para ilustrar seus efeitos na clínica psicanalítica com mulheres. Ao lado disso, sublinharemos a entrada em cena de uma nova figura de mulher, a mascarada, que emerge inicialmente no pensamento de Lacan em consequência de sua ênfase nas relações da mulher com o significante fálico para ganhar, paulatinamente, uma certa intimidade com o real.

Será, então, através dela, da mascarada, que acompanharemos a aproximação empreendida por Lacan da mulher com o real, uma vez que a mascarada velaria o real com o semblante. Real que, por escapar à ordem significante, ou seja, por ser tributário da impossibilidade do simbólico em significar o sexo da mulher fora de uma referência ao falo, indicaria não só os limites do simbólico mas o ponto onde este fracassa. Mas seria justamente esta aproximação com o real que possibilitaria à mulher o acesso a um Outro gozo além do fálico.

Será, então, principalmente através das abordagens de Lacan acerca do desejo da mãe em relação a seu filho, acerca da histeria e da neurose obsessiva nas mulheres, e acerca da homossexualidade feminina, que iremos bordejando a evolução de seu ensino, um ensino que, partindo do privilégio concedido ao simbólico, acabou por deslizar para o

registro do real. Acompanhando este deslizamento, a figura da mulher como mascarada faz aparições que iremos examinar, visando demonstrar como ela – a mascarada – acaba, de um lado, respondendo pelo que é da ordem de um erotismo singular na vida das mulheres e, de outro, sendo o equivalente da Mulher que não existe.

3.1 – A NOÇÃO DE FALO COMO SIGNIFICANTE E SEUS EFEITOS NA ABORDAGEM LACANIANA DA SEXUALIDADE FEMININA

*“Os fatos clínicos
demonstram existir uma relação do sujeito com o falo
que se estabelece independentemente
da diferença anatômica dos sexos.”
(Jacques Lacan)*

Durante o ano de 1958, Jacques Lacan¹⁵¹ decidiu reabrir oficialmente, em solo francês, o debate sobre a sexualidade feminina, escolhendo esta temática como central para um congresso de âmbito internacional, por ele mesmo idealizado, a ser realizado dois anos depois em Amsterdã. Ocupou-se então do tema em dois escritos¹⁵², resumindo pontos que já vinha encaminhando, principalmente desde 1956, em seus seminários.

Já desde o início da década de cinquenta, Lacan tinha lançado as bases de seu pensamento, introduzindo categorias conceituais absolutamente novas e, em grande parte, apoiadas nos avanços conquistados pela antropologia e pela lingüística. Pensamento que tomaria vulto no cenário teórico-clínico psicanalítico, alterando, de uma forma historicamente sem precedentes, a configuração institucional da psicanálise. Pensamento que tanto quanto o de Freud e o de Klein atravessou fronteiras, reverberando no plano das reflexões clínicas de analistas até de outras escolas. A este respeito, vale lembrar da referência feita por Masud Khan (1971) – e à qual aludimos na última seção do capítulo anterior – ao escrito com que Lacan (1953) praticamente inaugura seu ensino. Neste texto, Lacan marca sua distância em relação a antecessores e contemporâneos, ancorando-a numa abordagem nova e particular de noções que, desde Freud, faziam parte do arcabouço teórico-clínico psicanalítico. Ainda nele, faz críticas não à investigação, mas às abordagens até então empreendidas sobre a estruturação pré-verbal das fantasias, além de criticar não a importância, mas o manejo da contra-transferência na clínica de muitos de seus contemporâneos, que a entenderiam como ocupando, aí, um lugar capital. Ao lado disto,

¹⁵¹ Jacques Lacan era médico psiquiatra e, em 1932, chegou à psicanálise depois de concluída sua tese de doutoramento (Chemama, 1995[1993]:119). Iniciou, neste mesmo ano de 1932, uma análise didática - que durou seis anos e meio - com Rudolph Lowenstein. Este, por sua vez, tinha sido analisado por Hans Sachs (Roudinesco *et* Plon, 1998[1997]: 446-47).

¹⁵² Tais escritos são: *A significação do falo e Idéias diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina*. Este último, entretanto, foi publicado apenas em 1960 (Cf. *Escritos II*, p.715).

ainda neste texto, Lacan se opõe claramente à qualquer abordagem do ego desatrelada da dimensão psíquica do *eu*, dimensão nascida, em sua opinião, da inexorável referência ao *tu*.

Esta abordagem de Lacan acerca do ego acaba por distanciar este ego de um campo de conhecimento e de síntese, transformando-o num campo de desconhecimento para o sujeito e de alienação de seu desejo. O sujeito que surge em sua teorização é, por sua vez, desarticulado da noção de indivíduo, para ser tomado como referido primordialmente ao inconsciente, fazendo-se representar na fala, e pela palavra, através da cadeia significante.

Cabe, entretanto, sublinhar que, se para sustentar suas críticas e marcar a distância de seu pensamento em relação às concepções mais em voga no cenário psicanalítico Lacan se vale da dimensão intersubjetiva implicada na fala, esta se apóia na dimensão simbólica da linguagem. Neste sentido, Lacan (1984[1953]) não só define a palavra como "uma presença feita de ausência" (p.265), mas enfatiza que é o mundo das palavras que funda o mundo das coisas, de tal modo que a fala do homem, em última instância, revelaria como o símbolo o fez homem (p.265).

Certamente que tais considerações – que tinham como berço, principalmente, sua crítica à técnica então empregada por alguns de seus contemporâneos – não deixaram de produzir seus ecos na maneira pela qual passaria a empregar clinicamente antigas noções. Deste modo, tanto ganharam novas dimensões as noções de fixação e regressão quanto a noção de resistência. O deslocamento operado por Lacan (1984[1953]) em relação a estes referenciais teórico-clínicos é tão evidente, que transforma o que entraria em jogo numa análise na confrontação dos conflitos simbólicos com as fixações imaginárias geradas pela luta do sujeito em se fazer reconhecer. Esta luta se expressaria através das palavras, transformando as relações da linguagem com as palavras num problema para o próprio sujeito. Problema acrescido por uma antinomia que seria inerente a estas próprias relações, e que se expressaria no fato de que, quanto mais a linguagem se torna funcional, mais imprópria se torna para a palavra; esta, em contrapartida, se tornando demasiado particular, perderia sua função de linguagem (p:287). O que vem à tona, neste raciocínio, e nesta ênfase, é não só a insuficiência da noção da linguagem como *signica*, mas a potencialidade da noção de *significante*. Ao lado disso, faz questão de enfatizar que aquilo que o sujeito busca com a palavra é a resposta do outro, sendo sua própria pergunta aquilo que o constitui como sujeito (p.288).

Fazer menção a estes pontos tem importância aqui, na medida em que serão eles que estarão como pano-de-fundo não só da abordagem de Lacan sobre a constituição do sujeito, mas daquilo que viria afirmar sobre a sexualidade. Assim, do mesmo modo que é impossível fazer qualquer referência à sexualidade no pensamento kleiniano sem situar o valor fundamental que a fantasia nele desempenha, também aqui é impossível uma aproximação do pensamento de Lacan sem levar em consideração a dimensão simbólica da linguagem a que o homem estaria, em sua ótica, submetido, sendo exatamente este submetimento que o distinguiria como um ser que faz parte do mundo humano.

Dimensão simbólica que Lacan (1984[1953]) situa não só em conformidade com a lei da interdição do incesto – responsável, segundo Lévi-Strauss, pela passagem da natureza para a cultura –, uma vez que seria ela que daria às denominações de parentesco todo seu alcance, instituindo a ordem tanto das preferências quanto dos tabus, e mesmo o fio das estirpes através das gerações (p.266). Privilegiando, portanto, o papel fundamental da linguagem na constituição da ordem humana, Lacan, com isto, recusaria, expressamente, qualquer abordagem do psiquismo humano apoiada na idéia de que a ontogênese seria orientada, ou manifestaria, uma dimensão biológica do ser.

Se essa recusa, de certo modo, já nos dá uma pista do quanto Lacan fará oposição àqueles que situaram os anseios sexuais dirigidos aos objetos como derivados da pulsionalidade inerente ao corpo biológico do humano – anseios regidos por uma herança filogenética – esta recusa também acaba revelando que será a partir do que ele mesmo considera como um solidário alinhamento ao pensamento freudiano que preferirá construir sua própria resposta em relação à questão da sexualidade. Neste sentido, pode-se considerar que Lacan (1984[1958a]), ao abrir seu escrito sobre a *significação do falo* com a afirmativa de que o complexo de castração teria uma função nuclear tanto para a estruturação dinâmica dos sintomas quanto para a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual não poderia identificar-se ao tipo ideal de seu sexo – identificação necessária, portanto, para poder responder às necessidades do parceiro na relação sexual e para acolher as necessidades da criança procriada nesta relação (p.665) –, demonstra claramente sua posição: a de se alinhar à perspectiva falocêntrica freudiana.

No sentido de realçar os argumentos clínicos que estariam na base deste alinhamento, Lacan (1984[1958a]) faz menção, então, ao sentimento de castração vivido

pela menina que a faria sentir-se privada do falo, à construção feita pelas crianças de ambos os sexos de que a mãe seria fálica e ao fato de, clinicamente, a castração só tomar seu alcance, ou seja, produzir sintomas, a partir de seu descobrimento como castração da mãe (p.666). Como um último argumento sobre a crucial importância da relação do sujeito com o falo – importância que, em sua ótica, teria sido sempre destacada por Freud – se refere aos pontos destacados por este na referência à fase fálica. Sublinha, então, que esta se caracterizaria pela dominação imaginária do atributo fálico e pelo gozo masturbatório, gozo que, na menina, se localizaria no clitóris, promovido assim à função de falo. Aos olhos de Freud, seria esta promoção que excluiria, então, nos dois sexos, até a declinação do Édipo, o conhecimento da vagina como lugar de penetração genital (p.666).

Ainda que considerando suspeito este desconhecimento da vagina pela menina, é examinando aquilo que diferentes teóricos – especialmente Horney e Jones – vieram teorizar sobre a fase fálica na menina que Lacan (1984[1958a]) se detém, para salientar as razões que teriam se imposto, a Freud, para que firmemente sustentasse sua abordagem falocêntrica da sexualidade (p.667). Abrindo, aqui, um pequeno parêntese, vale lembrar que, em relação à posição adotada por Horney e Jones na referência à fase fálica, eles não recusavam a sua emergência como possibilidade no percurso libidinal do desenvolvimento da menina, embora recusassem claramente seu caráter primário – caráter firmado por Freud e em relação ao qual nunca cedeu.

Situando a insistência de Freud em relação a este ponto como derivada não só de sua descoberta acerca do inconsciente, mas da apreensão dos fenômenos deste último através da oposição entre significante e significado – embora Freud não tivesse, em relação à noção de significante, o conhecimento trazido pela linguística moderna, acrescenta Lacan (1984[1958a]:668) – ele vai ressaltar o quanto, na obra de Freud, não é unicamente o homem quem fala, sendo, sobretudo, o id que fala no homem e pelo homem¹⁵³ (p.668). Adverte, entretanto, que marcar a relação do homem com o significante não significa adotar uma posição culturalista – semelhante à de Horney – uma vez que, para ele mesmo, o que está em jogo não é a relação do homem com a linguagem enquanto fenômeno social (p.669). Ressaltando que, no pensamento de Freud, as relações do homem com a linguagem teriam sido captadas através do que se revelava nos sonhos, afirmará que "o id fala no

¹⁵³ *Id* que Lacan prefere chamar de *Isso*.

Outro" (p.669)¹⁵⁴, designando por Outro o lugar que evoca o recurso à palavra em toda relação em que ela intervém (p.669). Completa esta consideração, dizendo:

"Se o id fala no Outro, quer o sujeito o escute ou não com sua orelha, é porque é ali que o sujeito, por uma anterioridade lógica a todo despertar do significado, encontra seu lugar significante." (Lacan, 1984[1958a]:669. Nossa tradução)¹⁵⁵

Situando, neste momento, o falo como significante, isto é, como aquilo que tem função ativa na determinação do significável (p.668), Lacan (1984[1958a]) articula falo e linguagem, sendo esta, talvez, a primeira grande novidade introduzida por seu pensamento em relação à temática da sexualidade – pois, atribuir ao falo uma dimensão significante, dirá respeito a situá-lo como significante da falta ou do desejo do Outro. Dito de modo mais claro, se o desejo do Outro para o *infans* é sempre enigmático – e portanto, aberto a múltiplas significações, daí seu caráter significante – o que assume um lugar capital neste enigma é o falo, ou seja, aquilo de que a mulher sempre se sentiu privada. Sobre isto, diria: "se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo" (p.673)¹⁵⁶.

Se este comentário de Lacan (1984[1958a]) põe em destaque a dimensão de ausência inerente à noção de falo como significante – ausência articulada, no caso da mulher, a um sentimento de privação – é ainda esta ausência que lhe serve para ressaltar a antinomia interna à assunção do sexo próprio feita pelo homem, antinomia ligada ao fato de que seus atributos viris acabam sendo assumidos quando sujeitos a uma ameaça de privação (p.665). A combinação destas duas evidências lhe permitirá, então, afirmar a função significante do falo regendo as relações com o sexo próprio, tanto no que diz respeito aos homens quanto no que diz respeito às mulheres.

É no trilho desta nova ótica que Lacan (1984[1958a]) descartará o falo como correspondendo a uma fantasia e como objeto parcial interno, 'bom' ou 'mau' (p.669); é ainda, seguindo este trilho, que o descartará como sendo o que o órgão simboliza, esteja este órgão referido ao pênis ou ao clítoris (p.669). Vinculando o falo àquilo que ultrapassa o plano da demanda para se referir ao desejo, situa o falo como um significante ao qual o sujeito teria acesso a partir do Outro, especialmente por querer ser, num primeiro momento,

¹⁵⁴ No original: " 'Ello' habla en el Otro'.

¹⁵⁵ No original: "Si 'ello' habla en Outro, ya sea que el sujeto lo escuche o no com su oreja, es que es allí donde el sujeto, por una anterioridad lógica a todo despertar del significado, encuentra su lugar significante."

¹⁵⁶ No original: "Si el deseo de la madre es el falo, el niño quiere ser el falo para satisfacerlo."

o significante do desejo deste Outro, isto é, por querer ser aquilo que apreende como sendo o que este Outro deseja.

Se esta relação com o falo – como o significante do desejo do Outro – marca, no pensamento lacaniano, o ponto que poderia ser considerado pivô na constituição do próprio sujeito, Lacan (1984[1958a]) não deixará de acentuar que diferentes estruturas se revelarão ao ser considerado o que entra em jogo na relação 'entre' homens e mulheres. Privilegiando, então, o que entraria em jogo na relação entre eles por ocasião do ato sexual considera que suas posições girariam, genericamente, em torno de um 'ser' ou de um 'ter' na referência ao falo em sua dimensão significante (p.673). Explorando esta via, dirá que é para ser o falo, ou seja, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai deixar de lado uma parte essencial da feminilidade, concretamente todos os seus atributos na mascarada, sendo pelo que não é que busca ser desejada ao mesmo tempo que amada (p.674)¹⁵⁷. Observe-se, já aqui, a emergência da mulher como mascarada, termo articulado à possibilidade da mulher encobrir sua falta pelo semblante: 'ser' o falo para o parceiro ou, em outras palavras, o significante do desejo dele.

Entretanto, se no texto dedicado à significação do falo, Lacan pontua as elaborações de seus antecessores para melhor destacar o que, em sua própria ótica, regularia as relações de homens e mulheres com o sexo, quando se decide a expor suas idéias – orientando o que, em sua ótica, deveria entrar na pauta de consideração de seus discípulos em relação ao congresso a ser realizado sobre a temática da sexualidade feminina –, acaba produzindo um recenseamento das principais questões e dificuldades que teriam permanecido subjacentes à abordagem desta temática no circuito teórico-clínico psicanalítico, dificuldades que, em nossa opinião, tinham muitas vezes servido como principal motivo para que seus antecessores se ocupassem do tema. Entretanto, esta história, ou melhor, as elaborações de seus antecessores não eram conhecidas por aqueles que, na França, o seguiam em seu ensino.

Sobre isto, Roudinesco (1988[1986]) nos informa que uma história peculiar e distinta daquela que tinha sido vivida pelos psicanalistas integrantes do eixo Berlim-Viena-

¹⁵⁷ No original, o que traduzimos de forma livre: " Por muy paradójica que pueda parecer esta formulación, decimos que es para ser el falo, es decir el significante del deseo del Otro, para lo que la mujer va a rechazar una parte esencial de la femineidad, concretamente todos sus atributos en la mascarada. Es por lo que no es por lo que pretende ser deseada al mismo tiempo que amada."

Londres fez os analistas franceses desconhecerem, pelo menos até 1939, a discussão travada entre os freudianos e os anglo-saxões em torno da temática da sexualidade feminina, especialmente porque nenhum dos grandes textos deste debate tinha sido traduzido para a língua francesa (p.552). Se, de todo modo, a abordagem deste tema na França não esteve, até então, completamente ausente, a psicanalista francesa mais dedicada a esta questão – Marie Bonaparte¹⁵⁸ – estava muito longe de poder expressar a dimensão real da querela travada em torno do tema. Por conta disto, se o debate entre os freudianos e os ingleses era, no mínimo, pouco conhecido em solo francês, Lacan abre sua explanação resumindo as razões históricas que, em sua ótica, teriam conduzido as elaborações sobre o tema a tanto se distanciarem do enfoque inaugural freudiano.

Inicia este caminho, justamente se referindo àquilo que consideramos como um primeiro grande enigma: o complexo de castração. Salaria, em primeiro lugar, que se este complexo foi concebido inicialmente como se fundando sob a repressão paterna, ao longo da experiência da psicanálise em seu desenvolvimento ele acabou se orientando progressivamente para o plano das frustrações originadas pela mãe na sua relação com o *infans*, o que não teria, de todo modo, o tornado mais elucidado (Lacan,1984[1958b]:704). Vale então notar que Lacan se refere aqui, sem dúvida, ao caminho teórico empreendido pelos psicanalistas ingleses, caminho por nós examinado ao longo do segundo capítulo. Considera, em seguida, que uma noção de 'carência afetiva' teria vindo, neste deslizamento histórico, articular – sem mediação, enfatiza – defeitos reais da maternagem a perturbações do desenvolvimento, levando em conta uma trama fantasística calcada apenas na dimensão imaginária do corpo materno (p.704). Finalizando estes comentários históricos iniciais, argumenta que teria havido, no desenrolar desta história, uma "promoção conceitual da sexualidade da mulher" (p.704) que permitiria observar uma "negligência" (p.704)¹⁵⁹ – negligência que vai pontuar como central às reflexões em relação às quais pretende chamar

¹⁵⁸ Psicanalista francesa, era filha do príncipe Roland Bonaparte e casada com o príncipe Georges da Grécia e da Dinamarca. Foi analisada por Freud a partir de 1920, tornando-se sua delegada oficial em Paris. Traduziu para o francês alguns textos de Freud e, em 1951, escreveu um livro intitulado *De la sexualité de la femme* (Chemama,1995[1993]:28). Neste livro, Bonaparte lança mão de inúmeros autores - Freud, Horney, Deutsch, Jones, Klein, Abraham etc - para elaborar sua própria tese, articulada genericamente a um falicismo biológico na menina que seria de caráter primordialmente passivo. Ver, a este respeito, especialmente Bonaparte (1951), p.42.

¹⁵⁹ No original, o que resumimos e traduzimos de forma livre: "Que se trata de una promoción conceptual de la sexualidad de la mujer, es cosa que no ofrece duda, y que permite observar una notable negligencia."

a atenção.

Esta questão central diria respeito, em sua ótica, àquilo que poderia ser chamado, na ausência de um termo melhor, de "a parte feminina" (Lacan, 1984[1958b]:704), quando o que está em jogo são as considerações sobre o coito. Destaca, entretanto, que refletir sobre esta 'parte feminina' no coito ou na relação genital conteria, em seu bojo, uma indagação sobre as vias da libido concedidas à mulher em função da anatomia corporal, tendo em vista que a distinção entre machos e fêmeas faria entrar em jogo o apêndice presente no corpo do macho como eixo central desta distinção. Assim, aquilo que se ordenaria como fazendo parte do campo do desejo da mulher exigiria, necessariamente, levar em conta o lugar ocupado por este apêndice masculino em sua própria economia psíquica. Esta observação de Lacan não deve ser perdida de vista, uma vez que, em nossa ótica, ela é o indício do peso que a anatomia tem ou, melhor dizendo, dos efeitos psíquicos que a anatomia produz na economia psíquica da mulher. Em função disto, critica, em linhas gerais, as aproximações mais biologizantes que teriam sido produzidas a respeito da sexualidade feminina e chama atenção para um dado que considera paradoxal: o fato de o falo ter sido percebido, mesmo nestas abordagens, ocupando uma posição central na economia psíquica da mulher.

No recenseamento que vai então promover acerca das questões mais nebulosas relacionadas ao tema da sexualidade feminina, Lacan (1984[1958b]) vai comentar a obscuridade reinante em torno do orgasmo vaginal (p.706), o histórico questionamento do desconhecimento da vagina pela menina (p.709), e as abordagens empreendidas acerca do masoquismo feminino. Em relação a este último ponto, chama-lhe especialmente a atenção o fato de alguns antecessores terem produzido, ao abordarem o tema, a promoção de uma pulsão parcial à categoria de pólo da maturidade genital. Vê claramente projetar-se, nesta abordagem, uma função idealizadora da passividade, passividade que, entretanto, se oporia à tendência de outros analistas – tendência que ele vai considerar, também, como forçada – de creditar à atividade feminina efeitos castradores e devoradores (p.709).

De fato, se lembrarmos da abordagem de Deutsch sobre o masoquismo feminino e a compararmos, por exemplo, com a de Klein, dificilmente poderemos chegar a um denominador comum. Por outro lado, também já tivemos oportunidade de, em diversos momentos, apontar aqui como, a nossos olhos, as questões clínicas foram sendo 'vestidas'

pelo modelo teórico de cada uma das escolas de pensamento, precedendo mesmo a própria escuta clínica. Entretanto, o que Lacan parece querer alcançar, de algum modo, com suas reflexões neste texto, é a possibilidade de inscrever todas as dissonâncias e discrepâncias, nascidas das elaborações anteriores, sob a égide do significante fálico. É sob esta ótica que podemos ler o seguinte comentário:

"Imaginário, real ou simbólico, no que concerne à incidência do falo na estrutura subjetiva em que se acomoda o desenvolvimento, não são aqui palavras de um ensino específico, mas justamente aquelas em que se assinalam, na escrita dos autores, os deslizes conceituais (...)"
(Lacan, 1985[1958b:706]. Nossa tradução)¹⁶⁰

De certo modo, é possível vislumbrar, já aqui, que Lacan não tenderá a negar ou recusar as descobertas clínicas de seus antecessores, mas a ressitua-las em relação aos três registros da experiência que, em sua ótica, regulam a relação do sujeito com o significante fálico: o real, o simbólico e o imaginário.

Prosseguindo em suas considerações, aborda o tema da frigidez feminina e, em relação a esta questão, indica claramente sua perspectiva: afirma que a frigidez não poderia ser apreendida como resultante de algo externo à estruturação inconsciente que determina a neurose, e que sua abordagem clínica depende da colocação em jogo da castração simbólica (Lacan, 1984[1958b]:710). Esta circunstância explicaria, a seus olhos, por que a frigidez se mantém não só praticamente intocada quando sujeita a tratamentos somáticos, mas igualmente resistente, mesmo quando a mulher pode contar com os préstimos do parceiro mais desejado (p.710). Neste momento, alude ainda à distinção entre a castração e aquilo que estaria em jogo na frustração ou na privação, frisando que a castração não poderia deduzir-se unicamente dos progressos supostos ao desenvolvimento, posto que supõe a subjetividade do Outro como lugar de sua lei (p.710).

Lacan (1984[1958b]) faz também referência à questão da homossexualidade feminina, retomando, em particular, a perspectiva adotada por Jones em relação ao tema – e por nós examinada no segundo capítulo. Em sua opinião, a bifurcação que Jones imprime ao desejo da menina – na eleição que, para ela, se imporia entre seu objeto incestuoso, o pai, e seu próprio sexo – resultaria mais esclarecedora se não passasse, sem transição, pelo

¹⁶⁰ No original: "Imaginaria, real o simbólica, referente a la incidencia del falo en la estructura subjetiva a la que se acomoda el desarrollo, non son aquí las palabras de una enseñanza particular, sino aquellas mismas donde se señalan bajo la pluma de los autores los deslizamientos conceptuales (...)"

apoio demasiado cômodo da identificação (p.713). Retomando o caso freudiano da jovem homossexual como lapidar para ilustrar aquilo que estaria aí em jogo, considera que não se trataria, nestes casos, tanto de uma opção da mulher entre seu sexo e o objeto incestuoso, mas de uma substituição do objeto. Nesta substituição, de modo desafiador e dando o que não tem, a homossexual acabaria deixando evidente, no entanto, que aquilo que realmente não aceita é só poder escolher seu objeto às custas de sua própria castração (p.714). Na ótica de Lacan, também muito longe de renunciar a seu sexo, a homossexual mostraria o valor que ele tem, ao ter seu interesse tão votado à feminilidade do objeto (p.714).

Lacan (1984[1958b]) praticamente encerra sua explanação com uma indagação que, em nossa opinião, viria ocupar importante posição em suas elaborações posteriores: por que falta, pergunta ele (p.714), "um mito analítico no que se refere ao interdito do incesto entre o pai e a filha?"¹⁶¹ Questão curiosa, e que seria marca de sua visada sobre o Édipo – um Édipo sempre articulado a uma lei do pai na referência às relações entabuladas entre a criança e a mãe, independentemente do sexo da criança. Questão curiosa também porque, de certo modo, insinua que as relações entre a filha e o pai não seriam submetidas à lei da interdição da mesma forma que seriam interditas – segundo o mito – as relações entre o menino e a mãe.

Se os textos de 1958 sumarizam a perspectiva de Lacan a respeito da sexualidade, refletindo suas principais ênfases em relação ao tema pelo menos até meados da década de sessenta, o que vamos acompanhar, a seguir, é de que maneira Lacan, partindo de Freud, acabou por construir um modelo teórico capaz de oferecer novos operadores clínicos. Em relação a este ponto, concordamos com a avaliação de Roudinesco (1988[1986]), para quem Lacan, mesmo privilegiando o caráter primordial do falicismo presente na perspectiva freudiana, não deixou de integrar elementos da escola inglesa, ainda que, para isso, tivesse precisado introduzir a categoria do 'desejo materno' para tratar das relações precoces do *infans* com a mãe (p.555). Em nossa opinião, entretanto, esta integração e a introdução desta nova categoria se, de um lado, revelam claramente a influência exercida em sua teorização pelo pensamento kleiniano, de outro, comportam um certo movimento de virar pelo avesso pontos que, embora avançados por Klein, mereciam uma releitura.

¹⁶¹ No original: "Por qué falta un mito analítico en lo que se refiere al interdicto del incesto entre el padre y la hija"?

3.2 - O DESEJO DA MÃE: SUAS RELAÇÕES COM O FALO E COM A DIALÉTICA DESEJANTE DO *INFANS*

“O essencial do que apresentei, ao lhes descrever a função do falo, foi que ele é o significante que marca o que o Outro deseja, na medida em que ele mesmo, como Outro real, Outro humano, está, em sua economia, marcado pelo significante.”
(Jacques Lacan)

Ainda bem cedo em seu ensino, Lacan veio a se ocupar de uma questão que mantém estreitas relações com nossa temática: o que está em jogo para uma mulher diante de um filho. Foi pela via do que chamou de 'desejo da mãe' que pode examinar, então, aquilo que já, desde Freud, tinha sido percebido como fazendo parte da economia desejante da grande maioria das mulheres: o desejo de um filho. Entretanto, indo além de Freud – ou formalizando aquilo que foi, por este, apenas indicado¹⁶² – Lacan abriu esta questão numa dupla vertente de abordagem, para referir-se, de um lado, àquilo que, do ponto de vista da mulher, regularia o lugar ocupado por um filho em sua economia desejante e, de outro, ao efeito provocado na criança por este desejo materno. Foi, então, conjugando o desejo da mãe ao complexo edípico que formalizou a dialética que, em sua ótica, estaria na base da constituição do *infans* como sujeito.

De certo modo, no período compreendido entre 1956 e 1958, as elaborações de Lacan podem ser lidas como se desdobrando em torno de dois grandes eixos articulados diretamente a esta dupla abordagem do desejo da mãe. No primeiro, a noção de que o falo ordenaria as relações do sujeito não com o objeto, mas com sua falta, ganhou destaque, servindo-lhe como pano de fundo a esta consideração aquilo que, em sua ótica, estaria não só regulando a teoria e a prática psicanalítica de então – a noção de relação objetual – mas a modalidade de falta que regeria, neste universo, tais relações: a frustração. Enfatizando que qualquer ordenação da realidade só seria pensável a partir da dimensão simbólica da experiência, Lacan redimensiona, então, o que estaria em jogo em três modalidades diferentes de relação com a falta – a frustração, a privação e a castração – sendo exatamente a partir deste redimensionamento que examina os diferentes registros ocupados pelo falo na

¹⁶² O comentário de Freud a respeito da relação entabulada entre Leonardo da Vinci e sua mãe podem, perfeitamente, ser lidos como dizendo respeito a algo referido ao desejo da mãe. Ver, especialmente, Freud (1987[1910b]), pp. 105-6.

dialética edípica, por conta de sua natureza significativa: o real¹⁶³, o simbólico e o imaginário.

Mas, se nesta primeira abordagem da dialética edípica – abordagem realizada especialmente ao longo dos anos de 1956 e 1957 –, o desejo da mãe é o que abre para o *infans* o ingresso na dialética da demanda ao estar suportado pelo desejo de um falo, nas elaborações tecidas num segundo momento – ao longo de 1957 e 1958 – Lacan se detém, especialmente, sobre a função do pai como ordenadora do campo do desejo, função libertadora, pois livraria a criança das malhas fechadas do desejo materno, lançando-a numa cadeia simbólica regida pelo falo em sua dimensão significativa. Vejamos, sumariamente, de que forma ele encaminha estas questões, tendo em vista que elas, ao dizerem respeito ao modo como o falo se instala no inconsciente do sujeito, serão o solo de algumas considerações que nos ocuparão aqui – dentre elas, a que estaremos examinando mais imediatamente e referida ao que entra em jogo na economia desejante da mulher diante de um filho.

Se, em seu caminho, Lacan (1995[1956-57]) parte de uma acirrada crítica à noção de relação objetal, a esta veio necessariamente se articular uma outra que estaria em sua base: o uso abusivo e expandido da noção de frustração, especialmente no cenário teórico-clínico anglo-saxão (p.54). Entretanto, esta crítica, longe de dizer respeito à noção de frustração em si, lhe serve especialmente para que possa salientar que seria justamente a dialética em jogo nas frustrações mais arcaicas vividas pelo *infans* que inauguraria, para este não um campo de relação com os objetos, mas um campo em que o objeto toma seu valor exatamente por faltar, e por passar a fazer parte daquilo que a mãe pode dar ou não à criança em resposta a seu apelo (pp 65-67). É com este raciocínio que Lacan vai virar pelo avesso, então, o que estava em jogo na concepção anglo-saxã de relações objetais e, com isto, introduzir tanto a noção de objeto como falta quanto a noção de desejo da mãe – noção que se abrirá numa dupla conotação, para dizer respeito não só ao que a mãe deseja, mas também ao que a criança supõe como sendo o centro do desejo desta mãe para, a partir daí, tomar seu lugar na relação com ela entabulada.

Assim, embora partindo também, tanto quanto seus antecessores, das primeiras

¹⁶³ Vale ressaltar que o real aqui está articulado à noção de realidade, não dizendo respeito, ainda, ao impossível ou àquilo que escapa a qualquer possibilidade de dialetização.

relações da criança com o seio, Lacan (1995[1956-57]) vai destacar como, a partir da dialética da frustração inaugurada pelo que se dá entre o registro simbólico e registro real da experiência, se introduz o imaginário, este sim o campo de investimento da libido. Destacará que a frustração comporta, em si mesma, duas vertentes, a do objeto e a do agente (p.67) e que, apesar do objeto dizer respeito, aí, num primeiro momento, ao objeto da realidade, isto é, ao seio – em relação ao qual a criança se liga diretamente, independentemente do fato de ele ser percebido ou não como objeto –, é somente na medida em que uma certa periodicidade começar a funcionar em relação a este seio que os furos e as carências farão surgir um certo modo de relação da criança com a mãe (p.67).

Por esta razão, vai enfatizar que a mãe não é o objeto primitivo da criança, só surgindo como tal a partir de determinado momento, momento que costuma ser ilustrado pelos primeiros jogos da criança em relação a objetos indiferentes e sem nenhuma espécie de valor biológico. Fazendo aqui uma alusão à brincadeira com um carretel observada por Freud (1987[1920b]) em seu neto de dezoito meses (pp.26-27), Lacan (1995[1956-57]) considera que "este acoplamento de presença e ausência, articulado de modo extremamente precoce pela criança, conota a primeira constituição do agente da frustração que é originalmente a mãe" (p.67).

Comparando suas próprias considerações com o que Klein tinha elaborado em relação à posição depressiva do *infans*, Lacan (1995[1956-57]) dirá que, se no pensamento de Klein é a mãe que se introduz como o elemento novo de totalidade – produzindo, então, uma oposição aos objetos despedaçados da posição esquizo-paranóide precedente – em sua própria ótica, este elemento novo é, muito mais, a presença-ausência (p.67). Observemos que Lacan faz da incidência da ordem simbólica o elemento capaz de transformar a mãe em objeto da realidade, aplicando a ordem simbólica ao que seus antecessores abordavam pela via de uma expressividade psíquica das pulsões – expressividade talhada pelos mecanismos egóicos de introjeção e projeção e que, na posição depressiva, assumiria o caráter da culpa pelos ataques desferidos ao objeto materno.

Mas, podemos aqui perguntar: se a posição depressiva em Klein se caracteriza especialmente pelo fato da criança começar a expressar em relação à mãe uma certa preocupação, como explicar esta preocupação com a mãe a partir do par presença-ausência ou, em outros termos, a partir da incidência da ordem simbólica? O que Lacan (1995[1956-

57]) vai considerar é que esta preocupação da criança com a mãe dirá respeito, principalmente, a uma indagação sobre o que esta mãe quer, indagação tornada possível na medida em que, alçada à posição de mãe no plano da realidade, esta mãe passa a deter o poder sobre os objetos que podem ser ofertados à criança. Seria através da passagem da mãe do simbólico para o real – ou seja, de agente da periodicidade com que o seio comparece para a criança, para objeto que passa a fazer parte da realidade da criança – que ela ganharia uma dimensão de 'potência', derivada do fato de a criança passar a se perceber como dependente dela, ou seja, dependente de sua vontade e de seus caprichos para ter acesso aos objetos (p.68-9).

Entretanto, esta passagem da mãe de um registro a outro acabaria também promovendo, aos olhos de Lacan (1995[1956-57]), uma concomitante inversão na posição do objeto: se, antes, o objeto era um objeto de satisfação – o seio, por exemplo – agora, este objeto se transforma em objeto de dom, "valendo como testemunho do dom oriundo da potência materna" (p.69). Em função disto, quando oferecido pela mãe à criança, este objeto, mais do que satisfazer a uma necessidade, seria o símbolo de uma potência favorável – o que, em nossa ótica, não quer dizer nada mais do que 'minha mãe me ama'. Lacan resume bem este ponto:

“(...) os objetos que a criança quer reter consigo não são mais tanto objetos de satisfação, e sim a marca do valor dessa potência que pode não responder, e que é a potência da mãe.”
(Lacan, 1995[1956-57]:69)

Entendendo esta reação de sensibilidade da criança à presença da mãe como algo que muito precocemente se manifesta no comportamento do *infans* (p.228), Lacan (1995 [1956-57]) entende também que foi justamente a precocidade com que se manifesta esta reação que fez com que o próprio termo 'objeto' fosse confusamente empregado por seus antecessores (p.228) e atribuído à mãe ou ao seio como parte desta. Comenta, ainda, que outros autores, antes dele, puderam perceber que o mundo da criança não é apenas regido por um puro estado de sujeição ao seio (p.228)¹⁶⁴ e que o fato desta mãe existir como simbólica não implica que já haja aí, no que diz respeito à criança, um eu e um não-eu (p.229). Reafirma, neste momento, que a mãe inicialmente é simbólica, só começando a contar como objeto de amor quando é captada pela criança no campo da realidade, mas

¹⁶⁴ Neste momento, Lacan (1995[1956-57]) textualmente se refere a Alice Balint. Para maiores detalhes sobre a abordagem desta autora, ver Balint, A. (1965[1939]).

justamente ao frustrar esse amor (p.229)¹⁶⁵. Entretanto, muito longe de entender esta relação mãe-criança como dual, enfatiza que o falo é aí o elemento terceiro (p.28), ainda que entre em questão, para a mãe, preenchendo uma falta imaginária.

O 'desejo da mãe', articulado então ao que reverbera na criança sobre o querer desta mãe – o desejo do Outro – encontra, aqui, seu primeiro esboço. Entretanto, Lacan vai adiante, como adiantamos, para articular este 'desejo da mãe' àquilo que, efetivamente, diria respeito ao desejo da mulher diante do filho. Retomando Freud e, particularmente, o que ele veio a dizer sobre o desejo feminino de um filho como correspondente ao desejo de um pênis, Lacan (1995[1956-57]) acentua que o que está aí em jogo para as mulheres na sua relação com a criança é a dimensão imaginária do falo (p.70). Alicerçando esta observação, indica que:

“Freud (...) nos diz que a mulher tem, dentre suas faltas de objeto essenciais, o falo, e que isto está estreitamente ligado à sua relação com a criança. Por uma simples razão – se a mulher encontra na criança uma satisfação é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que o satura.” (Lacan, 1995[1956-57]:71)

Vale, então, acentuar que, no pensamento desenvolvido por Lacan, as relações entabuladas entre a mulher e seu filho são entendidas como inconscientemente orientadas por um sentimento de privação. Sentimento que a criança viria imaginariamente preencher com sua presença real – ainda que sem saber nada disto – ao ocupar simbolicamente o lugar do pênis desde sempre invejado e ansiado pela mãe. É deste modo que Lacan (1995[1956-57]), portanto, enlaça real, imaginário e simbólico na experiência da mulher junto a seu filho: fazendo com que a criança, como real, assuma para a mãe uma função simbólica referida à necessidade imaginária desta (p.71).

Entretanto, se os três termos que regulam a dialética desejante da mãe na referência à criança estão aí presentes – o real, o simbólico e o imaginário – no que diz respeito à criança, apenas o simbólico e o real comandam esta dialética inicial com o objeto materno. Por conta disto, Lacan (1995[1956-57]) ressalta dois pontos: em primeiro lugar, que é através da própria relação entabulada com a mãe que a criança experimenta o falo como o centro do desejo desta mãe (p.230) e, ao lado disto, que o imaginário vem aí a imiscuir-se

¹⁶⁵ Aqui, talvez já seja possível, então, localizar aquilo que, no pensamento de Klein, diria respeito à voracidade (ver p.51 e N. 126 deste trabalho), tendo em vista que uma 'completa' satisfação da demanda não é jamais alcançada, em função de algo que, necessariamente, a ultrapassa.

na medida em que a criança realiza sobre si mesma, no plano narcísico, a incumbência de ser esta imagem fálica aos olhos da mãe (p.72) – incumbência que deverá sustentar sua relação com o outro materno durante um bom período, pelo menos durante aquele em que as atenções da mãe estiverem concentradas quase que exclusivamente sobre si.

Imaginar, no entanto, que o desejo da mãe é precocemente captado pela criança como desejo de um falo, não se mostraria pertinente. Em função disto, é importante ter em mente que o caráter enigmático do desejo da mãe será só-depois, e na retroação, significado, especialmente quando, face à privação, a criança acabar por supor uma ausência onde, na verdade, não falta nada, ou seja, quando vier a simbolizar a diferença anatômica entre os sexos. Queremos com isto dizer que a criança, ao tentar responder ao enigma gerado pela percepção da distinção anatômica entre os sexos, tomaria aquilo que se mostra no corpo como diferença para sustentar as primeiras significações sobre o desejo do Outro. Neste sentido, ter ou não ter o pênis acaba se conjugando, na retroação, a ser ou não ser aquilo que ela supõe ser o que o primeiro Outro quer: o falo.

É, então, a esta tríade imaginária mãe-criança-falo (1995[1956-57]:28), sustentada pelo caráter desejante da mãe e que comandaria a dialética da demanda e as primeiras indagações da criança sobre o desejo desta mãe, primeiro Outro, que Lacan (1999[1957-58]) virá sobrepor a tríade simbólica filho-pai-mãe (p.186) para, através desta, demonstrar o que considera a verdadeira incidência da castração: a entrada em cena de um pai privador não em relação à criança, mas em relação à mãe (p.191). Para desenvolver seus argumentos, Lacan (1999[1957-58]) desmonta o complexo de Édipo, formalizando-o como articulado em três tempos (p.197) que seriam não só cronológicos, mas lógicos (p.205).

Assim, num primeiro tempo, já introduzida na simbolização primordial através do jogo de presença e ausência da mãe, a criança se veria às voltas não com a mãe, mas, como assinalamos, com o desejo dela. Neste tempo, a criança – não ainda um sujeito, mas um "assujeito" (Lacan,1999[1957-58]:195) – estaria tanto submetida ao Outro materno, de quem dependeria e a seus caprichos, quanto aprisionada a uma forma de lei "não controlada" (p.195) sustentada no bem-querer ou no mal-querer da mãe, ou seja, naquilo que Klein teria vislumbrado como se refletindo, na fantasia da criança, sob a forma da mãe boa ou da mãe má. Mas, se nesta dialética, restaria à criança se oferecer como objeto do desejo da mãe – o falo – é este mesmo oferecimento que, de um modo mais geral e numa

trajetória normativizante, será sucedido por um tempo em que, primordialmente, deverá ocorrer a privação, pelo pai, deste objeto fálico em que o filho se constitui para a mãe. Nas palavras de Lacan:

"(...) o pai, como aquele que priva a mãe do objeto do seu desejo, a saber, o objeto fálico, desempenha um papel absolutamente essencial, não direi nas perversões, mas em qualquer neurose e em todo desenrolar, por mais fácil e mais normal que seja, do complexo de Édipo." (Lacan, 1999[1957-58]:190-1)

Na ótica de Lacan, o fato de a criança aceitar de maneira mais fácil ou menos fácil esta privação imposta pelo pai à mãe – uma privação que atinge inevitavelmente a criança – depende menos da própria criança, do que de toda uma história iniciada em gerações anteriores e que diz respeito às próprias relações entabuladas por seus pais com a ordem simbólica. Esta observação, por ora, deverá ser guardada, devendo vir naturalmente à tona, quando formos examinar as diferentes tonalidades fálicas com que a mãe pode recobrir suas relações com a criança.

Detendo-se sobre o que estaria em jogo na entrada em cena do pai na dialética entabulada entre a criança, a mãe e o falo, Lacan (1999[1957-58]) faz questão de salientar que, entrando aí como privador da mãe, o pai abre para a criança uma alternativa diferente da de 'ser' ou 'não ser' o falo para ela (p.192). Trocando em miúdos o que estaria em jogo nesta entrada em cena do pai, chama a atenção para o fato de que ele entra aí como portador de uma lei, na medida em que se faz pressentir como proibidor, fazendo intervir sua fala no discurso da mãe, um discurso antes captado pela criança em "estado bruto" (p.209). Esta entrada acaba por produzir na criança um abalo em sua posição de assujeitamento, abalo salutar por não permitir um fechamento de um círculo em torno dela, impedindo-a assim, de se tornar, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe (p.210).

O terceiro tempo corresponderia, então, à percepção feita pela criança de que o pai pode dar à mãe o que esta deseja, podendo dá-lo porque o possui (Lacan,1999[1957-58]:200). De novo, aqui, uma noção de 'potência' orienta esta consideração lacaniana – "potência genital" do pai que entra no registro da realidade em sua relação com a mãe (p.200). Em função disso, se ao menino caberá uma identificação com este pai, possuidor do pênis, para a menina bastaria, segundo Lacan (1999[1957-58]), reconhecer o homem como aquele que o possui (p.203), reconhecimento que a faria ir buscar, no pai, este falo (p.202).

Mas, se estes são, nas palavras de Lacan, os três tempos do Édipo, vale notar que eles deslizam do período oral mais arcaico até o período fálico em que vem incidir a percepção da diferença anatômica entre os sexos. E é justamente esta diferença, ou a percepção dela, que acaba fazendo com que o destino tomado por meninos e meninas a partir do terceiro tempo do Édipo – tempo de sua resolução – se mostre tão distinto num caso e noutro. Lacan também entende que, se existe alguma dissimetria entre meninos e meninas na referência a este complexo, ela diz respeito ao rumo que cada um deles toma na tentativa de 'ter' o falo em seu registro simbólico, registro que, como vimos, implica numa perda para que o objeto possa se revestir de valor, e que comandará os movimentos ensejados no sentido de buscá-lo na cadeia dos dons.

Podemos então dizer que, intervindo na dialética da demanda – entabulada entre a criança e a mãe, mas sempre intermediada pelo falo – como um quarto termo, o pai viria dizer à criança: não, isto que você quer ter, ou isto que você quer ser, só poderá tê-lo, ou só poderá sê-lo, se concordar em perdê-lo. Seria esta a lei do desejo, ou seja, a lei da castração, lei que diz que é preciso perder de um lado, para ganhar de outro. Só que, neste jogo de perder para poder ganhar, o falo, de moeda corrente da troca amorosa, passaria ao estado de significante, inscrevendo-se no inconsciente.

Se já vai ficando claro que Lacan tomou a castração como pivô do complexo edípico, vale ressaltar que, ao dialetizar o percurso vivenciado pela criança neste complexo, não o fez apenas tomando como parâmetros o desejo da mãe e a função interditora do pai – sempre na referência ao falo – mas articulando o desejo materno e a função paterna às diferentes modalidades de falta com as quais a criança se confrontaria. Modalidades que se sucederiam e que se distinguiriam não só pelo registro da experiência a que estariam referidas, mas pelo agente que as deslançariam. Assim, em sua ótica, a frustração diria respeito a uma falta real agenciada pela mãe em sua dimensão simbólica, a privação a uma falta simbólica agenciada pelo pai imaginário, e a castração a uma falta imaginária agenciada pelo pai real (Lacan, 1995[1956-57]:220).

Ainda que, à primeira vista, tais articulações – especialmente em função de seu tom formalizante – possam parecer muito distantes da experiência da criança, entendemos que elas dizem respeito a etapas ou momentos lógicos da ordenação subjetiva, forjando-se, em cada uma delas, uma dialética particular com o falo.

Deste modo, como já examinamos, é na dialética da frustração que o falo, como significativo do desejo da mãe, faz sua entrada, inaugurando, no que diz respeito à criança, uma 'subjetividade assujeitada' – a expressão é nossa e o termo subjetividade se aplica porque é com a trama e com o enigma do desejo materno que o pequeno 'assujeito' se vê, primeiramente, às voltas. Se é esta dialética que o pai deve vir abalar com sua entrada, a esta entrada virão se sobrepor duas experiências importantes: de um lado, a criança se perceberá como não sendo o único alvo do investimento da mãe; de outro, perceberá também, em determinado momento, que à mãe falta o falo, ou seja, aquele apêndice que, segundo Freud (1908), todas as crianças, em suas teorias sexuais, supõem presente em todos os humanos. No caso particular das meninas, vale lembrar que elas se sentirão também dele destituídas, sentimento que produzirá significativas diferenças na maneira de terem acesso ao falo em sua dimensão simbólica.

Mas, se o que está em jogo na simbolização da diferença sexual anatômica é a dialética da privação, o é porque num corpo no qual em sua dimensão real não falta nada – o corpo feminino – uma falta é simbolizada, ou seja, é feita a suposição de uma ausência. Considerando que esta forma subjetivada de apreender e significar a anatomia é prova de que "a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo, do discurso e da lei" (1999[1957-58]:198) – não sendo possível explicá-la nem pela natureza, nem pela biologia – Lacan argumenta que esta apreensão da diferença anatômica se apóia na dimensão imaginária fornecida pelo pênis masculino. Insistindo neste ponto, comenta:

"Nunca é demais insistir no enigma que comportam o complexo de castração ou o *Penisneid*, na medida em que neles está implicado algo que, de qualquer modo, de fato diz respeito ao corpo e que, afinal, não é mais ameaçado por coisa alguma do que é ameaçado um membro qualquer, um braço, uma perna, ou até o nariz ou as orelhas."

(Lacan, 1999 [1957-58]:494-5)

Ao situar o pai imaginário como agente da privação, Lacan argumenta que ele o é porque este é o pai com que a criança lida o tempo todo, ou seja, o pai que participa da dialética da agressividade e das identificações mais arcaicas em que se apóiam as relações com o semelhante. Chama a atenção, entretanto, para o fato de, muito frequentemente, este pai ganhar o estatuto de um pai assustador, pai que, também frequentemente, "não tem, de forma alguma, obrigatoriamente, relação com o pai real da criança" (Lacan, 1995[1956-

57]:225); é, de todo modo, este pai imaginário que, em seu estatuto de privador, assumirá a dimensão de um pai onipotente – ressaltará um ano depois (1999[1957-58]:200).

A maneira pela qual Lacan (1995[1956-57]) vai, entretanto, definir o pai real – pai que seria o agente da castração – não deixa, ao menos em sua primeira aproximação da questão, de se mostrar problemática, ficando difícil distinguir em que o pai real da castração diferiria do pai imaginário da privação. Sobre este pai real, nos diz, inicialmente, que a criança só tem dele "uma apreensão muito difícil, devido à interposição de fantasias e à necessidade da relação simbólica" (p.225). Menciona, ainda, toda a dificuldade humana em apreender a realidade tal como ela nos cerca (p.226), para acabar dizendo:

"Assim se dá com este personagem do pai que, em condições comuns, pode ser com razão considerado como um elemento constante daquilo a que se chama em nossos dias o meio ambiente da criança." (Lacan, 1995[1956-57]:226)

Por causa disto, apesar de dar a este pai o estatuto de real e de tomá-lo como agente da castração, vai desarticular, já inicialmente, este pai de qualquer figura encarnada de pai ou, melhor dizendo, situá-lo num além do pai imaginário para fazer dizer respeito àquilo que, deste pai, se mantém inapreensível¹⁶⁶. Falando-nos sobre o pai real, diz:

"(...) contrariamente a uma função normativa ou típica que se lhe desejaria dar no drama do Édipo, é ao pai real que se defere, efetivamente, a função de destaque no complexo de castração." (Lacan, 1995[1956-57]:226)

De certo modo, então, pensar em agente da castração é pensar não numa figura, mas num contexto discursivo, pois a castração implicaria numa operação simbólica em que a lei se impõe como arbitrária e inquestionável, face a uma experiência vivida imaginariamente como produtora de um dano. No ano seguinte, de forma mais clara – e depois de inúmeras reflexões que o levaram claramente a concluir que não seria necessária a presença real de um pai para que um percurso edípico pudesse ser cumprido por uma criança – Lacan (1999 [1957-58]) definirá a função do pai no complexo de Édipo como produtora de uma metáfora (p.180) capaz de significar a demanda e dar um ordenamento ao campo do desejo.

Em relação a este ponto, o pensamento de Lacan revela-se complexo e demonstra, ao menos a nossos olhos, como o desejo da mãe e a função do pai se imbricam no momento da resolução do complexo edípico e da constituição desta metáfora paterna, metáfora que

¹⁶⁶ Tomado sob este aspecto, o termo 'real' - usado aqui na referência ao pai da castração - se aproxima da dimensão de impossível.

viria, com o significante do nome-do-pai, substituir o significante do desejo da mãe. Mas, se a noção de metáfora paterna implica na substituição de um significante por outro, resta indagar se a possibilidade de sua constituição está só nas mãos – ou, melhor dizendo – somente na palavra e na posição assumida pelo pai.

Sobre isto, diríamos que Lacan convida a ver as dificuldades de constituição desta metáfora por uma criança como assentadas em duas razões principais. De um lado, indica que a possibilidade de impasses na experiência edípica da criança pode ser devida à ausência ou à fragilidade do pai no exercício de sua função interditora em relação ao desejo da mãe junto à criança. De outro, também convida a entender que, muitas vezes, esta função do pai se mostra falha ou fracassada devido ao intenso desejo da mãe na referência ao filho, ou mesmo em função de uma relação excessivamente apaixonada do pai em relação à mãe – situação em que o 'dar' e o 'amar' se confundiriam, enfraquecendo o pai em sua 'potência'¹⁶⁷.

Observe-se, então, que no contexto geral em que a metáfora se inscreve parece haver uma influência decisiva do que se passa do lado da mãe para que a função do pai possa ser exercida em seu vigor. Neste sentido, a observação feita por Lacan (1999[1957-58]) de que a aventura primordial do que se passou em torno do desejo infantil – isto é, do desejo essencial que é o desejo do desejo do Outro, ou o desejo de ser desejado – é absolutamente fundamental quanto à estruturação de desejo do sujeito (p.282), pode ser lida como avalizando esta nossa impressão.

Entendemos que é exatamente por esta via que também pode ser lido o exame empreendido por Lacan (1995[1956-57]) tanto da fobia de cavalos do pequeno Hans quanto da fobia de galinhas de um paciente de Helen Deutsch (Lacan, 1968-69)¹⁶⁸, na medida em que, abordando a eclosão da fobia nestes meninos, Lacan dá a entender que, em ambos os casos, a mãe desfrutaria de seu filho como objeto fálico, sem nisto ser muito atrapalhada pelo marido, ou seja, pelo pai da criança. Duas questões se colocam, então aqui, cujo teor ficará mais claro à medida que formos encaminhando outras considerações: seria o sexo

¹⁶⁷ Lacan (1999[1957-58]) distingue *dar* e *amar*, considerando que *dar* "é dar o que se tem", enquanto *amar* "é dar o que não se tem" (p.218). Assim, "na medida em que o pai se mostra verdadeiramente apaixonado pela mãe, ele fica sob a suspeita de não ter" (p.218) e "na mesma posição daquele para quem a mãe dita a lei" (p.216).

¹⁶⁸ Sobre o relato deste caso pela autora, ver Deutsch (1999[1951]). Vale ressaltar que o estaremos examinando na seção 4 deste mesmo capítulo.

destes meninos responsável, ao menos em parte, pelo deleite materno? Teria sido, justamente a intensidade do deleite vivido pela mãe, o responsável pelo enfraquecimento do pai em sua função? Talvez precisemos de mais elementos para refletir sobre a questão.

No caminho de promover o recenseamento destes elementos, cabe então ressaltar que, apesar de Lacan se referir ao pai sempre como função – uma função que poderia, portanto, ser exercida por qualquer outro, desde que este outro sustentasse com sua palavra a dimensão simbólica da lei, lei da interdição do incesto, lembremos – em alguns momentos ele mesmo, Lacan, se serve da presença real e efetiva do pai para indicar sua importância para a resolução edípica da criança. Seu exame sobre um outro caso de fobia – agora numa menina – ilustra esta perspectiva, e talvez seja importante ponderar sobre suas razões.

A menina em questão foi paciente de uma das discípulas de Anna Freud e desenvolveu, ao ingressar na fase fálica, uma fobia de cachorros. A menina era criada num educandário, só vendo a mãe a intervalos regulares e, portanto, não compartilhando com ela seu dia-a-dia; o pai, tinha sido morto na guerra. É então quando descobre sua própria castração e a ela associa a castração da mãe – castração, diga-se de passagem, sustentada imaginariamente pelo fato de a mãe, em determinado momento e por conta de uma cirurgia, vir visitá-la demonstrando estar frágil e debilitada – que a fobia desta menina eclode. Eclusão que, na opinião de Lacan (1995[1956-57]), seria tributária da ausência de um terceiro termo capaz de sustentar a relação entabulada entre ela e a mãe (p.81). Se o cachorro vem cumprir então, ainda que simbolicamente, a função imaginária de castrar e morder – dando sentido ao conjunto da situação (p.81) – Lacan parece sugerir que a eclusão da fobia nesta menina foi ocasionada pela ausência real de um pai, aquele capaz de oferecer um elemento imaginário associado a sua potência, elemento passível de ser buscado como dom na cadeia simbólica. De fato, no momento em que a mãe se casa de novo, e esta menina passa a viver numa casa com mãe, padrasto e irmão postico, sua fobia se dissipa (p.75).

Vale notar, então, que ainda que Lacan apele ao elemento simbólico que estaria faltando no circuito imaginário da menina com a mãe para explicar a eclusão da fobia, esta acaba articulada muito mais à ausência real de um pai – ausência que não só lhe dificultava significar o desejo da mãe para além dela mesma, mas que transformava o falo num objeto inatingível – do que à prevalência de um maciço desejo da mãe. Aparece, aqui, portanto,

uma diferença em relação ao que pode ser derivado do exame dos casos de fobia nos meninos, nos quais, se por um lado faltou o pai como função – apesar do pai da realidade estar ali – esta falta foi potencializada por ambas as mães, que reduziam a criança a viver nas malhas de de seu desejo.

O lugar ocupado no imaginário destas mães por estas crianças nos leva a considerar que o fato de ter um filho ou uma filha pode fazer diferença para uma mulher, principalmente porque não nos parece ser devido ao acaso que a eclosão da fobia nos meninos se articule à angústia originada pelo maciço desejo da mãe em relação a eles – transformados em objeto fálico – enquanto a eclosão da fobia na menina se articula ao próprio horror da criança em se sentir sem saída face à percepção da castração.

Ainda que tais considerações estejam longe de poderem ser generalizadas – o que significa dizer que, mesmo uma menina pode, perfeitamente, aos olhos da mãe, cumprir imaginariamente a mesma função de um menino – entendemos que elas não deixam de levantar uma questão clínica importante, especialmente para aqueles que se dedicam à clínica psicanalítica com crianças. De certo modo, o que estes casos convidam a pensar é que, enquanto a fobia nestes meninos parece articulada à significação dada por eles ao desejo da mãe, sendo esta significação justamente que os lança na angústia por se pressentirem ocupando ali o lugar do objeto fálico – embora se sentindo muito longe de poder cumprir efetivamente sua função, que parece ser o caso de Hans, ou por perceberem sua posição de submetimento, que parece ser o que aciona a fobia de galinhas do paciente de Deutsch – a fobia na menina parece acionada justamente pela falta de significação emprestada ao desejo materno. Assim, se a fobia nos meninos estaria referida a uma dificuldade em desvencilhar-se do desejo fálico da mãe, a fobia das meninas poderia estar mais associada à dificuldade de situar o falo num lugar a ser buscado.

Seguindo o rastro destas indicações, pode-se pensar que o fato de uma mulher, a partir de determinado momento em sua posição de mãe, poder desejar um homem para além do filho pode ser de crucial importância para a criança – para um menino, por fazer valer a lei da interdição; para a menina, por apontar-lhe um caminho diante da constatação da castração.

Fazendo menção ao que pode estar em jogo nas relações da mulher com uma criança, Lacan comenta:

"(...) trata-se de saber qual é a função da criança para a mãe, e com referência a este falo que é o objeto de seu desejo. (...) Não é, em absoluto, a mesma coisa o fato de a criança ser, por exemplo, a metáfora de seu amor pelo pai ou a metonímia de seu desejo do falo, que ela não tem e não terá jamais." (Lacan, 1995(1956-57):248)

A nossos olhos, este comentário não só vem dar suporte a nossas impressões anteriores, como vem também mostrar o quanto a relação de uma mulher com seu filho é tributária de da relação com seu próprio pai, no Édipo por ela vivido. Talvez isto possa explicar porque as mulheres que tiveram com o pai uma relação marcada por abusos acabam investindo pouco no desejo de maternidade. O que nossa clínica vem informar é que, mesmo quando acontece de se tornarem mães, é muito mais para realizar um desejo do parceiro do que por anseio próprio, ainda que este filho logo se alinhe, para ela, como equivalente do falo desejado.

Por outro lado, talvez testemunhando claramente a função primordialmente simbólica do pai – função que, como já vimos, exclui a necessidade de um pai no plano da realidade da criança, bastando que haja um 'pai' a fazer parte de sua realidade psíquica – o que a clínica também vem informar é que, mesmo as mulheres que não tiveram um pai no sentido civil do termo (ou seja, aquelas que foram registradas apenas com o nome da mãe), – e tanto quanto aquelas que perderam o pai ainda quando bebês – são capazes de construir, graças a uma lei portada pela mãe, um pai idealizado que agencia, inconscientemente, seu desejo por um filho, assim como seu anseio em viver a experiência da maternidade.

Entretanto, a clínica também vem informar que, para que o desejo de um filho possa surgir como uma metáfora do amor pelo pai, é indispensável que o pai da realidade possa, de fato, incluir sua filha num sistema simbólico regido pela lei das trocas, isto é, é preciso que possa inscrevê-la como algo a ser endereçado a outro homem – tomado por ele não como rival imaginário, mas em pé de igualdade simbólica: ou seja, como um homem que também vai poder ser pai um dia. Quero com isto assinalar que, em minha opinião, uma mulher desejar um filho não basta por si só como indicador de que este desejo é um desejo já metaforizado, pois se este desejo da mulher, depende, de um lado, da possibilidade de ter renunciado ao pai como objeto primitivo, depende, também, da qualidade do amor de seu pai. De novo, aqui – e tanto quanto no que deve ocorrer por ocasião da constituição da metáfora paterna – o desejo do filho surgir como a metáfora do amor do pai resulta numa possibilidade de substituição. Do contrário – quer sustentada pela fantasia da mulher (o que

faria do filho o filho do amor 'do' pai, em seu duplo sentido), quer apoiada por um amor incondicional e absoluto do pai no plano da realidade – a metáfora se dissolve, dissolução que estaria, muitas vezes, na raiz das dificuldades enfrentadas por algumas mulheres em engravidar. Um comentário de Lacan (1999[1957-58]) pode servir de referência para estas considerações:

"O que estrutura na base a relação edipiana, como nos demonstra efetivamente qualquer análise correta, é que a mulher tem de se propor, ou, mais exatamente, tem de aceitar a si mesma como um elemento do circuito das trocas." (Lacan, 1999[1957-58]:296

Mas, se ingressar num sistema de trocas implica, para o sujeito, em ter acesso não só ao falo em sua dimensão simbólica (dimensão em que o falo se coloca como aquilo que pode ser buscado na cadeia dos dons), mas operar e deslizar na cadeia simbólica em função da determinação significativa do falo – determinação que, como já adiantamos, levaria a mulher a ocupar na parêntese sexual a posição de 'ser' o falo, ou seja, o significante do desejo do homem –, foi tratando do que estaria em jogo no percurso edípico da menina que Lacan veio a nos falar sobre os possíveis impasses, por ela vividos, neste caminho. Tais impasses afetariam sua posição na referência ao desejo, podendo ainda repercutir na forma como a menina chega a assumir seu sexo, o que produz conseqüentemente, efeitos no exercício de sua vida erótica. Sobre estes pontos, estaremos, nos debruçando a seguir.

3.3 – A MASCARADA E SUAS RELAÇÕES COM A FUNÇÃO DO FALO

*Por mais verdrängt que possa ser a função do falo,
é justamente a ela que correspondem as manifestações
do que é considerado feminilidade."*

(Jacques Lacan)

Paralelamente às considerações tecidas sobre o complexo de Édipo em sua articulação com o desejo da mãe e a função do pai, Lacan foi desenhando o que estaria em jogo para a menina a partir da incidência da castração, tendo em vista que esta seria a questão central implicada no percurso edípico. Neste caminho, especialmente ao longo dos anos de 1957 e 1958, retomou e reviu aquilo que seus antecessores haviam considerado em relação a este ponto para assinalar como a dialética fálica estaria implícita nestas formulações anteriores, ainda que geralmente abordada e apreendida apenas em sua dimensão imaginária.

Por conta disto, grande parte do elenco das produções por nós privilegiadas ao longo dos dois primeiros capítulos¹⁶⁹ passou, então, pelo crivo de seu exame, um exame focado em relação a alguns aspectos escolhidos; dentre estes, o que tinha sido considerado em relação à fase fálica na menina, o que tinha sido produzido sobre a questão do complexo de masculinidade, e o que tinha sido proposto a respeito da identificação da menina com o pai. Foi ainda este exame que serviu a Lacan como pano-de-fundo para aquilo que, em sua convocação para um congresso sobre a sexualidade feminina, emergiu como merecendo uma nova apreciação e um novo olhar.

Concentrando, então, nosso próprio olhar sobre o que Lacan veio a considerar como estando no centro da questão da castração, tal como vivida pela menina, vale a pena ressaltar a maneira como, no seu entender, ela resolveria, no terceiro tempo do Édipo, seu anseio pelo falo: indo buscá-lo no pai, ou seja, indo na direção daquele que o tem, para obtê-lo de forma simbólica (Lacan, 1999[1957-58]:202).

Entretanto, é preciso convir que, entre constatar em seu próprio corpo a falta de um pênis e ir buscar, no pai, o falo em sua dimensão simbólica há uma enorme distância, o que exigiria um significativo trabalho psíquico. Detendo-se, então, sobre a forma como a

¹⁶⁹ Lacan (1999[1957-58]) examina, dentre outros, os trabalhos de Jones, Klein, Horney, De Groot, Deutsch e Rivière. Ver, a este respeito, especialmente, pp.280-329 e pp. 264-65.

menina apreenderia simbolicamente o falo, Lacan considera que esta apreensão ocorreria na medida em que a menina fosse percebendo o interesse e o desejo da mãe em relação ao pai – interesse que poderíamos creditar a uma resposta da mãe à entrada em cena do pai no circuito entabulado entre ela e a filha. Esta apreensão incluiria, no entanto, diferentes etapas. Em primeiro lugar, Lacan (1995[1956-57]) se refere à percepção feita pela menina da insatisfação materna na própria relação com ela, a filha. Assim, tanto o nascimento de outra criança quanto o progressivo desinteresse da mãe pela menininha viriam forjar uma primeira impressão de que o interesse da mãe estaria em outra parte. Seguindo de novo Lacan, vamos ver que ele situa, como uma segunda etapa na apreensão do falo pela menina, a percepção do interesse da mãe pelo pênis do pai. Como terceiro passo, a própria menina se voltaria, então, para o pai querendo ter aquilo que ele tem – orientada, em nossa ótica, pelo desejo da mãe, ou seja, querendo ter aquilo que entende ser o que a própria mãe quer ter¹⁷⁰. Finalmente, ele situa como o último passo neste percurso, a renúncia da menina ao pênis do pai como pertence e sua substituição pelo desejo de um filho. Vejamos como sumariza este percurso:

“Poderíamos dizer que o falo, a menina o tem mais ou menos situado, ou aproximado, no imaginário onde ele se encontra, no mais-além da mãe, através da descoberta progressiva feita por ela da insatisfação fundamental experimentada pela mãe na relação mãe-criança. Trata-se então, para ela, de deslizamento deste falo do imaginário para o real (...). A menina encontra, então, o pênis real ali onde ele está, mais além, naquele que pode lhe dar a criança, a saber, nos diz Freud, no pai. É na medida em que ela não o tem como pertence, é mesmo na medida em que renuncia a ele, claramente, nesse plano, que ela poderá tê-lo como dom do pai.” (Lacan, (1995[1956-57]): 208-9)

Assim, na ótica de Lacan (1995[1956-57]), a "fixação no pai como portador do pênis real, como aquele que pode realmente dar a criança" (p.207), faz com que o Édipo da menina – "como caminho de integração na posição heterossexual típica" (p.207) – possa ser tomado como "muito mais simples" (p.207) do que o do menino. Lacan (1999[1957-58]) chega mesmo a considerar que seria na entrada do complexo de Édipo que se dariam, para a menina, as maiores dificuldades, "ao passo que no fim, a solução é facilitada, porque o pai não tem dificuldade de se fazer preferir à mãe como portador do falo" (p.179).

¹⁷⁰ A este respeito, vale dizer que entendemos que uma identificação de tipo histérico regula este movimento da menina em relação ao pai. Ver Utchitel (1997-8), pp. 28-9.

Mas, se há, nitidamente, uma inveja do pênis a regular o movimento da menina em direção ao pai, o que Lacan (1999[1957-58]) também faz questão de enfatizar é que esta inveja do pênis se expressa de diferentes maneiras, dependendo da modalidade de falta em questão, ou seja, em função daquilo que, a cada momento, orienta o anseio da menina. Entendemos que estas diferentes formas de inveja do pênis teriam sido percebidas por seus antecessores, embora consideradas isoladamente, sem se revelarem integradas em um percurso e subordinadas à função do falo. Indica, então, que três manifestações desta inveja do pênis ocorreriam em função do ingresso da menina na fase fálica: a fantasia, às vezes guardada e conservada por muito tempo, de que o clitóris seria um pênis; o movimento de dirigir-se ao pai para buscar o que é desejado (o pênis real), ao descobrir que este pênis é ele que o tem; e, finalmente, a fantasia de ter um filho do pai, ou seja, possuir o pênis sob uma forma simbólica (pp.288-9).

Entretanto, o ponto que Lacan faz questão de ressaltar é que apenas a primeira das manifestações desta inveja resulta da dialética da castração, dialética que "amputa simbolicamente do sujeito alguma coisa imaginária" (Lacan,1999[1957-58]:289). Assim, ao colocar na conta da frustração a segunda das manifestações desta inveja e na da privação, a terceira, tenta demonstrar não só a assertividade de Freud ao abordar esta questão, mas os desvios e equívocos a que muitos de seus sucessores tinham sido conduzidos ao tomarem 'gato por lebre'. Recorda, então, a abordagem freudiana da castração, no que diz respeito à menina:

"Haja o que houver com sua concepção, Freud está no caminho certo quando nos detalha a posição da menina em relação a seu clitóris - num dado momento, *ela tem de renunciar aquilo que conservava pelo menos a título de esperança, ou seja, renunciar a que, cedo ou tarde, ele se torne uma coisa tão importante quanto um pênis (...)*".

(Lacan,1999[1957-58]:289. Grifos nossos)

Observe-se, então, que abrir mão da idéia ou da esperança de possuir em seu corpo um homólogo do pênis – o que significa poder não só se reconhecer, mas 'aceitar-se' imaginariamente castrada – é aqui essencial para o que o caminho da menina prossiga em direção à resolução do Édipo. Seria, portanto, o reconhecimento de não portar este órgão no corpo que lhe permitiria deslizar em sua trajetória edípica, invejando, na sequência, o pênis real do pai para, finalmente, desejar um filho como seu substituto simbólico. Ir buscar este substituto simbólico, inclui, portanto, não só aprender o falo como simbólico (ou seja,

como algo que pode ser 'recebido' como dom), como tomar o pai como objeto de amor, creditando a ele a possibilidade de 'dar' o falo.

Mas, ainda que o pai se coloque facilmente para a menina como aquele que acaba por se fazer preferir à mãe, Lacan (1999[1957-58]) não deixa de ressaltar que ocorreria, na última etapa do Édipo, uma inevitável privação, capaz frequentemente de gerar dificuldades, uma vez que receber um filho do pai é um anseio fadado ao fracasso. Em sua ótica, este seria então um momento de encruzilhada para a menina, encruzilhada que a obrigaria ou a "renunciar a seu objeto, isto é ao pai" (p.362), ou a "renunciar a seu instinto, identificando-se com o pai" (p.362). Esta consideração de Lacan não deixa de exigir alguns comentários de nossa parte e de comportar, por parte dele mesmo, a necessidade de fazer alguns desdobramentos .

Embora o uso do termo 'instinto' possa nos espantar à primeira vista – por escapar não só ao vocabulário usual de Lacan, mas por fazer parte de uma categoria de idéias, desde sempre, por ele recusada – ele parece servir, aqui, para que possa enfatizar justamente o quão pouco de instintivo estaria na raiz ou na origem de qualquer anseio feminino, mesmo aquele mais natural e referido à maternidade. Neste sentido, Lacan (1999[1957-58]) dá destaque ao dilema – "insolúvel", em sua ótica (p.362) – a que as mulheres estariam presas, dilema "em torno do qual seria preciso colocar todas as manifestações típicas de sua feminilidade, neuróticas ou não" (p.362). Este dilema diria respeito ao fato de que, para encontrarem sua satisfação haveria, de início, o pênis do homem e depois, por substituição, o desejo de um filho, entrando o próprio pai, no início deste percurso, "já na posição de substituto daquilo em que ela se viu inicialmente frustrada" (p.362); a constatação da castração da mãe e de sua própria castração seria o solo desta frustração inicial. Deste modo, mesmo uma satisfação "tão intrínseca, tão fundamental, tão instintiva quanto a da maternidade" (p.362), só seria alcançada "pelos caminhos da linha substitutiva" (p.362). Seguindo esta trilha, ressalta, então, o ponto de que nos ocupamos na seção anterior:

"É na medida em que o pênis é, a princípio, um substituto - eu chegaria até a dizer um fetiche - que também o filho, sob certo aspecto, é posteriormente um fetiche. São essas as vias pelas quais a mulher se aproxima, digamos, do que é seu instinto e sua satisfação natural." (Lacan, 1999[1956-57]:362-3)

Entretanto, se no plano da satisfação, o pênis invejado pode ser buscado em sua forma substitutiva – o filho – Lacan (1999[1957-58]) faz questão de ressaltar que, no que

diz respeito ao desejo, a mulher se vê "ligada à exigência implicada na função do falo" (p.363), qual seja:

"(...) a de *ser*, até certo grau, que é variável, *esse falo*, na medida em que ele é o próprio signo do que é desejado". (Lacan, 1999[1957-58]:363. Grifos nossos)

A isto, acrescenta que as manifestações da feminilidade corresponderiam à função do falo, pois "o fato de a mulher se exhibir e se propor como objeto do desejo, identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito como falo desejado, significante do desejo do Outro" (Lacan, 1999[1957-58]:363).

De certo modo, Lacan já distingue aqui, dois planos da relação da mulher com o falo, o primeiro dando conta do destino de sua inveja no plano da satisfação – que a maternidade poderia vir 'resolver' – e o segundo dando conta da posição a ser por ela assumida na parêntese sexual, plano em que aquilo que é da ordem da feminilidade poderia ou não ser atingido, dependendo da forma como assume, em seu ser de sujeito, esta identificação com o falo em sua dimensão puramente significativa.

Em função disto, podemos deduzir que a opção da menina em 'renunciar ao pai como objeto', na última etapa do Édipo, implicaria na possibilidade de 'ultrapassar' o que está em jogo no complexo – ter o falo – para sê-lo diante de outros homens, possibilidade que a obrigaria a abrir mão do último dos objetos primitivos para colocar-se na ordem de fazer-se de objeto na corrente das trocas. Sobre isto, Lacan afirma:

"Ou a criança entra na dialética, faz-se objeto na corrente das trocas, num dado momento, renuncia a seu pai e a sua mãe, isto é, aos objetos primitivos de seu desejo, ou então, ela conserva esses objetos. Ou seja, mantém neles alguma coisa que é muito mais que o valor, pois o valor é justamente aquilo que pode ser trocado." (Lacan, 1999[1957-58]:)

Mas, ainda que possamos acompanhar o raciocínio de que seria fundamental para o sujeito, independentemente de seu sexo, abrir mão dos objetos primitivos para aceder a seu próprio desejo, a questão que se coloca é: sob que circunstâncias se daria, para a menina, o abandono do objeto paterno, uma vez que o terceiro tempo de seu percurso edípico se caracteriza, justamente, por seu movimento amoroso em direção a ele? Ao lado desta, duas outras questões podem ser levantadas: qual seria o destino daquelas que não efetuam a renúncia da demanda amorosa ao pai, e qual o daquelas que renunciaram a esta demanda, identificando-se ele?

O que Lacan vai sugerir é que seria justamente em torno deste eixo – o da relação com o pai – que se desdobrariam as dificuldades vividas pela menina capazes de determinar as diferentes posições que ela pode ocupar na referência à sexualidade: a histeria, a neurose obsessiva e a homossexualidade. Para acompanharmos, no entanto, o que estaria aí em jogo, é importante não perder de vista que a função do pai no complexo de Édipo seria, primordialmente, a de instalar no inconsciente da criança uma metáfora com valor significante, metáfora capaz de ordenar suas relações com o desejo, ou seja, fornecer-lhe uma referência identificatória a partir da qual se tornaria possível fazer-se representar, como sujeito, através dos significantes oferecidos pela cadeia simbólica.

Entretanto, se no que diz respeito ao menino, e em termos gerais, a constituição desta metáfora 'resolve' a ameaça imaginária da castração ao produzir a identificação com o pai no plano do Ideal-do-eu – fazendo com que o menino, ao menos em termos normativizantes, possa 'botar seus trunfos no bolso' e situar-se em termos significantes identificado aos ideais do seu sexo – para a menina, a situação é bem outra. A dissimetria de seu percurso em relação ao do menino ganha, aqui, em nossa ótica, toda a relevância.

Em trabalho anterior¹⁷¹, tivemos oportunidade de abordar a difícil dialética implicada no percurso identificatório da menina ao longo do Édipo e chegamos à consideração de que, para se constituir como sujeito, não haveria para ela outra alternativa senão a de se identificar com um significante paterno, um significante, entretanto, incapaz de conferir-lhe uma identidade propriamente feminina. Ainda naquele momento, destacávamos não só como este tipo de identificação simbólica levaria forçosamente a mulher – e especialmente a mulher histérica – a se interrogar sobre a feminilidade, mas a lançar mão de identificações imaginárias. Estas últimas, quase necessariamente, teriam que vir em seu socorro, tendo em vista que o lugar inconsciente 'de onde' desejaria como sujeito se mostraria contraditório em relação a 'o que' desejar como mulher¹⁷².

Acompanhando Lacan, veremos como ele veio a tratar das identificações envolvidas nas diferentes saídas encontradas pela menina face à demanda dirigida ao pai no Édipo,

¹⁷¹ Ver, a este respeito, Utchitel (1997-8) pp.17-32.

¹⁷² Já neste artigo de 1997-8 (p.30, N.3), creditávamos a Souza (1994) o uso original das expressões 'de onde' e 'o que' desejar, em função do registro implicado na identificação: simbólico ou imaginário. Para maiores detalhes, ver Souza (1994), p.X do anexo: "A identidade e as identificações".

aparecendo, na raiz destas identificações, a renúncia e a recusa em receber deste pai aquilo que move o complexo edípico.

Se partirmos do exame empreendido por Lacan (1999[1957-58]:304-7) acerca do que estaria em jogo nos casos em que uma clara manifestação do complexo de masculinidade na vida das mulheres pôde ser observada, veremos que ele defende a perspectiva de que este complexo não seria o 'efeito direto' de uma inveja do pênis, como muitos analistas tinham interpretado. Em sua ótica, o fato da menina se interessar pelo pênis real do pai – aspecto ressaltado por muitos analistas – seria já o indicador de que ela estaria imersa no terceiro tempo do Édipo, pois é neste tempo que o pai se afigura como aquele que 'tem' o falo, sendo, em função disto, que a menina tem, em relação a ele, uma expectativa, ou seja, espera dele alguma coisa. Observe-se, então, que Lacan, com esta consideração, coloca a manifestação do complexo de masculinidade – um complexo que estaria presente nos casos de homossexualidade feminina, mas que não seria exclusivo deste tipo de estruturação – como uma das saídas possíveis do complexo edípico. Marcar este ponto tem o objetivo de deixar claro que qualquer um dos destinos da mulher na sexualidade seria o resultado do investimento da menina em relação ao pai edípiano.

Entretanto, Lacan (1999[1957-58]) não deixa de reconhecer que ocorre algo paradoxal nestes casos, tendo em vista que, ao invés de persistir em sua demanda, a menina acaba renunciando a ela. Considera, então, que esta renúncia é que responderia pela emergência do complexo de masculinidade, uma vez que produziria na menina o efeito de se 'transformar' no pai – ou seja: se tornar o pai no plano do Ideal-do-eu. Esta circunstância afetaria os destinos ou as vicissitudes de seu desejo, tendo em vista que o desejo apaixonado que a movimentava no início, por causa desta identificação, seria transformado. Assim, aquilo que era um desejo apaixonado, "um apelo feminino" (p.307) pode se transformar, por exemplo, no desejo de exibir as insígnias fálicas.

Lacan (1999[1957-58]) ressalta, no entanto, que esta identificação com as insígnias viris do pai no plano do Ideal-do-eu não necessariamente transformaria esta menina num homem, uma vez que ela poderia se apresentar sob a "máscara das insígnias da masculinidade" (p.306) colocando tais insígnias "sobre o que há de parcialmente indiferenciado em todo sujeito como tal" (p.306). Faz questão de enfatizar, também, que tais insígnias seriam sempre elementos significantes, ilustrando esta perspectiva com a

consideração de que seria isto que estaria em jogo quando uma mulher, por exemplo, menciona que 'tosse como o pai' (p.306). Em última instância, este tipo de identificação estaria articulada à renúncia da menina em persistir na dirigida ao pai, renúncia que a deixaria, muito provavelmente, menos dependente de uma demanda ao Outro¹⁷³. Acompanhando, contudo, o exame empreendido por Lacan acerca das diferentes estruturas clínicas originadas pelos impasses da menina em seu trajeto edípico, veremos o quadro referencial identificatório, até agora apenas insinuado, se delinear com maior clareza.

A forma como Lacan aborda a histeria indica, genericamente, que este tipo de estruturação estaria relacionado ao fato da crise edípica não ter podido ser ultrapassada pela menina, em função dela viver como uma frustração a inevitável privação a que estaria condenada sua demanda dirigida ao pai. Em função disto, um complexo processo identificatório sustentaria a relação da histérica com seu desejo. A manutenção da demanda amorosa dirigida ao pai poderia surgir, então, como indispensável à manutenção de sua própria posição de sujeito. Em outras palavras, o amor do pai é que daria, à sua posição de sujeito, alguma consistência imaginária. Neste tipo de estruturação, então, se o que seria da ordem de um sentimento de 'esperança' em relação à obtenção do falo não chega a desaparecer, este falo é reivindicado como sendo devido 'por direito'; acaba muitas vezes, em função disto, sendo usado 'por procuração'.

Neste sentido, veremos que Lacan (1995[1956-57]) entende a histeria de Dora como referida a uma frustração do lado do amor (p.132), mas uma frustração no plano do amor determinada pelo fato do amor se colocar, para ela, como um signo capaz de suprir aquilo que, no plano da realidade, seu pai não poder lhe dar por ser um homem impotente. Lacan ressalta que Dora teria chegado à última etapa do Édipo, sem contudo conseguir ultrapassá-la completamente (p.141), pesando nesta dificuldade o fato de seu pai, de fato, se mostrar impotente como doador do objeto ansiado. Em função desta circunstância, receber dele o amor se constituía para ela em receber o falo; em função disso também, imaginar-se fora do circuito amoroso do pai teria se mostrado, para ela, insurportável, desencadeando sua crise

¹⁷³ Millot (1989[1988]) tece interessantes considerações a este respeito, articulando a falta de demanda ao Outro evidenciada nestes casos com a constituição de uma instância superegóica muito próxima da que estaria em jogo nos casos de neurose obsessiva no homem. A oposição entre 'demanda do Outro' e 'demanda ao Outro' lhe serve para mapear a distinção entre esta 'solução' edípica da mulher e aquela em que haveria uma predominância da inveja do pênis. Ver, especialmente, pp. 33-41.

(p.146) – uma crise sustentada, lembremos, pela circunstância de imaginar-se ocupando a posição de um mero objeto de troca.

Um ano mais tarde, Lacan (1999[1957-58]) retomou o exame do caso de Dora para ressaltar o quanto o objeto de seu desejo era o objeto de desejo do pai: a Sra. K (p.381) – objeto que ela abordava lançando mão da máscara construída pelas insígnias fálicas fornecidas pelo Sr. K. (p.381). Esta identificação de Dora com o Sr. K., seria, no entanto, uma identificação egóica (p.381) e que teria se tornado 'necessária' face a carência paterna em portar o falo em sua versão imaginária. Assim, o fato de seu pai ser impotente no plano da realidade, fez com que ela 'precisasse', no plano imaginário, se identificar ao Sr. K. Este, tinha aquilo que seu pai não tinha – a potência viril – sendo a partir desta identificação que seu objeto de desejo podia ser abordado. Observe-se, então, que Dora, em sua posição histórica, desejava do ponto em que se identificava com o pai, embora precisando, a isto, agregar uma identificação imaginária com o Sr. K.. A sustentar seu desejo, o próprio desejo barrado do pai, um desejo que não tinha como realizar-se. No contexto destas considerações, a ênfase de Lacan (1999 [1957-58]) recai sobre o fato do desejo da histórica não só se sustentar como desejo do Outro, mas se instituir como um desejo barrado, insatisfeito (p.381).

Acompanhar a maneira pela qual a frustração de Dora em seus anseios a conduziu a uma estruturação de tipo histórico nos leva, entretanto, a levantar uma questão. Se não chega a ser verdade que todos os pais de mulheres históricas são impotentes, por quê, então, a frequente alusão da histórica a um pai insuficiente, muito próximo da impotência – e, portanto, muito próximo do pai de Dora? Talvez possamos pensar que esta alusão a uma impotência ou a uma insuficiência do pai seria o resultado do fato de nenhum pai poder mesmo estar à altura dos anseios de sua filha, isto é, estar à altura de responder às exigências implícitas nas demandas a ele endereçadas – já que ele seria marcado pela castração, ou seja, pela lei. Entretanto, se o que surge na queixa da histórica a respeito do pai é a insuficiência deste pai, vale notar que o próprio fato de demandar ao pai tantas exigências seria um indicador da dificuldade da histórica em imaginá-lo como castrado. Entendemos que é isto que Lacan (1992[1960-61]) põe em destaque quando nos diz que o Outro da fantasia da histórica é um Outro não-castrado (p.244), o que permite pensar que seria difícil, para uma menina, vislumbrar a castração naquele que, em linhas gerais e em

primeira mão, é o único que pode vir em seu socorro: o pai – a menos que sua mãe insista em mostrar seu próprio descontentamento em relação a ele; mas isto, como veremos, irá gerar, na menina, um destino diferente deste de que estamos tratando. Tomadas em seu conjunto, estas considerações nos conduzem então a pensar que a falta imaginária de que a histérica se sente portadora pesa sobremaneira nas relações entabuladas com o Outro, fazendo com que acredite que aquilo que a ela falta, o Outro tem para lhe oferecer.

O intrincado e complexo tecido identificatório sobre o qual repousaria a relação da histérica com seu desejo acabou levando Lacan (1999[1957-58]) a sintetizar aquilo que, em última instância, refletiria a posição da mulher na histeria: "empurrar o que é para o parecer" (p.392). Comenta, então que:

"Como mulher ela [a histérica] se faz máscara. Faz-se máscara precisamente para, por trás dessa máscara, ser o falo." (Lacan, 1999 [1957-58]:392)

Seguindo em suas considerações, pinta um quadro da "conduta fundamental da histérica" (p.393) para daí extrair seu sentido:

"A provocação da histérica tende a constituir o desejo (...) *ela indica o lugar* - para além da aparência, da máscara - de algo que é apresentado ao desejo, e que, naturalmente, não pode ser oferecido a seu acesso, já que se trata de algo que é apresentado por trás de um véu, mas que, por outro lado, não pode ser encontrado ali." (Lacan, 1999[1957-58]:393)

Neste momento, a referência de Lacan (1999[1957-58]:393) à histérica que leva a mão ao corpete não para que o homem o abra, mas para que o homem aponte, com seu olhar, o significante do desejo, ou seja, o falo que ali por trás se esconderia – apesar de não poder ser 'encontrado' ali –, ilustra bem, em nossa opinião, como a histérica usa sua máscara. A histérica seria, então, aquela que mais claramente expressaria toda a intrincada relação existente, no sujeito humano, entre o desejo e o desejo do Outro. No caso dela, em particular, a máscara lhe serviria para que pudesse encontrar, pelo desvio feito ao Outro, alguma referência para seu próprio desejo.

Se passarmos agora para as considerações tecidas por Lacan (1995[1956-57]) sobre o caso freudiano da jovem homossexual, verificamos que ele situa a frustração do objeto em jogo na demanda da menina ao pai do Édipo – o pênis em sua versão simbólica – como aquilo que teria sido central à estruturação desta moça (p.139). A referência de Lacan a vivências de frustração, tanto na histeria de Dora quanto na estruturação de tipo perverso desta jovem, não deve aqui ser desprezada, pois enquanto a privação – ou seja, a falta que

irremediavelmente a menina estaria destinada a viver no final de seu percurso edípico – diz respeito à falta real de um objeto simbólico (objeto que, portanto, pode ser buscado na cadeia dos dons), a frustração se refere a um dano imaginário produzido pela falta de um objeto real, sendo também uma dialética regulada especialmente, como já destacamos anteriormente, pelo amor. Neste sentido, receber do Outro o que é ansiado corresponderia, acima de tudo, a se sentir amado pelo Outro; nesta dialética, o objeto vale, então, como 'dom'. Assim, se o amor enquanto signo do falo é o que desmorona no caso de Dora a partir de algo circunstancial que o Sr. K. lhe diz, veremos que uma contingência também muito particular teria vindo desmoronar, para a jovem homossexual, sua esperança de receber aquilo que descortinava, e esperava, como 'dom' do pai; um novo rumo para sua relação com o desejo se estabelece então.

Lacan (1995[1956-57]) enfatiza que a questão central neste caso foi derivada do fato do pai desta jovem ter dado à mãe, e não a ela mesma, o filho que ela tanto desejava. Este acontecimento fez com que o pai, de simbólico – ou seja, um pai de quem uma criança podia ser esperada – passasse para o registro imaginário (p.135). Seria, então, do lugar deste pai imaginário – o pai que tem o pênis – que a jovem abordaria a dama para dar a ela aquilo que é o representante maior do falo em sua dimensão simbólica: o amor. É neste sentido que Lacan considera que a jovem dava o que não tinha, ilustrando a forma masculina de amar que Freud havia captado tão bem ao nos dizer que ela supervalorizava o objeto, renunciava à satisfação narcísica e preferia ocupar a posição do amante. A identificação da jovem, tanto com o pai em sua função (p.130) quanto com o pai como aquele que tem o pênis (p.131), é ressaltada por Lacan, que enfatiza, ainda, como esta identificação fez com que esta jovem se agarrasse a um objeto que não tem o pênis: a dama (p.131). Para Lacan, o eixo da questão amorosa, para esta jovem, estaria orientado não pelo objeto em si, mas por aquilo que o objeto não tem (p.131). Observemos, então, que a recusa em receber do pai o que era esperado passa a predominar a partir do momento em que esta jovem se vê frustrada, gerando uma identificação com o pai que acabaria por resultar na recusa da castração, após o reconhecimento desta.

Se confrontarmos o que desencadeia a histeria de Dora e o que faz com que a perversão da jovem homossexual tome sua arrancada, verificaremos que, enquanto o valor amoroso de uma outra mulher na vida de um homem entra em cena para desalojar Dora do

lugar que se via ocupando no amor do pai, para a jovem homossexual há não só a mãe, mas, principalmente, uma criança que entra em cena – criança equivalente ao objeto simbólico em jogo em sua demanda edípica e que tomou consistência imaginária ao passar a fazer parte do campo da realidade, alimentando, então, seu sentimento ter sido traída pelo pai. A confrontação destes dados nos leva a pensar, então, que a forma pela qual elementos absolutamente contingenciais rebatem no plano do narcisismo respondem pela 'escolha' num caminho ou noutro. Neste sentido, vale pensar que, enquanto a primeira escolha, a histeria, se caracteriza por uma certa eternização da demanda ao Outro em função da castração imaginária se revestir de um certo fulgor – em nossa ótica, o dano imaginário de Dora falaria disto e sua reivindicação de um amor exclusivo por parte do pai seria seu efeito –, a segunda escolha, a da homossexualidade, seria marcada por uma atitude de desafio ao Outro – decaído, então, para a posição de mero outro, semelhante, com quem é possível rivalizar – em que ensinar a ele como um homem deve amar uma mulher muitas vezes se coloca como a mola maior.

Entretanto, se Dora serviu a Lacan para que este pudesse desenhar a estruturação de tipo histérico, e a jovem homossexual a estruturação de tipo perverso, restaria ainda abordarmos de que modo ele considerou a estruturação de tipo obsessivo nas mulheres. Ainda que o próprio Lacan (1999[1957-58]) textualmente afirme que a literatura psicanalítica não dispõe de muitas análises de neurose obsessiva na mulher (p.460), ele se serve do exame desta questão não só para ressaltar "o quanto o que é da ordem da estrutura, na neurose, deixa muito pouca margem à determinação pela posição do sexo, no sentido biológico" (p.460), mas para enfatizar a prevalência do objeto fálico na economia desejante da obsessiva (p.460). Mas, de novo aqui, ressaltar que esta prevalência não seria indicadora do desejo destas mulheres em serem homens, uma vez que, em suas palavras, "talvez não seja a mesma coisa desejar possuir o falo e desejar ser homem" (p.463).

Lacan (1999[1957-58]) localizará a nascente de uma estruturação de tipo obsessivo na relação do sujeito feminino com o desejo da mãe – ressaltando que os obsessivos ilustrariam muito bem o quanto o problema do desejo introduz-se precocemente na vida de todo e qualquer sujeito (p.464) –, mas de tal forma que, o que estará em jogo não será 'ter' isto ou aquilo, mas 'ser' o objeto do desejo da mãe (p.464). Lacan convida a entender, ainda, que a estruturação de tipo obsessivo na mulher estaria articulada a uma diminuição do pai

não pela própria menina – que seria típica na histeria, como vimos, e que surgiria como uma consequência quase inevitável da intensidade dos anseios a ele dirigidos – mas pela mãe que, com um 'amor distante', se distrairia, muito frequentemente, não só da filha, mas do marido (p.518). Vê, ainda – através do caso clínico de que se serve para tecer estas considerações¹⁷⁴ –, na origem deste tipo de estruturação, a expressão intensa e sistemática da demanda de morte, tanto da mãe na referência ao pai quanto na posição subjetiva do próprio pai, um homem nitidamente deprimido (pp.515-6). Considerando os efeitos desta demanda de morte na estruturação da paciente em questão, Lacan comenta:

"No nível do sujeito, essa demanda de morte é mediatizada por um horizonte edípiano que lhe permite aparecer no horizonte da fala, e não em seu imediatismo. Se não fosse mediatizada dessa maneira, não teríamos uma obsessiva, mas uma psicótica. Em contrapartida, na relação entre o pai e a mãe, essa demanda de morte não é mediatizada para o sujeito por nada que ateste um respeito pelo pai, uma colocação dele numa posição de autoridade e de suporte da lei pela mãe. *A demanda de morte de que se trata, no nível em que o sujeito a vê exercer-se na relação entre os pais, é uma demanda de morte diretamente exercida no pai, que vira a agressão dela sobre si mesma, (...).*"

(Lacan, 1999[1957-58]:516. Grifos nossos)

Teria sido neste contexto insistentemente infiltrado pela demanda de morte que a inveja do pênis desta mulher encontrou seu lugar, mas articulando-se ao perigo.

Acompanhando especialmente o que a transferência desta obsessiva com seu analista ia revelando, Lacan (1999[1957-58]) sublinha como, muito frequentemente, a mulher obsessiva se revestirá de paramentos capazes de tomar o valor do falo aos olhos dos homens, excitando-os, mas para decepcioná-los em seu desejo. Neste momento, esta consideração o obriga a fazer uma distinção do que está em jogo na relação com o falo na neurose obsessiva na mulher, tendo em vista o que tinha considerado sobre a 'mascarada' na referência à feminilidade:

"(...) o que ela [a neurótica obsessiva] demonstra (...) ao querer apresentar-se como tendo aquilo que ela sabe perfeitamente não ter, trata-se de algo que tem para ela um valor totalmente diverso, que chamei de valor de mascarada. *Ela faz de sua feminilidade, justamente, uma máscara*" (Lacan, 1999[1957-58]:466. Grifos nossos)

¹⁷⁴ Trata-se de um caso narrado por Bouvet (1950) num artigo intitulado *Incidências terapêuticas da conscientização da inveja do pênis na neurose obsessiva* (Cf.Lacan,1999[1957-58]:460).

Não fica difícil, neste ponto, nos lembrarmos do que estava em jogo para a paciente de Rivière (1929). A fórmula que, segundo Lacan, estaria subjacente a esta máscara da obsessiva seria:

"(...) o desejo original é *Eu quero ser o que ela deseja, ela, a mãe*. Para sê-lo, é preciso que eu destrua o que é, por ora, o objeto de seu desejo."

(Lacan, 1999[1957-58]:466. Grifos do autor).

Assim, se "o sujeito quer ser o que é o desejo da mãe" (p.466), o que ele confunde, segundo Lacan (1999[1957-58]), é que o homem, ou eventualmente o marido, 'seja' este falo (p.466). Daí, sua rivalidade para com ele.

Comparando o que estaria em jogo numa estruturação de tipo histérico e numa de tipo obsessivo, Lacan (1999[1957-58]) destaca que, enquanto a histérica tenta situar as dificuldades de sua posição, e suas incertezas na referência ao desejo, no nível do ideal – lançando mão, para isto, da máscara da identificação –, seria na praça forte de seu ego que o obsessivo, homem ou mulher, se situaria para tentar encontrar o lugar de seu desejo (p.499). Seguindo em suas considerações, Lacan faz notar que em todo obsessivo, ou em toda obsessiva, num momento de sua história surgiria o papel essencial de sua identificação com um outro – colega, irmão ou companheiro; outros semelhantes, portanto – mas um outro que teria a seu favor "o prestígio de ser mais viril" (p.500). Seria através deste outro que o sujeito se complementaria "com uma imagem mais forte do que ele, uma imagem de potência" (p.500). Talvez por esta razão, a máscara portada pela obsessiva esteja destinada a velar o falo enquanto atributo 'conquistado', velando, também, uma posição conscientemente¹⁷⁵ mais masculina – e não a falta de uma identidade propriamente feminina, que estaria na razão da máscara utilizada pela histérica.

Comparar a posição ocupada pela histérica e pela obsessiva na relação com o Outro não deixa de se mostrar, aqui, também interessante. Em nossa ótica, enquanto para a primeira são os outros homens que vêm, por deslocamento, ocupar o lugar antes ocupado pelo pai – Outro não-castrado, como vimos, a quem permanecem endereçando sua demanda amorosa – para a obsessiva, o Outro é de saída, um Outro castrado¹⁷⁶ e, portanto, um Outro a quem ela pode oferecer o falo, em suas versões de prestígio, poder ou dinheiro. Deste

¹⁷⁵ Sobre este ponto, as considerações tecidas por Lacan (1992[1960-61]: 251) são elucidativas.

¹⁷⁶ E aqui, vale a pena, recorrer à fórmula da fantasia obsessiva, tal como indicada por Lacan (1960-61), p.248.

modo, enquanto na histeria há uma castração imaginária operando na relação com o Outro, na obsessiva há a fantasia de que o Outro deseja o falo de que ela mesma é, imaginariamente, a portadora. Assim, não menos que a histérica, a obsessiva tende a 'precisar' da presença de um Outro real a quem possa se sentir 'dando' o falo, o que faz da presença de um homem em sua vida, na maioria das vezes, também uma exigência.

Seguindo ainda o que a clínica nos convida a pensar a partir de tais distinções entre a histérica e a obsessiva, diríamos que, no que diz respeito ao desejo de um filho, enquanto a histérica, diante de uma dificuldade ou impossibilidade de engravidamento, costuma fazer disto o cenário para dramatizar e encenar mais um ponto de insatisfação, a obsessiva vive seu drama num cenário particular, pois admitir publicamente sua dificuldade ou impossibilidade de ter um filho é dar o testemunho de um 'fracasso' e de uma impotência capazes de produzir intensos sentimentos de vergonha¹⁷⁷.

Antes ainda de encerrarmos a abordagem feita por Lacan das máscaras que inevitavelmente precisariam ser usadas pelas mulheres na consumação das vias de seu desejo, observemos que é, justamente, por existirem múltiplas vias para ter acesso ao desejo que diferentes máscaras precisam ser utilizadas. É importante notar que, se o falo é, no final, o significante do desejo e, portanto, aquilo que, de uma forma ou de outra é visado, encarná-lo (que seria típico na histeria) ou camuflá-lo (típico na neurose obsessiva) através da utilização de uma máscara inclui um erotismo que, muito frequentemente, pode tomar a frente da própria consumação do desejo, fazendo desta consumação um mero acessório.

Queremos, além disto, ressaltar que a idéia de máscara foi central ao pensamento de Lacan (1999[1957-58]) – especialmente nesta época – fazendo com que ele viesse mesmo considerar que o próprio desejo estaria sempre ligado a alguma coisa que é sua aparência ou, em outras palavras, sua máscara (p.331). Desejo que nunca estaria diretamente implicado numa relação pura e simples com o objeto que o satisfaz, e que nem se esgotaria na relação com este objeto (p.331).

Mas, se ainda neste momento da elaboração de Lacan, a falta se articula ao falo em sua dimensão significativa, servindo esta dimensão para testemunhar o quanto não seria

¹⁷⁷ Em momento anterior neste trabalho (N.136, p.165) aludimos ao caráter 'solitário' que o sofrimento tomara na vida de algumas mulheres. Em nossa ótica, este traço seria, praticamente, típico na neurótica obsessiva.

possível reduzir o desejo à demanda, pois o desejo sempre a ultrapassaria, pouco mais tarde, tomando exatamente estas relações inaugurais com o Outro, Lacan dará à falta que entra em função no desejo uma dimensão real¹⁷⁸.

Assim, se no final da década de cinquenta, Lacan situava as relações entre os sexos como governadas pela dimensão significativa do falo – sê-lo, para as mulheres, e tê-lo, para os homens – no momento em que desdobra suas elaborações priorizando a dimensão do real, uma outra categoria conceitual passa a ser considerada – o gozo – para situar não só os homens e as mulheres em relação à masculinidade e à feminilidade, mas para também ressaltar a erótica em jogo para cada um deles na parêntese sexual.

Em função disto, antes de abordarmos aquilo que, já ao final de seu ensino, seria tomado como dizendo respeito à sexuação, estaremos, a seguir, voltando nossa atenção justamente sobre o que ele veio a considerar na articulação do real com o gozo.

¹⁷⁸ Real, já agora, referido ao impossível e àquilo que escapa a qualquer possibilidade de dialetização.

3.4 - OS NOVOS PARADIGMAS DE LACAN: O REAL E O GOZO

*" O gozo é real:
no sistema do sujeito ele não é simbolizado,
nem simbolizável."
(Jacques Lacan)*

Ao longo de sua teorização e de seu ensino, Lacan fez deslizar sua ênfase do simbólico para o real, uma vez que a partir da década de sessenta já não seria o simbólico – ou a dimensão simbólica da experiência – que alavancaria suas principais elaborações e sim o real, registro da experiência que escaparia a qualquer possibilidade de dialetização e que, referido ao impossível, emprestaria ao humano não só sua especificidade mas, a cada humano, sua particularidade.

Diferente da noção de realidade e de representação do mundo exterior, o real diria respeito, justamente, ao que seria expulso da realidade através da inscrição simbólica do sujeito, correspondendo, *grosso modo* ao que, em Freud, dizia respeito ao efeito produzido pela operação do recalque originário. Por outro lado, ainda que escapando a qualquer possibilidade de se fazer representar pela linguagem – revelando-se, então, como a não-inscrição mais singular de cada um – o real 'insistiria' ou, dito de outro modo, 'não cessaria de não se escrever', constituindo-se, então, como bem resume Zizek (1992[1990]), "num vazio no meio da ordem simbólica" (p.160) que funcionaria "como um 'buraco-negro' central em torno do qual a rede dos significantes é entrelaçada" (p.160). Este vazio acabou recebendo, ao longo da teorização de Lacan, uma notação: objeto *a*.

Quanto à noção de gozo, Lacan a tomará como distinta não só da noção de satisfação, como também da noção freudiana de prazer, fazendo-a dizer respeito àquilo que tem suas raízes nas relações inaugurais do sujeito com o Outro do desejo. Genericamente falando, o campo de submetimento da criança ao desejo materno é, então, o campo do gozo, ao menos na referência ao suposto gozo absoluto em que, mais do que sujeito, é como 'assujeito', ou como objeto, que o ser primeiramente toma seu lugar. É contudo esta

'suposição'¹⁷⁹ de que o Outro goza que forma o solo da fantasia, construção que surge como uma resposta do sujeito ao enigma do desejo do Outro; deste modo, o fato de o gozo do Outro não existir e ser só suposto não impede que ele cumpra sua eficácia, pois é neste gozo suposto ao Outro e no oferecimento do ser como objeto para que este suposto gozo possa se cumprir que o objeto *a* se institui para o sujeito, como resto desta operação. Neste sentido, vale lembrar que, se há um Outro suposto gozar, no caso a mãe, a função paterna – ao menos em termos normativizantes – vem barrar e interditar este gozo do Outro ou este oferecimento do ser como seu objeto. Através desta operação, ocorre, então, o recobrimento do objeto da fantasia, que passaria a funcionar como objeto causa do desejo. Assim, acompanhando Souza (1994:51), resumiríamos: se o desejo é causado pelo real, é determinado pelo simbólico (p.51).

Utilizando-se de um raciocínio extremamente complexo para tratar destas questões, Lacan veio, a nossos olhos, dar um tratamento dialético àquilo que Klein teria abordado de modo imaginário – ao emprestar ao psiquismo do *infans* conteúdos incorporados porque 'extraídos' do corpo materno –, na medida em que entendia, como subjacente ao pensamento kleiniano, aspectos reveladores dos impasses entabulados entre a criança e o Outro materno. Entretanto, se tanto quanto Klein, Lacan entende a existência do sujeito desejante ser marcada por uma experiência arcaica, diferentemente de Klein não entenderá o bebê, de saída, se relacionando com os objetos mas, ao contrário, se colocando como objeto diante daquele a cuja presença é sensível e de quem depende para suas satisfações mais básicas. Assim, se para Lacan o sujeito se forja – como objeto – a partir do desejo do Outro, ele depende da ordem da linguagem para situar-se como sujeito do desejo diante da ordem simbólica, posicionamento que seria tributário, como vimos, da possibilidade de ser marcado, em seu inconsciente, por um significante. Entendemos que, para Lacan, a experiência crucial do período mais arcaico da existência seria, exatamente, a 'passagem' do ser ao sujeito, um ser que tem que constituir o Outro como lugar simbólico e apagado de

¹⁷⁹ Usar o termo 'suposição' faz com que se pressuponha um sujeito intencionado e pensante. Entretanto, pode-se entender o termo 'suposição' imaginando que a sensibilidade da criança à presença da mãe e o afetamento produzido pelo desejo desta última - tal como vimos no que Lacan (1957-58) chamou de primeiro tempo do Édipo - 'obrigue' a criança a se posicionar face a este desejo sendo, desta ótica, que um gozo desta mãe pode ser suposto, transformando-a, aos olhos da criança, num Outro não-castrado e, portanto, num Outro que tudo pode.

gozo para poder se constituir como sujeito, possibilidade propiciada pela incidência da lei do pai e pela constituição da metáfora paterna.

Para nos falar do real, do objeto *a* e do gozo – pontos que nos interessam especialmente ressaltar aqui –, Lacan geralmente lançou mão da clínica e, mais freqüentemente, daquilo que entendia se passar especialmente na fobia. Tomando por base suas diversas abordagens da fobia, pode-se dizer que ela seria um tipo de 'resposta' do sujeito a uma falha na interdição fundamental realizada pelo pai em relação ao campo de gozo referido ao desejo materno. Seguindo este raciocínio, o objeto fóbico surgiria por conta da urgência da criança em constituir um campo significante minimamente organizado para proteger-se da angústia – angústia que seria uma tradução subjetiva do objeto *a* – gerada pela circunstância de ver-se tomado como mero objeto de gozo da mãe. Chamando atenção sobre este ponto, Lacan diria:

"Vocês vão ver surgir sempre uma fobia na criança nesse momento crítico, que é típico: falta alguma coisa que virá desempenhar o papel fundamental na saída da crise, aparentemente sem saída, da relação da criança com sua mãe."

(Lacan, 1995[1956-57]:407-8).

A defesa constituída pelo objeto fóbico surgiria, então, contra aquilo de que a angústia é o sinal (Lacan, 1997[1962-63]:148) – sinal de que o gozo do Outro estaria em questão, diríamos ou, como bem chama atenção Souza (1994), sinal emitido pelo sujeito "de que foi muito longe na busca do objeto incestuoso do gozo do Outro" (p.135). Vale ainda notar que, se pela angústia o sujeito se vê na iminência de ser tomado pelo Outro como mero objeto de gozo, a constituição de um objeto fóbico acaba respondendo não só por sua preservação narcísica, como também pela possibilidade de minimamente ordenar simbolicamente um campo que estaria para ele desordenado.

Dentre as inúmeras abordagens empreendidas por Lacan acerca da fobia, uma em particular nos parece extremamente elucidativa e rica: trata-se da indicação, por ele fornecida, de um caso de fobia narrado por Helen Deutsch em 1951 – e ao qual já fizemos alusão no momento em que nos debruçávamos sobre a questão do desejo materno¹⁸⁰. Nele, Deutsch relata de tal modo um caso clínico, que facilmente podem ser entrevistas: a relação devastadora da criança com o que ela capta como o desejo da mãe, a operação de

¹⁸⁰ Ver p.206 deste trabalho.

destacamento do objeto *a* como o que é oferecido para que o suposto gozo deste Outro possa se cumprir, e os efeitos provocados pela constituição deste objeto tanto na economia desejante do sujeito quanto no exercício de sua vida erótica, já na idade adulta. Assim, a noção do objeto *a* como causa do desejo, suas relações com o gozo do Outro e o efeito 'apaziguador' da função interditora do pai em relação ao gozo da mãe – função que veio, justamente, a falhar neste caso – são claramente exemplificados através desta narrativa. Abordá-la, aqui, tem então o objetivo principal de sublinhar o caráter aterrorizador da suposição de que o Outro goza, suposição que, se de um lado, dá inevitavelmente suporte à fantasia, de outro, em termos normativizantes, deve ser 'apagada' pela vigência da instalação da lei do pai. Ainda que o destino deste jovem paciente de Deutsch tenha sido a perversão – depois de um tempo em que um objeto fóbico foi por ele constituído como 'tábua de salvação' para sua angústia – acreditamos que nosso exame deste caso ilustrará, claramente, os argumentos que estarão entrando em pauta na abordagem lacaniana da sexualização e da qual estaremos tratando na próxima sessão.

Em sua narrativa, Deutsch (1999[1951]) relata o caso de um rapaz homossexual que aos vinte anos de idade teria sido encaminhado à análise pela família, para que "tentasse se livrar de sua perversão" (p.181), perversão alinhavada por uma fobia muito pouco comum vivida na infância: uma fobia de galinhas. Conta, então, que, se nos primeiros cinco ou seis anos de idade este paciente não lembrava de ter estado doente, com a entrada no período de latência uma "experiência traumática", por ele nunca esquecida, teria vindo não só a desencadear a fobia quanto a sua perversão, funcionando na análise como "ponto de referência" e passagem para "fontes inconscientes mais profundas" (p.181). Deutsch descreve esta situação traumática nos seguintes termos:

"Num dia quente de verão, o menino de sete anos estava brincando com seu irmão mais velho no quintal da casa onde nascera e fora criado. Brincava agachado, quando seu irmão mais velho de repente montou sobre suas costas, segurou-o e gritou: 'Eu sou o galo e você é a galinha'." (Deutsch, 1999[1951]:182)

Para Deutsch (1999[1951]), esta brincadeira teria sido claramente "uma brincadeira de ataque sexual por parte do irmão" (p.182), brincadeira a que seu paciente se recusou veementemente, ainda que tendo que ceder à força do irmão mais forte e mais velho. Pressionado por ele a se manter numa posição em que este o pegava por trás, teria gritado entre lágrimas e raiva: "Não vou ser uma galinha" (p.182). Foi a partir deste episódio que o

menino passou "a evitar as gozações do irmão e as galinhas, com as quais até então não tivera problemas" (p.182). Sobre este ponto reside, talvez, um dos aspectos mais interessantes do caso, descrito em pormenores pela analista quando esta se propõe a nos falar da história anterior deste menino, ou seja, da história anterior à experiência traumática. Ela nos conta que ele era o filho mais novo de uma família de meninos e meninas, sendo também, "o queridinho da mamãe" (pp.182-3) a quem acompanhava em todas as atividades, "grudado na barra de sua saia" (p.183). Quanto à sua relação com as galinhas, destaca que:

"Na verdade, as galinhas já haviam tido um papel importante na sua fantasia, antes da experiência com seu irmão. Sua mãe prestava especial atenção ao galinheiro e o menino participava dessa atividade, ficava fascinado com cada ovo e particularmente interessado na maneira como a mãe apalpava as galinhas para ver se estavam pondo os ovos apropriadamente. Ele mesmo adorava ser apalpado pela mãe e frequentemente, quando ela lhe dava banho, etc., ele pedia brincando que ela o apalpasse com os dedos para ver se ele ia botar um ovo." (Deutsch, 1999[1951]:183)

Vale, então, notar que, se há um campo do corpo próprio, a região anal, que vai se recortando a partir do contato com a mãe – o que é absolutamente freudiano e articulável ao espectro das zonas corporais erogeneizadas pelo cuidado materno – há também, para além disso, a configuração de uma certa 'objetificação' do que poderia ser 'presenteado' à mãe – os ovos – articulada ao que é suposto ser o objeto mais precioso para ela: as galinhas. Em sua narrativa, Deutsch nos diz que este menino:

"(...) enfiava o dedo no ânus, segurava suas fezes ou botava ovos fecais bem redondos em cada canto do quarto e ficava surpreso pelo fato de sua mãe não receber essa prova de amor com o mesmo prazer que ela recebia os ovos." (Deutsch, 1999[1951]:183)

Deutsch não deixa de perceber, no entanto, que:

"Nesses jogos ele tinha um papel duplo: por um lado, ele era mãe, tocando e manipulando com o dedo; por outro, ele era a galinha, sendo tocado e botando o ovo. Este jogo anal ficara oculto pela amnésia e tornou-se consciente somente no curso da análise".

(Deutsch, 1999[1951]:183)

A nosso ver, a riqueza desta passagem fica referida à oscilação entre as posições de objeto e de sujeito (como Outro) que este jogo auto-erótico permite a esta criança ocupar, um jogo em que ou ele é o objeto tocado (a galinha) ou ele é aquela que toca (a mãe, aquela que, a seus olhos, só gosta disso).

Ainda que muito interessante em toda sua sequência, esta narrativa traz à tona dois pontos que nos interessam particularmente aqui e que dizem respeito à perspectiva lacaniana de que caberia ao pai, como função, interditar o gozo, sendo esta interdição o aspecto central da castração. O que vamos, em seguida, destacar é que, embora não operando com a noção de castração como lei do pai, Deutsch traz elementos clínicos que nos permitem entrevistá-la. Em seu relato, Deutsch (1999[1951]) chama a atenção para o fato de que esta análise transcorreu sem que o pai tivesse nela nenhum papel (p.185), não havendo mesmo no texto desta narrativa nenhuma referência a ele; na verdade, as figuras que aparecem nas cenas descritas são a mãe, o irmão e uma governanta. Apesar disto, entretanto – e por tomar como base uma noção de castração vinculada ao registro imaginário da ameaça de amputação – é a angústia de castração que vai servir de paradigma para que Deutsch entenda o que estaria em jogo na constituição desta fobia: o deslocamento de um perigo interno para o mundo externo, através do mecanismo da projeção (p.185). O que ela entende, então, é que o menino separaria a parte de sua personalidade que representaria sua atitude homossexual – a galinha – projetando-a para fora (p.185). Para alinhar este raciocínio, ressalta que, mesmo antes da experiência com o irmão, este menino, ao ver o galo montando na galinha, se identificara com esta, "e a razão de seu protesto violento contra o ato do irmão no jogo da galinha e do galo foi sua repulsa consciente do desejo inconsciente do papel passivo" (p.183). Em consequência, quando este menino, já em sua fobia, se defrontava com uma galinha, via, como num espelho, suas próprias tendências instintivas – suas tendências femininas e passivas – que poderiam ter como resultado a castração (p.185). Deste modo, para a analista, a fobia de galinhas teria sido o desenvolvimento de uma tendência homossexual passiva repudiada (p.185) e o 'eu não vou ser uma galinha' significaria, em verdade, "repudio meu desejo homossexual passivo" (p.183).

Observe-se, então, que Deutsch se orienta em sua interpretação do caso tomando por base que a significação sexual passiva da identificação precoce deste menino com a galinha teria sido por ele apreendida no tempo real¹⁸¹ de sua vivência, significação amparada pelo prazer experimentado na sua experiência passiva com a mãe e pela observação da cena do galo montando na galinha. É basicamente esta idéia – a de que a

¹⁸¹ Real, aqui, no sentido de estar referido ao tempo da realidade.

significação, pela criança, de sua própria posição na relação com o Outro seria apreendida no tempo real de sua ocorrência – que Lacan vai contestar, defendendo a perspectiva de que a significação é dependente da entrada do significante e que é o simbólico que forja o real¹⁸² onde o gozo se aloca. Para isto, no entanto, a ordem simbólica precisa entrelaçar-se com o campo do narcisismo, onde a oposição entre o eu e o outro se estabelece e toma consistência.

Se o significante fálico, como já detalhamos anteriormente, vai tomando seu lugar no processo de subjetivação, mediando desde os períodos mais arcaicos as relações da criança com o Outro, entendemos que é a partir de uma abordagem lógica da castração – uma lógica que inclui a interdição do gozo do Outro – que Lacan preferiria ler este caso. Deste modo, entendemos que Lacan tenderia a ver neste menino não uma "tendência anal primária" que traria com ela uma "predisposição para a homossexualidade" como o entende Deutsch (1999[1951]:185), mas uma situação de angústia intolerável sustentada pelo fato de o significante fálico não ter podido encontrar uma regulação simbólica através da interdição paterna na referência ao gozo da mãe.

Em nossa opinião, para este menino – cujas "fantasias permaneciam centradas na mãe, que na sua imaginação era dotada de um pênis" (Deutsch,1999[1951]:183) – o falo teria não só se mantido aprisionado no registro imaginário, mas, acima de tudo, como objeto de gozo da mãe, ficando a passagem do 'ser' para o 'ter' aprisionada no campo narcísico, sem encontrar um destino no registro simbólico. Cabe ressaltar, neste sentido, que, mesmo quando este menino passou a se masturbar com seu órgão genital, depois de ter abandonado os antigos hábitos e levando a crer, segundo Deutsch, que "passara com sucesso da fase anal para a genital" (p.183), ele "arranjava as coisas de tal modo que, em vez de pressionar com o dedo por trás [como fazia para 'defecar ovos' para a mãe] ele apertava o pênis contra o períneo, obtendo sensação anal" (p.183). Assim, segundo a própria Deutsch, "nesse jogo seu próprio pênis era um dos órgãos de sua mãe, do mesmo modo que seu dedo na fantasia anterior pertencera na verdade a ela" (p.183). Neste sentido, podemos dizer que, fugindo das galinhas – galinhas que sua mãe apalpava, tanto quanto apalpava a ele mesmo – este menino fugia da mãe, fugindo, portanto, da contingência de

¹⁸² Real, aqui, como uma das dimensões ou registros da experiência.

ver-se submetido a seu gozo. Entretanto, fugia, também, deste falo-pênis em que se convertera para a mãe e que o conectava como objeto de gozo dela.

Se considerarmos o destino homossexual deste menino e a descrição que Deutsch nos dá de sua vida erótica – entabulada a partir dos dezessete anos com jovens rapazes a quem passou a seduzir depois de ter sido rejeitado sexualmente pela governanta da casa que, em relação a seu irmão, tinha se mostrado solícita – ficará fácil constatar que não só era com a dimensão imaginária do falo que ele lidava, precisando usar seu membro viril para sentir-se livre de uma ameaça de amputação, mas que escolhia seus parceiros orientado pela fantasia. Nesta, repetia com homens sempre jovens o jogo outrora entabulado com a mãe, em que como *a*, pedaço de corpo, se oferecia a ela. Vale, então, observar que é justamente do que estaria referido a este *a* que seu desejo erótico toma arrancada, permitindo-lhe não só gozar dos parceiros como sua mãe gozava dele, mas gozar a partir do lugar que ele mesmo ocupava como objeto de gozo da mãe¹⁸³. Vejamos como Deutsch descreve as condições implicadas no exercício homossexual de seu paciente:

"(...) a libido homossexual contida pôde vir à tona sob uma condição, e essa condição foi que ele tivesse o papel ativo em vez do passivo. Fazendo isso, ele alcançou dois objetivos: primeiro, conseguiu manter sua atividade e não precisou abrir mão de de sua masculinidade nem do órgão genital masculino; em segundo lugar, ao escolher um objeto narcísico, isto é, ao ter relações amorosas com pessoas jovens como ele, pôde aproveitar a experiência passivamente, identificando-se com os outros." (Deutsch, 1999[1951]:185-6)

Se a fobia, aos olhos de Lacan (1968-69:320), não deve ser considerada em si mesma como uma entidade clínica, mas como uma espécie de 'placa giratória' não só para diferentes destinos neuróticos – a histeria e a neurose obsessiva – mas também para a perversão, entendemos que isto se deve não só ao fato dela dizer respeito a uma modalidade de 'passagem' do ser ao sujeito, mas, também, de ricamente ilustrar o caráter insurportável da angústia em virtude de sua relação com o gozo do Outro. Sobre isto, e ainda tomando como referência a narrativa clínica de Deutsch, diríamos que, se seu paciente se oferece à mãe como galinha, ou seja, como aquilo que supõe ser o que ela mais quer, é somente quando ele mesmo, na cena com o irmão, se vê nomeado como galinha que seu valor de objeto de gozo do Outro se revela para si mesmo, disparando sua angústia, uma angústia

¹⁸³ Este ponto ilustra bem porque Lacan (1968-69) considerou que o perverso 'dá a César o que é de César', ou seja, dá o pequeno *a* ao Outro de onde ele vem (pp.313-14).

que o medo das galinhas teria por função estancar. Fugindo das galinhas, acabaria, então, por ordenar o mundo, um mundo já não tão sujeito ao desejo materno em 'estado bruto', mas agora limitado por este objeto fóbico – na verdade, um significante – que faz às vezes da lei.

Entretanto, se foi através da fobia que Lacan pode exemplificar de que modo se articulariam o objeto da angústia e o gozo do Outro, e se foi através da perversão que pode ilustrar como o objeto *a* corresponde à captura do gozo, quem, entretanto, lhe permitiu ir desvendando a estrutura do gozo foi a histérica¹⁸⁴. De fato, a partir do momento em que as relações do gozo com o real foram sendo paulatinamente desdobradas, Lacan (1992[1969-70]) recorreu insistentemente à histeria e, mais precisamente, à histérica – dando-lhe "o gênero sexual sob o qual esse sujeito se encarna mais freqüentemente" (p.88) – para explicitar o que estaria em jogo na noção de gozo.

Neste caminho, ao se deter logo no ano seguinte no exame da estrutura dos discursos que responderiam pelas modalidades de laço social entabuladas pelos sujeitos¹⁸⁵, credita à histérica o mérito de ter mantido acesa, na instituição discursiva, a pergunta sobre o que vem a ser a relação sexual (Lacan, 1992[1969-70]:87), relação por ele entendida como impossível e, portanto, como um dos testemunhos do real. Neste momento, seu acento recai sobre o fato de a histérica manter o lugar da verdade em seu discurso ocupado justamente pelo objeto *a* (p.87), o que acarretaria a presentificação da falta no campo de seu desejo através da insatisfação que lhe seria típica. Pouco tempo depois, voltando ao tema, diria que são as histéricas que dizem a verdade sobre o que é a relação sexual, uma vez que não se cansam de apontar para a inevitável hiância aí presente (Lacan, 1996[1971]:138). Neste momento, o mal-entendido do sexo, sempre evocado pela histérica, é articulado então ao real, ou seja, ao impossível da relação sexual.

São, então, estas afirmativas que, ao lado de aproximarem a histérica do real – a partir da verdade que ela, a histérica, denunciaria: a inexistência da relação sexual – vão também fornecer a Lacan os elementos para ir desnudando as relações do sujeito com o gozo. Neste caminho, partindo da constatação de que a histérica manteria acesa a indagação sobre a relação sexual, o que ele também nos diz é que para encontrar a resposta a esta

¹⁸⁴ A este respeito, ver especialmente: Lacan (1968-69), p. 211.

¹⁸⁵ Nomeadamente: o do Mestre, o da Histérica, o do Universitário e o do Analista.

pergunta ela daria a palavra ao Outro (Lacan, 1992[1969-70]:87), tendo sido mesmo a este endereçamento que Freud teria se mostrado sensível. Mas, prossegue Lacan, se este saber a ela 'estranho' por um lado corresponderia a um saber recalcado (p.87), por outro, seria o efeito do significante-mestre – o que a representa como sujeito para um outro significante – se recusar a "dar-lhe corpo" (p.88). Priorizando, então, a relação da histórica com este significante – através do que Dora revelava na trama entabulada entre seu pai, ela mesma, e o casal K. – insistirá em vê-la como aquela que está identificada com o gozo do mestre, o gozo do pai, um gozo que exclui o gozo do falo (p.88). Neste momento, Lacan lembra que, quando o Sr. K. ofereceu a Dora um gozo, ao lhe confessar que sua mulher nada representava para ele, ela não o quis; e, se não o quis é porque queria "o saber como meio de gozo" (p.88). Lacan prossegue, considerando que, se Dora queria o saber como meio de gozo era:

" (...) para fazê-lo servir à verdade, à verdade do mestre que ela encarna, enquanto Dora. E essa verdade, para dizê-la de uma vez, é que o mestre é castrado."

(Lacan, 1992[1969-70]:88)

Neste ponto surge, aparentemente, uma inversão em relação ao que tinha sido proposto em anos anteriores, tendo em vista que, naquele momento, Lacan (1992[1960-61]) situava, como vimos, a fantasia histórica como referida a um Outro não-castrado. Entretanto, é esta justamente a diferença: já não se trata de destacar, aqui, o que está em jogo na fantasia, mas o que permeia a economia do gozo na histeria. Neste sentido, denunciar que o mestre é castrado, mas que, mesmo assim, goza, é indicar que o gozo pode ser obtido num campo diferente daquele do "gozar curto e grosso, o gozar simples, o gozar que se realiza na cópula nua e crua" (Lacan, 1992[1969-70]:91).

Mas, se neste momento, é ainda o mais-de-gozar que serve a Lacan (1992[1969-70]) para indicar que o gozo poderia ultrapassar o gozo obtido na cópula – podendo estar referido tanto ao saber quanto àquilo, por exemplo, que o escravo pode oferecer ao seu senhor – parece ter sido no rastro de tais elaborações que pôde vir, no início da década de setenta, a se deter mais particularmente sobre o gozo das mulheres. Examinando sua posição face à lei da castração, ou seja, à lei do pai a partir da vigência da função fálica, formalizou as duas possibilidades de gozo que daí resultariam: o gozo fálico e o Outro gozo, ou o gozo feminino. É sobre esta formalização que estaremos nos detendo a seguir.

3.5 - A MASCARADA E O GOZO FEMININO

*"A questão é, com efeito,
saber no que consiste o gozo feminino (...)"*
(Jacques Lacan)

Já examinamos, anteriormente, a sexualização da diferença anatômica que se produz como derivada da interdição do gozo absoluto pelo pai em sua função de privador do desejo da mãe. Tivemos oportunidade, também, de chamar a atenção para o fato de Lacan (1984 [1958b]), ainda na etapa inicial de seu ensino, ter ressaltado a inexistência de um mito psicanalítico na referência ao interdito do incesto entre o pai e a filha (p.714)¹⁸⁶.

Retomar aqui, estas duas considerações tem um objetivo claro: já ir apontando como a incidência da lei da castração, ou lei do pai, se dará, para a menina, de uma forma que pode ser considerada como particular, tendo em vista que, se o menino, por esta lei, se vê interdito em relação às duas figuras parentais, este não vai ser o caso da menina. Em nossa ótica, é justamente esta evidência que está subjacente à lógica desenvolvida por Lacan (1985[1972-73]) para nos falar da sexuação.

É ainda com isto em mente que entendemos que, mesmo quando Lacan (1985 [1972-73]) se propôs a acentuar que as modalidades de gozo masculino e feminino não manteriam uma relação direta com a constituição anatômica dos homens e das mulheres – o que significa dizer que a constituição anatômica não necessariamente determina a modalidade de gozo em jogo no exercício da vida erótica e nem, conseqüentemente, a posição sexuada a ser, por cada um deles, assumida na parilha sexual – mesmo neste momento, não pôde escapar de considerar aquilo que, mais frequentemente, faz com que o campo de aplicação da lei do pai se distingua num e noutro caso: o real do sexo – real cavado pela impossibilidade do simbólico em significar o sexo fora de uma referência ao falo.

A este respeito, vale lembrar que, se o falo, no pensamento de Lacan, é o significante que ordena a identificação sexual, fazendo com que possamos nos dizer homens ou mulheres, para além disso, ele também mantém estreitas relações com a função fálica – equivalente, no pensamento lacaniano, à lei da castração ou lei do pai. Aqui,

¹⁸⁶ Sobre este ponto, ver p.195 deste trabalho.

diferentemente de Freud, para quem a castração diria respeito a um fato consumado, fazendo com que 'ter' ou 'não ter' o falo resulte na resposta última em face do enigma da diferença entre os sexos –, para Lacan, a castração diz respeito a uma lei que manteria estreitas relações com a lei da interdição do incesto, lei que teria por efeito não só interditar o gozo absoluto, mas autorizar o gozo fálico, lei que tem intrínsecas relações com a função do falo, como já vimos, e que se coloca como fundamental na constituição do campo desejante, mesmo para aqueles sujeitos que, imaginariamente, não tem o falo, nomeadamente, as mulheres¹⁸⁷.

Seria, então, a forma de incidência desta lei em homens e mulheres que determinaria o que Lacan (1985[1972-73]) denomina posições sexuadas, especificando-as como masculina e feminina, posições que se distinguiriam, em última instância, por suas modalidades de gozo. Entretanto, insistindo no que aqui é o alvo maior de nossos argumentos, ressaltamos que, mesmo quando Lacan está às voltas com a sexuação e salientando que tais posições sexuadas independem da identificação sexual – podendo, assim, tanto os homens quanto as mulheres ocuparem uma posição masculina ou feminina quanto ao gozo – há, no raciocínio por ele desenvolvido, um ponto que vem claramente demonstrar a problemática incidência da castração quando o campo de sua aplicação incide no sujeito dotado de um corpo feminino.

Sobre isto, vale notar que, ao recorrer ao mito freudiano da horda primitiva¹⁸⁸ para nos falar da incidência da lei da castração no campo da posição masculina, Lacan toma como ponto de partida o fato de que o pai (ou a função fálica por ele portada) só pode ordenar e legitimar o campo do gozo fálico para os homens porque ele mesmo, o pai, teria escapado a esta lei. Assim, aquilo que Lacan (1985[1972-73]) vai situar nas fórmulas da sexuação (p.105) como correspondendo à posição masculina, toma como referência primordial a inscrição subjetiva que se daria de forma *toda* fálica no campo daqueles sujeitos que tomam seu lugar como homens (p.107). Vale ressaltar que, ao usar aqui o termo 'homem', Lacan está se referindo à identificação sexual compatível com o gênero,

¹⁸⁷ Estes argumentos permeiam o raciocínio que desenvolvemos em artigo publicado recentemente, em que enfatizamos a relação entabulada entre o corpo feminino e a construção metapsicológica ao longo da história da psicanálise. Ver, a este respeito, Utchitel (2000a), pp.83-94.

¹⁸⁸ Lacan, já no ano anterior à matemização da sexuação, tinha deixado clara esta aproximação. Ver, a este respeito, Lacan (1996[1971]), p.154.

que teria resultado de um desenlace edípico normativo originado, exatamente, pela lógica fálica que regularia as relações com a lei do pai.

Para nos falar do que viria determinar, então, a inscrição mais genérica dos homens no campo da posição masculina, Lacan (1985[1972-73]) combina, como verdadeiras, duas proposições que, do ponto de vista da lógica clássica, seriam contraditórias: a primeira, afirmaria que todos os homens estão submetidos à função fálica; a segunda, que existe pelo menos um que não está submetido a ela (p.107). Fazendo da exceção o que funda a regra¹⁸⁹, é também, nesta exceção, que entenderá situar-se a função do pai (p.107).

Se transportarmos esta lógica para o contexto em que o menino subjetiva a castração, podemos pensar que seu pai – ao menos na dimensão fantasística infantil – é alguém que, tal como o pai mítico da horda, também escapou a esta lei. Assim, este pai, homologamente ao pai da horda – que não está submetido a nenhuma interdição e que goza de todas as mulheres – é fantasiado como aquele que também goza como quiser, especialmente da mãe da criança¹⁹⁰. Este pai acaba sendo, afinal, o pai em relação ao qual a criança comete o assassinato simbólico – o que acaba por converter este pai, tanto quanto o tótem, num significante –, contraindo, então, uma dívida desta mesma natureza, ou seja, com a ordem simbólica, a qual deverá honrar com o nome que terá herdado. Pactuando com esta ordem, se preservará narcisicamente e gozará dentro dos limites autorizados, isto é, gozará falicamente.

Entretanto, se isto costuma ocorrer assim para os meninos, para as meninas, de modo completamente diferente, não há, nem miticamente, nenhuma mulher que, à semelhança do pai da horda para os meninos, tivesse vindo a negar a função fálica, ou seja, escapar à castração. Ainda que, contrariando este argumento, nos surja a noção de mãe fálica, é importante lembrar, no entanto, que é justamente a castração da mãe que inscreve a criança na lógica fálica, ao resignificar o que estava em jogo na dialética da demanda; deste modo, no tempo lógico de subjetivação da castração pela própria criança, a castração da mãe já se deu.

¹⁸⁹ Para tanto, Lacan lança mão das contribuições da matemática e da lógica moderna que demonstram que, para que o universal se funde, é necessário haver um elemento que, a ele, se exclua.

¹⁹⁰ Este pai, em termos lacanianos, é entendido como pai real, ou mesmo como o pai aterrorizador que, muitas vezes, vem revestir, na fantasia da criança, o pai imaginário. Sobre isto, ver as considerações tecidas na p.205 deste trabalho.

A consequência deste tipo de raciocínio é que, se no campo daqueles que se identificam como homens a exceção é o que faz a regra – regra que interdita, de modo geralmente eficaz, o gozo absoluto e autoriza um outro tipo de gozo, o fálico, articulado a tudo que o sujeito puder dizer, contar, ou se vangloriar na referência a suas façanhas, inclusive as de caráter sexual –, no campo daquelas que se identificam como mulheres, a ausência da exceção que faz a regra deixa também sem fronteiras definidas o que seria da ordem da interdição ou do limite em toda sua radicalidade. Este seria o sentido da tão apregoada afirmativa de que a mulher se situaria como *não-toda* submetida à função fálica.

Destacando os elementos que Lacan considera estarem em jogo na posição sexuada feminina, veremos que ele também combina duas proposições que, entretanto, se complementam, diferenciando-se, neste aspecto, da contradição que ordena as proposições em jogo na posição masculina. Assim, a primeira – não existe nenhuma mulher que não esteja submetida à função fálica – ao negar o quantificador universal, já introduz a noção de que não seria possível, na referência às mulheres, falar de um conjunto, pois faltaria a exceção que funda a regra; a segunda – as mulheres são não-todas submetidas à função fálica – viria indicar o caráter indecível, ainda que necessário, da incidência da função fálica em sua subjetivação da castração.

Falando, então, do campo da posição feminina que seria estabelecido pela combinação dessas duas proposições, Lacan (1985[1972-73]) considera que este campo "é o de todos os seres que assumem o estatuto da mulher" (p.108) – não importando, vale frisar, se este ser é mulher ou homem do ponto de vista anatômico – mulher que, por seu caráter indecível, não existiria como 'A Mulher', no sentido universal que a gramática desta formulação comportaria (p.98). Assim, as mulheres, no máximo, poderiam ser contadas uma a uma.

Entretanto, privilegiando aquilo que, na mulher, a colocaria mais francamente destinada a ocupar uma posição feminina ordenada pelo não-todo submetimento à função fálica, poderíamos dizer que, não podendo recusar a lei da castração – lei da interdição do incesto, lei do pai, lei que institui o campo de constituição do desejo –, as mulheres, entretanto, manteriam com esta lei uma relação particular e, de algum modo, parcial, originada pelo fato de serem inequivocamente marcadas por uma modalidade de falta muito singular: a privação do pênis em seu corpo, ponto em que pênis e falo imaginariamente se

confundem, transformando o corpo – um corpo significado pela ordem simbólica – num campo aberto a ambiguidades, pois nele a incidência da lei tanto pode ser entendida como não tendo pertinência quanto já tendo se cumprido, tendo em vista que é o campo narcísico que dá o suporte imaginário da castração.

Se são, então, quatro proposições que, combinadas duas a duas, especificariam os campos das posições masculina e feminina na referência à sexuação, quando Lacan (1985 [1972-73]) vai nos falar do tipo de gozo que caracterizaria cada uma destas posições, de saída, novamente enfatiza que "quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro" (p.107), ou seja, do lado masculino ou do lado feminino, sendo ainda permitido ao falante – "quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade" (p.107) – inscrever-se no lado feminino (p.107). Vale notar que, aqui, mais uma vez ele ressalta aquilo que a clínica não se cansa de demonstrar, ou seja, que não necessariamente um sujeito precisa ser mulher para assumir uma posição feminina na referência ao gozo. Vale inclusive pensar, a este respeito – e em conformidade aos argumentos aqui desenvolvidos –, que uma constituição 'fluida' ou 'parcial' da metáfora paterna poderia perfeitamente resultar, mesmo num sujeito identificado como homem, numa subjetivação não-toda da lógica fálica.

Mas, ainda em relação a esta possibilidade do falante de se inscrever tanto numa posição quanto noutra, independentemente de sua constituição anatômica, é digno de nota perceber que, ainda que Lacan (1985[1972-73]) inclua em suas considerações a possibilidade de as mulheres poderem se inscrever do lado masculino – pois, neste sentido, comenta que "as mulheres estão livres de se colocarem ali se isto lhes agrada" (p.97), acrescentando que "todo mundo sabe que há mulheres fálicas" (p.97) – na maior parte do desenvolvimento de seu raciocínio deixa de lado esta alternativa. Suas considerações de que a mulher "por sua essência ela não é toda" (p.98) e que, "por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar" (p.99), parecem apontar nesta direção. Ainda ao lado destas, sua observação de que "qualquer uma se atém por ser não-toda, ao gozo de que se trata" (p.99) – ainda que, dele, deste gozo, a mulher talvez nada saiba a não ser quando o experimenta, o que não acontece a todas elas (p.100) – é reveladora, em nossa ótica, de que o falicismo observável em muitas mulheres não necessariamente precisa ser entendido como tributário de uma inscrição 'toda' referida à lógica fálica, talvez da mesma forma que querer ter um falo não necessariamente signifique

querer ser homem. Para sustentar, contudo, este argumento, faz-se necessário acompanhar ainda um pouco mais as considerações que ele vai tecendo e desdobrando.

O que Lacan (1985[1972-73]) textualmente vai indicar é que, deste gozo que a mulher experimenta, mas do qual nada sabe – o gozo suplementar ao fálico – nunca se pôde dizer nada (p.101), fazendo, neste momento, uma alusão ao gozo das místicas e dos místicos (pp.102-3) e convidando a pensar que este gozo seria um "bem ao segundo grau, um bem que não é causado por um *a* minúsculo" (p.104).

Este comentário nos leva a, necessariamente, precisar confrontar esta modalidade de gozo a que Lacan (1985[1972-73]) acabou de se referir – e que diria respeito ao gozo suplementar (ao fálico), correspondente à posição feminina – com a modalidade de gozo que ele vê emergir na posição masculina. Falando sobre este último, indica que o sujeito masculino é suportado pelo significante fálico (p.107) e se relacionaria em seu gozo não com uma mulher, mas com o *a*, objeto de sua própria fantasia (p.108); ao abordar uma mulher, um homem abordaria, então, a causa de seu desejo. Neste momento, Lacan (1972-73) define o 'ato de amor' como "a perversão polimorfa do macho" (p.98), destacando que, enquanto este ato diria respeito à ligação do homem com o objeto que causa o seu desejo, 'fazer amor' diria respeito à poesia (p.98). Assim, se nos idos da década de cinquenta, Lacan já insistia que a relação do sujeito com seu desejo não seria determinada por nenhuma relação 'direta' com um objeto, agora, ou seja, já nos primeiros anos da década de setenta, aquilo que se 'esconde' por trás do objeto – de uma mulher, por exemplo – será situado como a causa do desejo do sujeito homem.

Um ano antes, anunciando já esta particular relação do homem com a mulher na parêntese sexual, Lacan (1996[1971]) afirmara que a mulher "é para o homem a hora da verdade" (p.31) pois, face à verdade de que há semblante na relação do homem com a mulher, seria ela, a mulher, que suportaria, com sua posição, esta verdade (p.31) por ser "a única que, enquanto tal, pode dar seu lugar ao semblante" (p.31).

Quanto às mulheres – ou quanto aqueles, homens ou mulheres, que adotam uma posição feminina – Lacan (1985[1972-73]) as designará como divididas em seu desejo e em seu gozo, pois se de um lado buscariam o falo do parceiro, de outro buscariam a ausência de que gozam (p.105). Em sua formalização matemática da posição feminina, Lacan situa esta ausência como o lugar onde a verdade balbucia, ausência com a qual a mulher

fundamentalmente se relacionaria (p.108). Cabe então, de novo, observar que, aquilo que nos idos de cinquenta era tematizado por Lacan na referência à 'satisfação' e ao 'desejo' das mulheres – a satisfação dizendo respeito à busca do falo no Outro, e o desejo articulado à possibilidade de se fazer, como máscara, significante do desejo do Outro – comparece aqui, pois se de um lado é o falo que é destacado como um dos alvos da mulher na parêntese sexual (justamente o alvo referido ao homem), de outro, é como *a*, causa de desejo, que Lacan a situa como buscada pelo homem (p.105).

Entretanto, se estas diferentes relações com a função do falo comparecem na matemização da sexuação da posição feminina – atualizando, portanto formalizações anteriores – a estas relações com a função do falo Lacan (1985[1972-73]) vai acrescentar mais uma que, no entanto, não se articula ao falo e diz respeito àquilo que, no Outro, é pura falta. Seria o endereçamento ao Outro em sua dimensão mais radical (um Outro, portanto, que não se confundiria com o outro da realidade) que permitiria à mulher desfrutar de um gozo particular – Outro gozo – gozo que seria tributário de uma referência para além falo e caracterizado pela ausência de qualquer investimento objetual. Seria, no entanto, esta forma particular de gozo – que, por aproximação do que entende ocorrer com as místicas, poderia ser colocado na conta de um êxtase – que, segundo Lacan (1985[1972-73]), algumas mulheres não experimentariam (p.100), embora a própria subjetivação não-toda da lógica fálica 'convidasse' a seu acesso.

Assim, de novo articulando os tempos da elaboração de Lacan sobre o que estaria em jogo na erótica feminina, diríamos que aquilo que na década de cinquenta já se insinuava como um erotismo derivado dos próprios caminhos trilhados na consumação do desejo, recebe aqui, na década de setenta, uma formalização especial, que explicita o quanto o gozo tipicamente feminino ultrapassa o gozo referido ao falo. Em outras palavras, entendemos que, já nos anos cinquenta, Lacan entrevia uma erótica particular que sempre entraria em jogo para as mulheres, erótica que veio a ser abordada, nos anos sessenta, pelas vias do mais-de-gozar que ele via, claramente, se expressar na histeria. Já aqui, nos anos setenta, Lacan se ocupa de um gozo que seria, em sua ótica, tipicamente feminino, ao ser tributário de um endereçamento ao Outro em sua mais radical alteridade, e a cujo acesso apenas algumas mulheres se mostrariam sensíveis, tendo em vista a complexa dialética subjetiva a elas requisitada neste caminho.

De qualquer modo, as considerações de Lacan sobre as posições ocupadas por homens e mulheres na referência ao gozo na parilha sexual – supondo-se que eles estariam na posição masculina e, elas, na posição feminina – já nos indicam que, disjuntos em seus anseios e distintos em seus gozos, ambos só atestariam, então, a inexistência da relação sexual. Para supri-la, adviria o amor.

Vale, ainda, ressaltar a aproximação empreendida, por Lacan (1985[1972-73]), entre a mulher e a verdade e derivada do fato de, tanto uma quanto outra, só poderem se semi-dizer (p.141). A mulher seria, assim, parceira do real, pois seu gozo – o gozo feminino ou Outro gozo – traria a marca da ausência, uma ausência camuflada no homem pela forma com a qual seu gozo se estrutura: a fantasística¹⁹¹.

Por esta razão, quando Lacan (1985[1972-73]) considera que "a mulher só entra em função na relação sexual enquanto *mãe*" (p.49), parece chamar a atenção para o fato de que é nas malhas do impossível gozo absoluto – o suposto gozo do Outro – que o *infans*, ao fazer as vezes daquilo que supõe ser o de que a mãe goza engendra uma 'relação'. Ou seja, uma 'relação' impossível é suposta pelo *infans* – pois composta de elementos absolutamente heterogêneos – forjando o solo da fantasia que fará do objeto *a* a causa de seu próprio desejo.

As sucessivas considerações de Lacan acerca da mulher, de sua sexualidade e de seu erotismo, a colocam, então, como posicionada de múltiplas formas, mas sempre como mascarada. Vale notar, inclusive, que mesmo quando Lacan (1992[1969-70]) se voltou para o que estava em jogo nas relações de uma mulher com seu filho, não desprezou esta figuração de mulher, considerando que seria da posição de mascarada que uma mulher ensinaria seu pequeno a se exhibir, permitindo ao gozo "ousar a máscara da repetição" (p.74). Ainda que não se mostre tarefa fácil discernir o que seria, aqui, esta 'ousadia' – levando em consideração que o gozo é, acima de tudo, aquilo que visa repetir-se¹⁹² – talvez esta 'ousadia' não esteja referida à repetição, mas à máscara que a sustenta. Máscara que permitiria à mulher mergulhar nas raízes do gozo fálico¹⁹³ – um gozo que para ela nunca é

¹⁹¹ Vale notar que os elementos matemáticos usados por Lacan para escrever a fantasia são os mesmos utilizados para escrever a relação do sujeito masculino com seu gozo.

¹⁹² Calligaris (1986[1983]) assinala que "a sexualidade do ser falante se sustenta do único projeto de produzir este gozo impossível"(p.19).

¹⁹³ Já que, segundo Lacan (1974-75) será este o lugar de um filho para ela: o *a*, causa de seu desejo (p.23).

suficiente, mas que permitiria a seu pequeno dar o primeiro passo em seu caminho de tornar-se sujeito.

Para além disso, a mulher, ao funcionar na parilha sexual como *a* para um homem, isto é, como objeto causa do desejo dele, se posicionaria também como mascarada, fazendo semblante deste objeto inapreensível, porque real. Sustentar-se na posição de semblante de objeto causa de desejo do homem seria, então, na ótica de Lacan, a posição a ser ocupada por uma mulher feminina na parilha sexual. Resumindo esta perspectiva, Lacan diria, referindo-se à mulher:

"Ela se presta, antes, à perversão que eu sustento como sendo d' O homem. *O que a conduz à mascarada, que se conhece e que não é a mentira que os ingratos, ao colarem n' O homem, lhe imputam.* Antes para-o-que-der-e-vier de preparar-se para o que a fantasia d'O homem encontre nela sua hora da verdade. Isso não é exagero, pois a verdade já é mulher por não ser toda, não toda a dizer-se, em todo caso." (Lacan, 1993 [1974]: 71. Grifos nossos)

Neste momento fica claro que Lacan reitera – através do artigo definido "O" – o caráter universal da subjetivação da castração na referência àqueles que se posturam como homens, subjetivação que determinaria que estes só encontrassem a mulher na fantasia – sua verdade. Além disso, fica claro, também, que Lacan mantém a expressão "mascarada" como correlativa da possibilidade da mulher fazer-se de semblante de objeto da fantasia do homem, ou seja, de objeto causa de seu desejo, fazendo da mascarada o equivalente da Mulher que não existe.

Mas, ainda antes de demonstrarmos de que modo a perspectiva de Lacan acerca da mulher e da posição feminina se refletiu na clínica, gostaríamos de expor as reflexões a que fomos conduzidos a partir de suas considerações.

Expressamos, algumas páginas atrás, nossa opinião de que o texto lacaniano convida a entender que o falicismo muito frequentemente observado em algumas mulheres não necessariamente precisaria ser articulado a uma subjetivação 'toda' da lógica fálica. Em artigo recentemente publicado, trouxemos esta hipótese a público, sustentando-a, basicamente, com a idéia de que:

"Se é verdade que é a lei do pai ou a lei da castração que rege a ordenação dos sujeitos num e noutro lado das tábuas da sexuação - lado feminino e lado masculino - também é verdade que, para as mulheres, há na referência a lei alguma coisa que *não funciona* da mesma maneira que *funciona* para os homens." (Utchitel, 2000b:152)

Na sequência, lançando mão de grande parte dos argumentos já utilizados aqui, indagávamos: "como entender que as históricas se alinhem no lado masculino das tábuas da sexuação?"¹⁹⁴(Utchitel,2000b:153). Esta indagação se colocava pelo fato de não desconhecermos o pensamento de muitos autores que – não completamente sem razão – costumam apostar na perspectiva de que as históricas se situariam na vertente do 'todo' submetimento à função fálica¹⁹⁵. A rigor, esta perspectiva não deixa de ser avalizada, em alguns momentos, pelo próprio Lacan; neste sentido, a consideração por ele tecida de que a histórica recalca e, ao mesmo tempo, promove ao infinito o ponto do gozo absoluto, castrando o pai simbólico e querendo ser o seu gozo (Lacan,1968-69:348) costuma ser tomada como um argumento de peso, e articulado à tendência da histórica em firmar-se como figura de exceção e, portanto, como a que 'faz a regra' e o 'limite'.

Apesar entretanto desta afirmação de Lacan (1968-69) e deste argumento de alguns de seus discípulos, uma questão inevitavelmente se impunha para nós: será que posicionar-se como 'limite', identificar-se com esse 'limite', é da mesma natureza do subjetivar-se a partir da lei engendradora por um limite, que seria a forma de subjetivação dos que se alinham do lado masculino, ou seja, dos que assumem uma posição masculina na referência ao gozo? Acreditamos que não. Em nossa ótica, ainda que as históricas possam, de fato, se mostrar grandes aliadas da função fálica, vemos no anseio por esta aliança justamente o indicador de que algo em sua subjetivação escapou aos limites da lei imposta por esta função. Assim, afirmávamos: "não haveria razão para a histórica fazer-se de limite se este limite já estivesse dado" (Utchitel, 2000b:154). A nossos olhos, querer fazer-se de limite seria já um dos efeitos do caráter apenas parcial da função fálica em seu processo de subjetivação. Seria a incidência parcial desta função que regularia, em nossa opinião, uma forma particular de relação com a lei da castração. Assim, se a histórica não cansa de 'bancar o homem' e, com isto, se mostrar uma grande aliada da função fálica, isto ocorreria porque a lei se mostra 'falha' em determinar os limites do gozo absoluto. Assim, diante de uma lei que deixa 'brechas', a histórica se situaria, em muitos momentos, em seu lugar, tornando-se sua maior aliada.

¹⁹⁴ Naquele momento, tomávamos apenas as históricas como foco central de nosso questionamento, embora já aqui, possamos também incluir as neuróticas obsessivas neste raciocínio, tendo em vista suas também particulares relações com a lei da castração: lei que não recusam, embora discutam sua aplicação.

¹⁹⁵ Millot (1989[1988]), por exemplo, aposta nesta perspectiva. A este respeito ver, especialmente, pp. 78 e 81.

Indagando-nos, neste mesmo artigo, sobre as razões que sustentariam tal aliança, avançamos na suposição de que, mais francamente à mercê do gozo do Outro em função do caráter apenas parcial da função fálica em seu processo de subjetivação, a histórica 'confundiria' a falta devastadora de fronteiras do gozo do Outro – não menos arriscado por ser só suposto – com a infinitude do Outro gozo, o gozo feminino¹⁹⁶ (Utchitel, 2000b:155). Sob esta ótica, em lugar de poder surgir um êxtase – ainda que sem palavras e propiciado tanto pela possibilidade de dirigir-se tanto ao Outro (pura ausência) quanto ao parceiro, ocupando a posição de semblante de objeto causa de seu desejo –, adviria a angústia¹⁹⁷, agenciada, em nossa ótica, pelo horror de imaginar-se fantasisticamente 'sendo gozada' como objeto. Assim, em nossa opinião (Utchitel, 2000b), as mulheres acabariam sendo menos 'protegidas' que os homens do risco engendrado pela própria forma em que o enigma do desejo do Outro se desdobra, ou seja, na suposição de que este Outro goza, suposição que a montagem fantasística só viria confirmar (p.157).

Em função disto, entendemos que a dessubjetivação que a posição de semblante comporta – e inerente à posição feminina – equivale, *grosso modo*, à objetificação do sujeito implícita, por exemplo, nos casos em que a fobia e a construção do objeto fóbico vem 'socorrer' o sujeito de uma situação vivida, por ele, como insustentável em face da fantasia do gozo do Outro. Ainda que tal aproximação enfrente o risco de ser entendida como articulando histeria e fobia, não é bem disto que se trata aqui, pois o sujeito feminino histórico, ou mesmo obsessivo, é um sujeito marcado pela metáfora paterna, o que lhe confere, portanto, no inconsciente, um significante ordenador de seu desejo que é o que faz falta na fobia – ao menos nos casos de fobia examinados ao longo deste trabalho.

Mas, por outro lado, quando entendemos que o sujeito feminino subjetiva a castração de modo apenas parcial, somos levados também a entender que a 'ambiguidade' resultante da incidência da lei do pai ou a 'permeabilidade' na constituição da metáfora paterna nas mulheres – metáfora que foi comparada, por Lacan (1985[1955-56]), a uma 'estrada principal' que polariza, engancha e agrupa significações, organizando, portanto, por

¹⁹⁶ Esta articulação entre o gozo do Outro e o Outro gozo - o primeiro de ordem mítica e fantasística, mas estruturante; o segundo como resultado do endereçamento à falta do Outro - se dá no interior mesmo do pensamento lacaniano pelo caráter de infinitude que ambos comportam e pela posição desubjetivada a que, ambos, remetem.

¹⁹⁷ A idéia de que a angústia seria um estado afetivo a que as mulheres estariam particularmente afeitas foi por nós desenvolvida anteriormente. A este respeito, ver Utchitel (1999).

sua dimensão significativa, um campo (p.328) – propiciaria um franqueamento a um campo que, justamente por escapar a um regramento simbólico, em muito se aproximaria daquilo que, do real, se aparenta a um gozo devorador, anárquico e não-controlado.

À luz desta perspectiva, reafirma-se a distinção sugerida por Lacan entre a histeria e a posição feminina mas, observe-se, uma distinção que estaria adscrita à própria experiência das mulheres e, portanto, capaz de propiciar significativo rendimento clínico. Ou seja, entraria em jogo nesta distinção a qualidade das experiências referidas à angústia ou ao êxtase – podendo a primeira ser tomada como a expressão do horror diante de um Outro real, único suposto gozar no caso da histeria, enquanto a segunda experiência, o êxtase, pode ser entendida como o efeito de uma entrega sem medo, correspondendo, em última instância, à posição verdadeiramente feminina, em termos lacanianos (Utchitel, 2000b:155-6).

Em nossa opinião (Utchitel,2000b:156), tal abordagem permitiria, também, uma melhor apreensão do que estaria em jogo na frequente recorrência da histérica no campo da angústia e dos artificios que engendra, em seqüência a ela, para, na medida do possível, dissipá-la. Alguns exemplos clínicos podem ajudar a ilustrar este ponto de vista. Assim, quando uma delas se vê sem nenhuma palavra do outro – uma ausência de palavras que pode ser, inclusive, um 'não sei' proferido por ele em resposta a suas demandas – sem nenhuma baliza que, ali, venha a fazer a fronteira, delimitando o que este outro quer ou suas intenções, é ela quem, face à angústia, tenta dar a palavra que falta. Se a ausência de palavras do parceiro produz desorientação, abrindo um campo de infinitas possibilidades, é esta infinitude que, na histeria, é vivida como um vácuo gerador de angústia, na medida em que esta mesma infinitude se desdobra, fantasisticamente, na possibilidade de ver-se completamente nas mãos dele. Dar, assim, a 'última palavra' e recorrer ao campo das significações fálicas – implícitas no campo da linguagem – é uma forma de liberar-se da angústia, sendo exatamente neste sentido que a histérica 'banca' o homem e não se suporta na posição de objeto causa de desejo (Utchitel, 2000b:156).

Para uma outra, diferentemente, é seu corpo que empresta sentido ao que irrompe como sem-sentido, dando ares de fronteira ao que é vivido e experimentado como uma ousadia ou um abuso do outro que, visivelmente, ganha roupagem de grande Outro. Fantasmando ver-se à sua mercê, usará seu corpo como 'medida protetora', encontrando nele

um sentido e uma explicação para sua própria angústia, experimentada como intensa inquietação. Assim, nestas ocasiões, dirá ver-se atingida pela tensão pré-menstrual, TPM em seus próprios termos... Nesta transposição, surge a vantagem: já não é ela que está à mercê do Outro; se está à mercê de alguma coisa é de seu próprio corpo, reagindo a hormônios que ele mesmo, o corpo, produz (Utchitel, 2000b:156-57).

Ainda que no artigo em questão não tenhamos nos detido no exame da relação da neurótica obsessiva com o gozo do Outro, podemos pensar – já em função dos dados levantados ao longo de nossa pesquisa neste trabalho – que a obsessiva, mesmo da posição de muito atenta à demanda do Outro, jamais a satisfaz. Na verdade, a consumação do desejo é por ela sempre temida, o que engendra a inevitável reversão que ela produz, então, nas vias que a deixariam, disto, mais próxima.

Entretanto, também não deixa de ser verdade que ela tenderia a viver presa nas malhas imaginárias da nostalgia deste gozo absoluto, como se, algum dia, o tivesse desfrutado; sua recorrente referência àquilo que uma história, ou uma situação, 'poderia ter sido' traz à tona sua tentativa imaginária de anular ou apagar sua impossibilidade. Esta linha de raciocínio nos conduz, então, a observar que, em última instância, aquilo que Freud, já em 1896, tinha percebido e indicado como elemento diferenciador da histeria e da neurose obsessiva, *grosso modo* se articula a nossas reflexões. Neste sentido, vale lembrar que ele considerava que, se na base da etiologia da histeria encontraríamos um evento de sexualidade passiva, gerador de medo, na neurose obsessiva das mulheres, diferentemente, o evento teria proporcionado prazer (Freud, 1897[1896c]:147). Veremos na seqüência, através dos dois casos clínicos que passaremos a examinar, que eles não deixam de manter uma certa relação com as idéias aqui esboçadas; para além disto, veremos sua estrita relação com a grade conceitual estabelecida por Lacan.

3.6 - A MULHER COMO MASCARADA E SEUS EFEITOS NA CLÍNICA LACANIANA: A CLÍNICA DO REAL

Ao longo das seções deste capítulo, tivemos por objetivo examinar o que pode ser considerado como um terceiro momento na abordagem psicanalítica da sexualidade através das elaborações teóricas de Jacques Lacan. Entretanto, apesar do porte da novidade introduzida no campo teórico psicanalítico por seu pensamento, vimos também que Lacan ancorou suas reflexões teóricas não só no que havia sido legado por Freud, mas também no que tinha sido sobremaneira destacado pelos anglo-saxões – o caráter estruturante da relação arcaica do *infans* com o outro materno – o que lhe permitiu formalizar o que os ingleses já tinham vislumbrado como primordial: nesta relação arcaica residiria a gênese da fantasia.

Se até é possível, por conta disso, inscrever Lacan como herdeiro tanto de Freud quanto dos anglo-saxões, e especialmente de Klein, fica difícil, no entanto, aproximar sua *práxis* – e a de seus discípulos – de qualquer *práxis* ou técnica analítica antes empregada em nosso campo. Assim, se a clínica lacaniana não se assemelha à clínica de Freud e dos freudianos, em relação à clínica de Klein e de seus descendentes anglo-saxões pode-se dizer que ela acaba por tomar grande distância. As razões de tal distância não são difíceis de serem discernidas, uma vez que o modelo teórico proposto especialmente por Klein, apesar de sua riqueza, não comportava elementos que a Lacan pareciam fundamentais: a dimensão invocante da fala em seu registro simbólico e o fato do investimento libidinal ser tributário do recobrimento imaginário de uma falta constituinte, falta real, tão silenciosa quanto a pulsão de morte. Seria, então, esta falta que reverberaria tanto na dimensão imaginária da experiência do sujeito quanto no seu posicionamento subjetivo face ao simbólico. Assim, se estes elementos se situam como as mais importantes balizas do pensamento lacaniano, eles tiram definitivamente de cena da prática neste campo qualquer ênfase nos mecanismos do ego e qualquer idéia de resolução do conflito psíquico pela via de uma relação harmônica do sujeito com o objeto.

Por outro lado, ao afirmarmos que a clínica lacaniana também não se assemelha à clínica freudiana, levamos em conta, para tanto, as sucessivas ênfases que Lacan foi

imprimindo a suas elaborações, ênfases que deslizaram do simbólico para o real e em que o caráter de engodo do imaginário foi sendo, cada vez mais, desnudado. Assim, se a escuta clínica lacaniana teve como ponto de partida a escuta emprestada por Freud aos sonhos de seus pacientes – o que permitiu a Lacan afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem – de outro, a operatividade desta escuta logo deixou de se movimentar, como o era em Freud, em busca do sentido. Diferentemente de Freud, foi o não-sentido em seu parentesco com o real que passou a orientar cada vez mais a clínica dos lacanianos. Não-sentido que, articulado ao irrepresentável, faria com que não fosse mais com o impasse da castração que uma análise esbarraria em seus confins, mas com o que, para além da castração, é a causa maior do sujeito: o objeto enquanto pura falta, pura perda, objeto causa do desejo.

Se, nas páginas anteriores, pudemos acompanhar o quanto as mulheres, tanto da posição de mães quanto do ponto de vista do exercício de sua vida erótica, serviram a Lacan para destacar não só a dimensão significativa do falo, mas também a insistência expressiva do real, o que vamos agora acompanhar é, de que maneira, esta nova abordagem teórica da mulher se refletiu na clínica. Também tanto quanto nos capítulos anteriores, dois casos clínicos foram selecionados para este fim; também tanto quanto nos outros capítulos, seguiremos passo-a-passo um analista homem e uma analista mulher nesta empreitada.

3.6.1 - Michel Silvestre e a "inconformada"

"O falo não é tudo do gozo"
(Michel Silvestre)

Já na década de oitenta, Michel Silvestre¹⁹⁸ publicou o relato de uma análise realizada com uma paciente – Rachel – análise que, a seus olhos, como analista, teria resultado num fracasso; se não num fracasso total, pelo menos parcial. É justamente este fracasso que vai servir a Silvestre (1989[1988]) como motivo maior para esta exposição clínica, uma vez que, em sua ótica, é a partir de seus malogros que um analista se vê obrigado a interrogar seu ato, ali onde foi mal sucedido (p.92). Das raízes do insucesso, Silvestre vai exatamente extrair o que, para ele, seria o essencial da atividade clínica e o que particularizaria a experiência do psicanalista, definindo-a como uma "curiosa experiência cujo ensinamento nunca ocorre senão tarde demais, só ao-depois" (p.92).

Já de saída, vale notar que esta ênfase de Silvestre no *a posteriori*, ainda que referida a uma experiência clínica e à implicação do analista com seu ato, obedece à lógica sempre enfatizada por Lacan como presente em qualquer experiência de significação. Entretanto, no caso em questão, este só-depois não serve a Silvestre apenas para discernir 'o que deu certo' ou 'o que deu errado' na condução desse tratamento, mas para, além disso e especialmente, indicar senão todos, pelos menos um dos critérios exigidos de uma clínica lacaniana. Num certo sentido, então, narrar este caso lhe serve para indicar que aquilo que poderia ser tomado ou considerado como um sucesso do ponto de vista freudiano correspondia, em verdade, a um insucesso do ponto de vista lacaniano. A distinção entre a clínica freudiana e a lacaniana se torna nítida então: o que está em jogo para que uma psicanálise do campo lacaniano se cumpra está na possibilidade de ir além da castração, residindo exatamente na transposição desta barreira (Silvestre,1989[1988]:92). Será somente depois de deixar claro este seu ponto de vista que Silvestre (1988) nos apresentará sua analisanda.

Esta estratégia narrativa não deixa, entretanto, de se mostrar reveladora, uma vez que o título que Silvestre dá a seu relato clínico – *Limite da função paterna* – se, de um lado, justifica sua introdução (justamente essa em que defende a perspectiva de que limitar-

¹⁹⁸ Silvestre era médico psiquiatra. Foi aluno de Lacan e ocupava, segundo Miller (1991[1987]), um lugar no "primeiro escalão" (p.11) da psicanálise no campo lacaniano. Morreu prematuramente, em 1985, após uma conferência realizada na Argentina (pp.10-11).

se à análise da função paterna seria praticar uma psicanálise freudiana, e não lacaniana), de outro, serve também para apontar o quanto a análise de uma mulher 'transborda' a referência à função paterna ao deslizar para um gozo além do fálico. Em nossa ótica, foi justamente o enlaçamento dessas diferentes dimensões do 'limite da função paterna' – a posição transferencial pela qual Silvestre optou e aquilo que se deu a ver na análise de Rachel – que, no só-depois, lhe permitiram reconsiderar sua estratégia clínica, reconsideração que acabou por tomar por base uma postulação teórica de Lacan: a de ser preciso ultrapassar a barreira da castração para ter acesso à fantasia.

Para nos falar especificamente de sua analisanda, Silvestre parte da forma pela qual ela apresentou seu sofrimento no momento em que o procurou como analista. Neste contexto, descreve Rachel como uma "inconformada":

"(...) inconformada às dificuldades mais cotidianas da existência cujas contrariedades lhe parecem malevolências de um destino especialmente voltado contra ela; inconformada com as coações da vida conjugal onde só vê exigências por parte do marido que entravam sua autonomia; inconformada com os encargos de sua função materna cuja preocupação é sempre angústia insurportável; inconformada, enfim, com as obrigações de sua profissão, onde só vê exploração, e até escravidão." (Silvestre, 1989[1988]:93)

Logo na sequência, Silvestre (1989[1988]) ressalta que a sexualidade era, para Rachel, um dever, embora ela soubesse não ser, de modo algum, frígida (p.93). Mas, acrescenta que, se do desejo ela não duvidava, a demanda nele implicada era, para ela, insuportável, não importando se esta demanda era dela mesma ou do outro (p.93). Estas referências a Rachel nos levam a pensar nesta mulher como alguém para quem pedir alguma coisa ao outro ou acatar e receber o pedido deste outro transformava-se sempre em algo penoso e especialmente problemático. É talvez, por esta razão, que Silvestre insiste em deixar claro que Rachel não poderia ser descrita como 'reivindicadora'; ou seja, não se tratava para ela de viver pedindo coisas, se sentindo sempre frustrada nestes pedidos. Não era isso. Para sustentar o adjetivo de 'inconformada' emprestado a Rachel, ele argumenta que não estaria em questão para ela regular a partilha dos bens (p.93). Ou seja, Rachel, com seu inconformismo não contestava a existência das leis que regulam esta distribuição, mas somente sua aplicação (p.93). Silvestre enfatiza, ainda, que Rachel não se queixava "de nenhum dano em particular, de nenhum prejuízo do qual fosse vítima" (p.93).

Esta passagem do relato de Silvestre se revela extremamente interessante, uma vez que vai servir para que ele, depois de ter situado os pontos de onde baliza sua escuta – desejo, demanda, lei, aplicação da lei – traga ao primeiro plano o que, efetivamente, se constitui, a nossos olhos, na maior característica, ou no mais significativo traço da análise lacaniana: o embate entre o sujeito e o Outro, embate em que conflitos simbólicos se expressam através de fixações imaginárias. Vale a pena, aqui, seguir Silvestre (1988) textualmente. Falando do sofrimento de Rachel, nos diz que "ela sofre é de violência, uma violência da qual ela é antes o juguete do que uma simples vítima" (p.93), acrescentando:

"Uma violência que surge e a invade em toda confrontação com o semelhante. Violência recíproca, que ela sofre duplamente, por não poder exercê-la com o outro, e que exacerba sua rebelião até o desespero." (Silvestre, 1989[1988]:93)

Observe-se que Silvestre (1989[1988]) dá a entender que, para além de se ver tomada pelo desespero gerado em sentir-se inevitavelmente confrontada com uma violência, Rachel não se defendia, ou seja, não revidava a violência experimentada. O sofrimento daí resultante, ele vai entender como "um sofrimento difuso, uma queixa depressiva que dá o tom à sua existência e à sua palavra" (p.93). Neste momento, traz para o texto a palavra de Rachel:

"(...) por que minha vida é tão difícil, tão dolorosa? Que segredo possui o outro para usufruir de uma felicidade que me escapa radicalmente?" (Silvestre, 1989[1988]:93)

Embora Silvestre não teça a respeito destas palavras de Rachel nenhum comentário, ficamos a impressão de que elas ilustram exemplarmente aquilo que, na elaboração de Lacan, diz respeito ao gozo do Outro, gozo que, mesmo não existindo e sendo só suposto, não deixa de produzir seus efeitos.

O caminho que Silvestre (1989[1988]) vai tomar em seu relato é o de nos informar que este sofrimento de Rachel não existiu sempre, tendo surgido por ocasião da puberdade, quando ela contava doze ou treze anos de idade (p.93). Nesta época, sua vida era marcada por um confronto diário com o pai, por ela considerado como o "único agente e representante exclusivo dessas coações" (p.93) que, desde então, a torturavam. Mas, se Rachel descobriu na análise que imputava ao pai a responsabilidade por seu sofrimento, isto não se deu sem algum desconcerto, já que nada no pai justificava promovê-lo a responsável pela desgraça dela (p.93). Entretanto, parece ter sido no rastro dessas evocações e deste

desconcerto que um fato crucial veio à tona: foi durante uma das discussões com o pai que ele morreu brutalmente de um acidente cardíaco agudo (p.94).

Neste momento, Silvestre nos informa, então, o sentido que ele, como analista, emprestou a este evento e que o fez decidir-se pelo caminho a ser dado na direção do tratamento:

"Esse evento, surgindo em tão dramático contexto, pareceu-me determinante – determinante de uma significação que a meu ver deveria centrar a conduta do tratamento – significação de um confronto deixado em suspenso, em que a ausência dolorosa de uma palavra resolutiva do pai separa Rachel do reconhecimento da lei edipiana e do desejo por ela regulado." (Silvestre, 1989[1988]:94)

A estratégia escolhida por Silvestre (1989[1988]) para a condução do tratamento é a de propiciar o luto do pai, para que este, "enfim morto" (p.94), permitisse a Rachel suportar a lei edipiana e a "castração que ela implica" (p.94). Diríamos, então, que aquilo que havia sido deixado em 'suspenso', seria, pela análise, efetivado. Efetivado através da transferência, sendo em relação a este ponto que a análise de Rachel acabou, como veremos, esbarrando em seu definitivo impasse. Mas não nos apressemos e sigamos Silvestre em seu relato.

Se a evocação da fase de sua puberdade serve a Rachel para situar o momento da vida em que seu sofrimento tomou arrancada, suas lembranças da infância fizeram surgir não uma menina conflitada, mas uma menina alegre, esperta e atenta às alegrias e aos prazeres de jogos sexuais entabulados com curiosidade e entusiasmo (p.94). Estes jogos, conta-nos Silvestre (1989[1988]), tinham lugar com um empregado da loja de mãe, prestando-se Rachel, com complacência, a carícias e "apalpações precisas, regularmente concluídas pela ejaculação – oferecida a seu olhar – do parceiro" (p.94).

Abrindo aqui um parêntese, vale notar que provavelmente para um analista freudiano, esta lembrança de Rachel seria tomada como a lembrança do trauma ou da cena de sedução. Não será, entretanto, por valorizar estas dimensões que esta lembrança ganhará importância para Silvestre (1989[1988]). O que ele vai nos dizer é que durante quase um ano estas cenas se repetiram, sendo não só aceitas por Rachel, mas solicitadas por ela. Vai, ainda, apontar para um elemento essencial nestas cenas: o fato de, quase sempre, a mãe estar por perto, vigiando o movimento da loja (p.94). Esta 'presença' da mãe de Rachel na configuração desta cena virá, na sequência, revelar sua importância; entretanto, chamamos

atenção para o fato de que, se existe uma probabilidade de a própria Rachel, em suas lembranças, ter evocado a mãe, falando dela e fazendo de sua 'presença' um ingrediente da cena recordada, a probabilidade maior (e determinada, em nossa ótica, pela maneira auto-referida ou auto-centrada como, mais comumente, os pacientes falam de si em suas lembranças) é a de Silvestre – para quem a relação de Rachel com a mãe, hipoteticamente, pesava já como representando o maior obstáculo na aceitação da lei edípica – ter 'buscado' esta mãe na cena, o que pode ter sido feito através de uma indagação muito simples, do tipo: 'onde estava sua mãe nestes momentos?' Queremos com isto ressaltar que, se Silvestre 'foi atrás' da mãe de Rachel, o foi porque tinha suas hipóteses. Por outro lado, vale notar que ele não 'criou' este elemento novo na cena; ao contrário, 'apostou' na sua presença e foi buscá-la para que ela não se perdesse. Esta consideração tem importância, aqui, porque já sabemos que é nas vias do que busca ouvir que um analista se movimenta.

Silvestre (1989[1988]) entende, então, que essas recordações de Rachel revelavam uma infância cheia de gozo – "gozo sexual" (p.94) – gozo responsável pela nostalgia que passou a invadi-la e que a reconduziu, irresistivelmente, ao amor votado à mãe (p.94). Neste ponto, acrescenta: "a respeito desse objeto materno, o empregado lá não é, estritamente, senão o agente, o executante, e até o oficiante da mãe" (p.94). Situando, então, a mãe de Rachel como a agenciadora de seu gozo, dirá, tentando situar o sofrimento de sua analisanda, que ela

"(...) está presa entre duas faces, duas vertentes aparentemente contraditórias de sua história. A primeira, de oposição ao pai, onde rejeita a lei que ele encarna, único acesso, entretanto, ao desejo fálico. A segunda, de efusão sexual, onde domina o amor da mãe, onde o que é visado é um gozo que, de imediato, se lhe impõe como mítico e inigualável."

(Silvestre, 1989[1988]:94)

Resumindo as duas faces da história em que Rachel se veria aprisionada, Silvestre (1989[1988]) diz: de um lado, o desejo; de outro, o gozo (p.95). Do lado do desejo, o pai, e especialmente, o "pai sedutor da histérica" (p.95) que "desperta o desejo, justamente porque se mostra sempre insuficiente, insatisfatório, abatido mesmo" (p.95). Do lado do gozo, a mãe, "uma mãe complacente" (p.95), responsável por manter o sujeito "na nostalgia de um gozo que nunca terá equivalente" (p.95). Abrindo, aqui, um novo um parêntese, vale notar que tais considerações vão, inequivocamente, aproximando Rachel de uma neurótica

obsessiva, sendo, esta, exatamente, a conclusão diagnóstica a que Silvestre (1989[1988]) chegou (p.97).

Feita, então, a distinção das duas faces da história em relação às quais Rachel se manteria presa, Silvestre (1989[1988]) nos diz que, na transferência, ela o esperava exigindo dele o que imaginava ter obtido da mãe (p.95). Entretanto, se era deste lado que ela o esperava, foi justamente situando-se do outro lado – do lado do pai – que ele entendeu ser a melhor forma de conduzir esta análise (p.95), pois da posição de "um pai que impede de gozar tranquilamente" (p.95) poderia melhor sublinhar "o que o sujeito perde ao realizar seu gozo do que o que ele ganha ao imaginá-lo apenas" (p.95). Promover a castração é, então, inequivocamente seu objetivo nesta análise; "decepcionar Rachel e torná-la insatisfeita" (p.95) é sua estratégia.

O que acontece em função desta escolha do analista é que "a análise se desenvolve seguindo uma sucessão regular de episódios" em que a expectativa de Rachel, "inevitavelmente desenganada, acarreta seu furor" (Silvestre,1989[1988]:95). Transferência e repetição mal se distinguem, comenta Silvestre (p.95), uma vez que são justamente as frustrações por ele impostas a Rachel que animam a repetição, repetição "que se manifesta como ódio ao falô mesmo, e acessoriamente – é o caso de dizê-lo – por aquele que o suporta" (p.95). Entendemos que, aqui, a partir do que Silvestre situa como referido à repetição, fica também melhor situado o que ele havia adiantado em relação a esta paciente: sua dificuldade em aceitar a aplicação da lei – uma vez que rivalizava com o portador desta lei. Avaliando esta expressão da transferência negativa, Silvestre lembra Lacan, para quem esta seria "a verdade da transferência" (p.95). Seria, a seus olhos, esta verdade que faria com que, ao mesmo tempo, Rachel fosse mal com ele, seu analista, mas melhor com com o resto (p.95), isto é, com seus familiares, com os quais ia conseguindo se relacionar de maneira mais apaziguada (p.96).

Entretanto, apesar de um sonho de Rachel ter vindo, num determinado momento da análise, a atenuar seu ódio ao analista – pois o sonho lembra a ela (e a ele também) que ela o ama – "no decurso de um episódio violento, perto das férias", ela decidiu "não voltar mais, interrompendo assim sua análise" (Silvestre,1989[1988]:95). Sobre este sonho,

Silvestre apenas nos diz que eram "sonhos de efusão nos quais um parceiro"¹⁹⁹ – a mãe, ou ele, revezando-se nesta função – conduzia Rachel ao orgasmo (p.95).

Silvestre (1989[1988]) conclui seu relato com duas constatações que entende como contraditórias (p.96). De um lado, constata que apesar dos percalços e das dificuldades geradas pela "pressão de uma interpretação virada sempre numa mesma direção" (p.96), Rachel pôde "reconstruir um pai imaginário sob medida, a partir do qual, o luto do pai real se operou" (p.96). Em função disso, um acesso à castração teria ocorrido, favorecendo suas relações fora do contexto da análise. Entretanto, este acesso teria feito também com que ela desenvolvesse uma inveja do pênis, inveja que se manifestava transferencialmente através de sua hostilidade para com ele. Considera, então, que em termos freudianos, teria havido sucesso nesta análise empreendida com Rachel (p.96).

Por outro lado, entretanto, o que fica muito evidente na narrativa de Silvestre (1989 [1988]) é que este 'sucesso freudiano' só lhe serve para destacar o quanto teria havido insucesso, se levados em consideração os critérios lacanianos. Em relação a estes, considera que teria havido um malogro (p.96) sustentado em dois pontos: em primeiro lugar, "no manejo da transferência sem cessar reconduzida à repetição, portanto atravancada de imaginário" (p.96). Atravancamento imaginário que define como uma "confusão" resultante do fato de sua analisanda sobrepor tanto seu anseio em recuperar um gozo, encenando este anseio, quanto sua esquiva ao desejo do Outro (p.96) – no caso, sua esquiva a ele mesmo, representante, ali, do pai em sua função interditora. Como a segunda causa do malogro, indica o fato de nada do fantasma de Rachel ter sido analisado; em sua ótica, se esta análise do fantasma tivesse ocorrido, ela teria permitido a Rachel "resolver seu conflito fálico" (p.96). Explicando-se em relação a esta perspectiva, argumenta que "construir um pai não equivale a construir o objeto de seu fantasma para dele se separar" (p.96). Assim, Rachel teria permanecido ligada ao pai – apesar da análise tê-la conduzido a fazer seu luto – que vem aqui no lugar do Outro. Na sequência, comenta que o fato do pai se projetar aqui numa perspectiva materna viria apenas atestar que "o falo não é tudo do gozo" (p.96). Em conclusão, tece a seguinte consideração:

"Se a castração acomoda o desejo à lei, não faz senão dividir o gozo. Era ingenuidade de

¹⁹⁹ A ambigüidade do texto não deixa claro se a evidência do amor de Rachel pelo analista surgiu através de um ou mais sonhos com o mesmo conteúdo.

minha parte pensar regular tudo somente com o que é regulado pelo falo."

(Silvestre, 1989[1988]:96)

Teria faltado então, a esta análise, demarcar o resto ao qual Rachel teria permanecido ligada (p.97), nos diz Silvestre (1989[1988]), um resto que estaria demarcado pelo "olhar materno cobrindo com sua onipresença cúmplice tanto as atividades sexuais de Rachel como suas lutas com o pai" (p.97). Acompanhando Silvestre, podemos pensar que o objeto *a* da fantasia de Rachel corresponderia ao olhar, olhar do Outro, o que explicaria, ao menos em parte, suas encenações transferenciais. Entretanto, como o fantasma de Rachel não chegou a ser analisado, o percurso analítico teria apenas produzido, nas próprias palavras do analista, uma "prótese fálica" (p.96) que a conduziu "a não achar senão um instrumento para sempre inadequado para seu gozo" (p.97).

Não fica difícil identificarmos nesta narrativa de Silvestre muitos elementos teóricos da grade conceitual lacaniana: as diferentes dimensões do pai, a noção de castração como lei, e o gozo em suas relações com o campo do desejo materno – um campo, em nossa ótica, acessível em função de uma metáfora paterna inconsistente e frágil. A rivalidade de Rachel para com o pai e uma fantasia posta à serviço da mãe respondem, também, por uma estruturação de tipo obsessivo, como já adiantamos, validando as observações feitas por Lacan ainda na década de cinquenta.

Por outro lado, vale também observar que, para além do que pode ser tomado como um estilo pessoal de narrativa, em seu relato Silvestre se apóia no que poderíamos chamar de 'tempos lógicos', tempos que, numa análise do campo lacaniano, se sobrepõem ao tempo cronológico ou à diacronia em que uma história é assumida por um sujeito ao longo de seu percurso analítico. Tais tempos lógicos, diriam respeito, então, em nossa opinião, ao tempo da demanda de análise, em que é sob a égide do significante 'inconformada' que o sujeito Rachel se apresenta; ao tempo da adolescência, onde o conflito com o pai resume sua dificuldade em aceitá-lo como portador da lei e, portanto, como aquele que imporá limites a seu gozo; ao tempo do trauma, correspondente ao momento da morte do pai e à eclosão da culpa que passa a impedir que revide a violência de que se vê cercada; e, finalmente, ao tempo da sedução, tempo do gozo, tempo em que, sem restrições, sua sexualidade transbordava os limites do corpo: olhar uma ejaculação sob o olhar velado, mas complacente da mãe, era a lembrança mais nítida do gozo entabulado desde sempre com ela.

Mas, se estes tempos lógicos podem facilmente ser deduzidos da narrativa de Silvestre, são eles também que permitem entender a operação psíquica propiciada por esta análise através da posição transferencial ocupada pelo analista. Quando Silvestre (1989 [1988]) nos diz que, pela análise, Rachel pôde fazer o luto do pai real (p.96), dá a entender que, ocupando o lugar da lei para sua analisanda – lugar do pai que interdita, e não do que goza – fez Rachel retomar as questões em jogo na passagem do segundo tempo do Édipo para o terceiro, que teria produzido uma clara eclosão da inveja do pênis. Entretanto, se foi assim, os sonhos de Rachel poderiam ser entendidos como reveladores de seu movimento em relação ao pai, portador de seu anseio. Neste caso, o amor ao analista seria uma expressão deste movimento. Se temos razão ao tecer estas considerações, podemos deduzir que foi aí, neste ponto, que Silvestre se deixou levar em demasia pela estratégia em relação à qual havia optado: a de ser um pai frustrador. Talvez se tivesse 'cedido' um pouco, deixando Rachel se 'exibir' para ele, sob seu olhar, a estrutura fantasística tivesse podido aflorar. Nesta rota, ele nada mais seria que semblante, semblante do objeto causa de desejo de Rachel, semblante de *a*. Poder reconhecer aí, neste 'nada' em que se converteria seu analista, a causa de seu próprio desejo, talvez tivesse propiciado a Rachel não o estabelecimento de um instrumento inadequado para seu gozo, mas a abertura para uma outra forma de gozar.

De qualquer modo, se avançamos aqui em considerações que estão para além da narrativa de Silvestre, o fazemos porque os elementos por ele trazidos à baila as ensejam. Subjacente a nossas considerações – e textual na narrativa – a nítida idéia da mulher como aquela para quem o falo não diz tudo, ou não é tudo.

3.6.2 - Diana Rabinovich e a histérica melancolizada

*"O fantasma como tal não deve ser confundido
com a floresta de fantasias imaginárias
pelas quais caminha."
(Diana Rabinovich)*

Foi, também, já no final da década de oitenta que Diana Rabinovich (1989[1988])²⁰⁰ publicou o caso de uma paciente – Magdalena – que, depois de cinco anos de análise com um outro analista, teria se apresentado a ela como uma histérica "melancolizada" (p.80). Esta narrativa porta, por conta disto, ou seja, por causa desta análise anterior de Magdalena, uma peculiar singularidade: é uma narrativa, em verdade, de duas histórias clínicas. A primeira, diz respeito a essa análise anterior de Magdalena, análise de orientação kleiniana, e sua narrativa se desenrola e se desdobra através do exame empreendido por Rabinovich do que teria nela entrado em jogo para gerar seu fracasso – fracasso pontuado por uma tentativa de suicídio de Magdalena. A segunda, diz respeito à análise conduzida pela própria Rabinovich, analista que responde por uma *práxis* no campo lacaniano. É esta dupla visada clínica, no entanto, que empresta sentido à narrativa de Rabinovich, uma vez que o relato é feito com a clara intenção de deixar evidente que a fantasia, tal como estruturada a partir das relações com o Outro da linguagem, não poderia ser confundida com sua inevitável proliferação imaginária.

Refletir sobre a função do objeto da fantasia no tratamento (p.80) é, então, o objetivo maior de Rabinovich (1989[1988]) com esta narrativa que, para atingir sua meta, nos conta a história de sua analisanda desde o início, apesar de Magdalena tê-la procurado um ano depois de ter tentado suicídio. Magdalena ficou órfã na puberdade e foi educada pela família do pai; casou-se ainda jovem e mantinha com o marido a aparência de um casal feliz, embora não houvesse praticamente relações sexuais entre eles. Magdalena era frígida e não ter filhos tinha sido uma decisão tacitamente tomada pelo casal. Seu marido era uma figura de destaque no meio intelectual e político, embora, fora deste contexto, fosse tímido e indeciso (p.81). Aos quarenta anos de idade, "quando já começava a se declarar

²⁰⁰ Rabinovich é argentina, professora do Departamento de Psicanálise da Faculdade de Psicologia de Buenos Aires. Em 1986, terminou seu doutorado na Universidade de Paris VIII. Como psicanalista, teve uma formação kleiniana inicial, mas que, ela mesma confessa, nunca excluiu a leitura de Freud. A este respeito, ver Rabinovich (1986[1985]) e (1988[1986]).

insatisfeita com seu parceiro" (p.81), Madalegna precisou sofrer uma intervenção cirúrgica em função de uma afecção ginecológica. Ao voltar a si, depois desta cirurgia, recebeu do médico que a tinha operado a notícia de que tinha sofrido uma histerectomia como medida preventiva, uma vez que já não seria recomendável, com sua idade, ter filhos (p.81). Este episódio não deixa de receber de Rabinovich uma pontuação: teria havido aí uma "inesperada irrupção do real: é impossível agora um filho" (p.81).

Segundo Rabinovich (1989[1988]), foi justamente este fato que fez com que Magdalena, meses mais tarde, tentasse, "com um *acting-out* reestruturar o efeito de forçamento deste real" (p.81). O que Rabinovich denomina, aqui, reestruturação do efeito de forçamento deste real corresponde ao fato de Magdalena passar a encenar no cotidiano de sua vida e, especialmente nas suas relações com o marido, este 'nada' como mulher a que se viu conduzida pela definitiva impossibilidade de gerar um filho. Em função disso, nos conta que Magdalena passou a se colocar, em relação ao marido, "em situação de amante desvalorizada, amargurada e despeitada" (p.81). Entende, por isto, que Magdalena fica na posição de 'menos *phi*'²⁰¹, apresentando-se, daí em diante, como uma mulher inútil, tola e feia (p.81). Acrescenta, ainda, que "pela primeira vez, Magdalena tem ciúme de Juan" (p.81), seu marido.

É neste ponto da história de Magdalena que Rabinovich introduz uma outra personagem que vai desempenhar um papel capital no sintoma de sua analisanda. Trata-se de Beatriz, moça que era tratada pelo casal "como filha adotiva" (p.81). Se Magdalena se via como não tendo nada além de seu amor por Juan, entendia, por outro lado, que Beatriz tinha tudo: "mocidade, beleza, inteligência..." (p.81). Por causa disto, aos olhos de Magdalena, "juntos, Juan e Beatriz poderiam obrar maravilhas e formar um par fecundo" (p.81). Neste momento, Rabinovich também nos informa sobre a formalização lacaniana do que estaria aí em jogo: "deslocamento do filho-*agalma* guardado agora por Beatriz" (p.81)²⁰². Neste contexto fantasístico, Magdalena considera que Juan não tem outra coisa a fazer senão amar Beatriz (p.81). Aos olhos de Rabinovich (1989[1988]), foi esta "transferência selvagem" (p.81) que fez com que Magdalena se decidisse a empreender sua

²⁰¹ 'Menos *phi*' "designa o falo imaginário enquanto interessado concretamente na economia psíquica, no nível do complexo de castração" (Lacan, 1992[1960-61]:234), correspondendo, assim, à castração imaginária.

²⁰² O termo *agalma* foi introduzido por Lacan (1992[1960-61]) com o objetivo de ressaltar aquilo que, de modo precioso e escondido (p.141), teria, para o sujeito, a função de fetiche (p.144). O *agalma* corresponderia ao objeto parcial (p.150) ou, melhor dizendo, o objeto *a* da fantasia (pp. 150-51).

primeira análise. Entende como estando na origem desta 'transferência selvagem' o fato de Magdalena – diante do "impasse que recobre o impossível da relação sexual" (p.82) – utilizar-se de Beatriz para interrogar-se sobre sua própria feminilidade (p.82). No entanto, faz esta pergunta "identificando-se ao homem" (p.82) – a Juan, portanto²⁰³.

Se este momento de Magdalena coincide com o da entrada em sua primeira análise, há nesta entrada uma curiosidade. Segundo Rabinovich (1989[1988]), fica omitida, por parte do analista, "qualquer referência a seu frustrado desejo de filho: não existe o real impossível, nem tampouco a castração" (p.82). Na seqüência, ressalta que:

" (...) existe só o imaginário filha-irmã Beatriz, Beatriz alvo de seu ciúme – o que constitui simples deslocamento do luto histórico pelos pais" (Rabinovich, 1989[1988]:82)

Observe-se que Rabinovich (1989[1988]) explicita neste comentário os parâmetros que teriam regido a escuta e as intervenções do primeiro analista de Magdalena. Na seqüência, esclarece que, na vida de Magdalena, este período coincidiu com a fase em que ela aceitou que sua intimidade fôsse invadida por Beatriz e outras amigas, "como pura retorsão de sua agressividade inconsciente" (p.82). Observemos, de novo, que Rabinovich lança mão dos paradigmas kleinianos para tecer esta observação, levando seus comentários à dedução de que poder aceitar Beatriz em seu circuito correspondia, para Magdalena, numa reversão do sadismo arcaico dirigido aos pais. Seu comentário seguinte é, na verdade, uma síntese do que entendia orientar a abordagem interpretativa de seu antecessor no tratamento de Magdalena:

"Seu sadismo inconsciente lhe impede traçar limites: ela deve elaborar o luto, organizar sua vida, fazer-se respeitar." (Rabinovich, 1989[1988]:82)

Na ótica de Rabinovich, nesta análise anterior,

"(...) tudo está concentrado no *hic et nunc* da transferência imaginária com seu analista-seio-pênis. Magdalena obedece à demanda 'reparadora' de seu analista, e a intriga torna-se drama". (Rabinovich, 1989[1988]:82)

Este 'drama' vai consistir no fato de que Magdalena proíbe Beatriz de entrar em sua casa e expulsa os amigos. O que Rabinovich (1989[1988]) acentua, entretanto, é que, por esta via, Magdalena acaba transformando Juan numa espécie de *Don Juan*. Animado, assim, pelo desejo de Magdalena, seu marido se declara apaixonado por Beatriz, propondo, então, a

²⁰³ Vimos, anteriormente, como esta estruturação seria típica da histérica. Ver p.216 deste trabalho.

separação. É neste momento, diante desta dificuldade, que o casal resolve fazer uma consulta, como casal (p.82)²⁰⁴. Sobre esta consulta, Rabinovich nos diz:

"Nesta única entrevista, Juan insiste sobre seu desejo de manter relações abertas; o terapeuta considera que as condições para uma terapia de casal não estão presentes, na medida em que não há laços que a justifiquem. Magdalena irá contar-me, depois, que, ouvindo tais palavras, sentiu um abismo abrir-se sob seus pés; daí por diante, nada mais tem sentido para ela. Voltando para casa, telefona ao terapeuta para perguntar se ela ouviu bem. Esse lhe confirma as palavras; logo Magdalena passa ao ato, tentando o suicídio."

(Rabinovich, 1989[1988]:82-3)

Neste momento da narrativa, Rabinovich teoriza:

"A passagem ao ato, observa Lacan, corresponde à escolha do 'eu não penso'. Produz-se aí um desaparecimento do sujeito, identificado ao objeto *a* caído do campo do Outro, onde não há mais lugar para seu ser." (Rabinovich, 1989[1988]:83)

Não fica difícil, aqui, nos lembrarmos do que aconteceu ao paciente de Deutsch (1951) e que resultou na sua fobia. Rabinovich (1989[1988]) acentua, contudo, em relação a este ponto, que, só depois de seis anos a análise de Magdalena realizada sob seus cuidados permitiu precisar, retrospectivamente, as razões de tal desfecho (p.83).

Quando Magdalena procurou Rabinovich (1989[1988]), se apresentou a esta dizendo que era "merda" (p.83) e que não servia para nada (p.83). Rabinovich sublinha, neste momento, que a impaciência poderia facilmente empurrar um analista "para o sentido literal de merda" (p.83), fazendo crer tratar-se, na questão de Magdalena, de um objeto anal. Mas, o desenrolar do tratamento vai mostrar, segundo ela mesma, não ser este o caso:

"Se Magdalena é uma 'merda' é no sentido de resíduo: sua posição de resíduo constitui, com efeito, o traço central – resíduo de análise, resíduo de casal. "

(Rabinovich, 1989[1988]:83)

Em seguida, Rabinovich (1989[1988]) tece, sobre esta posição de resíduo ocupada por Magdalena, a consideração de que "essa posição é a do sujeito no fantasma masoquista, cujo objeto é a voz" (p.83). Essa voz faria lei para Magdalena, "pondo-a a serviço do Outro, ao qual ela se oferece como uma coisa que obedece, como um cão, às ordens" (p.83). Ainda sobre este ponto, vale a pena acompanhar, na íntegra, seus argumentos:

"O referente latente que o manejo imprudente da relação de objeto na primeira análise,

²⁰⁴ Rabinovich não deixa claro se a consulta foi feita ao analista de Magdalena ou a um terapeuta de casal.

penso eu, desprezou, é precisamente a voz: é assim que, ao lhe dizerem que ela é demais na cena, ela obedece, apagando-se, pela passagem ao ato." (Rabinovich, 1989[1988]:83)

Mas, se esta foi a conclusão a que chegou Rabinovich (1989[1988]) depois de ouvir Magdalena em análise por seis anos, os caminhos que a conduziram até aí não deixam de ser mencionados. Ela nos informa, sobre isto, que o desaparecimento progressivo dos sintomas de Magdalena foi acompanhado do aparecimento da fórmula que a unia à voz enquanto objeto (p.83) – ela repetia sem cessar "não sirvo para nada" (p.83), negação que, para a analista, marcava "a presença da enunciação no enunciado" (p.83). Detendo-se sobre os sentidos do verbo *servir*, Rabinovich lembra que ele tem, em francês, em espanhol e em português dois sentidos²⁰⁵: "ser útil, ser capaz de desempenhar certas tarefas; e, igualmente, prestar seus serviços, ser utilizado como servidor" (p.83). A partir disto, considera que privilegiar o primeiro sentido poderia tê-la extraviado no "campo da identificação imaginária, na imaginarização do ego, do menos *phi*, limite em que se encerra a teoria do tratamento centrada no narcisismo" (p.83). Ou seja, o que Rabinovich pretende com este comentário – tanto quanto Michel Silvestre pretendeu com sua narrativa clínica – é indicar o para-além da castração que deve entrar em jogo numa análise do campo lacaniano: o real, através da fantasia. Por conta disto, será privilegiando o segundo sentido de *servir* que centrará o eixo da análise de Magdalena. Desmontando o "axioma de seu fantasma", dirá:

" 'Eu sirvo' constitui a resposta de Magdalena a uma ordem: 'Serve!', não-formulada e inaudível; Magdalena responde a essa voz imperativa por um 'Amém!', que tua vontade seja feita! Há, portanto, duas versões; uma ao nível do enunciado egóico, no qual a negação define a impotência egóica; a outra no plano da enunciação inconsciente, é uma resposta à voz: 'Sou servidora, eis o meu ser, ocupo na passagem ao ato a posição do resíduo que sou: caio como uma merda'." (Rabinovich, 1989[1988]:84)

Deste modo, diz Rabinovich (1989[1988]), a deflação narcísica de Magdalena mascarava sua submissão a essa voz (p.84). Voz que a analista considera estar relacionada à voz do Outro, cujo desejo é a lei, e que "sustenta o pai no altar do qual a histérica se oferece em sacrifício" (p.84).

A partir do lugar ocupado pela voz na fantasia de Magdalena, Rabinovich (1989[1988]) considera que "seu casamento só poderia ser considerado como desprovido de

²⁰⁵ Vale lembrar que Rabinovich é argentina e que esta narrativa clínica foi originalmente por ela publicada em francês. No entanto, a tradução para o português foi feita a partir do texto em espanhol por ela mesma e por J.-M. Ribbettes.

sexualidade por um ponto de vista convencional" (p.84), uma vez que, sem o saber, seu marido, um conversador brilhante, "literalizava de maneira imaginária" (p.84) a causa de seu desejo²⁰⁶. Vale observar que a frigidez de Magdalena não é valorizada por Rabinovich, que se desloca sempre orientada pelo que, do real, vem balbuciar nas palavras de Magdalena – *sou merda, não sirvo para nada*. Deste modo, se Magdalena é descrita como uma histérica, o é não tanto por seus sintomas, mas pela tortuosa economia de seu desejo, um desejo sustentado por uma fantasia masoquista e por um gozo que, a nossos olhos, se revelava num mais-de-gozar desfrutado pela fala do marido a ela endereçada.

Na opinião de Rabinovich (1989[1988]), a primeira análise de Magdalena teria falhado, justamente, "por ter naturalizado o objeto do desejo" (p.84), dando-lhe "densidade imaginária" (p.84). A esta análise, Magdalena teria respondido cegamente, obedecendo à ordem de sair da cena para realizar seu luto. Só que, em lugar de realizar este impossível luto – pois o objeto *a* não pode ser introjetado – Magdalena "recolocou no real o resíduo sob máscara da merda" (p.84). Rabinovich encerra sua narrativa, dizendo:

"Após esse longo e difícil percurso, Magdalena atravessou o luto do objeto: ela está lá onde o objeto do fantasma permite operar a separação, lá onde aponta o término da análise."
(Rabinovich, 1989[1988]:85)

Separação em que, diferentemente da primeira análise, não é ela que deverá cair como objeto *a*, mas sua analista (Rabinovich, 1989[1988]:84).

É interessante poder observar que, no caso de Magdalena – uma histérica – não foi a necessidade de fazer valer uma relação com a lei o que serviu de eixo ao tratamento, mas sim, como Rabinovich (1989[1988]) deixa claro, a relação de Magdalena com o objeto da fantasia – a voz – relação que desnudaria sua posição masoquista (p.84). Falando sobre este objeto voz, Rabinovich sublinha a relação sempre estabelecida por Lacan entre este objeto e o supereu (p.84), supereu que impõe a lei não só do desejo enquanto voz interditora, mas do gozo. Em Magdalena, este imperativo de gozo se traduzia, como vimos, pelo "serve!, serve ao Outro!".

A confrontação destes dois casos de neurose no âmbito do pensamento lacaniano – o primeiro, narrado por Silvestre e caracterizado por um ódio ao falo e pelo afrontamento à lei por ele imposta; o segundo, narrado por Rabinovich e caracterizado pela incidência atroz

²⁰⁶ Neste ponto, o erotismo em jogo nas vias usadas pela histérica para ter acesso a seu desejo se torna claro.

desta lei através da instância superegóica, geradora de um submetimento gozoso e subserviente ao outro sempre confundido com o Outro – vem, em nossa ótica, ilustrar aquilo que, na teorização de Lacan, diz respeito à subjetivação não-toda da lei da castração pelas mulheres. Vale notar a este respeito que enquanto Rachel, a paciente de Silvestre, dizia mais frequentemente *não* a esta lei, Magdalena, a paciente de Rabinovich, vivendo na 'carne' sua castração imaginária, fazia da lei uma castração consumada e submetia-se a ela de forma servil, ao manter o Outro como dono da última palavra, ou da palavra de ordem a ser cumprida. Assim, se Rabinovich não alude em sua narrativa às relações de Magdalena com a lei simbólica, relação que pareceria estar 'faltando' dada a pregnância que Magdalena emprestava à sua castração imaginária, é porque, de todo modo, esta relação simbólica com a lei estava lá, vigindo de maneira atroz e tirânica no superego de Magdalena. Perfurar esta tirania foi o que este trabalho de análise parece ter possibilitado, viabilizando para Magdalena poder melhor caminhar nas vias do desejo.

Entendemos que a perspectiva lacaniana sobre o caráter *indecidível* das mulheres reverbera neste dois casos clínicos, ilustrando a concepção de que a lei do pai incide de maneira apenas parcial no sujeito feminino. Assim, entre dois polos – o correspondente ao fato desta lei ser tomada como não tendo pertinência, bem ilustrado por Rachel, e o correspondente ao fato dela ser tomada como tendo se cumprido na sua mais total radicalidade, do qual Magdalena dá um testemunho exemplar – um enorme campo de possibilidades se apresenta, possibilidades, de todo modo, organizadas em torno de dois eixos: o da constituição da metáfora paterna e o da construção fantasística.

Entretanto, vale notar que se os sofrimentos de Rachel e de Magdalena foram apreendidos respectivamente por Silvestre e por Rabinovich a partir da grade conceitual lacaniana, poderiam perfeitamente ter sido apreendidos por uma outra, diferente desta – especialmente por uma das outras duas arroladas anteriormente neste trabalho: a freudiana e a anglo-saxã. Só que, nestas circunstâncias, muito provavelmente, também as histórias de Rachel e Magdalena acabariam sendo narradas de modos diferentes e explicadas, de maneiras também distintas, as razões de seus sofrimentos – ainda que estes, em última instância, fossem, para cada uma delas, Rachel e Magdalena, 'no fundo da alma' o seu próprio sofrimento, independentemente da explicação psicanalítica sobre ele.

Mas, se 'sentir' um sofrimento independe da maneira como este sofrimento vai ser captado e interpretado por um analista, parece só haver uma maneira possível para o próprio sujeito tentar, senão dirimí-lo, ao menos atenuá-lo: falando dele. Falando dele para um Outro que o analista encarna como Outro da linguagem, apesar de ser também construtor da teoria e, muito frequentemente, seu curador, se aplicarmos a este termo seu sentido jurídico. Assim, se a teoria psicanalítica pode ser vislumbrada como uma teoria construída, dentre outras finalidades, para circunscrever e apreender o sofrimento com vistas a intervir em relação a ele, e se ela, a teoria, é o que temos e do que dispomos – nossa 'fortuna' como analistas – para ouvir nossos analisandos, tentemos então examinar alguns pontos a que pudemos chegar depois de trilhar tantos anos de sua história. Vamos à conclusão.

CONCLUSÃO

Percorrer os caminhos de uma história, seja ela de que natureza for, costuma gerar uma série de reflexões em função das próprias marcas que os fatos históricos – por sua força, por sua sutileza, por sua gênese ou por sua emergência sobredeterminada – acabam imprimindo na sensibilidade daqueles que se debruçam sobre ela. Quando esta história diz respeito à história da construção do saber e da prática em nosso campo não é diferente. Creio mesmo que esta história que acabamos por terminar de contar dá especialmente o que pensar, talvez em função de sua natureza peculiar: a de ser uma história da abordagem teórica – e da intervenção clínica – do sofrimento psíquico das mulheres.

As vertentes em que o pensamento pode se abrir, a partir do que esta história pode acabar por revelar, são inúmeras. De nossa parte, sem ousar imaginar que poderíamos esgotá-las, é nossa pretensão, ao menos, circunscrever certos circuitos em que alguns fatos e algumas questões possam minimamente se mostrar articulados. Foram cinco os circuitos que escolhemos para este fim, circuitos que foram brotando de nosso pensamento no momento em que a história que vínhamos contando ia chegando a seu final. Sem sombra de dúvida, existem outros...

Se os fatos teórico-clínicos levantados nesta pesquisa puderem fazer emergir outros circuitos de reflexão, além dos nossos, nosso trabalho terá, então, atingido o objetivo maior de qualquer trabalho de pesquisa. É, na verdade, o que esperamos que possa vir a acontecer, e é o que convidamos o leitor a fazer. Afinal, é para isto que serve qualquer história, seja ela de que natureza for...

O primeiro grande circuito:

sobre aquilo de que falam as mulheres e sobre como são ouvidas

A esquiva ao sexo como um componente na vida de muitas mulheres foi precocemente observada por Freud, não saiu de cena no cenário anglo-saxão e, muito menos, no cenário lacaniano. As cinco mulheres que vieram dar, neste nosso trabalho, um testemunho sobre o sofrimento feminino ilustraram este ponto de maneira exemplar. Afinal,

esta foi uma temática presente tanto em H, a paciente sucessivamente atendida por Ophuijsen e por De Groot, quanto na paciente de Rivière, especialmente a partir de determinado momento de sua análise. Além disto, esteve também presente em Magdalena, a paciente atendida por Rabinovich e, se não ocupou claramente a boca da cena nos casos atendidos por Silvestre e por Khan, também, neles, não esteve ausente – mostrando apenas sua outra face – pois, enquanto para a paciente do primeiro o sexo não era mais do que um dever, para a paciente do segundo era algo que se realizava 'ao largo' de sua posição subjetiva, como se o corpo oferecido ao outro não fosse seu.

Assim, tal esquiva (ilustrada claramente por H e Magdalena) ou seu contraponto – o que vem a dar no mesmo: uma atividade sexual compulsória (ilustrada por Rachel) e uma atividade quase compulsiva (ilustrada pela paciente de Khan) –, expressariam o quanto o exercício da sexualidade pela mulher em suas diferentes tonalidades seria o resultado de uma particular atividade fantasística. Esta, resultaria da articulação feita pela mulher entre a peculiaridade de seu corpo e os desejos supostos como estando em questão naqueles que se perfilam como os primeiros representantes do Outro em sua alteridade: a mãe e o pai do Édipo –, logo tomados, entretanto, como legítimos representantes do desejo de qualquer outro que passe a fazer, ou apenas queira fazer, parte de sua vida.

Se considerarmos ao lado desta evidência – ou seja, de que a esquiva, em suas diferentes versões, foi uma constante nos casos que examinamos – que esta casuística clínica cobre o período de tempo compreendido entre 1917²⁰⁷ e 1988, ano em que foram publicados os casos clínicos do campo laciano de que nos utilizamos, talvez possamos então já deduzir que, se o sofrimento feminino, em seu âmago, não se alterou – apesar das transformações sociais que atingiram a vida das mulheres ao longo de nosso século terem, sem dúvida, modificado o quadro de suas manifestações sintomáticas, já não pesando tanto a repressão social como aquilo que agenciaria a emergência de sintomas conversivos²⁰⁸ –, a forma psicanalítica de abordar o sofrimento, contrariamente, em muito se transformou,

²⁰⁷ Se incluirmos, aqui, os casos narrados por Freud nos *Estudos* e a própria *Dora*, este tempo se alarga. Ao lado disto, não fica difícil verificar, mesmo nestes, a presença da dinâmica fantasística que acabamos de tentar resumir.

²⁰⁸ Já em 1996, esta observação se incluiu no caminho que percorremos, ao tomarmos, em trabalho de pesquisa, o percurso da sintomatologia histérica ao longo do século XX, articulando-a à temática das identificações. Ver, a este respeito, Utchitel (1996), especialmente capítulo 1 ("O 'ser mulher' no final do século XIX"), capítulo 4 ("A fala feminina contemporânea"), assim como nossa conclusão.

sendo, já, o próprio modo como aqui o entendemos e resumimos, o resultado desta transformação.

Tomando os dados revelados por nossa pesquisa, especialmente na referência ao desdobramento produzido na história da teoria psicanalítica a partir da abordagem inaugural de Freud acerca da sexualidade da mulher, diríamos que eles vêm, em princípio, sugerir que teria havido um avanço na apreensão das razões que ensejariam o sofrimento feminino. Em nossa opinião, a trajetória revelada ao longo do curso da história sobre o que estaria em jogo, e no cerne, deste sofrimento teria sido marcada pela insistente e persistente tentativa de decifração de alguns enigmas que responderiam por suas manifestações. A última etapa desta trajetória teria vindo encontrar, então, para este sofrimento, uma razão ou uma determinação considerada estrutural: haveria sempre um real impossível de ser simbolizado e que, nas mulheres, seria parceiro do corpo por elas habitado.

Este real seria, assim, a causa de viverem sempre mais facilmente seu sexo como castrado, agenciando, ainda, a possibilidade de, também mais facilmente, imaginarem a parte invisível de seu sexo – aquela que se mistura fantasisticamente ao interior corporal – como afeita aos maiores perigos. Seria ainda ele, o real, que responderia pela possibilidade das mulheres preferirem frequentar o mundo das lembranças ou da imaginação do que enfrentar a realidade nua e crua das dificuldades inerentes às relações entre homens e mulheres; seria isto, justamente – e felizmente – que o amor se incumbiria de encobrir e contornar.

Se o amor acaba sendo, então, aquilo do que é possível falar – pois do desejo não se sabe, servindo o desejo apenas para que se continue desejando²⁰⁹ – sofrer-se-ia, então, disto, ou seja, do amor. Neste caso, restaria perguntar: a quem as mulheres amam? O pai e seu substituto, responderia muito provavelmente Freud; sua mãe, diria certamente Klein; sua própria verdade, talvez indicasse Lacan...

Entretanto, se estas respostas sintetizam o quanto o sofrimento feminino foi distintamente entendido e abordado ao longo da história da psicanálise, elas inevitavelmente conduzem a uma outra questão: será que isto implica mesmo numa abissal divergência teórica entre Freud, Klein e Lacan? Será, vale ainda perguntar, que significa

²⁰⁹ É ainda Souza (1994) quem desenvolve com muita clareza esta perspectiva. Ver, a este respeito, especialmente, pp.52-3.

concluir que não poderíamos falar de metapsicologia, mas de 'metapsicologias' em nosso campo?

Sem dúvida, divergências teóricas e clínicas precisam ser supostas para que a formulação destas questões se mostre minimamente procedente. Entretanto, ainda que o plano destas divergências tenha acabado por sobressair no percurso realizado ao longo deste trabalho – especialmente por privilegiarmos não só o terreno conceitual que serviu de solo às narrativas clínicas que o atravessaram, mas seu conseqüente efeito no manejo da transferência –, entendemos que um exame mais abrangente destes dois planos, o da teoria e o da clínica, pode ser um bom caminho para encaminharmos nossas conclusões.

Privilegiando, então, cada um destes campos, encaminharemos nossos dois próximos circuitos reflexivos. Na qualidade de 'circuitos principais', serão eles que formarão ainda o solo das reflexões que iremos tecer no circuito seguinte, e que fornecerão, também, os elementos que entrarão em consideração no último.

**O segundo circuito:
o plano das divergências teóricas
para o qual as figuras da histérica, da mãe e da mascarada vêm apontar**

Fomos enfatizando, ao longo dos capítulos que compuseram este trabalho, que as figuras da histérica, da mãe e da mascarada encerravam distintas concepções de mulher e, mais do que isto, diferentes concepções acerca do que seria a feminilidade. Sob esta ótica, estas três figuras de mulher, de fato, seriam reveladoras das divergências teóricas que caracterizariam as três escolas de pensamento em relação as quais elas foram tomadas aqui como representantes.

Recapitulando, vimos que, com Freud, a feminilidade seria tributária da inveja do pênis e do fato da mulher poder substituir este órgão, tão invejado, por algo capaz de ter o mesmo valor simbólico – um filho – através da experiência da maternidade. Assim, se de um lado, Freud veio retirar da feminilidade seu caráter 'natural', desvinculando-a de qualquer natureza biológica e instintual ao emprestar-lhe a dimensão de um longo percurso em que um enorme trabalho psíquico seria requerido, de outro, manteve a perspectiva de

que ela, a feminilidade, seria alcançada pelas mulheres através da maternidade – uma maternidade que poderia, e deveria, ser exercida também como marido, lembremos. Vale notar então que, com esta perspectiva, Freud, de certo modo, teria se mantido fiel às representações sociais idealizadas, em sua época, sobre a mulher.

Além disto, não fica difícil observar que, ao privilegiar em seu arcabouço teórico a inveja do pênis como aquilo que conduziria a mulher à feminilidade, Freud acabou por transformar esta última numa réplica simbólica da masculinidade. Dito de modo mais claro, a feminilidade, em Freud, corresponderia a uma forma de masculinidade, tendo em vista que o substituto do pênis invejado, o filho, seria alcançado pelas via do endereçamento ao outro do amor, endereçamento que faria com que o substituto simbólico do pênis pudesse ser encontrado numa criança real. Sob este prisma, o que caracterizaria realmente a feminilidade atingida através da maternidade seria a posse simbólica de um atributo fálico.

Se pararmos, em função disto, para pensar o que caracterizaria o erotismo feminino aos olhos de Freud, ficaríamos numa encruzilhada: de um lado, poderíamos entendê-lo como estreitamente referido à possibilidade da mulher encontrar meios de satisfação passivos resultantes de sua entrega ou submetimento ao outro do amor²¹⁰; por outro lado, no entanto, nos veríamos no impasse de precisar considerar que esta entrega ou submetimento não seriam, afinal, tão passivos assim, pois diriam respeito a uma forma 'ativa', para não dizer, 'camuflada', de alcançar o que desde sempre foi invejado nos homens. Sob esta ótica, a perspectiva, defendida pelo próprio Freud, de que feminilidade e passividade coincidiriam não deixa de se mostrar contraditória.

Em nosso caminho nesta pesquisa, vimos também que, com Klein, a feminilidade seria o resultado das defesas utilizadas pela mulher em nome da neutralização das inevitáveis angústias geradas pela inveja arcaica dirigida à mãe e pelo sadismo precoce dirigido aos objetos por esta contidos, defesas que levariam a mulher a lidar, tanto com a maternidade e com o filho quanto com o parceiro no coito, norteadas pelas fantasias infantis.

²¹⁰ Em nossa ótica, esta perspectiva teria orientado Freud (1937) em suas últimas considerações sobre o tema, muito embora ela acabasse por revelar, justamente, seu caráter intransponível. Nem por isto, entretanto, esta perspectiva deixou de ser relevada no cenário teórico-clínico em nosso campo. Retomando o pensamento de Freud e, especialmente, as considerações por este tecidas em 1937, Joel Birman defende a perspectiva - na qual vem trabalhando em sua pesquisa - de que a feminilidade diria respeito a uma forma de erotismo em que o referencial fálico seria suspenso, e que seria acessível tanto às mulheres quanto aos homens. Ainda em sua ótica, é para esta feminilidade que a experiência psicanalítica deve conduzir o sujeito. Sobre este ponto, ver Birman (1999[1998]), especialmente p.14.

Entretanto, se Klein privilegia em seu modelo clínico-conceitual estas experiências – a da maternidade e a do coito –, é por entendê-las como aquelas que maiores oportunidades propiciariam às mulheres de neutralizar as angústias de cunho paranóide, ou reparar aquelas de caráter depressivo. Vale lembrar ainda que, neste modelo, a mulher seria *mulher* desde saída – servindo o adjetivo mulher, neste caso, para qualificar um atributo filogenético que supostamente faria da região genital feminina uma zona corporal passível de reagir precocemente ao sexo oposto. Entretanto, é importante não perder de vista que mesmo supondo a existência desta *mulher* no ponto de partida, ela seria, no final, uma mulher votada não aos homens – como tenderíamos a conceber acompanhando a perspectiva filogenética aí presente – mas à mãe e a seus objetos. E, neste ponto, uma inevitável evidência se coloca: tratar-se-ia, então, mais de *filha* do que de *mulher*. Ainda que uma posição não elimine a outra, seria natural pensarmos que uma erótica distinta tenderia a caracterizar estas duas posições, e é isto, exatamente, o que não acontece, tendo em vista que ambas seriam regidas por tendências incorporativas ativas, e sempre mais intensas que aquelas observadas nos homens.

Entendida, sob esta ótica, a feminilidade no pensamento kleiniano diria então respeito, acima de tudo, a um sentimento filial, sendo o prazer desfrutado no plano do erotismo com o parceiro e os prazeres eventualmente vividos na experiência da maternidade tributários da relação fantasística entabulada com a mãe. Observe-se, contudo, que ainda que restringindo a feminilidade a um sentimento filial, há no pensamento kleiniano um avanço, propiciado pelo fato de retirar a maternidade do plano do 'nirvana' com que era revestida no pensamento freudiano.

Finalmente, vimos também que, com Lacan, a feminilidade ganhou o estatuto de uma posição sexuada – a posição feminina – posição tributária da subjetivação não-toda da lógica fálica e caracterizada pela abertura para aceder a uma modalidade de gozo suplementar ao fálico. Feminilidade que, por estas características, não se restringiria às mulheres, desatrelando, portanto, de saída a exigência da maternidade como uma de suas condições; assim, a mulher, no pensamento lacaniano, pode ocupar uma posição feminina mesmo sem ser mãe e sem desejar um filho. Paralelamente, pode também ocupar uma posição feminina mesmo sem se ocupar com um homem no plano do erotismo, pois a colocação em cena, no pensamento lacaniano, de uma dimensão do Outro que não diz

respeito ao Outro da intersubjetividade, mas da linguagem, transforma o campo das relações com a vida, de um modo mais amplo, num campo onde o gozo feminino poderia ser vivido, mesmo de forma silenciosa e destituída de um saber – forma, aliás, pela qual as místicas teriam experimentado o êxtase. Em conclusão, a mulher lacaniana é concebida como podendo ser *mulher* – ainda que apenas *uma* – ou seja, como alguém que teria acesso a uma erótica particular (ainda que não exclusiva) não porque seria mãe ou esposa, mas porque estaria marcada por um significante incapaz de 'dar-lhe corpo' como mulher. Este furo no simbólico permitiria à mulher, então, encontrar uma dupla via em seu erotismo: de um lado, por sua condição de sujeito, a encontraria por intermédio daquilo que todos os sujeitos querem – o falo em sua multiplicidade simbólica –; de outro, prestando-se a fazer semblante de *a* para um homem, ou seja, semblante daquilo que causa o desejo dele, ela responderia pelo lugar do *Outro* – Outro da fantasia, Outro radicalmente Outro por não portar a barra da castração, único Outro do Outro sexo, portanto. Nesta dupla referência da mulher, uma infinidade de possibilidades então se conjugaria, dando a cada uma um caráter, *a priori*, indecidível.

Privilegiando, então, este plano – o das considerações tecidas por estas três escolas de pensamento psicanalítico na referência ao que seria a feminilidade –, a idéia de uma imagem caleidoscópica de mulher, anunciada em nossa introdução, tende a se confirmar, parecendo deixar num impasse qualquer tentativa de articular as figuras da histérica, da mãe e da mascarada – representantes, respectivamente, dos pensamentos freudiano, anglo-saxão e lacaniano.

Mas, se ao invés de tomarmos esta via – a de privilegiar as conclusões a que chegaram estas três escolas de pensamento na referência à feminilidade – tomarmos uma outra e privilegiarmos o percurso elaborativo de cada uma destas escolas, logo nos daremos conta de que, muito mais do que de descontinuidades, a história da teoria psicanalítica – ao menos na referência a esta temática – pode ser lida como portanto uma continuidade. Neste sentido, vale também recapitular alguns pontos. Dentre eles, o fato de Freud ter podido anunciar o solo em que se forja a subjetivação do sexo próprio – nas relações com o falo –, relações, portanto, com aquilo que imaginariamente faria do corpo das mulheres um corpo castrado; dito de outro modo, um corpo sem pênis, ausência que inevitavelmente resultaria, para as mulheres, num dano narcísico que reverberaria pela vida, fazendo da inveja, dos

ciúmes e da tentativa de encontrar um substituto para este pênis o motor maior de seus investimentos psíquicos e amorosos.

Mas, em sequência a este, vale também recapitular um outro ponto: se Freud pôde captar e ouvir que o solo era este, os anglo-saxões claramente perceberam – e daí partiram – que este era um solo 'amarrado' e ancorado' em uma antiga tradição, tradição que faria da cultura ocidental uma cultura masculina e fálica. Foi tomando então a perspectiva de que devia existir uma feminilidade na origem, feminilidade que seria 'entrevada' pelas exigências fálicas da cultura, que deram a partida num outro modelo. Este novo modelo, ao indagar mais enfaticamente a origem de angústias tão precocemente observadas nas crianças é que acabou por fazer do Outro materno o alvo maior dos investimentos psíquicos arcaicos, trazendo à tona o dinamismo psíquico implicado na noção de objeto parcial ou objeto interno, objeto que, longe de dizer respeito a uma pessoa, diria respeito àquilo que, como bem mais precioso do sujeito, orientaria os circuitos de seu desejo – ponto pivô que serviu a Lacan para fazer do real, e sobretudo do objeto *a*, o objeto da fantasia, a grande novidade de seu próprio modelo conceitual. Assim, tanto Freud quanto Klein, teriam fornecido preciosas 'chaves' para que Lacan, num terceiro tempo, tivesse vindo a formalizar a sexuação como o fez.

Entender – como entendemos – que Lacan teria vindo formalizar, através dos registros do real, do simbólico e do imaginário, aquilo que seus antecessores tinham adiantado, não significa, entretanto, tirar-lhe os méritos. Pelo contrário, sem a formalização lacaniana do pensamento freudiano e do pensamento kleiniano, talvez essa história só pudesse mesmo se mostrar, senão descontínua, pelo menos composta de dois tempos dificilmente articuláveis. Ironicamente, portanto, entendemos que foi justamente propondo uma ruptura em relação àqueles que eram seus contemporâneos que Lacan pode promover um enlaçamento ou uma nodulação daquilo que seus antecessores tiveram o brilhantismo de adiantar: Freud, o simbólico e Klein, o imaginário. Se a Lacan coube o real, foi um real que, também brilhantemente, ele pode auscultar como presente tanto no simbólico freudiano quanto no imaginário kleiniano.

Sob esta ótica, as figuras da histerica, da mãe e da mascarada deixam de constituir elementos de um mosaico para se referirem a diferentes abordagens sobre a mulher. Assim, ainda que dizendo respeito a diferentes discursos produzidos sobre a mulher, a série

histórica-mãe-mascarada traria em seu bojo áreas de interseção. Em nossa opinião, cada um destes discursos produzidos sobre a mulher teria recorrido ao universo científico de sua época – sendo, simultaneamente dele dependente – e aos elementos simbólicos, nela, à disposição. Pensar em áreas de interseção nos parece, aqui, valioso, tendo em vista que cada um destes dizeres sobre a mulher ou discursos produzidos sobre ela se manteria com sua área particular de originalidade e singularidade mas, ao mesmo tempo, comportando um campo comum de referências.

Ainda sobre o que estaria em jogo em relação a este ponto, um recente artigo de Melo Carvalho (2000) pode nos ser muito útil, pois nele a autora tece interessantes considerações sobre o que estaria na origem da diversidade das teorias psicanalíticas ao longo da história da psicanálise. Deste artigo vale, para nossos propósitos aqui, ressaltar uma das idéias defendida pela autora: a de que a matriz clínica de um determinado autor, além de ser aquela que foi a mais significativa em sua experiência, repercutindo por conta disso na teoria, seria também "em grande medida, determinada, ou mesmo definida, por elementos do clima cultural da época" (p.29). Este 'clima cultural' a que Melo Carvalho (2000) se refere – sumarizando a perspectiva de outros autores – diria respeito não somente ao universo científico da época, mas abrigaria, também, outros elementos; dentre eles, os lugares pelos quais passaram, a cada tempo, os processos de implantação da psicanálise – universidades, hospitais etc – e a origem étnica e profissional daqueles que por ela se interessaram (p.29).

Ao longo de nosso trabalho, trouxemos a nosso texto tais elementos, mencionando sempre que possível não somente os dados biográficos e institucionais dos pensadores principais, mas sua identidade geográfica, profissional e teórica, ao pontuarmos, geralmente através de notas de rodapé, de que países, práticas e épocas estes pensadores procediam, alinhados na referência a determinada herança teórica, ou situados em relação a uma filiação simbólico-transferencial. Entretanto, se com este procedimento de cunho metodológico nosso objetivo era o de grosseiramente esboçar a árvore genealógica sobre a qual repousaria o espectro das diversidades e das divergências observadas na história teórica em nosso campo, o 'clima cultural' ressaltado por Melo Carvalho (2000) em seu artigo acabou por nos convidar a pensar que, além dos recursos simbólicos fornecidos pelo instrumental científico de cada época, haveria também uma alocação imaginária destes

recursos pelos sujeitos que construíram a teoria, alocação que, além de reger suas formas de agrupamento institucional, atravessaria e contaminaria suas formas de captar o objeto mulher, objeto a cada tempo e à cada época revestido de uma determinada representação social. Deste modo, ao ressaltar que na origem das diversidades teóricas em psicanálise haveria a combinação de elementos epistemológicos e sociológicos, Melo Carvalho (2000:29) nos leva a pensar que a histórica, a mãe e a mascarada poderiam, então, ser tomadas não só na perspectiva de representarem diferentes discursos sobre um mesmo objeto – a mulher –, mas também na perspectiva de revelarem a articulação simbólica destes discursos à representação imaginária que situaria o lugar social da mulher a cada época. Neste caso, a histórica, a mãe e a mascarada diriam respeito aos 'trajes regionais' que, em cada um dos diferentes tempos da história social de nosso século, serviram para caracterizar aquilo que melhor representaria, do ponto de vista do olhar daqueles que construíram a história da teoria em nosso campo, a mulher e a feminilidade.

Por esta ótica, aos olhos dos psicanalistas, a histeria teria sido o 'traje' mais representativo das mulheres de Viena do início do século, a mãe o das mulheres de Berlim e de Londres já na década de trinta, e a mascarada o da mulher de Paris a partir da década de sessenta. Assim, acompanhando o raciocínio desenvolvido por Melo Carvalho (2000:31) em seu artigo, talvez possamos pensar que a série histórica-mãe-mascarada pode dizer respeito a sucessivas descobertas do objeto mulher – o que faz com que o termo 'redescoberta' se mostre, então, mais apropriado – não se referindo, como muitos tendem a entender, a 'desvios' em relação à descoberta inaugural de Freud.

O terceiro circuito: o plano das divergências clínicas

Se privilegiarmos, agora, o plano em que vimos a clínica dos freudianos, a dos anglo-saxões e a dos lacanianos se desdobrar, rapidamente seremos obrigados a concluir que, sob este aspecto, as divergências de fato são abissais. Sem sombra de dúvida, são clínicas diferentes não só por operarem de maneira diferente com a transferência, mas por estabelecerem horizontes distintos para a análise. Assim, o Édipo positivo, o luto do objeto

e a travessia da fantasia acabariam dizendo respeito – ainda que de modo grosseiro e apenas sintetizado – ao que orientaria, respectivamente, o fazer do analista no campo freudiano, no campo kleiniano e no campo lacaniano.

O que resta indagar é se poderia ter sido diferente. Afinal, se a clínica psicanalítica é o campo em que a teoria deve se apoiar e do qual deve se alimentar, não deixa de ser também verdade que é um campo que só pode existir porque uma teoria lhe serve de ponto de partida. Por conta disto, ainda que possamos ponderar que o confronto clínico com impasses pode – e deve – levar o psicanalista a questionar, ou colocar sob suspeição, alguns parâmetros teóricos que lhe serviram para orientar-se em relação à sua escuta, fica muito difícil acreditar que um analista 'salte' de um modelo para outro, apenas porque seu modelo de base está se mostrando insuficiente ou circunstancialmente precário.

O que a história da teoria psicanalítica vem mostrar é que a construção de novos modelos conceituais não se deu de maneira simples e nem rápida, exigindo daqueles que dela se ocuparam um extenso percurso no campo da experiência clínica, e da reflexão teórica a ela articulada, para que os pressupostos de seu modelo de base pudessem ser interrogados. Foi deste modo que a escola kleiniana pôde se construir em sequência à freudiana, acabando por encontrar seu lugar no seio da própria Sociedade Britânica de Psicanálise, tão hostil, de início, às suas hipóteses fundamentais; foi também, deste modo, que o pensamento de Winnicott encontrou seu lugar e ganhou projeção; finalmente, foi também desta forma que o pensamento de Lacan pôde vir à luz, ultrapassando as fronteiras territoriais francesas. Vale ainda ressaltar que a construção de tais modelos não foi o resultado de empreitadas solitárias – apesar de autorais – sendo o maior testemunho deste fato a quantidade de produções teóricas e narrativas clínicas nascidas da necessidade de inúmeros analistas em endossar as novas hipóteses que eram formuladas por seus pares, analistas ou supervisores. A casuística de que lançamos mão nesta pesquisa ilustra esta evidência. Assim, se o plano das divergências no campo da clínica é evidente entre as três escolas de pensamento aqui examinadas, uma característica, entretanto, mantém idênticas as posições ocupadas pelos analistas que se alinham a estas diferentes escolas de pensamento: sua fidelidade ao modelo teórico em que acreditam.

Diante deste fato, talvez possamos pensar que 'acreditar' num modelo teórico e, conseqüentemente nas concepções forjadas no interior de sua grade conceitual, coincide

com o ponto em que este modelo pode se mostrar operativo do ponto de vista clínico, parecendo não haver outra saída possível para que a clínica possa ser exercida. Lançando mão de alguns comentários de André de Souza (2000), concordamos com sua observação de que a tentação de poder prescindir da teoria ou de fazer a teoria à sua própria medida não deixa de ser problemática para um analista, pois acabaria sendo com a própria intuição sentimentalista e obscura que ele, enfim, interviria junto a seu analisando (p.16).

Em função disso, se os manejos transferenciais tributários dos três modelos teóricos que examinamos como regendo a orientação clínica em nosso campo e sustentando a escuta dos analistas – manejos que se expressam na clínica do Édipo, na clínica das angústias precoces e na clínica do real – revelam a distinção abissal portada pelas figuras da histérica, da mãe e da mascarada nesta esfera, talvez não nos reste mesmo outra alternativa senão a de entender esta diferença como inerente ao campo da *práxis* em psicanálise, uma *práxis* calcada numa transmissão que tem como via preferencial aquilo que é a mola de nossa própria atividade como clínicos: a transferência.

O quarto circuito:

o que o sofrimento feminino nos convida a pensar

Se agora privilegiarmos, mais especialmente, os seis casos clínicos examinados ao longo deste trabalho, podemos nos perguntar o que eles vêm nos mostrar acerca do sofrimento feminino. Como já adiantamos, acreditamos que eles tenham vindo revelar que o sofrimento das mulheres, em seu âmago, não se alterou muito ao longo destes poucos mais de cem anos que constituem a história da psicanálise e da clínica psicanalítica.

Quando dizemos, no entanto, que o sofrimento feminino parece não ter-se alterado muito, levamos em conta especialmente alguns traços deste sofrimento, traços que insistentemente foram referência para Freud – para a psicanálise em seu nascedouro, portanto – e que insistem ainda na clínica de hoje em dia. Assim, se no início de nossas considerações – e já no intuito de deixar clara uma de nossas conclusões – demos destaque ao lugar ocupado pela esquiva ao sexo na sintomatologia feminina, chamamos atenção agora para o que entendemos como traços insistentes e quase imutáveis do sofrimento das

mulheres: a insatisfação, a inibição da sexualidade e, mais particularmente, a angústia. Angústia que até podemos entender como angústia diante do outro, confundido com o Outro, que era a angústia de que sofria H, a paciente atendida tanto por Ophuijsen quanto por De Groot, e que tinha no medo das pessoas seu sintoma maior; angústia diante do sucesso que era angústia de que sofria a paciente de Rivière; angústia diante de seu próprio corpo e que levava a paciente de Masud Khan a procurar tantas vezes o ginecologista; angústia diante de uma lei que contestava, a lei do pai, geradora de inconformismo e que era do que sofria Rachel, a paciente de Michel Silvestre; angústia diante do Outro, que silenciosamente lhe impunha ordens a serem cumpridas, que era a angústia de que sofria Magdalena, a paciente de Rabinovich.

Se entendemos estas fontes de angústia ressoarem, ainda hoje, em nossa clínica, não deixa de ser verdade que apreendê-las como resultando das relações do sujeito com o Outro do desejo é já o resultado daquilo que fomos concluindo, quando passamos a refletir sobre alguns elementos teórico-clínicos trazidos à luz pelas três escolas de pensamento sobre as quais nos debruçamos. Retomar o caminho de nossas reflexões talvez possa se mostrar esclarecedor.

Neste sentido, ocorreu-nos pensar que, ao situar a questão da angústia na referência à castração, Freud veio a dar um passo indispensável na apreensão do sofrimento, essencialmente o feminino, principalmente ao perceber que a maior fonte de angústia nas mulheres estaria ligada ao medo de perder o amor do objeto, medo que reeditaria um estado afetivo infantil muito antigo e assemelhado ao desamparo biológico. Mas, se este passo era e foi decisivo, ele pareceu não bastar. Foi preciso que os anglo-saxões viessem situar a angústia como tributária das mais arcaicas relações com o outro materno para que ela, a angústia, passasse a ser entendida efetivamente como articulada ao todo-poder creditado, na fantasia, a este primeiro Outro. Por conta disto, vimos que à análise centrada na figura do pai, seguiu-se a análise centrada na figura da mãe. Da angústia em relação à castração, a análise, em seu segundo tempo, passou a se orientar no sentido de buscar nas relações com a mãe a origem e a fonte da angústia, angústia acionada pelo que este outro era suposto 'ter' e pelo poder de vida e de morte a ele conferido pela criança. Retirar este todo-poder das malhas do imaginário, para inscrevê-lo como o resultado da incidência do simbólico no real, foi o passo dado por Lacan no terceiro tempo da história. Entendendo este todo-poder

conferido ao Outro como o resultado de uma extraordinária montagem em que o sujeito se põe como conjugado ao que supõe ser o que o Outro quer – o objeto de sua falta ou de seu desejo – Lacan acabaria por fazer do pai, em sua função, a única via capaz de libertar minimamente o sujeito do trilho forjado por esta inevitável construção fantasística, permitindo-lhe engajar-se nas rotas do desejo. Por causa disto, neste terceiro tempo da história, a angústia acabou ganhando uma nova operatividade na clínica, constituindo-se no estado afetivo originado por este 'enganchamento' imaginário com o Outro do desejo, enganchamento capaz de emperrar as vias do desejo.

Relidos então sob a ótica desta última perspectiva, os casos clínicos aqui arrolados vêm demonstrar que a angústia pode ser entendida como servindo de solo ao sofrimento das cinco mulheres sobre as quais nos detivemos, angústia originada por aquilo que, em relação à mãe, o pai não teria de todo conseguido interditar, transformando o campo do gozo do Outro num campo em que ele mesmo, o pai, poderia encontrar seu lugar, herdando a potência e o todo-poder da mãe, poder sem lei e aterrorizador.

Ao entendermos a angústia se articulando ao sofrimento feminino como a forma pela qual o Outro é apreendido – apreensão que comporta a arcaica indagação sobre o que este Outro quer, uma indagação, enfim, sobre as 'intenções' deste Outro – entendemos também que a análise de uma mulher se desdobrará de formas múltiplas, amparada nas diversas modelações imaginárias calcadas na suposição de que o Outro goza, suposição que a lei do pai não teria se mostrado suficiente para 'apagar' e responsável pelo fato da mulher 'confundir' sua posição na parelha sexual com o próprio objeto de gozo do Outro.

Curiosamente, então, o que parece ser mais caro a uma mulher, desde sempre, é poder se sentir sujeito e não objeto. Disto nos falamos, de algum modo, as cinco mulheres que por aqui passaram: **H**, por querer, acima de tudo, se ver reconhecida em seu 'tempo' e em sua particularidade – afinal, ter nascido cedo a deixou, na fantasia, sem condições de encontrar, também fantasisticamente, seu lugar de sujeito e de mulher; a paciente de Rivière, por precisar se defender compulsivamente dos ataques imaginários de que entendia poder ser vítima, acabando, enfim, sua 'máscara', por garantir não só sua imunidade, mas seu traço subjetivo mais singular: construir e desconstruir seu semblante fálico; a paciente de Khan, por dissociar sua parte menina daquilo que, para ela, era indispensável: sua condição de sujeito, ou seja, de menino; Rachel, a paciente de Silvestre, por sofrer de um

inconformismo oriundo da fantasia de ver-se um brinquedo na mão do Outro e do próprio destino; e Magdalena, a paciente de Rabinovich, por querer sentir-se algo melhor que a 'merda' em que se afogava em sua melancolia.

Mas, se a noção de gozo do Outro, articulada à angústia, pode, a nossos olhos, circunscrever a casuística examinada nesta pesquisa, sendo por conta disto uma noção que, em nossa ótica, tem produtivo rendimento na clínica, ela acaba deixando evidente o campo de interseções em que foram se assentando as sucessivas teorizações sobre a mulher e sobre o sofrimento feminino. Queremos com isto enfatizar que seria improvável poder dar rendimento à noção de gozo do Outro sem as insistentes elaborações sobre a fantasia de espancamento que permearam o circuito freudiano de reflexões, sem as recorrentes considerações sobre as angústias paranóides e sobre os movimentos de reparação ensejados pelas angústias depressivas que caracterizaram o universo teórico-clínico anglo-saxão, e sem a releitura empreendida por Lacan do que estaria no cerne e na origem do desejo: o desejo do Outro.

Como consequência destas considerações, o próprio estado afetivo da angústia refletiria, então, a parcialidade das relações entabuladas com a lei da castração, perspectiva que viria dar sentido à consideração tecida por Lacan (1962-63) de que a angústia ocuparia uma posição mediana – e não uma função mediadora – entre o gozo e o desejo (p.213).

Considerar, a partir da clínica do sofrimento feminino, a angústia como o resultado da incidência apenas parcial da lei do pai nos conduz, entretanto, a uma questão que ultrapassa os objetivos desta pesquisa e que se articula ao sofrimento de qualquer sujeito, homem ou mulher. De certo modo, se compreendermos a angústia como um estado afetivo originado pelo fato do gozo do Outro não ter sido radicalmente 'apagado', será lícito supor que qualquer analisante angustiado estaria, em princípio, ocupando uma posição subjetiva no campo feminino da sexuação, ou seja, no campo onde prevalece a lógica do não-todo submetimento à função fálica. Sob esta ótica, talvez fosse pertinente, então, entender o campo organizado de modo apenas parcial e fluido em relação à função fálica como um campo regido por uma tendência ao 'feminino', perspectiva que transformaria o campo da clínica – ao menos o da clínica das neuroses – num campo de intervenção no 'feminino'.

Neste sentido, distinguindo-se da posição feminina tal como definida por Lacan, o 'feminino' seria o terreno onde a análise de todo e qualquer sujeito neurótico se desdobraria.

Em nossa ótica, este 'feminino' encontraria uma correspondência com o que Freud (1937) tomou como um 'repúdio à feminilidade', referindo-se ao maior obstáculo na análise empreendida com os homens, repúdio que encontraria no persistente desejo de um pênis, pelas mulheres, sua maior expressão e que falaria da dificuldade dos sujeitos em assumirem, face ao Outro a quem supõem um gozo, uma posição primordialmente passiva e aparentada à de objeto de desfrute. 'Feminino' que diria respeito, em última instância, a relações precárias ou parciais entabuladas com a lei do pai e que, levadas ao limite, responderiam por aquilo que, frequentemente, se dá a ver no campo das psicoses, em que o Outro suposto gozante literalmente fala, em função da falta da entrada em cena da lei do pai e da instituição da metáfora paterna. 'Feminino' que, devido ao sentido que ganha em nossas reflexões – o de ser um campo organizado pela falta ou pela parcialidade da inscrição da metáfora paterna – impediria (no caso da falta de inscrição da metáfora paterna) ou entravaria (no caso da parcialidade de sua inscrição) a possibilidade do Outro poder ser vislumbrado como o que, de fato, é: Outro da linguagem. Assim, o 'feminino' de que tratamos aqui, longe de poder se configurar como um campo confortável da experiência, deve ser entrevisto como um campo agenciador de angústia e sofrimento.

Tocar nesta questão levanta, em contrapartida, um outro ponto digno de reflexão: valorizando esta perspectiva, de certo modo seremos obrigados a atribuir em grande parte às mulheres o mérito de terem contribuído de maneira inequívoca para construção do saber em nosso campo, estabelecendo – através da ocupação de distintas posições – as fronteiras do 'suportável' na referência ao sofrimento. Deste modo, a histérica de Freud, por exemplo, teria indicado o ponto-limite do suportável, em relação ao sofrimento engendrado pela lógica fálica que rege a subjetivação do corpo próprio; este ponto-limite é que a faria tomar seu corpo, ele mesmo, como um falo em ereção. Entretanto, com isto, simultaneamente denunciaria a não-exclusividade dos homens na referência ao gozo fálico, residindo talvez, nesta denúncia, seu mais-de-gozar.

Nas trilhas deste raciocínio, também a mulher como filha – representante última, como vimos, do pensamento anglo-saxão na referência à feminilidade –, teria vindo informar aos psicanalistas o ponto-limite do suportável na referência ao sofrimento gerado pelas relações do *infans* com o primeiro Outro materno, a quem seria suposto um todo-poder.

Finalmente, sob a vestimenta da mascarada histórica, a mulher teria vindo falar a Lacan da dificuldade em sustentar-se como semblante de objeto causa de desejo do homem e apontar, com isto, para um outro ponto-limite na referência ao sofrimento: a difícil e angustiante posição de mero objeto diante do desejo, para não dizer gozo do outro. Ainda que aqui este outro seja seu parceiro e, mais frequentemente, um outro atravessado e marcado pela castração, seria isto que, também mais frequentemente, se prestaria à confusão para ela, que lidaria, na fantasia, com este outro como se ele fosse um Outro não-barrado.

Mas, se destacamos aqui o lugar ocupado pelas mulheres, e pela manifestação de seus sofrimentos, na elucidação de questões que ultrapassam claramente aquilo que lhes diria respeito de maneira mais específica, isto não significa dizer que a construção do saber psicanalítico tenha ficado exclusivamente em suas mãos – ou, melhor dizendo, na fala sofrida que não cessaram de encaminhar aos analistas. Apesar disto, entretanto, talvez seja lícito pensar que, sem as mulheres, e sem seu sofrimento, a psicanálise teria tomado, no mínimo, um outro rumo e encontrado outros ordenadores para a sexualidade e para a sexuação que não o falo²¹¹.

Ainda antes de concluirmos nossas considerações neste circuito, gostaríamos de chamar a atenção para um ponto em particular. Ao entendermos a angústia como acionada pela parcialidade da incidência da lei do pai na subjetivação de qualquer sujeito, entendemos também que esta parcialidade seria, nas mulheres, estrutural – tendo em vista que a metáfora paterna se construiria nelas de maneira inevitavelmente parcial –, o que não encontraria, em nossa opinião, correspondência no processo de subjetivação daqueles que se identificam como homens. Com isto queremos dizer que, ainda que também estes possam sofrer em função de uma incidência apenas parcial da lei do pai em sua subjetivação, esta 'falha' não teria uma determinação estrutural como ocorre com as mulheres. Neles, de modo distinto, a parcialidade da inscrição da lei teria se ancorado numa falha do pai em sua função interditora do desejo da mãe, falha que resultaria, conseqüentemente, no não 'apagamento' do gozo do Outro em sua fantasia, franquiando o advento da angústia.

²¹¹ Sobre esta temática nos debruçamos no artigo intitulado *O corpo feminino e a construção metapsicológica*.

Este tipo de visada convida, inevitavelmente, a pensar na direção do tratamento e na posição a ser adotada pelo analista diante de uma mulher e de um homem – mulher que quer viver eroticamente como mulher, e homem que quer viver eroticamente como homem, vale lembrar, não havendo aqui condições para discutirmos a direção do tratamento em relação àqueles que optam por posições sexuadas diferentes das ancoradas no sexo anatômico. Por ora, entretanto, este tipo de consideração não encontra outro caminho senão o de se formular através de uma indagação: será a direção do tratamento a ser adotada por um analista sempre a mesma, independentemente da posição sexuada de seu analisante?

Encerrando este circuito, vale ainda mencionar que o rendimento clínico que atribuímos à noção de gozo do Outro não deixa de levantar um problema, pois, ainda que a castração do Outro se profile, em última instância, como aquilo que permitiria ao sujeito operar com o Outro como Outro da linguagem – o que significaria que, para este sujeito, não haveria Outro gozante –, entendemos que tal perspectiva traz, em si mesma, o risco de fazer perecer aquilo que engendra tanto o desejo quanto o amor.

O quinto circuito:

**sobre aquilo que a série histórica-mãe-mascarada vem apontar
tanto na referência à construção psicanalítica do corpo feminino
quanto na referência aos efeitos desta construção na clínica com mulheres**

Quando abrimos nosso trabalho percorrendo a pré-história do dizer psicanalítico sobre a mulher – ou seja, percorrendo os dizeres produzidos sobre o corpo feminino e sobre a feminilidade da Antiguidade até o final do século XIX –, tínhamos em mente, primordialmente, indicar o contexto social e o universo científico que teria servido de solo às primeiras reflexões de Freud. Neste sentido, sublinhamos o quanto o corpo feminino, já desde a Antiguidade, era objeto de investigação e produtor de saber, e de que modo esta tendência se imiscuiu nas reflexões freudianas: repousando sobre o plano dos efeitos psíquicos que a anatomia produziria na vida mental das mulheres e no exercício da sexualidade adulta.

Entretanto, se olharmos a produção psicanalítica sobre a sexualidade feminina em seu conjunto, observaremos, de início, uma distinção clara entre duas tendências. De um

lado e primeiramente, há uma ênfase no corpo que 'se dá a ver': o corpo castrado, corpo em que a anatomia feminina é significada como uma negativização da anatomia masculina, acompanhando, de certo modo, um raciocínio ancestral que, por não diferenciar claramente mulheres e homens, as entendia como uma versão imperfeita destes últimos.

Logo em seguida, contudo, e de maneira distinta, surge uma ênfase no 'corpo interno' e fantasiado: o corpo que se furta à observação direta e que abrigaria inúmeros objetos fantasísticos. Pesaria, entretanto, nesta nova ênfase, uma herança filogenética que orientaria a criança em seu 'saber' sobre a necessária junção dos corpos de homens e de mulheres e, mais especificamente a menina, a invejar aquilo que a mãe teria, através desta junção, subtraído ao pai. Não fica difícil, aqui, perceber o quanto esta perspectiva se respaldava na idéia de que as mulheres seriam dotadas de uma natureza própria, particularmente destinada à procriação.

Seguindo-se a estas tendências, verificamos, entretanto, que o corpo de que trata Lacan já não é mais o corpo que se mostra e que se dá a ver na realidade e nem o que se esconde na fantasia, mas o corpo que a linguagem constrói, ou seja, um corpo que é efeito da ordem simbólica e que resulta da apreensão significativa da 'carne'. Um corpo, portanto, que seria construído pela linguagem e pelos significantes colocados à disposição do sujeito pela trama simbólica na qual nasceria imerso. Trama que incluiria não só a fala e o desejo materno, e os efeitos da fala paterna sobre este desejo materno, mas que incluiria, também, as falas maternas e paternas quanto à satisfação e à insatisfação mútuas – ponto que serviria particularmente ao sujeito para bastear suas relações com o desejo e, como consequência, com seu corpo próprio. Foi isto que Lacan não cessou de demonstrar através de sua retomada tanto do caso de Dora quanto da jovem homossexual; foi isto ainda que permeou tanto a narrativa de Silvestre quanto a de Rabinovich, ao descreverem as relações de suas pacientes com o erotismo.

Vistas, então, sob esta ótica, podemos depreender que as figuras da histérica, da mãe e da mascarada acabam por revelar diferentes construções do corpo feminino pela psicanálise, construções que, ainda que apoiadas naquilo que as mulheres falavam sob transferência, eram talhadas pela grade conceitual que servia de solo à escuta clínica.

Neste sentido, se nos detivermos sobre os trabalhos clínicos mais antigos – o de Ophuijsen nos daria deles, um bom exemplo – veremos que eles vêm especialmente nos

falar das relações infantis da menina com seu corpo, orientando-se tanto pelas particularidades da lógica que Freud via reger o pensamento infantil (e bem ilustrada nas *teorias sexuais* consideradas típicas na vida de todas as crianças) quanto por aquilo que era tematizado acerca das fases do desenvolvimento libidinal (e cuja semente teria sido lançada nos *ensaios sobre a sexualidade*).

De modo completamente distinto, os trabalhos clínicos dos anglo-saxões acabaram por ilustrar um outro tipo de construção sobre o corpo, uma construção em que as pulsões sádicas dirigidas ao Outro materno e o medo do desaparecimento face à retaliação nele provocada por estes ataques falam mais alto do que qualquer comparação anatômica da criança de um sexo com uma criança de outro sexo.

Em nossa ótica, não só estas construções sobre corpo feminino não puderam escapar da influência exercida pela existência de pressupostos teóricos, como acabaram repercutindo na forma como os analistas passariam a entender a feminilidade. Assim, os analistas dos primeiros tempos (os freudianos, especialmente) ao suspeitarem da força exercida no psiquismo pela principal das teorias infantis (o falicismo), se viram empenhados na tarefa de comprovar as consequências geradas no psiquismo pela percepção, feita pela criança, da diferença anatômica entre os sexos. Entretanto, ainda que partissem do que entendiam ser a principal destas consequências – a castração – para 'fazer andar' um tratamento, acabavam sempre por esbarrar em seus impasses. Deste modo, se o falicismo irrompia como correspondente a uma primeira teoria típica da criança, o rumo a ser dado por cada menina ao sentimento de sentir-se castrada acabava restando como insuperável, não havendo operadores clínicos capazes de circunscrever seu destino na sexualidade e no erotismo fora do espectro da inibição e do repúdio à sexualidade ou de uma insistência em obter aquilo que invejavam nos homens. Talvez por isto, a análise freudiana tenha acabado por esbarrar na castração... Talvez por isto a feminilidade tenha sido pensada como o resultado de uma substituição simbólica do pênis invejado.

No entanto, se faltavam operadores clínicos para lidar mais amplamente com os efeitos psíquicos produzidos pelo sentimento de castração das mulheres, o corpo que não se dava a ver, isto é, o corpo inundado por objetos internos que resultou da construção kleiniana, acabou por também inundar a clínica com tais operadores. Neste sentido, vale lembrar que algumas nuances percebidas especialmente por Ophuijsen ainda em 1917 e

pouco relevadas – como a culpa, a amargura e a revolta vividas pela menina face à castração – acabaram por vir encontrar efetivo rendimento clínico só com a entrada em cena do pensamento kleiniano. Pode-se então pensar que o corpo interno e invisível que habita a fantasística infantil feminina no pensamento de Klein é o corpo forjado nas relações da menina com a alteridade – alteridade que ganha, no pensamento kleiniano, a figuração de um objeto poderoso e potente: o objeto materno. Que Melanie Klein tenha precisado recorrer 'materialmente' aos fragmentos do corpo paterno no interior do corpo materno para tematizar os rumos da sexualidade da mulher não deve nos causar estranheza. Da mesma forma, não deve nos causar estranheza o fato da feminilidade ter sido pensada, neste contexto, como uma reparação aos danos desferidos ao outro materno.

Finalmente, com Lacan, temos a impressão de que estas duas construções psicanalíticas a respeito do corpo feminino se conjugaram de um modo singular. Situando o caráter ordenador do falo já no tempo das primeiras relações do *infans* com o Outro materno através da noção de falo como significante do desejo e da falta, Lacan acabou fazendo da relação da menina com seu corpo próprio o resultado da repercussão imaginária da incidência da ordem simbólica no real do sexo. Repercussão imaginária que tira – é bem verdade – da menina e da mulher a exclusividade de se sentirem castradas e que amplia, consequentemente, o campo da posição feminina para todos os sujeitos, incluindo aí aqueles que portam um membro viril. Que a posição feminina ganhe, nesta ótica, o estatuto de uma posição subjetiva face à lei do pai não causa, também, estranheza. Que ela se desarticule da maternidade e da conjugalidade para ganhar um parentesco com o real, também não.

Entretanto, se estas construções do corpo feminino realizadas pela psicanálise em suas diferentes orientações – com suas repercussões em relação ao que diria respeito à feminilidade – não se mostram lineares, é por fazerem emergir elementos heterogêneos do funcionamento psíquico: a apreensão simbólica do corpo, para Freud; o registro imaginário-fantasístico do que este corpo 'internamente pode possuir' e do que Outro pode fazer dele, para Klein; e a articulação do real do corpo às leis simbólicas da linguagem, para Lacan. Esta circunstância reflete, em nossa ótica, o privilégio concedido, por cada uma destas escolas de pensamento, a um dos registros da experiência: o simbólico, o imaginário e o real.

Ainda em nossa opinião, este privilégio a um dos registros da experiência por estas escolas se torna evidente também em relação a outros dois pontos: tanto na referência ao trabalho psíquico suposto como imprescindível à mulher para que a feminilidade seja atingida, quanto na referência à posição a ser adotada pelo analista para que esta trajetória se cumpra.

Em relação ao primeiro destes pontos, diríamos que falar da histérica, da mãe e da mascarada seria uma forma de falar de cada um destes três registros da experiência em relação ao que pôde ser, do ponto de vista teórico, articulado como referido à feminilidade e como a melhor solução para o sofrimento feminino, um sofrimento sempre entendido como um impasse justamente em relação a esta feminilidade: suprir a falta do pênis com um substituto simbólico, o filho, para os freudianos; reparar com um filho o dano imaginário desferido à mãe, para os kleinianos; suportar a falta real e gozar da pura ausência, para os lacanianos.

Mas, em segundo lugar, falar da histérica, da mãe e da mascarada seria também uma forma de falar de cada um destes três registros, na referência ao ponto em relação ao qual a teoria vê repousar a função do analista em cada uma destas escolas de pensamento: um lugar primordialmente aparentado com o simbólico para os freudianos, lugar do pai a quem a mulher deve amar para chegar à feminilidade; um lugar primordialmente aparentado com a fantasística imaginária para os ingleses: o da mãe a quem a mulher deverá devolver tudo o que um dia roubou (como os kleinianos mais clássicos), ou aquela que suporta e sobrevive aos ataques sádicos da criança (como os anglo-saxões mais contemporâneos); um lugar primordialmente aparentado com o real para os lacanianos: o de semblante de objeto causa de desejo para que a travessia da fantasia possa ser efetuada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, K. (1924) "Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais". In: Abraham, K., *Teoria Psicanalítica da Libido*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970.

ABRAM, J. (1996) *The Language of Winnicott – A Dictionary and Guide to Understanding his Work*. Londres, Jason Aronson Inc., 1997.

ANDAHAZI, F. (1997) *O Anatomista*. Rio e Janeiro, Relume-Dumará.

ANDRÉ DE SOUSA, E. L. (2000) "(A vida entre parênteses) - O caso clínico como ficção". *Psicologia Clínica - Para que serve a Metapsicologia?* Vol. 12, n.º. 1, PUC-Rio.

ANDRÉ, J. (1995) *As Origens Femininas da Sexualidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

ANDRÉ, S. (1986) *O Que Quer Uma Mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

ARISTÓTELES *La Métaphysique. Tomes I et II*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1986.

BADINTER, E. (1986) *Um é o Outro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BADINTER, E. (1989) *O que é uma Mulher?* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

BALINT, A. (1939) "Love for the mother and mother love". In: Balint, M., *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. Londres, Tavistock Publications, 1965.

BALINT, M. (1935) "Critical notes on the theory of the pregenital organizations of the libido". In: Balint, M., *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. Londres, Tavistock Publications, 1965.

BALINT, M. (1968) *A Falha Básica*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

BERCHERIE, P. (1984a) "L'Oculaire quadrifocal – Épistemologie de l'heritage freudien". *Ornicar? Revue du Champ Freudien*, 29. Paris, Navarin Éditeur.

BERCHERIE, P. (1984b) "L'Oculaire quadrifocal II – Épistemologie de l'heritage freudien: les quatre courants fondamentaux de la psychanalyse". *Ornicar? Revue du Champ Freudien*, 30. Paris, Navarin Éditeur.

- BERTIN, C. (1989) *A Mulher em Viena nos Tempos de Freud*. Campinas, Papirus Editora, 1990.
- BIRMAN, J. (1996) "Se eu te amo, cuide-se - Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80". In: Birman, J., *Cartografias do Feminino*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- BIRMAN, J. (1998) "Aventura, enigma e feminilidade". In: Birman, J., *Cartografias do Feminino*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- BONAPARTE, M.(1951) *De la Sexualité de la Femme*. PUF, Paris.
- BRUNSWICK, R. M. (1928) "L'analyse d'un délire de jalousie". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.
- CALLIGARIS, C. (1983) *Hipótese Sobre o Fantasma*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- CATTONÉ, J. P. (1992) *A Sexualidade Ontem e Hoje*. São Paulo, Cortez Editora, 1994.
- CHARCOT, J. M. (1887) "Gran histeria o hister-epilepsia". In: Sauri, J. (Org), *Las Histerias*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Vision, 1975.
- CHEMAMA, R. (1993) *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- DE GROOT, J. L. (1927) "Histoire du développement du complexe d'Oedipe chez la femme". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.
- D'EPINAY, Mdm. (1772) "Carta ao Abade Galiani sobre o livro de Thomas". In: Badinter, E. (Org), *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.
- DEUTSCH, H. (1925) "La psychologie de la femme en rapport avec ses fonctions de reproduction". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.
- DEUTSCH, H. (1947) *La Psicología de la Mujer*. Buenos Aires, Editorial Losada.
- DEUTSCH, H. (1951) "Um caso de fobia de galinhas". *Hans e a Fobia - Escola Letra Freudiana*, Ano XVII, n.º. 24, 1999.
- DIDEROT, D. (1772) "Sobre as mulheres". In: Badinter, E. (Org), *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.
- DONZELOT, J. (1980) *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro, Graal Editora, 1986.

FIGUEIREDO, L. C. (1992) *A Invenção do Psicológico – Quatro Séculos de Subjetivação: 1500 – 1900*. São Paulo, Editora Escuta e EDUC.

FOUCAULT, M. (1977) *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. (1984a) *História da Sexualidade II. O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal.

FOUCAULT, M. (1984b) *História da Sexualidade III. O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FREUD, A. (1922) "Fantasme d' 'être battu' et rêverie". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.

FREUD, S. & BREUER (1893) "Estudos Sobre a Histeria. *ESB*, Vol. II, 1987.

FREUD, S. (1896a) "Novos Comentários sobre as neuropsicoses de defesa". *ESB*, Vol. III, 1987.

FREUD, S. (1896b) "A etiologia da histeria". *ESB*, Vol. III, 1987.

FREUD, S. (1896c) "A hereditariedade e a etiologia das neuroses". *ESB*, Vol. III, 1987.

FREUD, S. (1898) "A sexualidade na etiologia das neuroses. *ESB*, Vol. III, 1987.

FREUD, S. (1900) "A interpretação dos sonhos". *ESB*, Vol. IV, 1987.

FREUD, S. (1905a) "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". *ESB*, Vol. VII, 1987.

FREUD, S. (1905b) "Fragmento da análise de um caso de histeria". *ESB*, Vol. VII, 1987.

FREUD, S. (1908) "Sobre as teorias sexuais das crianças". *ESB*, Vol. IX, 1987.

FREUD, S. (1910a) "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens". *ESB*, Vol. XI, 1987.

FREUD, S. (1910b) "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância". *ESB*, Vol. XI, 1987.

FREUD, S. (1913) "Totem e tabu". *ESB*, Vol. XIII, 1987.

FREUD, S. (1914) "Sobre o narcisismo: uma introdução". *ESB*, Vol. XIV, 1987.

FREUD, S. (1916a) "Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho analítico". *ESB*, Vol. XIV, 1987.

FREUD, S. (1916b) "Conferência XX: A vida sexual dos seres humanos". *ESB*, Vol. XVI, 1987.

FREUD, S. (1916c) "Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais". *ESB*, Vol. XVI, 1987.

FREUD, S. (1916d) "Conferência XXII: Algumas idéias sobre desenvolvimento, regressão e etiologia". *ESB*, Vol. XVI, 1987.

FREUD, S. (1919) "Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais". *ESB*, Vol. XVII, 1987.

FREUD, S. (1920a) "A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher". *ESB*, Vol. XVIII, 1987.

FREUD, S. (1920b) "Além do princípio do prazer". *ESB*, Vol. XVIII, 1987.

FREUD, S. (1923a) "O organização genital infantil". *ESB*, Vol. XIX, 1987.

FREUD, S. (1923b) "O ego e o id". *ESB*, Vol. XIX, 1987.

FREUD, S. (1924) "A dissolução do complexo de Édipo". *ESB*, Vol. XIX, 1987.

FREUD, S. (1925) "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". *ESB*, Vol. XIX, 1987.

FREUD, S. (1926) "Inibições, sintomas e ansiedade". *ESB*, Vol. XX, 1987.

FREUD, S. (1931) "Sexualidade feminina". *ESB*, Vol. XX1, 1987.

FREUD, S. (1933) "Novas conferências introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXXIII – Feminilidade". *ESB*, Vol. XXII, 1987.

FREUD, S. (1937) "Análise terminável e interminável". *ESB*, Vol. XXIII, 1987.

GREEN, A. (1974) "O outro e a experiência do 'self'". In: Khan, M., *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1984.

GREEN, A. (1997) *Les Châines D'Eros – Actualité du Sexuel*. Paris, Editions Emile Jacob.

HAMON, M.-C. (1992) *Pourquoi les Femmes Aiment-Elles les Hommes?* Paris, Seuil.

HAMON, M.-C. (1994) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil.

HEIMANN, P. (1943) "Quelques aspects du rôle de l'introjéction et de la projection dans le développement précoce". In: King et Steiner (Orgs), *Histoire de la Psychanalyse. Les Controverses Anna Freud- Melanie Klein, 1941-1945*. Paris, PUF, 1996.

HORNEY, K. (1922) "On the genesis of the castration complex in Women". In: Horney, K., *Feminine Psychology*. Nova York, Norton & Company, 1967.

HORNEY, K. (1925) "The flight from womanhood". In: Horney, K., *Feminine Psychology*. Nova York, Norton & Company, 1967.

HORNEY, K. (1926) "Inhibited femininity". In: Horney, K., *Feminine Psychology*. Nova York, Norton & Company, 1967.

HORNEY, K. (1933) "The denial of the vagina". In: Horney, K., *Feminine Psychology*. Nova York, Norton & Company, 1967.

ISAACS, S. (1943) "Nature et fonction du phantasme". In: King et Steiner (Orgs), *Histoire de la Psychanalyse. Les Controverses Anna Freud-Melanie Klein, 1941-1945*. Paris, PUF, 1996.

JONES, E. (1927) "The early development of female sexuality". *International Journal of Psycho-Analysis*, Vol. VIII, outubro de 1927.

KHAN, M. (1971) "'Ouvir com os olhos': notas clínicas sobre o corpo como sujeito e objeto". In: Khan, M., *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1984.

KHAN, M. (s/d) "Prefácio". In: Winnicott, D. W., *Textos Seleccionados: Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1978.

KING, P. et STEINER, R. (1996) *Histoire de la Psychanalyse. Les Controverses Anna Freud-Melanie Klein, 1941-1945*. Paris, PUF.

KLEIN, M. (1928). "Early stages of Oedipus conflict". *International Journal of Psycho-Analysis*, 9.

KLEIN, M. (1932) "Os efeitos das primeiras situações de ansiedade sobre o desenvolvimento da menina". In: Herrmann et Alves Lima (Orgs.), *Melanie Klein*. São Paulo, Editora Ática, 1982.

KLEIN, M. (1952) "Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê". In: Rivière, J. (Org), *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

KLEIN, M. (1957) *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.

LACAN, J. (1953) "Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis". In: Lacan, J., *Escritos I*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 1984.

LACAN, J. (1955-56) *O Seminário. Livro 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1956-7) *O Seminário. Livro 4: A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. (1957-58) *O Seminário. Livro 5: As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. (1958a) "La significación del falo". In: Lacan, J., *Escritos 2*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 1984.

LACAN, J. (1958b) "Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad femenina". In: Lacan, J., *Escritos 2*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 1984.

LACAN, J. (1960-61) *O Seminário. Livro 8: A Transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. (1962-63) *A Angústia*. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.

LACAN, J. (1968-69) *D'un Autre a l'autre*. Seminário inédito.

LACAN, J. (1969-70) *O Seminário. Livro 17: O Averso da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. (1971) *De um discurso que não seria do semblante*. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1996.

LACAN, J. (1972-73) *O Seminário. Livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1974) *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, J. (1974-75) *R.S.I.* Seminário inédito.

LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J.-B. (1967) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1988.

LAQUEUR, T. (1990) *Making Sex – Body and Gender from the Greeks to Freud*. Harvard University Press, 1992.

LORENZER, A. (1984) *Arqueologia da Psicanálise – Intimidade e Infortúnio Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

MELO CARVALHO, M. T. (2000) "A metapsicologia como um dos lugares da experiência psicanalítica". *Psicologia Clínica - Para que serve a metapsicologia?* Vol. 12, n.º.1, PUC-Rio.

- MILLER, J.-A. (1987) "Prefácio". In: Silvestre, M., *Amanhã, a Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
- MILLER, J.-A. (1992) "De mujeres y semblantes II". In: Miller, J.-A., *De Mujeres y Semblantes*. Buenos Aires, Cuadernos del Pasador, 1994.
- MILLOT, C. (1988) *Nobodaddy – A Histeria no Século*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- MÜLLER, J. (1925) "Contribution à la question du développement libidinal de la fille à la phase génitale". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.
- NUNES, S. A. (1996) "O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha". Tese de Doutorado. IMS-UERJ.
- OPHUIJSEN, J. H. W. V. (1917) "Contributions au complexe de masculinité chez la femme". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.
- PLATÃO "Timeo, o de la naturaleza". *Platon, Obras Completas*. Madrid, Aguilar Ediciones, 1981.
- RABINOVICH, D. (1985) *Sexualidad y Significante*. Buenos Aires, Manantial, 1986.
- RABINOVICH, D. (1986) *El Concepto de Objeto en la Teoría Psicoanalítica*. Buenos Aires, Manantial, 1988.
- RABINOVICH, D. (1988) "Uma histeria desmelancolizada". In: Barros da Motta, M. (Org), *Irma - Clínica Lacaniana. Casos Clínicos do Campo Freudiano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- RIVIÈRE, J. (1929) "La féminité en tant que mascarade". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.
- ROUDINESCO, E. (1986) *História da Psicanálise na França – A Batalha dos Cem Anos. Vol. 2: 1925-1985*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- ROUDINESCO, E. et PLON, M. (1997) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- ROUSSEAU, J. J. (1757) *Emílio ou da Educação*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1992.
- SAFOUAN, M. (1976) *A Sexualidade Feminina na Doutrina Freudiana*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

- SARAMANCH, F.P. (1981) "Preâmbulo ao Timeo". *Platon. Obras Completas*. Madrid, Aguilar Ediciones.
- SAYERS, J. (1991) *Mães da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- SILVESTRE, M. (1988) "Limite da função paterna". In: Barros da Motta, M. (Org), *Irma - Clínica Lacaniana. Casos Clínicos do Campo Freudiano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- SOLER, C. (1993) *Variáveis do Fim da Análise*. Campinas, Papirus Editora, 1995.
- SOUZA, O. (1994) *Fantasia de Brasil - As Identificações na Busca da Identidade Nacional*. São Paulo, Escuta.
- STÄRCKE, A. (1921) "Le complexe de castration". In: Hamon, M.-C. (Org), *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994.
- SYDENHAM, T. (1735) "La afeccion histerica". In: Sauri, J. (Org), *Las Histerias*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Vision, 1975.
- SWAIN, G. (1983) "A alma, a mulher, o sexo e o corpo – as metamorfoses da histeria no fim do século XIX". In: Birman, J. e Nicéas, C.A. (Orgs), *O Feminino: Aproximações*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1986.
- THOMAS, A. L. (1772) "Ensaio sobre o caráter, os costumes e o espírito das mulheres nos diferentes séculos". In: Badinter, E. (Org), *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.
- UTCHITEL, A. M. (1994) " 'Uma criança é espancada', 'Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher' e 'Alguns mecanismos neuróticos nos ciúmes, na paranóia e no homossexualismo'" In: Figueira, S. A. (Org), *Como Freud Analisava? Escritos sobre a Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro, Editora Grypho.
- UTCHITEL, A. M. (1996) "Da fala-a-menos ao prazer-a-mais - cem anos de histeria à luz das identificações". Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, PUC-Rio.
- UTCHITEL, A. M. (1996-7) "A estrutura histérica". *Psicologia Clínica - Pós-Graduação e Pesquisa*, Vol. 8, PUC-Rio.
- UTCHITEL, A. M. (1997-8) "As identificações no percurso edípico da menina". *Psicologia Clínica - Pós-Graduação e Pesquisa*, Vol. 9, PUC-Rio.

UTCHITEL, A. M. (1999) "Desamparo e angústia feminina". *Anais do V Fórum Brasileiro de Psicanálise*. Editado em CD Rom pelo Centro de Estudos Freudianos do Recife.

UTCHITEL, A. M. (2000a) "O corpo feminino e a construção metapsicológica". *Psicologia Clínica - Para que serve a Metapsicologia*, Vol. 12, n.º.1, PUC-Rio.

UTCHITEL, A. M. (2000b) "A histérica e suas controvertidas relações com o campo do feminino". *Cadernos de Psicanálise*, Vol. 16, n.º.19, SPCRJ.

WINNICOTT, D. W. (1935) "A defesa maníaca". In: Winnicott, D.W., *Textos Seleccionados: da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1978.

WINNICOTT, D. W. (1960) "Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro 'self'". In: Winnicott, D.W., *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

WINNICOTT, D. W. (1962) "Enfoque pessoal da contribuição kleiniana". In: Winnicott, D.W., *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

WINNICOTT, D. W. (1971). "A criatividade e suas origens". In: Winnocott, D.W., *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

ZIMMERMANN, D. (1974). "Apresentação à edição brasileira". In: Klein, M., *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro, Imago Editora.

ZIZEK, S. (1990) *Eles não sabem o que fazem - O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

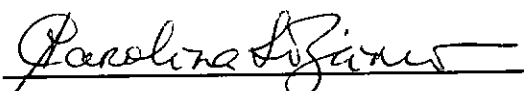
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Angela Moreira Utchitel, intitulada "Os dizeres psicanalíticos sobre a mulher: A histérica, a mãe e a mascarada - Os avatares da feminilidade e do fazer clínico em Psicanálise", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



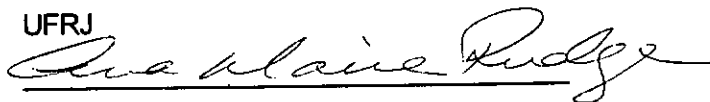
Profa. Claudia Amorim Garcia
PUC-Rio (Orientadora)



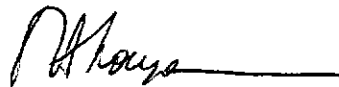
Prof. Joel Birman
UFRJ



Profa. Anna Carolina Lo Bianco
UFRJ

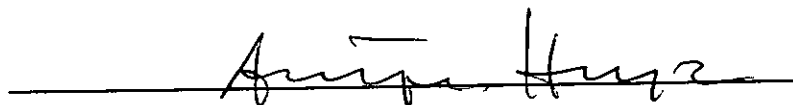


Profa. Ana Maria Rudge
PUC-Rio



Prof. Octavio de Souza
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 22.11.2001.



Prof. Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas